

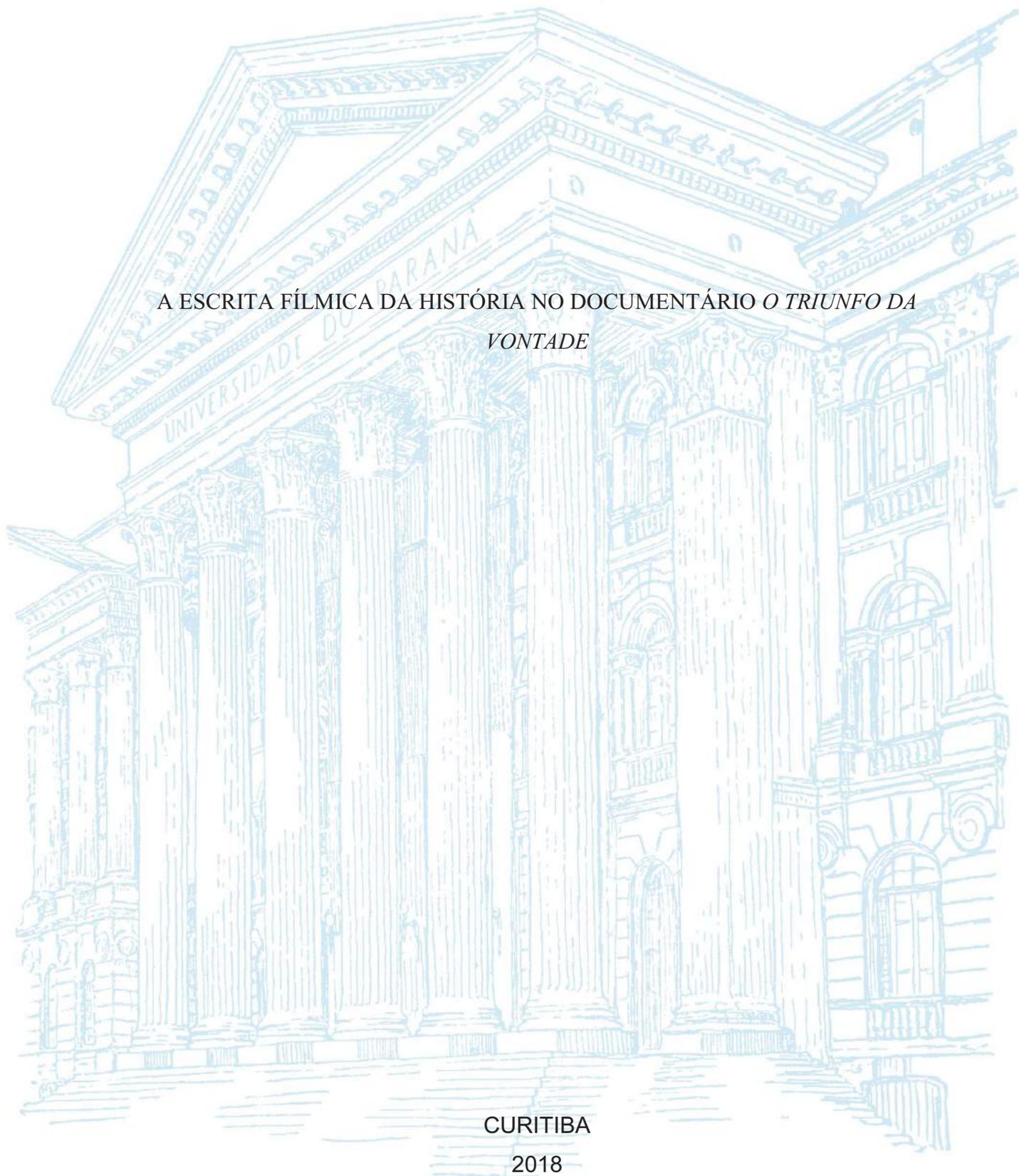
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SAMARA OLIVEIRA MARQUES DA SILVA

A ESCRITA FÍLMICA DA HISTÓRIA NO DOCUMENTÁRIO *O TRIUNFO DA VONTADE*

CURITIBA

2018



SAMARA OLIVEIRA MARQUES DA SILVA

A ESCRITA FÍLMICA DA HISTÓRIA NO DOCUMENTÁRIO *O TRIUNFO DA  
VONTADE*

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História, no Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientação: Prof. Dr. Dennison de Oliveira

CURITIBA

2018

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE  
BIBLIOTECAS/UFPR- BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS  
COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR  
Bibliotecário: Guilherme Luiz Cintra Neves – CRB9/1572

---

S586e Silva, Samara Oliveira Marques da  
A escrita fílmica da história no documentário o “Triunfo da Vontade” /  
Samara Oliveira Marques da Silva. – Curitiba, 2018.

Dissertação - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências  
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, 2018.

Orientador: Dennison de Oliveira .  
Inclui bibliografia.

1. Documentário (Cinema). 2. Cinema – Análise do discurso. 3. Nazismo –  
Propaganda política. 4. Roteiros cinematográficos – História e crítica. I.  
Universidade Federal do Paraná. II.Oliveira, Dennison de. III. Título.

CDD: 320.5330208

---

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **SAMARA OLIVEIRA MARQUES DA SILVA**, intitulada: **A ESCRITA FÍLMICA DA HISTÓRIA NO DOCUMENTÁRIO O TRIUNFO DA VONTADE**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação no rito de defesa.

A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 30 de Agosto de 2018.

DENNISON DE OLIVEIRA(UFPR)  
(Presidente da Banca Examinadora)

ROSANE KAMINSKI(UFPR)

MARCOS HENRIQUE CAMARGO RODRIGUES(FAP)



## AGRADECIMENTOS

Ao longo dessa longa jornada que percorri até finalizar minha dissertação. Encontrei pelos caminhos da vida em Curitiba, pessoas incríveis, que estão presentes indiretamente na realização dessa pesquisa.

Agradeço pela amizade, solidariedade e carinho dos meus amigos:

Luiz Filipe Dias Genesi, obrigada pelas conversas, pelos conselhos, por me divertir nos dias ruins. Sou grata por tê-lo como amigo.

Laís Zagurski, adorei te conhecer. Você foi uma das pessoas mais importantes que estive presente na minha vida nesses últimos dois anos. Aprendi muito com você em nossas conversas. Também sou grata pelas ajudas que você me ofereceu, antes mesmo de me conhecer. Passamos bons e agitados momentos juntas, mas o que sempre prevaleceu é que ficamos unidas para enfrentar o que, e quem fosse preciso. Admiro você, por sua coragem e vontade de querer mudar as coisas.

Paulo César, você me ajudou muito, sem nem mesmo me conhecer. Obrigada pelo ombro amigo e por me acolher.

Agradeço pela compreensão e solidariedade e afeto dos professores:

Pedro Plaza Pinto, pessoa pela qual tenha um profundo respeito e admiração. Você sempre se preocupa com os seus semelhantes, e o trata da forma mais humana possível. Sou eternamente grata pela ajuda que você me ofereceu quando precisei. Você também é uma das pessoas mais especiais que encontrei em Curitiba. Por isso, vou lembrar de você sempre com um imenso carinho.

Vinícius Nicastro Honesko, obrigada por toda a assistência e compreensão. Eu tive a sorte de estar cercadas por profissionais que em meio à dureza e mecanização do dia a dia, não perderam sua sensibilidade.

Dennison de Oliveira, obrigada pelo apoio, ensinamentos e conselhos que me foram transmitidos durante minha orientação.

Agradeço também a compreensão, carinho e dedicação da Maria Cristina Parzowski, que sempre quando está disposta a ajudar.

Agradecimento em particular:

Minha mãe, Maria Aparecida (Cida), que te amo imensamente. Todos os dias agradeço por tê-la como mãe. Te admiro muito como mulher. Me inspiro em sua força, resistência e ternura. Obrigada por tudo que você tem feito por mim. Sou o que sou hoje, porque sempre tive uma mãe, que me amou acima de tudo, e independente das circunstâncias, se preocupava em cuidar de mim. Minha eterna gratidão e respeito por você.

Minha irmã, Naira, que sempre está ao meu lado quando preciso, agradeço pelo carinho.

## RESUMO

O presente trabalho busca estudar possíveis caminhos metodológicos para o entendimento do discurso fílmico e da escrita fílmica da história. A pesquisa utiliza dos estudos da semiótica e do cinema, para que seja possível compreender como um filme comunica seu discurso. Para cumprir sua finalidade, o trabalho toma como objeto o documentário *O Triunfo da Vontade* (*Triumph des Willens*, 1936, 1 DVD (124 min), 35 mm, p&b), de Leni Riefenstahl. Sendo o filme um produto cultural, ele apresenta aspectos dos conflitos e singularidades existentes na sociedade que o produziu. Portanto, ao investigar o discurso fílmico em *O Triunfo da Vontade*, o trabalho também se propõe a estudar os fatores históricos e político-sociais da sociedade alemã que possibilitaram a ascensão dos nazistas e sua permanência no poder.

**Palavras-chaves:** Discurso fílmico, nazismo, escrita fílmica, propaganda política, documentário, cinema.

## ABSTRACT

This study aims to study possible methodological approaches to understanding the film discourse of history and its filmic writing. The research uses the study of semiotics and films, to understand how a film communicates its speech. To fulfill its purpose, the work takes as its object the documentary *Triumph of the Will* (*Triumph of the Will*, 1936, 1 DVD (124 min), 35 mm, p&b) of Leni Riefenstahl. As the film a cultural product, it presents aspects of the conflicts and singularities existing in the society that produced it. Therefore, in investigating the filmic discourse in *The Triumph of the Will*, the work also proposes to study the historical and socio-political factors of German society that made possible the rise of the Nazis and their permanence in power.

**Keywords:** Film discourse, Nazism, film writing, political propaganda, documentary, cinema.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>1 A NARRATIVA, OS FILMES E O CONHECIMENTO HISTÓRICO</b> .....	11
1.1 O DISCURSO E A NARRATIVA NA HISTÓRIA .....	11
1.2 MEMÓRIA, (RES) SENTIMENTOS, EMOÇÕES E SUA RELAÇÃO COM A POLÍTICA E A HISTÓRIA .....	14
1.3 LINGUAGENS, EXPERIÊNCIA CINEMATOGRAFICA E RECEPÇÃO.....	18
1.4 A NARRATIVA NOS FILMES DE DOCUMENTÁRIO E O USO DO GÊNERO FICCIONAL EM <i>O TRIUNFO DA VONTADE</i> .....	28
<b>2 ANÁLISE DOS ELEMENTOS EXTRACINEMATOGRAFICOS</b> .....	34
2.1 RELAÇÃO ENTRE A PROPAGANDA POLÍTICA NAZISTA E O GÊNERO DE DOCUMENTÁRIO .....	34
2.2 PRODUÇÕES CINEMATOGRAFICAS DURANTE O REGIME NAZISTA E A PRODUÇÃO E EXIBIÇÃO DE <i>O TRIUNFO DA VONTADE</i> .....	39
2.3 OBJETIVOS DO FILME .....	49
2.4 O PÚBLICO ALVO DO FILME .....	52
<b>3 CARACTERIZAÇÃO DA MATERIALIDADE EM <i>O TRIUNFO DA VONTADE</i>: ESTUDOS SOBRE OS FATOS HISTÓRICOS, POLÍTICOS E OS ASPECTOS SOCIOCULTURAIS DA SOCIEDADE ALEMÃ</b> .....	59
3.1 ASPECTOS SOCIOCULTURAIS DA ALEMANHA .....	59
3.1.1 Unificação tardia alemã e a questão da ausência da identidade nacional .....	60
3.1.2 Luta pelo poder entre os estratos sociais: a burguesia e a nobreza .....	64
3.1.3 Formas de cultuo à violência na sociedade alemã e sua relação com o hábito da obediência e disciplina .....	67
3.1.4 O valor do trabalho na sociedade alemã.....	71
3.1.5 A juventude alemã e a derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial.....	72
3.1.6 Educação alemã, valores aristocráticos, hierarquia e duelos .....	74
3.2 FATOS HISTÓRICOS QUE INFLUENCIARAM A ASCENSÃO NAZISTA .....	78
3.2.1 República de Weimar e seus maiores fracassos: parlamentarismo, fome e desempregos .....	78
3.2.2 Moralidade, desemprego, desesperança e caos durante a década de 1920 .....	84

3.2.3 Prelúdio para o terror: violência generalizada e a militarização da sociedade alemã .....	90
3.3 CULTURA E EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE ALEMÃ E A QUESTÃO DO CONFLITO ENTRE VALORES ARISTOCRÁTICOS E BURGUESES .....	92
3.3.1 Aspectos culturais da nova burguesia: lazer, cinema, miséria e alienação .....	95
3.3.2 O cinema como distração das massas .....	97
3.3.3 A literatura e o hábito de ler na nova burguesia urbana alemã .....	100
3.3.4 Educação na sociedade alemã: repressão, autoritarismo e a nova burguesia .....	103
<b>4 ANÁLISE FÍLMICA .....</b>	<b>110</b>
4.1 COMO SERÁ ANALISADO O DISCURSO FÍLMICO DE <i>O TRIUNFO DA VONTADE</i> .....	110
4.2 OS PERSONAGENS DA NARRATIVA .....	113
4.3 PRIMEIRA PARTE: OS “TONS ALEGRES” EM <i>O TRIUNFO DA VONTADE</i> .....	117
4.3.1 Sequência: Chegada de Hitler na cidade de Nuremberg .....	117
4.3.2 Sequência: O amanhecer em Nuremberg .....	131
4.3.3 A juventude Hitlerista.....	133
4.3.4 Sequência: A cidade das tendas dos jovens soldados e trabalhadores .....	136
4.3.5 A Frente do Trabalho Alemão – D.A.F ( <i>Deutsche Arbeitsfront</i> ) .....	146
4.3.6 Sequência: O desfile popular .....	151
4.4 SEGUNDA PARTE: OS “TONS SOTURNOS” EM <i>O TRIUNFO DA VONTADE</i> .....	156
4.4.1 O comício político.....	156
4.4.2 Sequência: Abertura do Congresso do Partido .....	160
4.4.3 Sequência: Serviço de revista do Trabalho do Reich .....	180
4.4.4 Forças Paramilitares: Tropas de Assalto ( <i>Sturmabteilung</i> – S.A) e Esquadra de Proteção ( <i>Schutzstaffel</i> – S.S) .....	209
4.4.5 Sequência: O culto dos membros do partido e as reuniões noturnas .....	215
4.4.6 O Exército Alemão ( <i>Reichswehr</i> ) .....	222
4.4.7 A Esquadra de Proteção ( <i>Schutzstaffel</i> – S.S) .....	225
4.4.8 Sequência: Homenagem a Hindenburg .....	230
4.4.9 Sequência: Encerramento do VI Congresso do Partido Nazista .....	240
4.5 A MÚSICA EM <i>O TRIUNFO DA VONTADE</i> .....	242

<b>CONCLUSÃO</b> .....	247
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	249

## INTRODUÇÃO

Ao assistir um filme, o espectador é colocado em uma experiência cinematográfica que reaviva suas emoções e memória através da *representificação*<sup>1</sup>. Os filmes possuem essa particularidade de afetar intimamente o espectador, a partir de representações das práticas e dinâmicas sociais que serão traduzidas em imagens e sons. Por conta dessa singularidade do cinema, muitos historiadores sentem-se atraídos para explorá-lo em seus estudos. As narrativas fílmicas abrangem diversas temáticas, entre elas, narrativas que recontam fatos históricos. Ao narrar um fato, organizando cronologicamente os acontecimentos da trama, os filmes acabam por emitir um conhecimento histórico.

Portanto, seja pelas produções acadêmicas, ou pelos filmes que narram eventos históricos, os discursos sobre o entendimento do passado estão sendo produzidos e transmitidos. Diante dessa realidade, cabe ao historiador saber interrogar sua fonte, conforme sua materialidade, para que seja possível atingir as possibilidades de respostas sobre sua fonte. No que tange as fontes audiovisuais, a metodologia deve-se adequar à natureza de seu documento. A materialidade dos filmes, suas imagens e sons, é o meio disponível pelo qual o historiador tem acesso aos vestígios do passado. Para conseguir sucesso em sua empreitada, é necessário buscar efetivos métodos de investigação.

É válido ressaltar que, diferentemente, das fontes escritas, as fontes do audiovisual usam três linguagens – sonora, imagética e verbal –, para comunicar suas ideias, seus significados e por fim, seu discurso. Portanto, ao trabalhar com os filmes, é preciso compreender sua natureza linguística. Dessa forma, pode-se estudá-lo conforme suas especificidades. No caso dos filmes, eles utilizam seus elementos cinematográficos para comunicar o (a) s significados / ideias, e por fim seu discurso. Sendo necessário entender como ocorre a montagem desses elementos, ou seja, a execução de sua escrita fílmica.

Contudo, ao examinar uma fonte audiovisual, é inevitável abordar os estudos das emoções, ressentimentos e memória. É preciso inserir na metodologia de pesquisa dos filmes, as subjetividades e a sensibilidade. Assimilar esses elementos na investigação, permite compreender o (a) s ideias/significados emitidos pelo filme, que estão intrinsecamente

---

<sup>1</sup> A *representificação* seria a forma de experimentação em relação a alguma coisa, algo que provoca reação e que exige nossas tomadas de posição valorativas, relacionando-se com o trabalho de nossas memórias voluntária e involuntária que o filme estimula. MENEZES, P. **Representificação:** as relações (im) possíveis entre cinema documental e conhecimento. Revista brasileira de ciências sociais, Vol. 18. Nº 51, fevereiro de 2003, p.94.

relacionados aos ressentimentos e memória do corpo social, que são estruturados historicamente, interligando-se à conjuntura político-social.

Horizontes invisíveis e não ditos não significam que não possuam existência, que não possam se revelar; há uma grande fronteira do concebível no horizonte dos sentidos e da consciência do vivido humano e social. A correlação entre memória/lembrança e ressentimento nos diz isso muito bem. É importante termos presente que perceber esse sensível, muitas vezes inconsciente, é mostrar que possuímos zonas confusas e incertas em nosso agir social e experiência pessoal; essa dimensão pode estar impregnada também no campo político e produzir realidades de grande intensidade de adesão coletiva.<sup>2</sup>

Para compreender como um filme elabora seu discurso fílmico, e também histórico, é necessário conhecer as estruturas que são utilizadas para a produção de um filme. Pois, o resultado que se assiste nas telas das salas de cinema, ou mesmo em casa, é apenas o produto, o resultado final de um longo processo da realização de um filme. Entender que os filmes possuem elementos extracinematográficos (pré/pós-produção) e cinematográficos, é essencial para a pesquisa das fontes audiovisuais. Considerando, que os aspectos político-sociais relacionados a sua produção, podem estar presentes na construção da narrativa do filme. Já que o discurso fílmico da História que o filme pretende propor, formulam-se a partir das dinâmicas e estruturas sociais existentes que circundam sua produção e distribuição.

Fatores como a censura e regimes políticos, como no caso estudado pela presente pesquisa o nazismo, influenciam diretamente na maneira como serão escolhidos os elementos cinematográficos no momento de elaborar a narrativa. Obrigando o diretor/ produtores do filme a fazer escolhas que implicam nas possibilidades do que se pode ou não ser mostrado no filme. Ou ainda, controlando visceralmente sua distribuição e produção, como ocorreu com o documentário analisado *O Triunfo da Vontade*. Sendo o nazismo um governo fascista, sua idiossincrasia política totalitária estaria tacitamente incorporada nas estruturas da construção da narrativa fílmica, que conceberá o discurso fílmico proposto pelo documentário.

Nota-se que até mesmo a escolha do gênero de documentário<sup>3</sup> para narrar a epopeia que exprime o “triunfo” de Hitler, e do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* – NSDAP), o Partido Nazista, foi feita de modo intencional. Já que, conforme será abordado pela pesquisa, os nazistas pretendiam manipular a

<sup>2</sup> ANSART, 2002 apud TEDESCO, J. C. Ruminantes de memórias: sentimentos, experiências e silêncios deliberados. *História: Debates e Tendências* – v. 13, n. 2, jul./dez. 2013, p. 343-353, p.351.

<sup>3</sup> Segundo Davis, os documentários também apresentam invenções, e os filmes de ficção também são capazes de fazer observações a respeito de eventos históricos. Cf. DAVIS, 2000, p.5 apud DIAS, R. F. **Natalie Zemon Davis, Robert A. Rosenstone e a “escritura fílmica da história”**. *Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais* – UEG/Câmpus de Iporá, v.3, n. 2, p.95-114 – jul./dez. 2014 – ISSN 2238- 3565, p.97.

verdade dos fatos históricos, para assim, emitir um discurso fílmico, que legitimasse sua ideologia e governo. Consequentemente, aproximando o gênero de documentário, do gênero ficcional.

Com a finalidade de buscar possíveis caminhos metodológicos para formular uma adequada compreensão do discurso e da escrita fílmica da História, o presente trabalho toma o documentário *O Triunfo da Vontade*, dirigido por Leni Riefenstahl<sup>4</sup>, como objeto de pesquisa. Alicerçando-se aos estudos já realizados sobre a análise fílmica do filme, principalmente com a tese de Mauro Luiz Rovai<sup>5</sup>, na qual, o autor disserta sobre os “tons alegres” presentes no filme. Para o autor, por mais que o documentário seja um exemplo típico, indiscutível, de um filme propagandístico, ainda sim, existe no filme “tons alegres”. Seus estudos contribuem para que a presente pesquisa investigue e formule hipóteses, sobre as escolhas dos elementos cinematográficos feitos pela diretora e por outros envolvidos na produção do filme. Examinando de que modo isso estaria atrelado ao regime nazista, e também à conjuntura da sociedade alemã.

Já que são as câmeras e a montagem de Leni Riefenstahl, que irão tornar possível a construção da narrativa, que emitirá o discurso histórico. Deve-se averiguar quais são as representações que remetem aos aspectos históricos, políticos, entre outras dinâmicas e práticas sociais; que estarão traduzidas num discurso fílmico carregado pela promessa do restabelecimento da paz, harmonia e tranquilidade. A cineasta consegue que o apelo à simbologia propagandística nazista seja apaziguado, aparecendo no filme como mais um adorno dos elementos cinematográficos, e não como principal mecanismo propagandístico.

Nessa fissura estratégica, será aplicada toda a técnica de execução da cineasta, e de sua equipe, em que será construído um filme propagandístico que não é maçante, marcado por continências de soldados e tediosas oratórias de políticos, e sim, que oferece ao espectador uma exibição entusiasmante. É preciso compreender através da investigação, de que maneira o uso dos “tons alegres”, poderia ser utilizado para ofuscar o presente decadente e o caos generalizado que marcava a realidade dos alemães.

---

<sup>4</sup> Adolf Hitler reconheceu o talento de Riefenstahl para transferir um ideal abstrato para a tela e, simultaneamente, para infundi-lo com realismo dramático. BARSAM, ibidem, 1975, p.17 apud BURGSDORFF, E. K. **Cinema, Nazism and Solidarity: How and why did the notion of unity contribute to the appeal of Leni Riefenstahl's film "Triumph of the Will" within Nazi Germany.** Institution name/journal where submitted: McGill University, Março, 12, 2012, p.2.

<sup>5</sup> ROVAI, M. L. **Imagem, tempo e movimento: os afetos “alegres” no filme *O Triunfo da Vontade* de Leni Riefenstahl.** São Paulo: Associação Editorial Humanitas: FAPESP, 2005.

Todavia, *O Triunfo da Vontade* é um filme de documentário, com intenções propagandísticas, portanto, os “tons soturnos” que aparecem no filme, explicitam de forma mais incisiva as expressões totalitárias e racistas do regime nazista. Sendo assim, igualmente aos “tons alegres”, os “tons soturnos” devem ser incorporados na investigação. Ao analisar como foi feita a harmonização dos elementos funestos, como obediência e sacrifício, com os “tons alegres”, ambos os elementos compõem a narrativa que constrói o discurso fílmico, é possível não apenas levantar hipóteses sobre as intenções políticas dos nazistas, sobretudo, é possível fazer analogias com o comportamento da sociedade alemã. Principalmente, os que estão relacionados aos seus ressentimentos e fatos históricos remotos mais marcantes.

Nesta acepção, os filmes mais ficcionais são justamente os documentários, os sociológicos, os antropológicos e os etnográficos, pois são filmes que escondem em seus próprios nomes os esquemas valorativos que presidem seus esquemas conceituais construtivos, os sistemas relacionais que constituem, e que omitem, por meio de suas imagens.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> MENEZES, *ibidem*, p.94.

## 1 A NARRATIVA, OS FILMES E O CONHECIMENTO HISTÓRICO

### 1.1 O DISCURSO E A NARRATIVA NA HISTÓRIA

Para que se possa compreender adequadamente a relação entre o discurso fílmico da história e o filme, é necessário demarcar a noção de discurso. A definição elaborada por Hayden White<sup>1</sup> é a que mais se aproxima do caminho metodológico trilhado pela pesquisa. Já que para White, o discurso está diretamente relacionado à sensibilidade do homem, e não apenas à sua racionalidade. Conforme enfatiza White, o discurso é moldado conforme as necessidades e intuição do homem, onde ele utiliza das operações metodológicas para metamorfosear as reais motivações de seu discurso. Isto é, toda a construção do discurso está circunscrita em uma névoa estímulos, sendo esses de ordem pessoal e/ou institucionais. Em qualquer caso, nenhum deles dispõe de intenções puramente lógicas, sempre há vários interesses, sentimentos e outras subjetividades envolvidas.

Todavia, é importante ressaltar que a história como ciência teve seu status recentemente legitimado. “Antes do século XIX, a história era uma forma de narrativa praticada por ‘amadores’, alguns irrelevantes, outros posteriormente reconhecidos como os historiadores de gênero das narrativas, na era ‘pré-científica’, uma forma não regulamentada de discurso”<sup>2</sup>, essa realidade no mundo acadêmico, forçou os historiadores a desenvolverem e aplicar um método científico para que a história adquirisse credibilidade na ciência, para distinguirem o mundo da história, do da literatura. De acordo com Lionel Gossman<sup>3</sup>, a história era um gênero literário, somente a partir do século XIX, as duas práticas entraram em oposição. O fato que tornou possível a emancipação da história, foi a institucionalização da profissão do historiador, cindindo as duas práticas. A institucionalização do saber historiográfico trouxe duas consequências importantes, a primeira é a mudança de seu público alvo, que deixou de ser leigos curiosos, para se transformar no compartilhamento da produção historiográfica com seus pares acadêmicos. Outra consequência notável, é a defesa de seu campo, para ganhar a

---

<sup>1</sup> Considerações como estas sugerem que o próprio discurso, sendo um produto dos esforços da consciência para estabelecer um acordo com os domínios problemáticos da experiência, serve de modelo para as operações metodológicas pelas quais a consciência, nas práxis culturais em geral, efetua tais acordos com o seu meio, social ou natural, conforme o caso. O movimento de uma apreensão metafórica de uma realidade “estranha” e “ameaçadora” para uma dispersão metonímica dos elementos nas contiguidades das séries não é lógico. WHITE, H. **Meta-história**: a imaginação histórica do século XIX. São Paulo: EDUSP, 1992, p.19.

<sup>2</sup> CERTEAU apud GUYNN, W. **Writing History in film**. Nova Iorque: Routledge, 2006, p.27.

<sup>3</sup> Ibidem, p.10.

credibilidade acadêmica,<sup>4</sup> para isso, os historiadores teriam que defender uma prática que fosse “científica”, a escrita da histórica.

Michel de Certeau (2011), no seu conhecido texto intitulado *A Operação Historiográfica*, tratou dos momentos que constituem o cotidiano de trabalho do historiador. Segundo Certeau, a escrita da história está articulada a um “lugar social” de produção, a “procedimentos de análise” e também à elaboração de um “texto” (Cf. CERTEAU, 2011, p.46). A partir disso, Certeau aponta para o caráter misto da historiografia, ela narra os fatos do passado como uma ficção e também investiga esse tempo histórico por meio de técnicas “científicas” que lhe dão credibilidade (Cf. CERTEAU, 2011, p.100-101).<sup>5</sup>

Essa necessidade de se estabelecer no mundo científico, fez com que os historiadores cultivassem antipatia a qualquer outra prática, ou mesmo fonte, que não fosse a escrita. Demorou até o estabelecimento da escola dos *Annales*, já no século XX, para que outras fontes tivessem a mesma credibilidade científica do que as fontes escritas. Entretanto, conforme lembra Michel de Certeau<sup>6</sup>, o passado histórico não pode ser simplesmente restaurado pelo historiador de forma intacta. O passado sempre será repensado conforme as exigências do lugar e do tempo, no qual pesquisa o historiador. Limitando a reconstrução do passado, obedecendo suas diferenças temporais, disposição dos vestígios, e todos os quesitos que estão além do alcance do historiador. Portanto, ainda que a história tenha se distanciado da prática literária, ainda sim, há resquício de sua prática representados na narrativa histórica. Sob essa perspectiva, deve-se atentar para a questão de que a narrativa exerceu durante um bom tempo, influências sobre a prática historiográfica que não devem ser ignoradas.

Ao pesquisar o passado e discorrer sobre os fatos históricos, o historiador, necessariamente, faz uma narração, pois “os fatos são a matéria-prima da história”<sup>7</sup>, que precisam ser ordenados cronológica e metodologicamente, para retratar o fato histórico. Significa dizer que embora a prática historiográfica seja representada pela escrita científica, ainda sim, prevalece em seu interior as influências da prática narrativa. “Como historiador francês Paul Veyne coloca, a historiografia é um tipo específico de escrito que é diferente de outra obra literária, mas responde ao mesmo impulso narrativo que caracteriza a narrativa

<sup>4</sup> Compreensivelmente, os historiadores profissionais viram a necessidade de tomar medidas defensivas contra aqueles de fora da profissão, por em causa a legitimidade de outros modos de escrita que alegaram, na longa tradição de narrativa histórica, para representar o passado. CERTEAU apud GUYNN, *ibidem*, p.28.

<sup>5</sup> Cf. Certeau apud DIAS, RODRIGO F. **Natalie Zemon Davis, Robert A. Rosenstone e a “escritura fílmica da história”**. Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais – UEG/Campus de Iporá, v.3, n. 2, p.95-114 – jul/dez 2014 – ISSN 2238-3565, p.110.

<sup>6</sup> CERTEAU apud GUYNN, *ibidem*, p.15.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p.30.

escrita e oral de todos os tipos”<sup>8</sup>. É no ato de narrar o fato histórico, que o historiador consegue conectar e problematizar os acontecimentos que circundam determinado evento histórico.

Um ponto válido a destacar sobre a narrativa na história é a subjetividade do historiador. Ao narrar um fato histórico, o historiador possui liberdade individual para organizar os fatos, conforme suas convicções pessoais. Porém, não se pode ignorar a questão da objetividade do texto historiográfico, já que ao institucionalizar-se como ciência, a história teve que adotar o caráter objetivo, distanciando seu lado pessoal e temporal do material de análise. Há uma convergência entre as convicções do historiador e as informações encontradas nas fontes, que proporciona a ação da subjetividade do historiador. “Os historiadores não podem ser espíritos analíticos puros. Eles são movidos por seu contexto intelectual imediato, preocupações econômicas, sociais, políticas e do individuais que os movem para selecionar um projeto em detrimento de outro”<sup>9</sup>. À vista disso, pode-se verificar que existe uma dinâmica entre a subjetividade do historiador e a objetividade na produção historiográfica. Determinar os limites que cada fator possui é um desafio, pois por mais que a história adote um caráter rigorosamente científico, ela sempre estará sujeita à subjetividade de quem a analisa. Uma vez que é imprescindível para executar a prática historiográfica, as reflexões do historiador sobre o passado. A prática da história sempre estará atrelada à realidade do historiador, ou seja, ainda que pertença ao mundo acadêmico, ela estará ligada ao cotidiano, às vivências do historiador e dos outros indivíduos na sociedade. Ao incluir as sensibilidades na prática historiográfica, torna-se possível enxergar as representações coletivas traduzidas nos produtos culturais como os filmes, livros e nas artes no geral.

Ao explicar a afirmação de que “narrativa é a estrutura essencial de todo discurso histórico”<sup>10</sup>, destaca-se que a narrativa histórica está sujeita à subjetividade do historiador, assim como o discurso. Ambos podem ser configurados, de acordo com as convicções de seu produtor, fato que avizinha a história ficcional da história factual. “Para Ricoeur, o caráter narrativo da história não contradiz a distinção epistemológica entre história e ficção; em vez disso, convida o historiador a estudar o desenvolvimento da narrativa histórica em seus vínculos com a arte da narrativa em geral”<sup>11</sup>. Sob essa concepção, pode-se afirmar que a narrativa da história possui muito mais pontos de intersecção com a narrativa ficcional, do que

---

<sup>8</sup> GUYNN, ibidem, p.14.

<sup>9</sup> Ibidem, p.37.

<sup>10</sup> Como parte integrante do método histórico, o historiador pode gravar o funcionamento de sua mente e emoções em uma espécie de desconstrução brechtiana do processo histórico. Ibidem, p.38.

<sup>11</sup> Ibidem, p.22.

discrepâncias. Destarte, refletir sobre a atuação que a narrativa exerce sobre o discurso histórico, é pensar sobre o modo como ele se estrutura, no que abrange seu conteúdo e suas possíveis formas. Logo conclui-se que o passado é apresentado enquanto discurso do acontecido, ou seja, um fato acontecido não é recuperado na sua totalidade, sendo assim, o discurso do acontecido é construído por meio de fragmentos.

A construção do discurso histórico pode ser feita a partir de diversas mídias, destaca-se os filmes como produtores de discurso histórico já que ele é o objeto de estudo do presente trabalho. Cabe aos historiadores entender como os homens produzem representações de si e do mundo e, como esse processo funciona dentro das práticas sociais. É preciso decodificar e identificar o significado dessas representações, desvendando o imaginário que as envolvem. Uma vez que as representações que dão sentido ao mundo, são construídas a partir do real, das materialidades e práticas, que são incorporadas social e historicamente no inconsciente coletivo. As imagens, que manifestam o pensamento, funcionam como representação da realidade, colocando em contato com a mente o referente, mesmo que ele esteja ausente no campo visual. O que possibilita a recriação das imagens na mente é a memória, que funciona como intermediadora entre o presente no qual a imagem é vista, e o passado já vivido. Ao realizar esse processo de “reviver as imagens das coisas”, o imaginário faz interconexões ligadas às emoções e afetos, possibilitando a atuação das imagens no sonhado e no não vivido. Dessa forma, os historiadores ao produzirem o discurso histórico através da narrativa, executam o mesmo processo ao representar uma realidade não vivida.<sup>12</sup>

À vista disso, os estudos sobre o discurso fílmico da história em *O Triunfo da Vontade*, possibilitam explorar os filmes como produtor de conhecimento sobre o passado, o discurso histórico, já que as imagens manifestam o pensamento, operando como agentes transformadores da realidade, ao dar sentido ao mundo. E também como documento que resguarda as representações da realidade vivida pelos espectadores e produtores do filme.

## 1.2 MEMÓRIA, (RES) SENTIMENTOS, EMOÇÕES E SUA RELAÇÃO COM A POLÍTICA E A HISTÓRIA

As representações contidas em *O Triunfo da Vontade*, podem ser decifradas a partir da articulação entre sua narrativa fílmica e a conjuntura que circunda a produção do filme. Pois, representações implicam relações de poder, que podem ser identificadas nos discursos, nas práticas sociais e nas fontes históricas referentes ao período no qual o filme foi produzido. No

---

<sup>12</sup> VIGÁRIO, J. S. **História e Imaginário**. II Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em História UFG/UCG. Goiânia: 14 a 16 setembro de 2009, p.6.

que se refere às interpretações que podem ser levantadas a partir dos estudos da representação do real nos filmes, deve-se ficar esclarecido a relação que as imagens possuem com a memória.

As Imagens são recriadoras e evocadas na mente pela memória, portanto as imagens são como portadoras de memória, que ao sermos despertados pelas mesmas, estas nos remetem a outras imagens, a outros tempos e, esse despertar pode ligar as imagens a um cheiro, um som a uma cor. É importante pensar a imagem mental com ampliação do conceito, aqui no caso imagem mentais: memória, sonhos, literatura, bem como outros tipos de imagens: pictóricas, caricatural, filmico, fotográfica, desenhos animados e propaganda.<sup>13</sup>

À vista disso, entende-se que as imagens ataçam a memória, que por sua vez, carrega outras imagens oriundas de outros tempos já vividos. Ao realizar esse processo, a memória pode relacionar as imagens às sensações, aos sentidos, afetos e sentimentos, que sempre estão atrelados ao cotidiano. Dessa forma, as imagens produzem uma troca de informação ao atualizar a imagem que se vê no presente, confrontando seu significado atual com as referências sobre ela que estavam guardadas na memória. As imagens que residem na memória, só se sedimentam por conta da materialidade, é preciso vivenciar as coisas para lembrar-se delas. Vivenciar aqui, com o sentido de tudo que perpassa através do campo da percepção, do sensorial, da experiência estética. Portanto, as imagens também podem receber uma conotação de históricas, já que refletem o imaginário coletivo, os costumes, os valores e outros padrões sociais. A partir dessas elucidacões, compreende-se que as imagens produzem símbolos, que funcionam como mobilizadores para incitar ações.<sup>14</sup> Estabelecendo a interconexão entre os aspectos subjetivos da sociedade com sua materialidade que estará simbolizada nas imagens.

As imagens têm o poder de rememoração, desperta a memória e evocam experiências passadas, o que para historiadores que lidam com o campo visual concebem “as fontes visuais” como objeto de pesquisa, pois imagens traduzem sintomas de uma época, a forma como a dinâmica social era pensada naquele momento do seu fazer.<sup>15</sup>

Ao trabalhar com as imagens na prática historiográfica, é necessário entender que as imagens sempre remetem a algo, no caso explorado pela presente pesquisa, considera-se que as imagens emitidas em *O Triunfo da Vontade*, referem-se às emoções e aos (res) sentimentos presentes na sociedade alemã que acompanhou a ascensão dos nazistas ao poder. Os (res) sentimentos são incorporados através das vivências do cotidiano e das práticas sociais, que serão traduzidos em imagem. A imagens, na qual os símbolos se materializam, não significa apenas sua representação sensível, mas também está atrelada à realidade da sociedade que

---

<sup>13</sup> VIGÁRIO, ibidem, p.7.

<sup>14</sup> O símbolo se expressa por uma imagem, que é seu componente espacial, e por um sentido, que se reporta a um significado para além da representação explícita ou sensível. PESAVENTO, 1995, p.22 apud VIGÁRIO, op. cit., p.8.

<sup>15</sup> VIGÁRIO, loc. cit.

produziu o filme, portanto, a imagem invoca os fatores históricos mais marcantes e a conjuntura político-social da sociedade alemã. O que determina a compreensão dos aspectos sociais e as singularidades presentes na narrativa fílmica, são os questionamentos que se faz ao documento e a metodologia aplicada para sua análise, que inclusive tem a função de trazer à luz os silêncios e as ausências presentes no filme.

A primeira refere ao aspecto visível – toda imagem mostra, exhibe algo, assim podemos descrever vendo uma imagem. A segunda refere ao aspecto invisível – como algo que não é sugerido, insinuado, mas ao mesmo tempo é despertado pela imagem, são os silêncios, as lacunas as insinuações, todos esses pontos são relevante e precisam ser considerados pelo historiador que como um investigador busca desvendar, ou melhor, decifrar os significados, tratando-os como um problema dado pela sociedade, pois a grande problemática que envolve a imagem para a história é o fato da iconografia no passado tratar a imagem pela imagem, hoje não é mais a imagem o objeto de estudo do historiador, ou seja, a fonte não é objeto em si mesmo, ela deve ser tratada a partir de uma problemática social. A terceira tensão refere ao todo e a parte de uma imagem. Ao olharmos imagens visualizamos o todo, para depois descermos aos detalhes, estes podem aparecer em qualquer parte dessa imagem, desde detalhes nas mãos até um olhar como algo que insinue, e que o artista tenha deixado ali a sua marca.<sup>16</sup>

Ao abordar os ressentimentos na prática historiográfica como indícios do passado, deve-se investiga-los a partir de asserções que tem o cuidado de diferenciar os sentimentos que são inerentes aos indivíduos, dos que são compartilhados pelo corpo social. Ao contextualizar os ressentimentos e as emoções, ou seja, indagar sobre seus significados e origem dentro da sociedade posta em análise, estabelece-se as relações existentes entre o ressentimento, a história e a memória. São esses três fatores que possibilitam que os afetos se encontrem com o político, no qual, a afetividade individual liga-se às práticas sociais e políticas, dessa forma, é possível evidenciar as objetividades expressas nas subjetividades da sociedade investigada.

O historiador encontra-se na obrigação de acumular o estudo dos indícios, dos signos, dos traços (...) recompor os rituais religiosos, observar qual imagem do outro é aí apresentada (...) Tarefa delicada que diz respeito mais ao estudo dos costumes, dos usos da vida cotidiana que à grande história política. O historiador tem, também, a obrigação de estudar as linguagens, os modos de comunicação e transformá-los em sintomas (...) E, no final, de todo esse trabalho, será preciso ainda mostrar como esses costumes, estas atitudes, estas linguagens articulam-se para embasar ressentimentos e, eventualmente, permitir que se atravesse a distância entre este ressentimento e a violência aprovada e encorajada.<sup>17</sup>

O que torna possível investigar os ressentimentos existentes numa sociedade, é que os sentimentos de memória podem ser extremamente profundos e intensos, sendo assim, quanto mais significativos, mais difíceis de serem apagados e não lembrados.<sup>18</sup> Para que a lembrança

<sup>16</sup> PESAVENTO apud VIGÁRIO, *ibidem*, p.9.

<sup>17</sup> NAXARA, M.; BRESCIANI, S. **Memória e (Res) sentimentos**: indagação sobre uma questão sensível. Campinas: Editora UNICAMP, 2001.

<sup>18</sup> Biólogos dizem-nos que no nosso cérebro a memória funciona em camadas sobrepostas, uma lembrança vai cobrindo a outra, mas sem anulá-la. Intensidades de experiências e significados resistem mais à sobreposição de

consiga reavivar a memória, ela se utiliza das narrativas, objetos, museus, rituais e outras práticas sociais, no qual, algo material desperta as emoções ligadas à identidade, aos medos, aos sentimentos de perda e humilhação, e tantos outros que possuem significados atrelados à consciência histórica e grupal, que se tornaram importantes, pois marcaram profundamente a sociedade. No caso da sociedade alemã analisada pelo presente trabalho, os ressentimentos de humilhação, vergonha e vingança motivados pela derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial e pelas diretrizes do Tratado de Versalhes,<sup>19</sup> foram extensivamente explorados no discurso emitido pelo documentário *O Triunfo da Vontade*. A intenção do discurso do filme é justamente reascender os ressentimentos existentes na sociedade alemã, alguns, inclusive, imensamente profundos e anteriores à ascensão nazista. No entanto, outros especialmente recentes como o medo da fome e do desemprego.

Os nazistas, ao induzirem a memória coletiva a esquecer – ou a lembrar – por meio do discurso fílmico da História produzido por *O Triunfo da Vontade*, utilizaram seus parâmetros para ressignificar as imagens do passado, confrontando as imagens memorizadas com as novas imagens transmitidas ao assistir do filme. Essas estavam muito mais relacionados com a intenção dos produtores do filme, do que com o passado memorizado. Uma das formas que os nazistas encontraram para construir um discurso fílmico que expurgasse o passado vergonhoso, foi propondo o restabelecimento da ordem, da paz, da harmoniza através de imagens que remetem aos sentimentos de alegria, confraternização e tranquilidade. Contudo, a paz e todas as outras coisas boas da vida, só seriam possíveis de serem atingidas, após a execução da vingança sobre aqueles que humilharam a Alemanha outrora.

Insistimos na ideia de que o ressentimento é uma forma de tornar a memória ativa. A culpa, a dívida, o rancor, a mágoa são ruminadores que ameaçam, exigem desforra, vingança, castigo, desejo de exorcizar a dívida, a má-consciência (NIETZSCHE, 1998). Isso permite “lavar a alma”, produzir o esquecimento necessário e que permite ao organismo (psiqué) curar-se, dar lugar ao novo, à paz, à ordem psíquica harmônica e sadia (ROSSI, 2010).<sup>20</sup>

Observa-se que os nazistas se utilizaram da memória reavivada através do discurso histórico produzido por *O Triunfo da Vontade*, para referenciar o passado de acordo com seus

---

outras lembranças, por isso que o alimento para a memória é a capacidade de consciência e de lembrança de fatos e (situ) ações que marcam a vida. IZQUIERDO, 2004, apud TEDESCO, J. C. **Ruminantes de memórias:** sentimentos, experiências e silêncios deliberados. História: Debates e Tendências – v. 13, n. 2, jul./dez. 2013, p. 343-353, p.344.

<sup>19</sup> (...) pode assumir a forma de um verdadeiro delírio de ressentimento, como constatamos no totalitarismo nacional-socialista. Sabe-se do uso repetitivo que a propaganda hitlerista, após a subida ao poder em 1933, fez da humilhação de 1918 e do desejo de revanche e vingança. Da forma exasperada como foi desenvolvido o ódio contra os judeus e contra os franco-maçons. NAXARA; BRESCIANI, ibidem, p.33.

<sup>20</sup> TEDESCO, op. cit., p.348.

próprios cânones, com o intuito de manter – ou forjar –, uma coesão grupal e legitimar suas ações governamentais. Entretanto, o filme não apresenta apenas aspectos relacionados aos objetivos dos seus produtores, mas os ressentimentos que o filme explora, podem revelar também as dinâmicas e práticas sociais profundamente complexas e remotas da sociedade alemã. Fato que torna os ressentimentos catalisadores de mudanças sociais e, simultaneamente, responsáveis por explicitar os conflitos e singularidades existentes na sociedade analisada. Que são revelados, ao confrontar as intenções do discurso fílmico proposto por seus produtores com o contexto político-social na qual o filme foi produzido e assistido.

Governos e nações ressentem-se, produzem vínculos que começam a lembrar ou usar o passado como arma política. Essas realidades revelam que nem tudo se apaga, que a memória pode ser usada como arma política, que grupos sociais aliam-se e pactuam silêncios, muitas vezes, condicionados por acordos políticos de momentos. A experiência recalcada de fatos produtores de ódio pode ser causa de coesão e pertencimento, de desejos coletivos de vingança (queimar bandeiras de inimigos, apedrejar símbolos), uma espécie de fusão emocional que serve de maná, força, orgulho, expressos em sentimentos coletivos e/ ou individuais de desprezo, de desqualificação, quando não de um conflito aberto e ostensivo. O horizonte político (partidário e de nações) expressa muito bem isso.<sup>21</sup>

### 1.3 LINGUAGENS, EXPERIÊNCIA CINEMATOGRAFICA E RECEPÇÃO

A fim de compreender o discurso histórico emitido por *O Triunfo da Vontade*, é necessário que antes seja esclarecido os tipos de linguagem que os filmes utilizam para se comunicar com seu público, e a relação entre as linguagens com o pensamento. Conforme os estudos da fenomenologia e semiótica apontam:

Baseada nas categorias fenomenológicas de Peirce e em sua semiótica, Lucia Santaella propôs uma divisão tripartite das matrizes de linguagem e pensamento. Ela concluiu que, se não há pensamento sem signos (segundo Peirce), este deve seguir a mesma lógica organizativa.<sup>22</sup>

Desse modo, as premissas de Santaella contemplam o estudo do discurso fílmico de *O Triunfo da Vontade*, uma vez que, segundo a autora, o pensamento é inseparável da linguagem<sup>23</sup>. Conforme exposto por Peirce em seu estudo sobre a fenomenologia, não há pensamentos sem signos, ou seja, tudo o que incorre a mente está atrelado à experiência.<sup>24</sup>

<sup>21</sup> ZAWADZKI, 2004; ANSART, 2002 apud TEDESCO, ibidem, p.350.

<sup>22</sup> NIEMEYER, L.; PONTE, R. **Matrizes de Linguagem e Pensamento como Análise da Identidade Televisiva**. Disponível em: <<https://triades.emnuvens.com.br/triades/article/view/3>> Acesso em: 20 abr. 2018, p.3.

<sup>23</sup> Qualquer coisa que esteja à mente, seja ela de uma natureza similar a frases verbais, a imagens, a diagramas de relações de quaisquer espécies, a reações ou a sentimentos, isso deve ser considerado como pensamento. SANTAELLA, L.; NÖTH, W. **Imagem: Cognição, Semiótica, Mídia**. 1 ed. São Paulo: Iluminuras, 2005, p.55.

<sup>24</sup> O total coletivo de tudo aquilo que está de qualquer modo presente na mente, sem qualquer consideração se isto corresponde a qualquer coisa real ou não. PEIRCE apud IBRI, I. A. **Kósmos Noêtos**. São Paulo: Perspectiva: Hólón, 1992, p.5.

Sendo assim, o conhecimento pode ser apreendido de diversas formas, para além do *logos*<sup>25</sup>, isto é, através da experiência estética<sup>26</sup>, pode-se produzir outros conhecimentos, a cognição estética. Para entender o que seria a estética cognitiva<sup>27</sup>, deve-se desconstruir a ideia de que “conhecer é apenas dominar conceitos e memorizar representações que sempre significam as mesmas coisas”<sup>28</sup>. Contudo, a pesquisa não busca fazer uma oposição entre o conhecimento adquirido através da lógica, com o apreendido por meio da experiência estética. Visto que, tal antagonismo, de fato, não existe. Pois, ambas as formas de conhecimento são, na verdade, complementares. O intuito do trabalho é explorar o filme *O Triunfo da Vontade*, enquanto produtor de entendimentos sobre o passado.

À vista disso, deve-se ressaltar que as imagens do passado emitidas por um filme, funcionam como documento histórico, ao materializarem os símbolos e as representações sociais, que são traduzidas em imagens e sons. A investigação sobre a sociedade alemã é complementada pelos estudos de como historicamente foram edificados os costumes, valores, entre outros aspectos sociais e culturais que se tornaram um padrão comportamental na sociedade alemã, conforme as asserções propostas por Elias<sup>29</sup>. Dessa maneira, traça-se uma hipótese sobre o perfil comportamental da sociedade alemã, que possibilita imergir em seu contexto histórico e imaginário desvendando suas particularidades e conflitos. Que diretamente influenciaram no modo como o documentário *O Triunfo da Vontade* foi produzido e assistido. Ao estudar o padrão de comportamento dos alemães, torna-se possível formular hipóteses de interpretações que podem ser feitas sobre o discurso fílmico de *O Triunfo da Vontade*. Pois, liga-se o pensamento, construído a partir da lógica e estética, com a linguagem, no caso o cinema. Isto é, o filme pretende emitir uma mensagem aos espectadores, seu discurso, que tem

---

<sup>25</sup> Desse modo, para os antigos só poderia haver conhecimento se o *logos* (palavra, discurso, conceito) presidisse à concepção de um nome para a classificação de algo concreto ou abstrato (...) A exclusividade do *logos* para auferir conhecimento verdadeiro tornou-se um dogma de milhares de anos no ocidente, a ponto de ainda hoje muitos considerarem inválidas (falsas) quaisquer outras fontes de conhecimento, especialmente aquelas advindas da cognição sensível (estética). Mas, o conhecimento também pode ser auferido pela estética, de vez que esta educa a percepção para a detecção de sinais provenientes da coisa sob estudo, desenvolvendo assim a leitura material (sensível) de sua experiência no mundo e na inter-relação com as outras coisas particulares que habitam a vizinhança, observando a ocorrência de processos e fluxos das coisas. CAMARGO, M. H. **Cognição estética: o complexo de Dante**. São Paulo: Annablume, 2013, p.112.

<sup>26</sup> Estética é a tradução da palavra grega *aisthetiké*, que significa: "conhecimento sensorial", "experiência sensível", "sensibilidade".

<sup>27</sup> A estética, como conhecimento, provém de uma apresentação sensível do real para o nosso corpo. Não sendo teórico, o conhecimento advindo da estética resulta de um processo de cognição que precisa ser incorporado, a fim de que o conhecimento sensível se complete. A estética não lida com a verdade como revelação, dedução silogística ou adequação ao real, mas com os rastros sensíveis da presença do real na memória afetiva do corpo. Idem, **Formas diabólicas: ensaios sobre cognição estética**. Londrina: Syntagma Editores, 2017, p.51.

<sup>28</sup> Ibidem, p.50.

<sup>29</sup> Cf. ELIAS, N. **Os alemães: A luta pelo poder e a evolução dos hábitos nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

a finalidade de gerar novas perspectivas sobre as imagens que ele emite, atualizando as velhas imagens guardadas na memória afetiva.

Conforme mencionado anteriormente, o pensamento é indissociável da linguagem, portanto, ao assistir um filme – linguagem – o espectador é colocado numa experiência estética que possibilita a aprendizagem mediada pelos sentidos<sup>30</sup>. Sendo o corpo, o mediador do conhecimento estético, deve-se compreender de que maneira esse “corpo” vivenciou sua conjuntura sócio-política. Pois, é através da experiência do cotidiano, que por sua vez está condicionada pela conjuntura sócio-política, que esse corpo construirá sua experiência de vida, que influenciará na forma como ele assiste a um filme. Pois, conforme Camargo afirma, o aprendizado através da estética, depende da apresentação dos vestígios sensíveis do real para o corpo, que possui memória afetiva. Portanto, ao estudar os aspectos conjunturais da sociedade alemã, investiga-se a probabilidade da existência do paralelismo entre as ideias/significados lançados através das imagens pelos os produtores do filme e a realidade na qual viviam os espectadores. Procurando sempre justificar as possíveis analogias e não correspondências, entre a intenção do discurso fílmico e o cotidiano do público, por meio dos dados históricos.

Todavia, ao investigar de que maneira se dão as sociabilidades dos indivíduos em determinada sociedade, apura-se também, como a memória<sup>31</sup> é formada na interação entre os indivíduos, o corpo social e seu contexto histórico. As cognições estéticas somente são possíveis de serem efetivadas, por conta da memória que está presente no corpo, e na mente das pessoas. Pois, “o conhecimento advindo da estética resulta de um processo de cognição que precisa ser incorporado, a fim de que o conhecimento sensível se complete.”<sup>32</sup> Isto é, quando os espectadores assistem ao filme, o que eles veem na tela é uma representação de “imagens das coisas” que estão presentes na memória afetiva, ao serem estimuladas pela experiência sensível ao assistir ao filme, o espectador reavive as imagens memorizadas, conferindo novas perspectivas e significados a elas. Devido a esse fato, entende-se que o espectador participa ativamente do processo de formulação do discurso fílmico, desse modo, as narrativas fílmicas conseguem produzir o conhecimento estético.

---

<sup>30</sup> “A estética como atividade cognitiva é um modo experimental de conhecer, devido a seu caráter relacional, mediado pelo corpo”. CAMARGO, 2017, p.50-51.

<sup>31</sup> Ocorre que a biologia já sabe que o corpo todo é um registrador mnemônico extremamente sofisticado, capaz de memorizar um sem números de experiências, sensações, emoções, afetos, etc., que se transformam em conhecimento sensível sem a necessidade dos sinais estéticos serem codificados numa ou noutra linguagem. Não há apenas a memória de conceitos, existe também a memória de sensações, que habita nossos corpos e os educa na percepção de um rico mundo de impressões físicas e emocionantes, perfazendo um repertório estético que pode muito bem se denominado de memórias afetivas. CAMARGO, 2013, p.126.

<sup>32</sup> Idem, 2017, p.51.

Isso se explica, pelo fato do texto imagético comunicar sua ideia por meio de metáforas visuais – representações visuais – de coisas que se “apresentam” aos sentidos. Enquanto a escrita verbal descreve (conceitua) algo, a descrição é abstrata/genérica.<sup>33</sup> A escrita audiovisual, por sua vez, faz analogias de algo (expõe), singulariza. Ou seja, enquanto a linguagem verbal comunica por conceitos, a linguagem imagética comunica por analogias. Sendo assim, o nível de compreensão sobre o discurso fílmico está atrelado ao quanto de memória – afetiva/conceitual – o espectador possui sobre o que é exibido na tela. Variando entre o não, parcial e completo entendimento do discurso fílmico. O que irá determinar o grau de compreensão do discurso fílmico é o resultante da relação entre a memória –afetiva/conceitual – do espectador e os vestígios sensíveis do real que o filme consegue transmitir através da montagem de seus elementos cinematográficos.

Portanto, as memórias afetivas, produzidas a partir da interação do indivíduo com o meio, pois as memórias afetivas só ocorrem através da materialidade, são atizadas ao serem expostas aos vestígios do real já vivido – que estava incorporado – como por exemplo ao assistir um filme e se lembrar que já viveu/sentiu isso antes. Destarte, a experiência estética pode ser vista como algo singular e intransponível, pois a ideia que o texto imagético pretende transmitir, depende de como o espectador a interpretará, sendo que essa interpretação está condicionada na resultante da relação entre a experiência sensível ao assistir ao filme e as imagens guardadas na memória afetiva, formuladas a partir da interação com o meio social, que variam de pessoa para pessoa.<sup>34</sup> Entretanto, quando as subjetividades do corpo social se materializam nas imagens e sons transmitidos pelo filme, é possível através da investigação histórica, formular hipóteses de interpretações sobre os significados das imagens e do discurso fílmico em *O Triunfo da Vontade*. Torna-se possível averiguar os fatos históricos que permeiam o filme, por meio da análise do enredo, montagem de seus elementos cinematográficos, produção e recepção. Pois, os valores, simbologias sociais, costumes, modos, comportamentos e todos os possíveis vestígios do real contidos nos filmes, estão representados sob as formas visuais e sonoras –

---

<sup>33</sup> Contudo, a palavra não representa, nem significa (não é signo de...) uma coisa, mas um conceito abstrato (e genérico) acerca da coisa. As palavras (assim como as equações matemáticas) são signos simbólicos que representam a ideia de uma coisa, de um estado ou relação por meio de convenções arbitrariamente construídas pela linguagem verbal. E essa representação (significação) se faz lógica na medida em que se sustenta na regularidade (padrão, norma, lei, hábito) com que a convenção é aceita pelos usuários das diversas linguagens da cultura. CAMARGO, *ibidem*, p.141-142.

<sup>34</sup> Enquanto a logicidade responde pela parte dos textos e coisas que pode ser representada ou significada por conceitos abstratos generalizantes, a esteticidade das coisas e dos textos encontra-se presente numa zona de singularidades (concretas, materiais, anormais e insignificantes) que não se submetem às generalizações, uniformizações e padronizações abstratas e conceituais. Desse modo, na vizinhança, nas grandes lacunas e interstícios dos domínios da lógica, manifestam-se os perceptos da estética. *Idem*, 2013, p.143.

metáfora visual –<sup>35</sup> do que foi vivido. Portanto, cabe ao historiador, saber interrogar seu documento, no caso o filme *O Triunfo da Vontade*, para extrair da materialidade, ou seja, o que se vê e escuta, as representações das práticas e dinâmicas sociais contidas na narrativa. Ao analisar o contexto alemão, torna-se possível conhecer o cotidiano dos alemães, seus costumes, os fatos que influenciaram sua história, os valores e pensamentos, todos esses elementos exercem influência na construção da memória afetiva.<sup>36</sup> Dessa forma, as interpretações sobre o discurso fílmico permanecem singulares, já que estão estritamente localizadas no tempo e espaço (sociedade alemã – pré /governo nazista), mas ao invés de abranger interpretações individuais, elas expressam uma época e sociedade. Uma vez que o filme é feito a partir da construção coletiva, e não apenas do diretor. Então, compreende-se que a sociedade que assiste ao filme, é a mesma que o produz.

Com relação a construção do discurso fílmico, ela se torna possível, pois toda a linguagem comunica algo, no caso do cinema ele consegue “dizer” utilizando as três matrizes da linguagem<sup>37</sup>, o cinema consegue comunicar conceitos ou discursos usando a montagem (por meio da justaposição das imagens em movimento se cria e propicia a construção de sentido) – de seus elementos cinematográficos – visuais e sonoros –:

A construção do signo híbrido cinematográfico processa-se em uma tríade que a fundamenta, a sintaxe, a forma e o discurso, que são, conforme foi desenvolvido por Santaella (2001), os eixos correspondentes ao sonoro, visual e verbal respectivamente. Transposta para o cinema, a lógica da sonoridade, que é constituída pela sintaxe, irá no filme lidar com a combinação de diversos elementos como cenografia, figurino, diálogos, atores, luzes, cores, texturas, relevos, objetos, sons etc. Ao traçar esses

---

<sup>35</sup> Assim, em cinema, o plano tem o caráter de signo, é algo que tem por função estar em lugar do objeto, é determinado pelo objeto quando filmado, mas não o substitui, é apenas um fragmento do objeto, uma face deste, sendo que aquilo que se observa na película, o que foi registrado, dada a complexidade do mundo visual, é na verdade apenas o objeto imediato, isto é, o objeto dentro do signo/plano. (...) O objeto determina o signo que, consequentemente, produz outro signo, já mediado. Esse signo mediado traz consigo a informação referente ao objeto, mas não apenas as qualidades do objeto, o interpretante é um signo apto para ativar a cognição, a interpretação. SANTOS, M. M. **Cinema e semiótica**: a construção sónica do discurso cinematográfico. Revista Fronteiras – estudos midiáticos 13(1): 11-19, janeiro/abril 2011, Unisinos – doi: 10.4013/fem.2011.131.02, p.13.

<sup>36</sup> Como já foi dito, o significado e o caráter particular do movimento nacional-socialista e da Alemanha de Hitler não serão basicamente compreendidos, se não se levarem conta a sinceridade e a força irresistível de suas convicções coletivas. A vitória e o fracasso do movimento nacional-socialista ficam incompreensíveis se não se considerar o elemento fortemente idealista em suas crenças, o qual cegou o *Führer* e seus seguidores para outras considerações que não as ditadas por seu credo e lhes permitiu, em algumas ocasiões, ver o mundo inteiramente à luz de suas próprias esperanças e desejos. ELIAS, *ibidem*, 1997, p.294.

<sup>37</sup> Santaella elegeu três linguagens como as matrizes para todas as demais existentes: a sonora, a visual e a verbal. A primeira decorre do sentido da audição; a segunda, da visão; e a terceira, da faculdade de verbalização própria do homem. (...) Assim como no cotidiano encontramos comumente signos em que há misturas entre as categorias de primeiridade, secundidade e terceiridade – sendo raro o signo genuíno com uma delimitação clara de uma única categoria – também as linguagens híbridas são predominantes em detrimento das linguagens puramente sonoras, visuais e verbais. Segundo Santaella, isto decorre do fato de que “as matrizes da linguagem e pensamento estão alicerçadas nos processos perceptivos, o que significa que uma dinâmica similar à dos sentidos [da sinestesia] é desempenhada nas interações e sobreposições das linguagens” SANTAELLA, 2005, p.78 apud NIEMEYER; PONTE, *ibidem*, p.3-8.

elementos em uma composição, o filme adquire uma forma. Esta nada mais é que a harmonização da sintaxe das partes que estão contidas na ação/drama transferindo-as para os enquadramentos, criando imagens em movimento e conferindo-lhes uma narrativa que, através da montagem, a constitui como discurso ou argumento.<sup>38</sup>

Dessarte, deve-se ficar inteligível que o cinema –linguagem – se comunica com seu público –receptor –, utilizando seus elementos cinematográficos –“fala” – para formular seu discurso (“frase/palavras/texto”). E que cada elemento cinematográfico visual, sonoro e verbal (letreiros e créditos, por exemplo) é uma matriz linguística. Sendo assim, ao compor o plano de um filme, o cineasta pode escolher diferentes formas de combinar, ou não, essas linguagens, depende da forma como ele pretende “falar” algo para o público. Como o cinema possui a linguagem visual que “apresenta” coisas, ou seja, seu conceito – sua definição *sui generis*, antes do espectador vê-la na tela –, é predefinido pela sociedade, o cinema não altera sua definição conceitual, o que o cinema faz é mudar a perspectiva sobre esse conceito a partir das informações transmitidas. Por isso, as combinações entre seus elementos cinematográficos são diversas, mas todas elas dizem algo. Em suma, o conceito – definição *sui generis* – só pode ser alterado se o corpo social o alterar, já a perspectiva sobre esse conceito o espectador tem a liberdade para “interpretá-lo” a partir de sua experiência estética.

À vista disso, para a análise de *O Triunfo da Vontade* foi utilizado como referência a tese das três matrizes da linguagem defendida por Santaella<sup>39</sup>. Sabe-se que as matrizes se combinam entre si. Portanto, para o cumprimento da finalidade da pesquisa de averiguar possíveis caminhos metodológicos para a compreensão do discurso fílmico da História, os estudos sobre a percepção, as experiências sensíveis e sua relação com o pensamento/memória e a linguagem, tornam-se norteadores para estudar a linguagem cinematográfica conforme sua característica. Na qual, mescla-se as três matrizes linguísticas: a sonora, imagética e verbal. Sendo assim, o filme ao transmitir uma ideia, um significado, ou o próprio discurso para o espectador, pode transmiti-lo fazendo múltiplas combinações, ou não, entre as linguagens.<sup>40</sup>

Tornando, o audiovisual, não apenas o cinema, sua representação visual, o mais próximo da “representação” da realidade do mundo como ele é.<sup>41</sup> Já que o conhecimento

<sup>38</sup> SANTOS, *ibidem*, p.11.

<sup>39</sup> Cf. SANTAELLA, L. **Matrizes da linguagem e pensamento**: sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia. São Paulo: Iluminuras e FAPESP, 2005.

<sup>40</sup> Essa narrativa tem uma característica híbrida em que se amalgamam a sintaxe visual e a sintaxe sonora, adquirindo forma que, ao contato com os conceitos do verbal, impregna-se de sentido, costurando todas essas sintaxes de linguagens diferentes, somando-as, fazendo com que dialoguem entre si, em um intercâmbio de trocas sígnicas que objetiva ao cinema contar suas histórias de forma muito singular enquanto meio. SANTOS, *ibidem*, p.17.

<sup>41</sup> A estética só é um conhecimento autônomo devido à atividade positiva da percepção humana que permite uma leitura complexa do mundo real, pela via da sensação provocada pelos fenômenos, pelas emergências que nos

experimental que ele possibilita, por meio da experiência afetiva, não é apenas descritivo, ou está configurado segundo premissas generalizantes (leis, padrão), mas é sensível, não dependendo de estruturas generalistas para significá-lo, pois as imagens “mostram” as coisas diretamente, dependendo apenas da experiência afetiva, da percepção, para se significar. Compete ao historiador, saber relacionar as subjetividades presentes na narrativa fílmica às estruturas político-sociais.

As sensibilidades são uma forma do ser no mundo e de estar no mundo, indo da percepção individual à sensibilidade partilhada. A rigor, a preocupação com as sensibilidades da História Cultural trouxe para os domínios de Clio a emergência da subjetividade nas preocupações do historiador. É a partir da experiência histórica pessoal que se resgatam emoções, sentimentos, ideias, temores ou desejos, o que não implica abandonar a perspectiva de que esta tradução sensível da realidade seja historicizada e socializada para os homens de uma determinada época. Os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos.<sup>42</sup>

À vista dessas colocações, ao analisar o discurso histórico presente no filme *O Triunfo da Vontade*, bem como sua escrita fílmica realizada a partir da montagem de seus elementos cinematográficos, que organizados formulam uma ideia/significados para serem transmitidos ao espectador. Como já foi aferido pelos autores acima citados, a experiência estética deve ser considerada um meio para se produzir conhecimento, para que o discurso fílmico, construído a partir da montagem dos elementos cinematográficos – sonoro, imagem e verbal –, possa ser compreendido. Em *O Triunfo da Vontade* as três matrizes da linguagem estão dispostas nas cenas do documentário. Cada uma deve ser “interpretada” à sua maneira, pois possuem funções diferentes, que ao serem postas juntas num plano conseguem transmitir um significado/ideia de algo, e por fim em sua totalidade, o discurso fílmico.

Entretanto, a análise fílmica engloba uma parcela indispensável para que se possa compreender o discurso, as ideias e significados emitidos pelo filme, o público. O público será abordado na presente pesquisa com o enfoque de investigar como ocorreu a recepção de *O Triunfo da Vontade*. Contextualizando os dados disponíveis para que se possa explorar as razões de seu sucesso ou insucesso. Pois, ao responder essas questões, conseqüentemente, fatores ligados às práticas, estruturas e dinâmicas político-sociais acabam por manifestar-se. Visto que, a produção e distribuição de um filme, sempre está relacionada às relações de poder dentro da sociedade. Sendo *O Triunfo da Vontade* um filme encomendado pelos nazistas para propagar seus ideais políticos, as relações de poder e as estruturas sociais podem estar incorporadas no

---

afetam os sentidos corporais. (...) Mas se a percepção estética não é perfeita, os signos lógicos estão muito longe de representar completamente o mundo. Assim, o correto não é desprezar a sensibilidade e fiar-se apenas na lógica, mas aprendermos a utilizar as duas cognições para ampliar o conhecimento. CAMARGO, ibidem, p.146.

<sup>42</sup> PESAVENTO, S. J. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p.33.

modo escolhido pelos nazistas para distribuir do filme e também no momento de sua produção, por exemplo, na maneira como foi articulada a *mise-en-scène*<sup>43</sup>.

A perspectiva antropológica adotada concebe a recepção como processo dinâmico. Enfoca a necessidade de considerar a construção dos significados e sentidos que receptores/as elaboram a respeito de filmes a que assistem. Tal construção requer pensar que tais significados estão situados nas relações entre a história que se quis contar em imagens e sons e a maneira como diferentes pessoas elaboram e vivenciam o que viram e ouvirem. Aqui a noção de endereçamento proposta por Ellsworth (2001), permite acessar a relação ativa entre cinema e espectador/a ao desestabilizar a noção de recepção. O modo como o filme é vivenciado varia conforme quem lhe assiste.<sup>44</sup>

Os elementos extracineamatográficos, que estão implícitos no enredo, participam da produção do filme, por esse motivo, também precisam ser consideradas na análise a equipe técnica e as circunstâncias da pré/pós-produção do filme. A importância de incluir os elementos extracineamatográficos na pesquisa, deve-se à premissa de que, ao analisar um documentário, é indispensável contextualizá-lo ao seu lugar de produção. Portanto, para os estudos do presente trabalho, os fatores político-sociais, no caso específico da Alemanha a prática da propaganda nazista, influenciaram diretamente na estruturação dos elementos extracineamatográficos.

Neste sentido devo ressaltar que cinema é aqui tomado como uma complexa elaboração artística que envolve produção, distribuição, exibição, desempenho e criação de peças específicas cujo resultado, o filme, pode ser trabalhado em seu âmbito interno, sem perder de vista a relação que há entre essas esferas. Além deste tipo de entendimento, um filme também é aquilo que fazemos dele, o que sentimos e como interpretamos ao que assistimos, seja na sala escura, seja ao abrigo de nossas casas.<sup>45</sup>

O receptor, no caso o espectador, não deve ser visto como passivo, muito pelo contrário, é através de sua agência que o discurso fílmico se constrói, pois ele interpreta ativamente o conteúdo que está sendo emitido. Sendo assim, os textos de mídia possuem dimensões complexas de significado, indo muito mais além do que está obviamente explícito. Fato que permite tornar verdadeira a premissa de que: o que é dito por um filme, não é dito apenas com palavras<sup>46</sup>. E para compreender, como um filme “diz” algo, é imprescindível analisar também sua recepção. Já que, um filme é um produto cultural que expressa os costumes e valores da sociedade que o elabora.

<sup>43</sup> Os estudiosos de cinema, estendendo o termo para direção cinematográfica, o utilizam para expressar o controle do diretor sobre o que aparece no quadro fílmico. BORDWELL, DAVID. **A arte do cinema: uma introdução**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013, p.205.

<sup>44</sup> SOUZA, M. L. R. **Modos de ver e viver o cinema: etnografia da recepção fílmica e seus desafios**. Rebeca-Revista brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual – Ano 3, Ed. 5, jan./jun.2014, p.3.

<sup>45</sup> Ibidem, p.5.

<sup>46</sup> “O que a fala profere é também o invisível que a vista só vê por vidência, e o que a vista vê é o que a fala profere de indizível”. DELEUZE, G. **Cinema II: a imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 1990, p.138.

Destarte, a análise da recepção permite visualizar a diversidade sociocultural que permeia a sociedade que fabrica seus filmes. Dessa forma, abandona-se a ideia monolítica de cultura de massa. Posto que, as massas não conseguem representar as especificidades e contradições pertencentes a uma sociedade. Nesse sentido, a interpretação da mensagem midiática pode variar desde a total aceitação, passando pela mediação até chegar em sua completa negação de conteúdo<sup>47</sup>. Em todas as possibilidades, é a partir das convicções e vivências do receptor que o texto mediático será ou não decodificado. Por esse motivo, a análise da recepção também envolve o estudo da conjuntura na qual o receptor está inserido.

À vista disso, é por intermédio da compreensão de como se dá a interpretação dos textos midiáticos, que as idiossincrasias e os conflitos existentes no corpo social passam a ser enxergados. Caso fossem suprimidos os conflitos sociais na recepção da informação emitida pelo texto mediático, os indivíduos estariam na condição inapta de dominados. Desse modo, subjuga-se sua capacidade de resistir e ressignificar o conteúdo. Porém, o que ocorre na realidade, é que é feita uma negociação da aceitação do conteúdo, variando conforme o consentimento do receptor. Colocando o espectador como sujeito que determina o que deve ou não ser absorvido por ele. Isto é, em relação aos filmes, é no ato de assisti-los que seu discurso fílmico terá o significado completo.

Logo, aportado no pensamento de Stuart Hall, pode-se dizer que é na esfera cultural que se dá a luta pela significação. Nesse sentido, os textos culturais são o próprio local onde o significado é negociado. Destarte, o consumo de uma música ou um de filme não pode ser simplesmente pensado como uma pueril manifestação cultural, nem tampouco como simples canal da ideologia, mas sim, como um artefato produtivo, prática produtora de sentido: aceito, negociado ou simplesmente rejeitado.<sup>48</sup>

Todavia, fica evidente que ao consumir um texto mediático o receptor auferi a capacidade de produzir sentidos, ressignificando ativamente o que é transmitido. No ato de assistir ao filme, o espectador possui a capacidade de ressignificar os signos que compõem o enredo do filme, interpretando-os conforme suas próprias convicções. Da mesma maneira que a subjetividade do espectador interfere na sua compreensão sobre o que é exibido na tela, os produtores do filme, por sua vez, também possuem sua subjetividade que influenciará na escolha dos elementos cinematográficos e sua montagem. Por esse motivo, a mensagem que o

---

<sup>47</sup> Uma posição dominante ou preferencial, quando o sentido da mensagem é decodificado segundo as referências da sua construção; b. Uma posição negociada, quando o sentido da mensagem entra em negociação com as condições particulares dos receptores; c. Uma posição de oposição, quando o receptor entende a proposta dominante da mensagem, mas a interpreta segundo uma estrutura de referência alternativa. HALL, 2003 apud COSTA, J. H., **Stuart Hall e o modelo “encoding and decoding”**: por uma compreensão plural da recepção. Revista Espaço Acadêmico, nº 136, setembro de 2012, p.113.

<sup>48</sup> COSTA, loc. cit.

texto mediático pretende transmitir é uma estrutura complexa de significados, e não algo unilateral em que o receptor é apático e o emissor dominante. Portanto, nenhuma das partes possui o poder hegemônico para estabelecer o significado do texto mediático. Seu significado sempre dependerá da forma como o emissor transmite-o e de como o receptor condescende-o. Não obstante, é falsa a ideia de que o emissor dominante possui o absoluto controle sobre a maneira como sua mensagem será acatada pelo público, outrossim atingir a todos da mesma forma. Já que, “uma noção de poder e de estruturação no momento de codificação que, todavia, não [apaga] todos os outros possíveis sentidos.”<sup>49</sup> Logo, o receptor é a parcela que garante a dicotomia na relação de poder exercida pelo emissor.

A investigação sobre a recepção do filme só se torna possível devido a um elemento primordial responsável por ressignificar o conteúdo exibido: a memória<sup>50</sup>. É a partir das informações preexistentes na mente do espectador, que o discurso fílmico irá estabelecer uma interação, a fim de relacionar as velhas com as novas informações. Para compreender o discurso fílmico, faz-se necessário saber interpretar a formação dos signos da memória. Contudo, não se pode reduzir a formação da memória apenas por seu aspecto individual, ela deve ser analisada em sua plenitude, ou seja, a memória coletiva. Posto que, é na memória coletiva que será encontrado traços de uma época, costumes, eventos históricos, lugares, valores, símbolos, etc. Ao assistir a um filme, o espectador se submete a experiência cinematográfica que aviva essas memórias coletivas. Sem embargo, ao estudar a memória coletiva e sua relação com a recepção do filme, não se pode cair em um temerário apontamento de reduzir as diversidades culturais existentes numa sociedade em um limitado conceito de massas uniformes.

Pode-se afirmar que não existe mais um centro de poder, mas sim, uma pluralidade de centros (influência direta de Foucault). Por conseguinte, a diferença é uma marca das sociedades modernas, sobretudo nas formas de sujeição, uma vez que há jogos de poder, divisões e contradições internas.<sup>51</sup>

Uniformizar a cultura existente numa sociedade, principalmente no caso de sociedades em época de transformações sociais, como é a alemã entre o final do século XIX e início do XX, incorre o risco de desconsiderar fatores importante que estão diretamente relacionados ao

---

<sup>49</sup> HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Tradução de Adelaide La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003, p.366.

<sup>50</sup> Esse museu bizarro, que transforma o esquecimento numa antimemória, dispõe dos mais variados recursos. Dentre estes, destaca-se a imagem. Com efeito, seja como lembrança pura, de caráter mental ou inscrita em algum suporte, tornada signo, representação verbal, pictórica, fotográfica, cinematográfica ou videográfica, a imagem aparece ora como um reservatório de lembranças, ora como ruína de uma totalidade irrecuperável. Num e noutro caso, como ressalta Maurice Blanchot, a imagem, tornada dupla do objeto que ela representa, nos protege da “pressão cega” que se abre entre nós e o real. Mediatizando a coisa representada, a imagem a torna tolerável. GUIMARAES, C. **Imagens da memória**: entre o legível e o visível. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

<sup>51</sup> HALL, 2005 apud COSTA, ibidem, p.144.

consentimento da ascensão e consolidação do nazismo. Relações de poder entre a classe dominante e as classes mais baixas, devem ser vista como algo dinâmico, onde as classes populares conseguem conceber significações próprias.<sup>52</sup> Dentro da análise do discurso fílmico, essa premissa possibilita enxergar a presença dos valores da sociedade sobre camadas mais complexas do que a simples reprodução de valores das classes superiores.

Tratando-se especificamente do objeto analisado pela pesquisa, o documentário *O Triunfo da Vontade* em seu discurso é perceptível que os signos sociais que o compõe vão além dos princípios nazistas e, também dos valores da classe aristocrática que ainda tanto influenciava a Alemanha. Contudo, nota-se ao analisar o discurso fílmico de *O Triunfo da Vontade* particularidades da florescente burguesia urbana. Contemplando a afirmação sobre a função do trabalho empírico: “dizer, em relação a um texto particular e a uma parcela específica da audiência, quais leituras estão operando”<sup>53</sup>. A cultura apresenta-se como um campo de disputa por hegemonia, no qual, fica explícito as adversidades no cotidiano da sociedade. Não obstante, ao realizar apenas a análise fílmica, ignorando o contexto no qual o filme foi produzido, além do estudo perder seu caráter metodológico historiográfico, a compreensão do significado do discurso fílmico fica incompleta. Uma vez que, quando a sociedade produz o filme insere seus signos nele, outrossim o espectador ao assisti-lo ressignifica os eventos históricos, políticos, costumes e valores que as imagens e sons transmitem.

#### 1.4 A NARRATIVA NOS FILMES DE DOCUMENTÁRIO E O USO DO GÊNERO FICCIONAL EM *O TRIUNFO DA VONTADE*

As narrativas nos filmes de documentários, diferentemente dos filmes ficcionais, costumam receber uma conotação de status “verdade” dos fatos narrados. Isso acontece, porque o nascimento do cinema coincide com os questionamentos sobre as artes representarem ou não a realidade de forma mimética.<sup>54</sup> No entanto, assim como ocorre nos filmes ficcionais, a construção da narrativa também estará presente nos filmes não ficcionais, como os documentários. A definição de documentário deve ser estruturada de modo consciencioso, sem

---

<sup>52</sup> A mídia e a ideologia dominante não são as únicas instituições capazes de criar significações. Há outras instituições que concorrem com ela e que resultam em negociações diversas. DALMONTE, 2002 apud GUIMARAES, ibidem, p.115.

<sup>53</sup> HALL, 2003, p.371 apud COSTA, ibidem, p.118.

<sup>54</sup> Não seria de se espantar que o cinema, inventado no fim do século XIX, acabasse por espelhar esse duplo problema, incorporando ainda um terceiro, relativo à questão da Verdade. Como, nesse registro, pensar a questão da Verdade nas imagens, na relação entre Imagem e Real? MENEZES, P. R. A. **Representificação:** as relações (im) possíveis entre cinema documental e conhecimento. Revista brasileira de ciências sociais, Vol. 18. Nº 51, fevereiro de 2003, p.92.

desconsiderar que existem muito mais semelhanças entre a ficção e a não ficção, do que diferenças. Pode-se definir documentário por:

[...] podemos afirmar que o *documentário* é uma narrativa basicamente composta por imagens-câmera, acompanhadas muitas vezes de imagens de animação, carregadas de ruídos, música e fala (mas, no início de sua história, mudas), para as quais olhamos (nós, espectadores) em busca de *asserções* sobre o mundo que nos é exterior, seja esse mundo coisa ou pessoa. Em poucas palavras, documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece *asserções* sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo. A natureza das *imagens-câmera* e, principalmente, a *dimensão da tomada* através da qual as imagens são constituídas determinam a singularidade da narrativa documentária em meio a outros enunciados assertivos, escritos ou falados.<sup>55</sup>

Portanto, o documentário é uma narrativa que ao se construir, pode utilizar dos mesmos artefatos da narrativa ficcional.<sup>56</sup> Porém, a grande diferença entre as narrativas decorre da finalidade do documentário, que é estabelecer asserções sobre o mundo histórico, ou seja, a construção da sua narrativa leva em consideração os fatos e pessoas reais. Opondo-se, dessa maneira, aos filmes ficcionais que formulam sua narrativa baseada em fatos/pessoas totalmente inventados. Outrossim, um importante componente é primordial para a construção da narrativa nos documentários: a intenção do autor. Sob esse aspecto, a intenção do autor deve ser vista como uma propensão para legitimar uma *suposta* verdade – o ponto de vista de seu realizador –. Todo o documentário parte do pressuposto de estar opinando sobre um fato real, no qual, sua *opinião* é uma perspectiva da verdade. Dessa forma, a opinião torna-se legitimável ao documentar a realidade, desde que se respeite os aspectos formais da estrutura do documentário, indexada através de mecanismos sociais diversos, direcionando a recepção.<sup>57</sup>

Todavia, não se pode negligenciar os aspectos ficcionais presentes no documentário. São vários os exemplos da inserção de elementos fictícios que corroboram para a construção da narrativa nos documentários.<sup>58</sup> Como no caso da inclusão de personagens, sendo representações de pessoas reais ou não, ou até mesmo a interação do enredo com o uso de sons, esses fatores causam efeitos emocionais no espectador.

Segundo esse ponto de vista, toda elaboração narrativa documentária pressuporia o acionamento de estratégias de representação que, ao implicarem, um determinado ponto de vista frente ao mundo que se quer representar, carregam consigo algo de

<sup>55</sup> RAMOS, F. P. **Mas afinal...** O que é mesmo documentário? São Paulo: Senac, 2008, p.22.

<sup>56</sup> Um documentário não é obrigatoriamente fruto de pesquisa científica mesmo que possua uma ética fundada no “real”. Nessa confusão entre documentários e “documentários”, entre público e documentarista, acaba-se por fazer desaparecer os elementos constitutivos da percepção desse discurso como construção, sempre como construção, e, portanto, como sendo sempre parcial, direcionado, e, no limite, interpretativo. MENEZES, *ibidem*, p.93.

<sup>57</sup> O documentário, antes de tudo, é definido pela intenção de seu autor de fazer um documentário (intenção social, manifesta na indexação da obra, conforme percebida pelo espectador). RAMOS, *ibidem*, p.25.

<sup>58</sup> RENOV, 1993, p. 2 apud COELHO, S. S. **Perspectivas da análise narrativa no cinema:** por uma abordagem da narrativa no filme documentário. In: Doc On-line, n. 11, dezembro de 2011, www.doc.ubi.pt, p.25-55, p. 48.

fictício (e, nesse mesmo sentido, é que Renov vai incluir, paralelamente à narrativa documentária, o discurso do historiador).<sup>59</sup>

Portanto, pode-se afirmar que ao organizar a narrativa dos fatos históricos para construir o discurso do documentário, o gênero de documentário irá se aproximar, mais do que o gênero ficcional, ao discurso do historiador. Aqui, estabelece-se a peculiaridade do documentário, que é emitir um discurso axiomático da realidade sob a forma de sons e imagens. Ainda que possa ser manipulado, o discurso que o documentário produz, de antemão pelo espectador, é considerado lídimo. O poder legitimador do discurso do documentário estaria na “centralidade de se considerar as implicações das escolhas narrativas feitas pelos cineastas nas relações estabelecidas com os sujeitos e realidades que se veem (re) produzidos nos filmes e no modo como estas são percebidas pelos espectadores”<sup>60</sup>. Destarte, observa-se que o componente que deve ser analisado no discurso do documentário é o vínculo entre os fatos/pessoas reais e a maneira pela qual ocorreu a escolha e organização deles pelo cineasta e produtores.

A questão da narrativa nos documentários deve ser analisada sem que se delimite “estruturas”, pois imobilizá-la como uma estrutura rígida que constrói o seu discurso, corre-se o risco de perder o elo que envolve a conjuntura político-social e a produção do documentário. Portanto, é pertinente conceber a narrativa em *atos*, dessa forma considera-se na análise, as diversas variantes que circundam a elaboração da narrativa do documentário, incluindo a relação entre o seu discurso e as representações das simbologias, práticas e dinâmicas sociais presentes na narrativa, pertencentes ao lugar onde é produzido o documentário. Dessa forma, é imprescindível considerar na análise dos documentários a pré/pós-produção, distribuição e recepção do filme,<sup>61</sup> ou seja, as estruturas extracinematográficas.

Como já dito anteriormente, uma alternativa ao modelo narratológico atual seria aquele em que as narrativas não seriam consideradas apenas enquanto *estruturas*, mas também como *atos*. Atos cujas características – assim como as características de todos os atos – se apresentam em função de um conjunto variável de condições em resposta às quais elas são realizadas. Assim, podemos conceber o discurso narrativo, de modo mais breve e geral, como atos verbais que consistem em *alguém dizendo a outro alguém que algo aconteceu*. Dentre as vantagens de tal concepção, está o fato de que se torna explícita, assim, a relação do discurso narrativo com os comportamentos verbais, simbólicos e sociais, de modo geral.<sup>62</sup>

---

<sup>59</sup> COELHO, *ibidem*, p.42.

<sup>60</sup> *Ibidem*, p.44.

<sup>61</sup> Em outras palavras, se o documentário enquanto tradição narrativa distinta se definiria, sobretudo, pelas relações estabelecidas entre as instâncias de produção, circulação e recepção dos filmes, e não por elementos estruturais, é importante que tais instâncias estejam incluídas na análise da narrativa documentária, e que, em contrapartida, esta análise tenha como ponto de partida uma definição de narrativa que contemple tais instâncias. *Ibidem*, p.50.

<sup>62</sup> COELHO, *ibidem*, p.49.

Para elaborar uma correta análise do discurso fílmico emitido pelos documentários, é necessário compreender a relação que o real estabelece com a narrativa do filme. Conforme exposto por Menezes, o espectador e as imagens transmitidas pelo filme participam dois processos, no qual, ocorre a “*representificação*” das imagens/signos que se atualizam ao entrarem em contato com os estímulos sonoros e visuais. Entretanto, como o espectador não é uma figura passiva, ao permitir a representificação das imagens/signos ele, simultaneamente, é coloca-se em “*presença de*”. Portanto, é a partir dessa etapa que os afetos, isto é, a relação entre o filme e espectador, é estabelecida. Então, mais do que as imagens emitidas pelo filme, é no ato de assistir, que o significado da imagem, posteriormente do discurso fílmico, irá se concretizar. Dessa forma, o espectador possui uma relação com a história que o filme de documentário narra, e não com a história dos fatos reais. A singularidade do gênero de documentário possibilita diminuir a distância entre o real e o fabuloso. Sendo assim, os produtores do filme podem, inclusive, fabular os fatos reais, criando uma perspectiva intencionalmente deturpada sobre o passado.

Proponho que se entenda a relação entre cinema, real e espectador como uma *representificação*, como algo que não apenas *torna presente*, mas que também nos coloca *em presença de*, relação que busca recuperar o filme em sua relação com o espectador. O filme, visto aqui como filme *em projeção*, é percebido como uma unidade de contrários que permite a construção de sentidos. Sentidos estes que estão na *relação*, e não no filme em si mesmo. O conceito de *representificação* realça o caráter construtivo do filme, pois nos coloca em presença de relações mais do que na presença de fatos e coisas. Relações constituídas pela história do filme, entre o que ele mostra e o que ele esconde. Relações constituídas com a história do filme, articulação de espaços e tempos, articulação de imagens, sons, diálogos e ruídos. Pensar o cinema como *representificação* significa poder pensar a sessão de cinema como *acontecimento* nos termos em que a concebia Foucault, “a irrupção de uma singularidade única e aguda, no lugar e no momento de sua produção” (Cardoso, 1995, p. 59).<sup>63</sup>

Ao analisar *O Triunfo da Vontade*, deve-se enxergar além da obviedade da propaganda política contida em sua narrativa. Inegavelmente, o filme é sim uma propaganda política feita sob encomenda pelo Ministério da Propaganda do *Reich* (*Reichsministerium für Volksaufklärung und Propaganda* – RMVP). Contudo, não se pode restringir as observações, é necessário considerar que os nazistas tinham pretensões maiores do que simplesmente filmar o VI Congresso do Partido Nazista (*Reichsparteitag* – Encontro Nacional do Partido) de 1934. O documentário constitui-se em um filme particular. Não é correto enquadrá-lo exclusivamente como gênero de documentário. Por outro lado, também é desaconselhável assimilá-lo ao gênero puramente ficcional. Haja vista, foi a partir do encontro entre a estrutura da narrativa ficcional com a particularidade da narrativa “realística” do documentário, que *O Triunfo da Vontade*

---

<sup>63</sup> MENEZES, ibidem, p.94.

construiu seu discurso, no qual, as estruturas das narrativas ficcionais possibilitaram a inserção dos “tons alegres”<sup>64</sup>. Que se materializam nas imagens que transmitem emoções/significados ligados aos sentimentos de união, fraternidade e bonança. Harmonizando os “tons soturnos”, que simbolizavam a verdadeira expressão do nazismo, vistos através das imagens que remetem os ímpetos de dominação e medo que estavam por trás do “triunfo da vontade” de Hitler<sup>65</sup>.

À vista disso, os nazistas pretendiam manipular as perspectivas sobre o passado da Alemanha, ao produzir um discurso fílmico intencionalmente tendencioso. A operação é simples: ao alterar o entendimento sobre o passado, facilitaria a aceitação pelas pessoas de suas práticas políticas no presente. É justamente esse processo que foi posto em prática na construção da narrativa de *O Triunfo da Vontade*<sup>66</sup>. Com o uso da montagem da diretora Leni Riefenstahl, somada à utilização de uma vasta equipe técnica, e sob as diretrizes dos nazistas, a narrativa foi organizada logicamente, dando origem as sequências que concedem a ele uma ideia de uniformidade.<sup>67</sup> Essa ideia de uniformidade, está relacionada aos procedimentos usados para narrar o fato histórico ocorrido, o VI Congresso do Partido Nazista em Nuremberg, como se fosse uma testemunha ocular. Dessa forma, forjar-se-ia um documento com valor histórico, dando a impressão para o espectador que a filmagem das cenas, ocorreu sem qualquer tipo de adulteração.

Como um documentário, *O Triunfo da Vontade* é inquietante porque os eventos que retrata são eles próprios inquietantes. Como um documentário, *O Triunfo da Vontade* transmite o puro imediatismo desses eventos. Vemos discursos de Hitler, as cerimônias de bandeira, as Assembleias noite destacadas como se estivessem acontecendo agora.<sup>68</sup>

Portanto, é justamente essa ideia que corrobora com a elaboração do discurso do filme, que também condiciona a lógica das sequências das cenas. Não se pode evidenciar claramente, a distinção entre o real e o imaginário, separar o que é dado histórico do que foi orquestrado

<sup>64</sup> Cf. ROVAI, M. L., 2005.

<sup>65</sup> Além disso, *O Triunfo da Vontade* é proposadamente livre de qualquer referência aos males que hoje associado com o dogma nazista. O discurso, por exemplo, ter sido editado para as mais gerais declarações sobre o crescimento e a solidariedade. BARSAM, R. M. **Filmguide to Triumph of the Will**. Bloomington: Indiana University Press, 1975, p.17 apud BURGSDORFF, E. K. **Cinema, Nazism and Solidarity: How and why did the notion of unity contribute to the appeal of Leni Riefenstahl's film "Triumph of the Will" within Nazi Germany**. Institution name/journal where submitted: McGill University, Março, 12, 2012, p.2.

<sup>66</sup> Claro, documentários não são apenas transcrições de eventos, documentaristas sempre editam e constroem. Eles sempre têm um ponto de vista. Mas mesmo tendo em conta este enunciado geral, continua a ser verdade que *O Triunfo da Vontade* é um caso extremo de um documentário cuja organização é regida por objetivos políticos. DEVEREAUX, M., **Beauty and evil: the case of Leni Riefenstahl's Triumph of the Will**. in *Aesthetics and ethics*. New York: Cambridge university press, 2001, p.239.

<sup>67</sup> Estruturalmente, *O Triunfo da Vontade* tem doze seções ou cenas, cada uma focada em um evento da reunião do partido em particular: a chegada de Hitler em Nuremberg, o rali da Juventude Hitlerista, o desfile popular, endereço de Hitler ao SA, e assim por diante. Ibidem, p.230.

<sup>68</sup> DEVEREAUX, ibidem, p.236.

para ser filmado. “Uma inovação no cinema documentário *O Triunfo da Vontade* foi, também, como é geralmente reconhecido, um contribuinte importante para a história do filme”<sup>69</sup>.

Assim, o que Riefenstahl alcançou em *O Triunfo da Vontade* foi para encapsular uma realidade extra-estético com meios estéticos de tal forma que as pessoas que viviam nesta realidade reconheceram-se nele: como partes de uma multidão. Ao fazer isso, o público-alvo do filme-amplamente todos os alemães-sentiu uma maior ligação com os eventos na tela, tornando-se mais suscetíveis às suas mensagens: em particular, a mensagem de unidade.<sup>70</sup>

Devido à construção do filme em forma de narrativa, pode-se perceber o desenvolvimento dos personagens na história. Isto posto, deve-se distinguir a atuação dos personagens nos diferentes momentos do enredo<sup>71</sup>. Aproximando-se de seu final, Riefenstahl propõe uma conclusão, um fechamento na epopeia, no qual o “triunfo da vontade” é materializado na fala de Rudolf Hess: “O Partido é Hitler, mas Hitler é a Alemanha, como a Alemanha é Hitler”. Sintetizando o discurso de *O Triunfo da Vontade*: “Suas imagens, ideias e narrativa, todos têm como objetivo estabelecer os princípios dessa religião: Hitler é um líder messiânico, a Alemanha é um só povo, e o Terceiro Reich perdurará por mil anos”<sup>72</sup>.

Em suma, a presente pesquisa considera que além de ser um documentário, *O Triunfo da Vontade* ao registrar o VI Congresso do Partido Nazista de 1934, sob uma perspectiva realística, fá-lo se apropriando das características da narrativa ficcional.<sup>73</sup> Uma narrativa que comporta em seu enredo, o desenvolvimento e atuação dos personagens: as massas, o partido, as forças paramilitares, o líder e a cidade-cenário Nuremberg. Configura-se como narrativa, pois, acima de tudo, possui início, desenvolvimento e final, ou seja, é o transcorrer de uma história que se desdobra num tempo e espaço.

<sup>69</sup> DEVEREAUX, *ibidem*, p.229.

<sup>70</sup> HOFFMANN, H. **The Triumph of Propaganda: Film and National Socialism**. Oxford: Berghahn Books, 1996, p.150 apud BURGSDORFF, *ibidem*, p.5.

<sup>71</sup> Deve-se reconhecer o talento da cineasta em elevar a imagem de Hitler a ela mesma, multiplicando-a exponencialmente, transformando a superexposição inicial, na qual Hitler é fotografado incessantemente no passeio do automóvel, num crescendo de mistério que será acentuado nos discursos, principalmente naqueles feitos à noite, e que culminará com o desempenho extático de Hitler-sacerdote e do Hitler-apaixonado (das últimas sequências). ROVAI, *ibidem*, p.230.

<sup>72</sup> DEVEREAUX, *op. cit.*, p.237.

<sup>73</sup> A localização e o significado do evento são apresentados numa curta narração, em que as ideias de Nação, Povo e Führer – fundidas numa personagem – serão cuidadosamente introduzidas em tom de epopeia. ROVAI, *op. cit.*, p. 113.

## 2 ANÁLISE DOS ELEMENTOS EXTRACINEMATOGRAFÍCOS

### 2.1 RELAÇÃO ENTRE A PROPAGANDA POLÍTICA NAZISTA E O GÊNERO DE DOCUMENTÁRIO

Para elaborar uma análise consistente sobre *O Triunfo da Vontade*, é necessário fazer uma investigação sobre a relação entre os aspectos extracinematógráficos e a conjuntura político-social que circundam a produção do filme. Indiscutivelmente os fatores externos exercem uma parcela de influência na maneira como a narrativa do filme se estrutura. Uma vez que, sendo o filme pertencente ao gênero de documentário, ou seja, que documenta fatos/pessoas que pertencem ao mundo real, desconsiderar seu contexto de produção, é negar a existência de uma parte de sua narrativa. Os fatos históricos e político-sociais, interferem nas escolhas e, também, na organização dos elementos cinematográficos, que constroem a narrativa e o discurso do filme, independentemente, da etapa ser a filmagem, a montagem ou a pré/pós-produção. No caso de *O Triunfo da Vontade* existem fatores externos, históricos e político-sociais, tanto explícitos, como também implícitos, contidos no enredo do filme.

Sobre os fatores explícitos, pode ser elencado a filmagem do VI Congresso do Partido Nazista (*Reichsparteitag* – Encontro Nacional do Partido) de 1934. Simultaneamente, foi encenado, tendenciosamente, para apresentar-se como uma grande festa, que simbolizava os sentimentos de vitória, união e confraternização entre os membros do Partido Nazista (Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* – NSDAP)<sup>1</sup>. Entretanto, é possível classificar a ocorrência do VI Congresso do Partido Nazista como um mero fato histórico. Com relação aos fatores implícitos, eles terão seu poder de influência, no que tange a elaboração do discurso do filme, já que *O Triunfo da Vontade* foi feito sob encomenda pelo Ministério de Propaganda Nazista. É importante que seja analisado a autoridade que Goebbels, como ministro, tinha sobre a produção do filme em sua integridade. Todavia, deve-se incluir nos estudos outros fatos implícitos como, por exemplo, ter na equipe técnica de Riefenstahl, pessoas como Albert Speer, o arquiteto do nazismo. Speer foi responsável por construir a imagem de imponência e do resgate ao romantismo germânico, vista em diversas cidades, especialmente em Nuremberg.

Antes de apresentar a análise sobre como a prática da propaganda política, pelo governo nazista, interferiu na construção da narrativa, e no discurso, de *O Triunfo da Vontade*,

---

<sup>1</sup> *O Triunfo da Vontade* foi encomendado pelo próprio Hitler como um "registro" do VI Congresso do Partido Nazista realizado em Nuremberg, entre 4 e 10 de setembro de 1934. SENNETT, A. **Film Propaganda: Triumph of the Will as a Case Study**. Wayne State University Press: The Journal of Cinema and Media, Vol. 55, No. 1 (2014), p. 45-65, p.48.

é preciso, determinar seu conceito e a maneira como ela era interpretada pela doutrina nazista. Ressalta-se que propaganda política, não é uma prática exclusivamente feita pelos nazistas. Ela aparece também em diversos governos democráticos.<sup>2</sup> Porém, o que interessa para este estudo é o seu conceito e como resultou em prática política pelos nazistas. Para tanto, cabe, sucintamente, a definição de que propaganda política é uma ação de doutrinar, ou seja, é intencional, e tem como objetivo manipular o imaginário de um grande contingente de pessoas, nas palavras de Hitler:

A propaganda devia preceder à organização, conquistando o material humano necessário a esta. (...) A propaganda trata de impor uma doutrina a todo o povo. Assim, propaganda, a fim de qualificar como tal, deve ser tanto intencional e proposital. Trata-se de uma ação consciente e deliberada por parte do propagandista e deve ter sempre um objetivo. Este objetivo final proporciona a propaganda agir a sua distinção. Propaganda, Taylor insiste, não pode ser comunicada sem intenção ou acidentalmente. Pelo contrário, o propagandista é altamente consciente da mensagem que ela quer transmitir, emprega técnicas de manipulação para atingir os seus fins.<sup>3</sup>

Para Hitler, a propaganda possui o intuito de seduzir o maior número de pessoas, para assim, integrarem as massas. Por esse motivo, o discurso de propaganda deve ter como característica principal, ser simples e espiritual<sup>4</sup>. Para que as pessoas se sintam cativadas por ela, independente, do nível de instrução que possuem. Essa premissa, no entanto, remete a outro questionamento, o de que para a propaganda política atingir seu êxito, ela precisa ter um respaldo, uma empatia, de seu público alvo.<sup>5</sup> O sucesso da propaganda política, está vinculado à convergência entre os sentimentos e pensamentos que ela emite com os quais já existem na sociedade. “Propaganda dá força e direção para os movimentos sucessivos de sentimento popular e desejo; mas não fazer muito para criar esses movimentos. O propagandista é o sujeito que canaliza um fluxo já existente”<sup>6</sup>.

Diante disso, é válido destacar que os filmes de propaganda política produzidos durante o governo nazista, não são, necessariamente, dogmáticos, ao ponto de escancarar em

---

<sup>2</sup> Se a Alemanha nazista tinha seu Ministério da Propaganda, em tempo de guerra a Grã-Bretanha simplesmente tinha um Ministério da Informação e os Estados Unidos um Gabinete de informação da guerra. Assim, as democracias evitaram o rótulo de propaganda e reivindicaram para produzir "informações" para combater a "propaganda" dos regimes de que a sociedade ocidental democrática reprovava. SENNETT, *ibidem*, p.46.

<sup>3</sup> HITLER, A. **Mein Kampf**.

<sup>4</sup> Toda a propaganda política deve ser popular e estabelecer o seu nível espiritual de acordo com a capacidade de compreensão do mais ignorante dentre aqueles a quem ela pretende se dirigir. Assim a sua elevação espiritual deverá ser mantida tanto mais baixa quanto for a massa humana que ela deverá abranger. HITLER apud PEREIRA, WAGNER P. **O poder das imagens: cinema e política nos governos de Adolf Hitler e de Franklin D. Roosevelt (1933-1945)**. São Paulo: Almeida, 2012, p.63.

<sup>5</sup> Segue-se que, a fim de ser capaz de descrever uma atividade como "propaganda" devemos ser capazes de descobrir uma ligação entre o propagandista e seu público. Deve haver uma ligação entre o ato de propagação e um público-alvo. Querendo ou não, o propagandista deve ser bem-sucedido, isso é uma outra questão. SENNETT, *ibidem*, p.47.

<sup>6</sup> HUXLEY apud SENNETT, *loc. cit.*

seus enredos seu cunho doutrinário nazi político. Pelo contrário, filmes com explícito conteúdo nazista foram feitos em menor escala durante o governo nazista.<sup>7</sup> Contudo, isso não significa afirmar que os filmes não políticos, de entretenimento, eram isentos de doutrina nazista. Deve-se considerar na balança, fatores como a censura feita pelo Ministério de Propaganda.

Dessa forma, é pertinente dizer que os filmes, ainda que de entretenimento, feitos na Alemanha nazista, tinham uma função propagandística, desde que, seja relacionado à sua conjuntura histórica específica e às intenções e condições de produção. Todavia, fica evidente que os filmes foram o veículo estratégico adotado pelo governo nazista para disseminar seu ideário e persuadir as pessoas. A escolha tática dos filmes como veículo propagandístico, deve-se à peculiaridade do cinema em produzir um conhecimento experimental em seu público. À vista disso, as emoções são afloradas no espectador, tornando-o suscetível à persuasão do enredo.

Dessa forma, a propaganda nazista deveria ser simples, emotiva e popular, procurando atingir o coração das grandes massas, compreendendo seu mundo maniqueísta e representando seus sentimentos. (...) O maniqueísmo foi empregado pela propaganda nazista para facilitar a compreensão e domínio das massas, (...) essa seria uma das razões do êxito da propaganda nazista em relação às massas: domínio da imagem sobre a explicação, do sensível sobre o racional. (...) técnicas de manipulação da opinião até então existentes, incluindo desde elementos da mitologia germânica e da liturgia católica, até técnicas modernas e agitação comunista, publicidade comercial americana e do estudo da psicologia de massas. (...) Tudo, somado ao controle estatal dos meios de comunicação, possibilitou condicionar homens e mulheres, de modo a transformá-la em autômatos do Estado. Mais do que isso, tentava-se criar indivíduos integrados a um projeto muito maior do que eles, a um Estado forte, poderoso e controlador de todos os atos, individuais ou coletivos. Desse modo, os cidadãos alemães teriam a ilusão de estarem participando do processo de recuperação do país, além de protegidos e irmanados numa mesma luta, pelos mesmos ideais.<sup>8</sup>

Diante do exposto, pode-se afirmar que a propaganda política nazista era uma prática largamente usada para persuadir as massas, em todos os seus meios culturais e educacionais.<sup>9</sup> Nessa imensidão de produções propagandísticas, o documentário *O Triunfo da Vontade* foi apenas um dos muitos outros difusores de seus ideais. Porém, destaca-se pelo fato do filme ser capaz de sintetizar o governo nazista, tanto em seu imaginário, como em apresentar os indícios de suas práticas totalitárias.

<sup>7</sup> Cf. LENHARO, A. **O Triunfo da Vontade**. 7ª edição. São Paulo: Ática, 2007, p.53 et. Seq.

<sup>8</sup> PEREIRA, ibidem, p.64-65.

<sup>9</sup> Hitler perseguiu seus planos de subordinar a imprensa, o cinema, e as artes para os propósitos da propaganda nazista com similar vigor intransigente (...) Pouco tempo depois, o cinema, o teatro, a imprensa e todos os outros ramos da atividade jornalística, artística e científica subordinava-se aos ditames da propaganda. HOFFMANN, H. **The triumph of propadanda: film and National Socialism**. Oxford: Berghahn Books, 1997, p.76-90.

Pode-se averiguar que um dos vestígios do caráter totalizante do nazismo, evidencia-se pela encenação da “realidade” presente nos documentários e cines-jornais produzidos durante o regime nazista. Os documentários tinham uma função singular para os nazistas, já que seu objetivo era explorar as possibilidades de cinematografar a realidade. Isto é, os nazistas pretendiam tornar a realidade das pessoas comuns em algo “extraordinário”, ao coloca-las como atores nos filmes. Essa estratégia de explorar as afetividades e as emoções, permeava toda a prática da propaganda política, porém, os documentários concedem o elemento “realístico” a encenação. Com isso os nazistas pretendiam que seus filmes do gênero realístico, fossem “informativos” e “educativos”. Diferentemente, dos filmes do gênero ficcional que tinham o intuito de entreter.<sup>10</sup>

Os meios audiovisuais eram um meio mais poderoso de obter apoio popular para seus objetivos. Assim, ele usou todo o peso do Ministério da Propaganda sobretudo para a produção de noticiários e documentários, com Goebbels pessoalmente definindo os parâmetros ideológicos. A população regularmente foi ao cinema para encontrar o noticiário e o documentário curto, proeminente colocado em todas as exibições, bem como do partido é confiável bocal e seu mais importante e pontualmente entregue meios de comunicação de massa. Os noticiários e documentários nazistas excluem duas áreas por uma questão de princípio. Para começar, existe a esfera privada: não exaltando uma vida familiar idílica aqui; nem são as privações tratadas. Em vez de mostrar as pessoas em suas vidas diárias ou depois do trabalho, os nazistas propaganda mostra a existência privada de homens e só quando eles estão acenando.

Os nazistas também usavam outros meios para difundirem sua propaganda política. No entanto, era o cinema a que mais se destacava por conta da sua particularidade de explorar o lado sensível e não apenas o lógico, ou seja, o acesso ao conhecimento é feito pelas experiências estéticas, do material, do cotidiano das pessoas. O uso extensivo da imagem, ou o audiovisual, torna o conhecimento diferente do conhecimento lógico, já que a imagem não é um conceito, e sim uma analogia ao que ela está representando visualmente. Portanto, ela se apresenta aos sentidos, diferente da escrita verbal que explica algo. Por esse motivo, quando Goebbels diz que pretende “contar uma história através de fotos”, ele na realidade pretende acessar a sensibilidade do público, formadora da memória afetiva.

O filme, por causa de sua capacidade de afetar principalmente as emoções e o poético [lado do homem], ou seja, não-intelectuais, tem um impacto particularmente forte e duradouro sobre a psicologia das massas e na propaganda. Para Goebbels, também, o

---

<sup>10</sup> É lógico, portanto, que documentários e noticiários representem todas as pessoas uniformizadas como encarnações do nazismo. Faz parte da dramaturgia da propaganda nazista, que é apresentada com uma compreensão eficaz da psicologia, que até mesmo Hitler, em sua aparente onipresença, não é retratado como um indivíduo com seu desenvolvimento próprio, bem contradizer o filme com seus atores conjurando um mundo fictício, a câmera noticiosa captura pessoas reais vivendo dentro de um mundo real e descreve-os como fenômenos reais. HOFFMANN, *ibidem*, p.142.

primeiro mandamento do cinema foi "não praticar psicologia, mas contar uma história através de fotos".<sup>11</sup>

A preferência dos nazistas por práticas que explorassem mais o lado sensível do que o lógico, como no caso do uso do cinema e de cultos ritualísticos, pode ser explicada pelo fato de que o nazismo, não pretendia ser um movimento intelectual e sim uma prática política.<sup>12</sup> Por isso diziam que estavam fazendo um “movimento” nazista, o foco dos nazistas no poder sempre foi a prática e não as teorias, apesar delas coexistirem.

O nazismo não é um intelectual, mas sim um ‘espíritual movimento’, não se pode compreendê-lo intelectualmente (*mit Argumenten*). (...) Este objetivo deveria ser alcançado principalmente através do uso da mídia visual e das artes, e Leni Riefenstahl explorou-os para desenvolver o protótipo de sua estética em *Triumph des Willens* (1934). Se mascarando como arte ou como fatias artisticamente arranjadas da realidade, ‘o movimento’ era intenção de expandir sua influência. Goebbels acreditava que apenas espetáculos que atendiam a esses critérios mereciam as marcas de distinção (*Prädikate*) ‘artisticamente valioso’ ou ‘educacional’.<sup>13</sup>

Portanto, o intuito de Hitler era cativar a massa de pessoas comuns, de pouca ou nenhuma instrução, e não os intelectuais. Segundo os nazistas, a forma mais eficiente para realizar esse intento era explorar as emoções através de práticas carregadas de simbologias sociais, como eram os rituais e o próprio cinema.

Hitler concluiu a partir disso que toda propaganda eficaz deve limitar-se a poucos pontos para ser transformado em slogans até a pessoa mais lenta percebe o slogan como algo desejável. (...) Seu objetivo era cativar as massas; ele queria conquistar a alma das pessoas comuns. Isso é que toda a propaganda "teve que ser popular e intelectual nível tinha que ser voltado para a receptividade das mentes mais limitadas. Entre aqueles que ele é projetado para resolver. (...) Quanto mais ele leva em conta exclusivamente os sentimentos das massas, mais penetrante será o seu sucesso. (...) A arte da propaganda está precisamente no fato de que, ao ter a devida apreciação do emocional mundo das massas, atrai a atenção dessas massas em uma forma psicologicamente adequada e, em seguida, encontra a sua vida em seus corações.<sup>14</sup>

Por essa razão, os comícios políticos nazistas cumpriam sua função de rito, representando um momento de fraternidade e comemoração. E simultaneamente como veículo propagandístico, ao documentar a festa que o Partido Nazista promovia ao seu povo, que sempre era registrado como uma massa obediente, anunciando aos países estrangeiros o quanto a Alemanha encontrava-se unida e combatente.

Os nazistas voltaram às tradições dos cultos arcaicos como eles desenvolveram seus próprios rituais de autopromoção e estilo cerimonial em um esforço para criar um significado do passado (*Sinngebung*), capturar a alma dos alemães e agitar suas

<sup>11</sup> HOFFMANN, ibidem, p.91.

<sup>12</sup> O Partido Nazista determinou o que seria de interesse para a massa alemã. Sendo suas armas políticas mais poderosas, documentários e noticiários foram encarregados de preparar a ideologia nazista como com toda a clareza possível, o que significava que deveria ser compreensível até para os mais ignorantes entre os *Volksgeossen*. Não foi o objetivo de Hitler convencer a minoria de intelectuais. HOFFMANN, ibidem, p.141.

<sup>13</sup>. HOFFMANN, ibidem, p.91

<sup>14</sup> Ibidem, p.141.

emoções. Por que Hitler atribuiu tanta importância aos filmes sobre o Comício da festa de Nuremberg? O que esses comícios significam para os nazistas? Movimento? Eles serviram a um duplo propósito: manter a disciplina interna e retratar o movimento para o mundo exterior. As decisões da liderança que foram ratificadas por aclamação em esses comícios deveriam ser transmitidas às menores organizações locais por centenas de milhares de pessoas que estiveram lá. A luta espiritual deve ser carregada com poder ideológico e ganhar um novo ímpeto moral - até a próxima manifestação em massa aparecer.<sup>15</sup>

## 2.2 PRODUÇÕES CINEMATOGRAFICAS DURANTE O REGIME NAZISTA E A PRODUÇÃO E EXIBIÇÃO DE *O TRIUNFO DA VONTADE*

Uma análise dos diferentes tipos de filmes produzidos durante o Terceiro *Reich* revela muito sobre a *Filmpolitik* de Goebbels. Das 1.097 longas-metragens produzidas entre 1933 e 1945, apenas cerca de um sexto eram abertamente propagandistas, com conteúdo político direto. A maioria desses filmes foram 'Filmes encomendados pelo Estado' (*Staatsauftragsfilme*), incluindo politicamente filmes mais importantes, que receberam financiamento desproporcional e publicidade. De toda a produção de longas-metragens, praticamente metade ou eram histórias de amor ou comédias e um quarto filmes dramáticos como thrillers de crime ou musicais.<sup>16</sup>

A propaganda política nazista tinha como principal objetivo persuadir o maior contingente de pessoas, dessa forma, pretendiam conquistar novos adeptos, através do controle da maneira de pensar e agir.<sup>17</sup> Para atingir sua finalidade de intuito era instituir um novo comportamento/ideal, os nazistas utilizaram diferentes mídias, como o cinema, o rádio, jornais, livros entre outros meios. De todos os veículos de comunicação utilizados, o cinema foi o que mais se destacou. Ao contrário do que aparenta, os nazistas produziram em escala menor filmes com temática propagandística explícita, o grande destaque de suas produções cinematográficas, ficavam por conta dos filmes de entretenimento. No entanto, afirmar que os filmes de entretenimento não continham doutrina nazista é um erro, já que em uma sociedade cujo governo é fascista, nada é apolítico.<sup>18</sup> Embora, os filmes de entretenimento não façam referências explícitas sobre o nazismo, seu enredo carregava os signos que remetiam ao ideário nazista, dessa forma, involuntariamente, as pessoas ficavam sujeitas à ideologia nazista.

Conforme é visto como característica inerente dos governos fascistas, os nazistas pretendiam ampliar o seu grau de dominação, a fim de atingirem a plena hegemonia de poder. Para cumprirem seu intento, implementaram leis de censura para coibir e advertir as produções culturais e intelectuais que se opusessem às suas práticas e sua ideologia.

<sup>15</sup> HOFFMANN, ibidem, p.94-151.

<sup>16</sup> WELCH, ibidem, p.55.

<sup>17</sup> Desde o seu início, o Terceiro *Reich* se propôs a ambiciosa tarefa de 're-educar' o povo alemão para uma nova sociedade baseada no que ele via como um sistema de valores 'revolucionário'. Ibidem, p.22.

<sup>18</sup> Tais filmes foram invariavelmente classificados na época como *Tendenzfilme*. Este foi um termo empregado durante o Terceiro *Reich* para descrever um certo tipo de filme que exibiu "fortes tendências nacional-socialistas". Em outras palavras, sem necessariamente mencionar o nacional-socialismo, esses filmes defendiam vários princípios e temas identificáveis com o nazismo que o Ministério Propaganda queria divulgar em períodos intermitentes. Ibidem, p.55.

Para consolidar sua posição, Goebbels ainda desejava mais poder do que ele até então tinha assegurado através da legislação do *Reichskulturkammer*. Ele também precisava de alguma forma de confirmação legal para poder supervisionar os filmes nos estágios iniciais de produção. Goebbels resolveu ambos os problemas por criando uma versão revista da *Reich Cinema Law (Reichslichtspielgesetz)*, que se tornou lei em 16 de fevereiro de 1934. Esta legislação tentou criar uma nova censura "positiva", pela qual o Estado encorajou o "bom" Filmes socialistas, em vez de simplesmente desencorajar os "maus".<sup>19</sup>

Em contrapartida, era o gênero realístico que os nazistas adotaram como predileto para difundirem sua ideologia de forma explícita.<sup>20</sup> O que mais interessava aos nazistas no gênero de documentário, era a possibilidade de manipular os fatos reais, tornando o enredo narrado automaticamente verídico. Era mais do que simplesmente ocultar as manipulações, o objetivo era legitimar as adulterações. Os nazistas pretendiam manipular todos os discursos, principalmente, os discursos que estavam atrelados aos fatos históricos. Uma vez que, ao controlar o conhecimento do passado da Alemanha, reformulando as perspectivas sobre eventos históricos marcantes, os nazistas adquiriram mais apoio popular e teriam uma maior facilidade para justificar suas práticas governamentais. Portanto, um fato histórico memorável, como a ascensão e o êxito do Partido Nazista, e do próprio Hitler, precisava ser registrado e divulgado.

E foi com o intuito de eternizar em forma de imagens e sons, comemorar e propagar o triunfo da chegada do Partido Nazista ao poder do Estado alemão, que os nazistas financiaram *O Triunfo da Vontade*. Uma das singularidades do filme é que ele se propôs a registrar o evento do VI Congresso do Partido Político de 1934, porém, essa realidade “registrada”, em sua maior parte, foi encenada. Riefenstahl tinha ao seu dispor uma grande equipe técnica, diversas câmeras e todo o recurso que fosse necessário, para que assim, o filme adquirisse condições para se tornar um feito cinematográfico espetacular<sup>21</sup>. Fica evidente que o governo nazista enxergava o filme como um grande investimento, que renderia bons frutos propagandísticos, por esse motivo, não poupou recursos para enriquecê-lo com vários dispositivos técnicos. Ressalta-se que o intuito do investimento, não é apenas para o filme ser visto como um filme de superprodução, sobretudo, é feito para que o filme tivesse recursos suficientes para produzir um aperfeiçoado “documentário”, para não restar dúvidas que as cenas são “o registro da realidade”.

---

<sup>19</sup> WELCH, *ibidem*, p.52.

<sup>20</sup> O número comparativamente pequeno de evidentes filmes política foi complementada por filme documentários e cinejornais, que se tornou cada vez mais importante durante a guerra. (...) Os documentários de comprimento total foram todos o mais eficaz para a sua raridade comparativa. *Ibidem*, p.55.

<sup>21</sup> O filme se destinava a ser um trabalho artístico que iria transmitir um senso de espetáculo, fazendo uso de uma abordagem de estilo de documentário. Para este fim, Riefenstahl foi dada instalações sem precedentes, financiamento estatal generosa e acesso à hierarquia do partido. SENNETT, *ibidem*, p. 49.

Declarações de Riefenstahl variam quanto ao número de cinegrafistas envolvidos (...) custando apenas 280.000 marcas, de aproximadamente US \$ 110.600 em 1934 (Delahayc, p. 391). A equipe técnica consistia de 172 pessoas, incluindo 16 câmeras e 16 assistentes de câmera, sob a direção de Sepp Allgeier. A equipe de filmagem utilizou 30 câmeras, e foram apoiados por uma equipe de 29 cinegrafistas de noticiários que foram designados para obter imagens suplementar. Os cinegrafistas estavam vestidos como homens S.A, de modo que eles não se destacam na multidão; este parece ter sido uma previsão eficaz, por enquanto, existem pelo menos 12 sequências na película, onde câmaras estão momentaneamente perceptível, não temos conhecimento da tripulação a trabalhar em torno deles. Além dos cinegrafistas, havia uma equipe de som, uma equipe de guardas da S.A e S.S, a polícia de campo e equipes variadas para lidar com a iluminação e arranjos elétricos. Transporte foi uma consideração importante, por isso, 22 carros com motorista foram designados para a equipe de produção. A equipe de produção com 172 pessoas reparte-se da seguinte forma:

10 funcionários técnicos, 36 cinegrafistas e assistentes, 9 fotógrafos aéreas, 17 equipes técnicas de noticiários, 12 equipes técnicas de noticiários para companhia Tobis, 17 equipes técnicas de iluminação, 2 fotógrafos fixos, 26 pilotos, 37 vigias e força de segurança, 4 trabalhadores braçais, 2 agentes.<sup>22</sup>

A *mise-en-scène* de *O Trunfo da Vontade* é vista na maneira como são organizados na narrativa, os personagens (massa, líder, partido e as forças paramilitares) e o cenário-personagem Nuremberg. Um fato interessante a ser considerado na análise, é o papel desempenhado pelas massas na narrativa, que deveriam ser numerosas e compactas. Para atingir seu objetivo, houve a necessidade de aumentar artificialmente a quantidade de pessoas que estavam no evento, já que “A maioria da equipe de filmagem vestia uniformes cinzentos em vez de, como a maioria das pessoas afirma, uniformes nazistas. O objetivo era dar a impressão de que eles faziam parte do comício, que em um sentido real eles eram”<sup>23</sup>. A questão a ser destacada é a construção de imagem das massas. A intenção é transmitir a imagem de uma massa ostensiva e indissociável, que é fiel a Hitler, e o apoia em suas decisões. E, quanto maior o número de pessoas que se integram às massas, maior aparentaria ser o grau de domínio, ou fidelidade segundo a doutrina nazista, de Hitler sobre as massas. Por essa razão, era importante representar as massas na tela, dessa maneira, outrossim para corroborar a ideia de unidade no Terceiro *Reich*<sup>24</sup>.

O fato do documentário se apropriar da narrativa ficcional para construir seu discurso, possibilita que exista encenações prévias em algumas cenas.<sup>25</sup> Para tanto, conta-se com a ajuda

<sup>22</sup> BARSAM, R. M. **Triumph of the will**. London: Indian University press, 1975, p.23.

<sup>23</sup> SENNETT, *ibidem*, p.50.

<sup>24</sup> Isto é o que Riefenstahl consegue em *O Triunfo da Vontade* sobre a noção de unidade. Tematicamente, as inúmeras sequências desfile do filme confirmar a ideia de que a Alemanha nazista é uma marcha da coluna reunidas, de homens. BARSAM, 1975, p. 34 apud BURGSDORFF, E. K. **Cinema, Nazism and Solidarity: How and why did the notion of unity contribute to the appeal of Leni Riefenstahl's film “Triumph of the Will” within Nazi Germany**. Institution name/journal where submitted: McGill University, Março, 12, 2012, p.4.

<sup>25</sup> Algumas cenas foram ensaiadas de antemão em vez de, como foi concebido para aparecer, simplesmente capturado como um registro do Comício. Em sua edição do filme, Riefenstahl reordenou eventos e até reformulou

do arquiteto do nazismo, Albert Speer<sup>26</sup>, responsável pelas construções de monumentos suntuosos do personagem-cenário Nuremberg, também em outras cidades alemãs. O trabalho de Speer é visto no filme nas imagens dos diversos monumentos faraônicos filmados em *close-up*<sup>27</sup>. Ademais, é possível verificar as contribuições de Speer na maneira como foi orquestrada as massas, e na construção da imagem de Hitler como um grande líder. Ainda que, os *travelling*<sup>28</sup> de Riefenstahl tenham um papel definidor para a estética cinematográfica do filme, seria inviável obter o mesmo efeito político sem o auxílio de Speer.

É claro que, seja qual for o seu propósito mais amplo, o comício de setembro foi concebido por Albert Speer com o objetivo de ressaltar a autoridade de Hitler sobre seu partido. Nisso respeito, os pedaços de discurso incluído no filme são extremamente significativos enunciados políticos na época (...) A resposta de Winston é que o filme impressiona menos pela sua técnica e artística virtuosismo e mais por causa da coreografia de Speer do comício e do glamour do espetáculo. Ele sugere que teria sido difícil até para o fotógrafo de noticiário não para capturar o sabor do evento, muito menos um cineasta com todos os privilégios e recursos especiais que foram colocados à disposição da Riefenstahl.<sup>29</sup>

A partir das afirmações de Speer, pode-se interpretar na *mise-en-scène* do filme, que a inclusão das cenas de discurso político emitidos por Hitler, tem o intuito de enaltecer sua figura como o líder soberano, o *Führer*. Conjuntamente de reestabelecer a integridade, ou apaziguar desavenças, tanto dentro do Partido Nazista, quanto na sua relação com as S.A. Que ficou ainda mais debilitada após o episódio no qual resultou o assassinato de Ernst Röhm<sup>30</sup>. Nota-se que a unidade e integração que o discurso do filme pretende transmitir, abrangia o próprio Partido Nazista, servindo de mecanismo para evitar e coibir prováveis conflitos internos. Dessa forma, mantinha-se a suprema e inquestionável liderança de Hitler<sup>31</sup>.

---

alguns discursos dramáticos impacto. No total, ela filmou sessenta e uma horas de filme, que foi reduzido a pouco menos de duas horas ao longo de cinco meses de edição intensiva e exaustiva. SENNETT, op. cit., p.50.

<sup>26</sup> Speer recebeu de Hitler a missão de projetar uma nova arquitetura para Berlim, além de outras obras para cidades importantes, como a arena que receberia anualmente os congressos do Partido Nazista em Nuremberg: “Nos começos de 1934, Hitler surpreendeu-me com a primeira das minhas grandes tarefas. A tribuna provisória de madeira no ‘*Zeppelinfeld*’ de Nuremberg tinha de ser substituída por uma construção de pedra”. (SPEER, 1971, p.55). O arquiteto afirma que a construção para os encontros do partido permaneceu como uma de suas obras preferidas: “ainda hoje, os meus desenhos de Nuremberg são os que mais me agradam”. SPEER, 1971, p.63 apud FRIGERI, R. A. **Albert Speer e Leni Riefenstahl**: a identidade nazista por meio das autobiografias dos artistas de Hitler. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro: 4 a 7/9/2015, p.9.

<sup>27</sup> Enquadra e destaca partes do corpo (um olho, uma mão) ou objetos (uma caneta sobre a mesa).

<sup>28</sup> Deslocamento da câmera. Pode ser para frente (in), para trás (out), para cima, para baixo, para os lados ou combinado.

<sup>29</sup> SENNETT, ibidem, p.56-57

<sup>30</sup> Apenas dois meses após o assassinato de Röhm, realizado sob o pretexto de reprimir uma suposta conspiração contra o exército e o governo de Hitler, havia uma necessidade urgente de estabelecer a legitimidade e aceitação do novo líder S.A, Viktor Lutze, e curar as feridas em festa. SENNETT, ibidem, p.56.

<sup>31</sup> O próprio Hitler escolheu o título ‘*O Triunfo da Vontade*’ para transmitir o duplo sentido especial tanto de seu triunfo pessoal sobre partidário partido e do ‘triumfo da vontade do povo alemão’. SENNETT, ibidem, p.51.

No entanto, esses discursos foram editados não pelos alto-falantes, mas por Riefenstahl si mesma. Por isso, ela estava intensamente ciente de que a mensagem central do espetáculo e os discursos necessários para sublinhar absoluta lealdade a Hitler, bem como o compromisso total do partido ao povo alemão. Hitler proclamou: ‘... o objetivo deve ser que todos os alemães leais vão se tornar nacional-socialistas, apenas o melhor nacional-socialistas serão membros do Partido!’<sup>32</sup>

É válido destacar que, sobretudo, *O Triunfo da Vontade* é um filme encomendado por Hitler e Goebbels,<sup>33</sup> portanto, o objetivo essencial do documentário era o de seduzir novos “membros” para compor a massa de seguidores do Partido Nazista. À vista disso, deve-se diferenciar uma sutil diferença entre a ação de doutrinar e de seduzir. Ainda que Hitler tivesse o intuito de atingir o total domínio sobre a sociedade alemã, considerava importante que as pessoas, voluntariamente, fossem induzidas a sentirem necessidade de integrar às massas, através da propaganda política, sem que fosse utilizado uma coerção violenta<sup>34</sup>. Então, um importante fator que distingue *O Triunfo da Vontade* de outros filmes propagandísticos, é que ele foi elaborado com a intenção de ser também um filme de narrativa ficcional. Tendo a capacidade de suscitar admiração do espectador, e não medo, nem tédio. Inclusive, tal intenção se justifica na escola de Riefenstahl como diretora, os nazistas pretendiam designar alguém que não fosse um fanático nazista. Dessa forma, as escolhas cinematográficas seriam mais neutras, e estariam mais próximas do imaginário do cidadão comum.

Quando ela lhe disse que ela não tinha a concepção de como desfiles e discursos filme, ele respondeu que ele tinha escolhido ela, porque era uma artista capaz da tarefa. Ela protestou, dizendo que ela não sabia quem ou o que era politicamente importante, e cita Hitler como resposta: ‘Não é importante quem está no filme. É importante que o filme tenha atmosfera’.<sup>35</sup>

O primeiro ponto a ser destacado sobre a direção de Riefenstahl, é a utilização da montagem para elaborar a narrativa. Riefenstahl, desconsidera a ordem cronológica dos fatos em prol da manutenção da lógica narrativa.<sup>36</sup> A montagem era fundamental, já que a duração do evento chegava a 7 dias seguidos. Entretanto, os cortes, e a montagem, não são utilizados somente para fins técnicos, existe uma necessidade de impugnar uma lógica na narração que constrói o discurso, “seu objetivo, ela afirma, foi ‘para trazer certos elementos para o primeiro

---

<sup>32</sup> Ibidem, p.56.

<sup>33</sup> Contudo, *O Triunfo da Vontade* se não apenas apelar para aqueles que se tornaram apoiantes convictos do Partido Nazista, mas também para os alemães mais moderados. Isso também pode ser entendida à luz da fragmentação política e amargura econômica todos os alemães tinham experimentado. BURGSDORFF, ibidem, p. 9.

<sup>34</sup> Desde o seu início, o Terceiro Reich se tinha proposto a ambiciosa tarefa de 're-educar' o povo alemão para uma nova sociedade baseada no que ele via como um sistema de valores 'revolucionário'. WELCH, ibidem, 2001, p.22.

<sup>35</sup> BARSAM, ibidem, 1975, p.14 apud BURGSDORFF, ibidem, p.3.

<sup>36</sup> O filme parece apresentar estes eventos que se vão desenrolando. Na verdade, Riefenstahl ignora ordem cronológica quase inteiramente, trabalhando, em vez de criar uma estrutura rítmica para o filme. DEVEREAUX, 2001, p.230.

plano e colocar os outros em segundo plano’, para criar uma sucessão dramática de destaques e recuos, altos e baixos”<sup>37</sup>. No que desrespeito a evidenciar uns elementos em detrimento de outros, Riefenstahl mostra que seguiu muito mais suas próprias escolhas, do que às ordens de Goebbels sobre o que deveria ser um filme de propaganda.<sup>38</sup>

Fica observável, a partir da investigação dos elementos extracinematográficos que a narrativa em *O Triunfo da Vontade* foi intencionalmente manipulada, antes mesmo da fase de edição da montagem. A análise da *mise-en-scène* mostra que tanto os produtores do filme, quanto a diretora Leni Riefenstahl trabalharam para organizar previamente as cenas, inclusive algumas cenas foram antecipadamente ensaiadas. Essa prática revela que os nazistas tinham uma notória intenção de manipular os fatos reais, no caso, o registro do VI Congresso do Partido Nazista. As vísceras da fisionomia do fascismo, ou seja, seu caráter totalizante e dominador, que ambiciona ter o controle de tudo e todos cuja a voz única impera, aparecem tacitamente, na maneira como ocorreram as filmagens do documentário. Ao falsear o real, os nazistas pretendiam encobrir suas manipulações, utilizando o gênero de documentário para legitimá-las como verdade.

Entretanto, para completar a análise dos elementos extracinematográficos, é necessário adicionar na investigação aspectos relacionados à recepção de *O Triunfo da Vontade*.

*O Triunfo da Vontade* foi exibido pela primeira vez em 28 de março de 1935, no *Ufa-Palast-am-Zoo* em Berlim. Foi dada publicidade massiva e promoção oficial. Comentários na Alemanha estavam, naturalmente, espalhando-se e para seu financiador e distribuidor, o líder da empresa de cinema U.F.A, o filme provou ser um sucesso comercial. Foi exibido em setenta primeiros cinemas para audiências de capacidade.<sup>39</sup> O número de audiência atingiu mais de 100.000 onde foram registrados em Berlim em suas primeiras três semanas. No entanto, o filme nunca foi especialmente popular fora das grandes cidades, passando por apenas uma semana em muitos teatros provinciais.<sup>40</sup> Sua fraca recepção provinciana pode simplesmente ter a ver com sua natureza repetitiva e tediosa combinada com um excesso de imagens de nazistas uniformizados com passos de ganso. Talvez a maior realização do filme foi o reconhecimento internacional que recebeu, ganhando a Medalha de Ouro no Festival de Veneza em 1935 e, talvez mais notavelmente, o *Grand Prix* no Festival de Paris, dois anos depois.<sup>41</sup>

<sup>37</sup> RIEFENSTAHL apud DEVEREAUX, p.230.

<sup>38</sup> O Triunfo da Vontade foi uma produção privada por Riefenstahl si mesma e não pelo Partido Nazista, como Vitória da Fé tinha sido, mas foi, no entanto, um ato poderoso de propaganda. O filme glorificado nazismo, descrevendo-o como um movimento de progresso que defendia a unidade alemã. BURGSDORFF, ibidem, p. 5.

<sup>39</sup> Nota 34: <sup>34</sup>Kay Gladstone, "Consultar Notas" para *O Triunfo da Vontade* (North Harrow: DD Vídeo, 2001), 14. Barsam observa que U.F.A financiou e distribuiu o filme, mas a produção foi pela Riefenstahl Film Studio Leni. Riefenstahl alegou que era um filme barato de fazer pelo equivalente a US \$ 110.600. Barsam (1975), p.22-23. SENNETT, ibidem, p.64.

<sup>40</sup> Nota 35: <sup>35</sup>Nicholas Reeves, *A Propaganda of Film Poder. Mito ou Realidade?* (London: Cassel, 1999), p. 107. SENNETT, loc. cit.

<sup>41</sup> SENNETT, ibidem, p.53-54.

Com os dados expostos, é possível concluir que a popularidade de Hitler não sofreu grandes impactos por conta do documentário *O Triunfo da Vontade*. As oscilações da popularidade de Hitler estavam muito mais relacionadas aos efeitos de sua política interna e externa, do que à imagem que o filme projeta ao seu respeito. Portanto, no que tange aos efeitos que a propaganda política pode atingir, é possível afirmar que seu poder de persuasão é condicionado pelo contexto social, no qual ela se propaga. Para a propaganda política surtir efeito na população, de antemão, o corpo social deve apresentar alguns pontos de convergência com os ideais que são propagados. Se há o desencontro entre eles, a propaganda política não atinge com eficiência seu objetivo.

No caso de *O Triunfo da Vontade*, o relativo sucesso do filme, tem muito a dizer sobre ele. Ele foi premiadíssimo em diversos festivais de cinema<sup>42</sup>, mérito do empenho artístico de Leni Riefenstahl, sem dúvidas. Entretanto, entre seu público alvo, os alemães, teve um sucesso mediano. Com essas informações, surgem questões como: Como um filme de propaganda, com o governo nazista financiando e garantindo sua distribuição, não obteve tanta empatia com o público? Será que o idealismo nazista retratava uma parcela dos sentimentos latentes da população alemã? Por que do insucesso da propaganda política, por que não foi compreendido por ser artístico demais? Quais as razões que justificam a tímida empatia no seu público alvo?

As respostas que sanam as questões referentes as possíveis analogias existentes entre o discurso e os signos emitidos pelo filme e o cotidiano do público alemão, serão abordadas mais detalhadamente nos capítulos que fazem a análise fílmica de *O Triunfo da Vontade*. No entanto, é possível estabelecer considerações iniciais sobre as perguntas ao contextualizá-las. O período que deve tomar destaque na análise é a República de Weimar, tanto que muito do embasamento teórico da doutrina nazista são “soluções” para reverter os supostos fracassos adquiridos nesse período. O fato é que a sociedade alemã estava passando por transtornos econômicos e políticos, estava fragilizada e precisava de um fenômeno político-social capaz de reestruturar o país. Em meio ao caos, surge a liderança política de Hitler, e seu Partido Nazista, apontando possíveis soluções para reestabelecer a Alemanha.<sup>43</sup>

---

<sup>42</sup> Independentemente de seus sentimentos sobre Riefenstahl, Goebbels elogiou o filme e concedeu-lhe o Prêmio Nacional de Cinema durante o "Festival da Nação" em 1 de maio de 1935. Além do prêmio alemão, o filme foi premiado com o *Diplome de Grand Prix*, ou Grande Prêmio, em 4 de julho de 1937, no *Exposition Internationale des Arts et des Techniques* em Paris (...). BARSAN, R. M. **Triumph of the will**. London: Indian University press, 1975, p.26.

<sup>43</sup> HOFFMANN, 1996, p.142 apud BURGSDORFF, ibidem, p.6.

Um ponto importante a ser considerado na investigação, é sobre seu destaque comercial ser maior nas grandes cidades do que nas cidades do interior. Para isso, é necessário elencar alguns fatos históricos que marcaram a conjuntura econômica e política da Alemanha naquele período. Antes de fazer precipitadas alegações sobre a República de Weimar, é pertinente lembrar que muito do caos vivenciado pela sociedade alemã, já tinha sido gerado por conta da Primeira Guerra Mundial.<sup>44</sup> A República de Weimar apenas não foi eficiente o suficiente para recompor a Alemanha da entropia político-econômica. Em meio aos caos, a liderança e o discurso de reestruturação da Alemanha de Hitler, e do partido nazista, ganha destaque. Não é difícil de imaginar que para uma população que estava à mercê da instabilidade político-econômico, um discurso “milagroso” iria despertar o seu interesse.

A crise econômica do início dos anos 1930 e o fracasso do governo para lidar com as crises – ou mesmo agravá-los através da implementação de políticas deflacionárias – causou ainda mais desilusão para a democracia, uma desilusão que Hitler habilmente usou para seu próprio benefício político. Popularmente, acreditavam que a democracia, era um sistema político fraco e fragmentado, muitos alemães descobriram que é mais fácil transformá-lo em uma ditadura: especialmente se essa ditadura fornecia o fim do caos e emprego.<sup>45</sup>

Entretanto, a crise econômica afetou principalmente uma parcela da população, a classe média<sup>46</sup>. A recessão teve seus efeitos vistos na queda de produção das fábricas, consequentemente, aumentou o desemprego entre os trabalhadores urbanos:

A situação atípica, da era de curta duração da prosperidade, tinha ocorrido devido aos empréstimos do exterior, principalmente dos Estados Unidos, e o comércio mundial. Quando o fluxo de empréstimos secou e o reembolso nos antigos se tornou exigível, a estrutura financeira alemã foi incapaz de suportar a tensão. Com a queda das exportações, a indústria alemã não conseguia manter suas fábricas funcionando, e a produção caiu quase pela metade 1929-1932.<sup>47</sup>

Com esse contexto repleto de desilusão e desespero, qualquer discurso que promettesse melhorias, e transmitisse algum vestígio de credibilidade, seria bem-vindo. Hitler aproveitou esse momento de profunda crise para lançar-se como o líder político das massas, que salvaria a Alemanha de seu fim apocalíptico. Hitler, e o Partido Nazista, que inicialmente tinha uma popularidade baixa, mas aos poucos – em grande medida, ajudado por empresários e pela conjuntura catastrófica –, foi aumentando sua popularidade.<sup>48</sup> Alguns fatores podem explicar a

<sup>44</sup> SHIRER, 1959, p.55 apud BURGSDORFF, ibidem, p.7.

<sup>45</sup> HAFFNER, S. G. **Eines Deutschen. Munich:** Deutsche Verlags-Anstalt, 2000, p.125 apud BURGSDORFF, loc. cit.

<sup>46</sup> Economicamente, após a Primeira Guerra Mundial, a Alemanha tragicamente tornou-se vítima das maldições da inflação e desemprego. A hiperinflação de 1922 e 1923, em grande parte, liquidou as suadas poupanças da maioria dos alemães de renda média. MERRIMAN, 1996, p.985 apud BURGSDORFF, ibidem, p.8.

<sup>47</sup> SHIRER, ibidem, p.136-137-166 apud BURGSDORFF, loc. cit.

<sup>48</sup> Em 1928, antes da depressão, o Partido Nazista ganhou apenas 12 cadeiras no Reichstag. Esse número subiu para um notável 107 lugares em 1930: os nazistas saltaram, quase que da noite para o dia, de ser o partido político

rápida ascensão nazista, como o caos político-econômico vivenciado pela Alemanha durante esse período. Portanto, cria-se um campo fértil para que a radicalização política se torne exequível. Um dos setores que mais apoiou a ascensão de Hitler e do partido nazista, foi a classe média, já que ela experimentou de forma mais intensa, o aumento do desemprego gerado pela recessão.

À vista disso, pode-se concluir que o discurso do documentário *O Triunfo da Vontade* foi mais acolhido pela classe média, por essa razão obteve mais sucesso comercial nos centros urbanos. Ao patrocinar a produção do documentário, com o enfoque propagandístico, mas, sem perder a sutileza dos filmes com narrativas ficcionais, os nazistas tiveram êxito ao cativar os indecisos e as classes mais baixas.<sup>49</sup> Desse modo, a propaganda política poderia atingir sua finalidade de ser popular.

Contudo, *O Triunfo da Vontade* não quer apenas atrair aqueles que se tornaram apoiantes convictos do Partido Nazista, mas também para os alemães mais moderados. Isso também pode ser entendida à luz da fragmentação política e amargura econômica todos os alemães tinham experimentado.<sup>50</sup>

A crise econômica instaurada, segundo a doutrina nazista, pelos fatores oriundos do capitalismo e do parlamentarismo, só poderia ter fim caso fosse implementado outro tipo de sistema econômico, político e cultural, o nazismo. Por esse motivo, o discurso de *O Triunfo da Vontade* difunde, incessantemente, a ideia de unidade na nação. Para que ela possa ser estabelecida, deve-se extinguir, além de outras divergências, também as classes sociais.<sup>51</sup> Contudo, o único ponto de intersecção entre todos os verdadeiros alemães deveria ser a raça ariana. “Um objetivo ideológico dominante era construir uma ‘comunidade nacional’ que poderia superar o conflito de classe capitalista, e forjaria aqueles que fossem vistos como ‘racialmente puro’ em uma única comunidade”<sup>52</sup>. Em alguns trechos dos discursos políticos emitidos pelos membros do Partido Nazista, incluindo Hitler, fica evidente a ideia de eliminação das classes social em detrimento da construção de uma unidade nacional, o Terceiro Reich:

Homens do Serviço de Trabalho! Pela primeira vez você aparece diante de mim para revisão e, portanto, toda a nação alemã. Representa uma ótima ideia, e nós sabemos que para milhões de nossos companheiros seguidores do conceito de trabalho não será

---

com o menor número no parlamento para o segundo maior. E então, em 1932, no auge da depressão, os nazistas receberam 230 assentos, tornando-se o maior partido alemão. BURGSDORFF, *ibidem*, p.8.

<sup>49</sup> SENNETT, *ibidem*, p.53.

<sup>50</sup> BURGSDORFF, *ibidem*, p.9.

<sup>51</sup> Além disso, as crises monetárias causaram uma dupla revolta na rígida estrutura de classes na Alemanha, com o desaparecimento da poupança. Assim, Hitler convocou o Congresso de Nuremberg em 1934, para a eliminação das “classes e panelinhas”. BARSAM, 1975, p.48 apud BURGSDORFF, *loc. cit.*

<sup>52</sup> SENNETT, *op. cit.*, p.53.

mais um fator de divisão, mas um de unificação e que já não haverá ninguém na Alemanha, que irá considerar o trabalho manual menos digna do que qualquer outra forma de trabalho.<sup>53</sup>

Fica evidente com a análise da recepção, que apesar de não estar inclusa no enredo do filme, o público possui uma parcela de influência na construção da narrativa do filme. Uma vez que, ao considera-lo como o consumidor final, o discurso deverá ser elaborado para surtir determinado efeito sobre o espectador. Portanto, percebe-se que sim, há indícios que existe uma latente inclinação ao ideário nazista na sociedade alemã, porém, é falso alegar que seja integralmente compartilhado por todo o corpo social. O correto é afirmar que uma parcela significativa da população, em grande parte a classe média, corroborava com o ideário nazista. Todavia, deve ser apreciada as razões que justificam a sintonia que ocorreu entre o discurso de *O Triunfo da Vontade* e essa parcela da população alemã. Visto que, é tendencioso alegar que a classe média alemã acreditava, plenamente, no ideário nazista.

Todavia, o que ocorre é que o discurso do documentário retrata bem mais do que o ideário nazista, utiliza sua simbologia sim, porém, *O Triunfo da Vontade* consegue sintetizar a ideia central do nazismo – *Führerprinzip*<sup>54</sup> –, em meio aos “tons alegres”<sup>55</sup>, utilizados com intuito de equilibrar o apelo político ao de entreter. Justifica-se essa afirmação, principalmente, pelo fato de que sua intenção não era apenas de ser compreendido pelas pessoas que já estavam inclinadas ao Partido Nazista, e sim, de conquistar novos adeptos. Para isso, os nazistas organizaram a narrativa do documentário, ou seja, estruturaram os acontecimentos dos fatos reais conforme suas intenções. Ao fazê-lo, intencionalmente, o limite entre a narrativa ficcional e realística foi ultrapassado. Colocando *O Triunfo da Vontade* para além de um filme propagandístico, tornando-se um filme que, ao incorporar o gênero ficcional, consegue abranger em sua narrativa fatos e pessoais reais que não estavam ali presentes no VI Congresso do Partido Nazista, mas que “aparecem” – sua presença se dá pela ausência – na história do filme.

Inegavelmente, os fatores implícitos no enredo, os extracinetográficos e político-sociais, também contribuem para a construção da narrativa, portanto, não podem ser negligenciados na análise. Entretanto, a explicação da construção do discurso do filme, só poderá ser completada se forem averiguados, também, a montagem dos elementos

---

<sup>53</sup> HITLER apud SENNETT, p.52.

<sup>54</sup> Na verdade, Triunfo da Vontade foi tão bem-sucedido na articulação na articulação do *Führerprinzip* que, como um historiador de propaganda alemã disse, "não havia necessidade de fazer outro filme sobre Hitler...". *O Triunfo da Vontade* era a definição do documentário nazista sobre o *Führer*. DEVEREAUX, ibidem, p.238.

<sup>55</sup> Cf. ROVAI, M. L., 2005.

cinematográficos. É nessa fase da produção do filme, que o trabalho de Leni Riefenstahl terá seu papel decisivo, e transformará o documentário, feito sob as premissas da propaganda política nazista, em uma obra de arte, capaz de emitir imagens que remetem aos sentimentos aprazíveis e coisas boas da vida, ainda que contenha oratórias dos políticos e continências.

### 2.3 OBJETIVOS DO FILME

Para tratar da análise do documentário *O Triunfo da Vontade*, é necessário salientar sobre alguns fatores que estão relacionados com a produção dos filmes do gênero realístico<sup>56</sup>. O primeiro item que permite contextualizar a análise fílmica, é estabelecer a finalidade à qual se destina o filme. Pensar nas motivações que levaram os nazistas a produzir um filme sobre a visita do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* – NSDAP), conhecido popularmente em português como Partido Nazista, a um dos eventos mais importantes do calendário festivo nazista, o VI Congresso do Partido Nazista (*Reichsparteitag* - Encontro nacional do Partido), ajuda a compreender seu discurso e significado histórico.

É preciso ir além do óbvio, pois o filme não é o mero registro da participação do Partido Nazista, e de Hitler, no VI Congresso do Partido Nazista, e sim é usado como pano de fundo para os nazistas construírem um discurso ideológico sobre o significado do nazismo, e dos nazistas, e sua importância para a Alemanha. É utilizando uma linguagem maniqueísta e efeitos cinematográficos fascinantes que os nazistas construíram um discurso fílmico insinuante, no qual exhibe as vantagens e deveres que os alemães teriam ao apoiar fervorosamente Hitler e o Partido Nazista; além de promover uma propaganda, interna e principalmente externa, de uma Alemanha unida, forte e aguerrida. Para cumprir sua finalidade, os nazistas, utilizaram da linguagem cinematográfica do documentário junto à narrativa ficcional<sup>57</sup>, aproveitando o melhor dos dois mundos, para compor livremente a narração de sua

---

<sup>56</sup> O documentário, antes de tudo, é definido pela *intenção* de seu autor de fazer um documentário (*intenção* social, manifesta na *indexação* da obra, conforme percebida pelo espectador). Podemos dizer que a definição de *documentário* se sustenta sobre duas pernas, *estilo* e *intenção*, que estão em estreita interação ao serem lançadas para fruição espectral, que as percebe como próprias de um tipo narrativo que possui determinações particulares: aquelas que são características, em todas as suas dimensões, do peso e da consequência que damos aos enunciados que chamamos *asserções*. RAMOS, F. P. **Mas afinal...** O que é mesmo documentário? São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008, p.25-27.

<sup>57</sup> Tipicamente, a ação ficcional estrutura-se em trama que se articula através de reviravoltas e reconhecimentos. A estruturação espaço-temporal das imagens em movimento, através de unidades que chamamos *planos*, é basicamente motivada pela estrutura da trama. A grande conquista da narrativa clássica (ainda nos anos 1910) foi aprender a narrar a trama, abandonando a necessidade de uma voz *over* ou da *locução* da ação. Através de procedimentos como *montagem paralela*, *planos ponto-de-vista*, estrutura de *campo/contracampo*, *raccords* de tempo e espaço motivados pela ação, o cinema ficcional aprendeu a narrar, compondo a ação ficcional em cenas ou sequências. RAMOS, *ibidem*, p.25.

epopeia de triunfo. É necessário diferenciar ambos os gêneros cinematográficos, pois, o documentário *O Triunfo da Vontade* está além da definição de documentário, haja vista que seu discurso justifica essa junção. O filme não tem apenas o objetivo de fazer um registro de um evento político, uma asserção sobre um fato verdadeiro que ocorreu. Ainda que tenha uma função propagandística o uso do documentário, o filme não se limita a registrar um fato histórico, ultrapassa essa acepção de documentário, para produzir uma narrativa que possui elementos do gênero ficcional. Uma vez que o discurso de *O Triunfo da Vontade* não se resume a fazer críticas sobre a realização especificamente do VI Congresso do Partido Nazista, caso fosse apenas um documentário propagandístico, o principal objetivo do discurso seria avaliar os prós e contras da promoção de congressos políticos. Ironicamente, a última coisa que o discurso de *O Triunfo da Vontade* fala é sobre o VI Congresso do Partido Nazista, ou seja, assuntos governamentais como medidas, propostas ou qualquer tema de interesse social. Na realidade, evento é usado como cenário, como pano de fundo para suceder a narrativa do filme.

A escolha do gênero ficcional como auxiliar para construção da narrativa, foi feita com base nas possibilidades de se utilizar do imaginário, isto é, criar uma fábula a partir de um fato real, o VI Congresso do Partido Nazista. Para efetivar seu intento, o filme faz a construção de seu discurso a partir de elementos ausentes e presentes na narrativa. Portanto, o filme conta com a reminiscência do espectador, composta tanto com as lembranças vivenciadas durante e antes da República de Weimar, como também os comportamentos sociais latentes no âmago da sociedade alemã. A compreensão total, e parcial, do discurso do filme está atrelada ao quanto os elementos cinematográficos conseguem envolver o espectador na narrativa, vinculando-o através das emoções estimuladas. Quanto mais os elementos cinematográficos conseguirem cativar o espectador,<sup>58</sup> melhor será a interação entre eles, por conseguinte, aproximando-o da compreensão total do discurso.

---

<sup>58</sup> O espectador que diz “vivi a tomada”, ou “vivi ele, que esteve na tomada, como outrem”, experimenta a tomada (abrindo-se para si pelo sujeito-da-câmera) com um afeto, uma estranheza (a estranheza de se reconhecer a si enquanto outro) que lhe é própria. À minha experiência do mundo como exterioridade vem se misturar, de maneira confusa (que produz o frisson da imagem-câmera no cinema dos primeiros tempos), o traço daquilo a que nunca terei acesso: a experiência de mim por outrem, ou, em outras palavras, meu ser, percebido por mim, em seu corpo no espaço (mas sempre desde mim). Meu corpo solto no espaço da tomada, conforme se oferece agora a mim, espectador, produz parte desse frisson de viver a mim mesmo como experiência radical de alteridade, sustentada pela espessura reflexa da imagem-câmera. Documentário é uma representação narrativa que estabelece asserções com imagens e sons, ou com o auxílio de imagens e sons, utilizando-se das formas habituais de linguagem falada ou escrita (a fala da *locução*, ou a fala dos homens e mulheres no mundo, ou ainda entrevistas e depoimentos), ruídos ou música. As imagens predominantes na narrativa documentária possuem a mediação da câmera, fazendo assim que as asserções faladas sejam flexionadas pelo peso do mundo. Essa é a graça e o âmago da fruição espetacular do documentário, e compõe o núcleo motriz de sua tradição longeva: *asserções* que trazem ao fundo a *intensidade* do mundo, de modo dramático, trágico, cômico, poético, íntimo, etc. RAMOS, *ibidem*, p.81.

Considerar as emoções suscitadas em *O Triunfo da Vontade* não tem a finalidade de fazer uma análise psicológica sobre os espectadores, e sim fazer conexões entre os elementos cinematográficos expostos, os fatos que circundam a história alemã e seus latentes comportamentos sociais. É preciso contextualizar essas emoções, pois não é útil para o trabalho fazer análises individualizadas dos sentimentos. O que importa para um trabalho dentro da área de História, é o significado social que essas emoções detêm. Ainda que muitos sentimentos tenham uma conotação universal, para o presente trabalho, as emoções são analisadas a partir da comparação com os comportamentos sociais latentes na sociedade alemã e sua relação com os fatos históricos. Dessa forma é possível compreender de que maneira os nazistas produziram o discurso fílmico para que as emoções incutidas no espectador tomassem como base os símbolos sociais presentes na narrativa travestidos nos elementos cinematográficos.

É importante ressaltar que as emoções, assim como nas narrativas ficcionais, igualmente estão presentes nos documentários, afinal o gênero de documentário também faz uso da linguagem cinematográfica para construir sua narrativa. Entretanto, esse não é o principal fator que aproxima *O Triunfo da Vontade* do gênero ficcional. O que avizinha o filme ao gênero ficcional é a construção de sua narrativa ser feita para além da asserção do evento político filmado. Isso não significa dizer que um documentário para ser documentário, tem apenas que ligar a câmera para fazer o registro do que será filmado, sem fazer uso de elementos cinematográficos como montagem, posição e ângulo da câmera, etc.,<sup>59</sup> para construir sua narrativa. Não é isso. Deve-se ficar claro que o fator que associa *O Triunfo da Vontade* ao gênero ficcional é que seu roteiro e discurso foram projetados para falar sobre Hitler, o Partido Nazista e a Alemanha, e não sobre o VI Congresso do Partido Nazista. Esse é o verdadeiro tema do filme: a ascensão e êxito dos nazistas ao poder na Alemanha, protagonizada por Hitler.

Destarte, o gênero de ficcional irá permitir que o roteiro do filme utilize elementos para construir sua narrativa, conseqüentemente seu discurso, que atravessam as fronteiras impostas pelo registro do congresso político. Pois, não são apenas as passeatas, comícios e oratória dos nazistas que serão registrados pelas câmeras de Leni Riefenstahl, a diretora se propõe a filmar e mostrar o que era e a que veio o “movimento” nazista. A missão de Riefenstahl foi a de captar a essência e conseguir exibi-la na tela, do que representava a ascensão e tomada de poder por Hitler e os nazistas. É utilizando do discurso de *O Triunfo da Vontade* que Hitler

---

<sup>59</sup> Procedimentos como câmera na mão, imagem tremida, improvisação, utilização de roteiros abertos, ênfase na indeterminação de tomada pertencem ao campo estilístico do *documentário*, embora não exclusivamente. Alguns outros elementos estilísticos da narrativa documentária são comuns coma ficção. Ibidem, p.25.

pretende dialogar com a sociedade alemã, especialmente com a nova burguesia urbana e o exército alemão, e manda um recado para os inimigos externos, principalmente a França e o leste europeu, de que a Alemanha agora estava unida, forte e combatente.

A presente pesquisa ao investigar a construção da narrativa do documentário – que adiciona intencionalmente recursos dos filmes ficcionais – estruturada por seus elementos extracinematográficos e cinematográficos; alicerçada nos estudos existentes sobre a análise fílmica de *O Triunfo da Vontade*, desenvolveu a hipótese de que, ao financiá-lo, os nazistas pretendiam transmitir duas mensagens principais: 1- Os nazistas são vitoriosos, pois almejavam, planejaram e obtiveram êxito na luta pelo poder do Estado alemão, o triunfo do filme é antes de mais nada sobre o triunfo de Hitler e dos políticos nazistas. 2- A Alemanha, agora, sob o governo nazista era unida, forte e aguerrida, pois os inimigos internos – traidores, imorais, bolchevistas e judeus – haviam, ou estavam sendo aniquilados. Para assim a paz e unidade interna voltar a reinar na Alemanha, que fortalecida internamente, estaria preparada para enfrentar aqueles que outrora humilharam-na no Tratado de Versalhes, então recuperar as terras perdidas e anexar novas para compor seu grandioso império, o *Reich*. Essencialmente, esse é o discurso fílmico do documentário que se tenciona disseminar através das imagens e sons exibidos na tela.

#### 2.4 O PÚBLICO ALVO DO FILME

A execução das filmagens é feita conforme um elemento cinematográfico básico que estrutura o enredo e toda a produção do filme, o roteiro. E um dos fatores que influenciam a elaboração do roteiro é o público alvo. Os filmes, geralmente, são produzidos com base no público que se deseja atingir.<sup>60</sup> Ressalta-se que não é uma questão de matemática exata, apenas pretende-se direcionar os filmes para o público de nicho em potencial, assim evita-se o desperdício de custos e investidos na produção e distribuição do filme. Não obstante, no caso de um filme propagandístico, ainda que o público alvo seja todos os cidadãos, não serão todos que irão ter interesse em assistir ao filme. É necessário ter o mínimo de interesse em assistir a determinado filme, para que ele lhe cause empatia, em função disso, consiga transmitir seu discurso e entendimento sobre ele. É uma questão estratégica de fazer opções de público, selecionando qual seria o mais provável espectador que assistiria um filme propagandístico.

---

<sup>60</sup> Em geral, a narrativa documentária chega já classificada ao espectador, seguindo a intenção do autor. Não costuma fazer parte de nosso prazer espectral ir ao cinema para tentar descobrir se uma narrativa é ficção ou documentário. Ao entrarmos no cinema, na locadora ou quando sintonizamos o canal a cabo, sabemos de antemão se o que vemos é uma *ficção* ou um *documentário*. A intenção documentária do autor/cineasta, ou da produção do filme, é indexada através de mecanismos sociais diversos, direcionando a recepção. RAMOS, *ibidem*, p.27.

No caso de *O Triunfo da Vontade* o seu público alvo tem razões históricas para ser o nicho eleito pelos nazistas como o mais provável espectador. O cinema na Alemanha vinha sendo utilizado pela nova burguesia urbana, tanto como forma de entretenimento como também de veículo para propagar ideais políticos esquerdistas/direitistas. Os nazistas sabiam que a sociedade alemã estava vulnerável ao fascínio que as grandes telas exerciam, até porque muitos deles são provenientes dos centros das grandes cidades ou passaram boa parte de sua vida nesses lugares, portanto usariam dessa oportunidade para lograr a população alemã com suas ideologias. Aproveitaram-se do fato que a estrutura da indústria cinematográfica, sua produção e distribuição, já estava consolidada, e converteram-na para seu próprio benefício. Então, a propaganda nazista realizada através do cinema, foi muito mais uma instrumentalização do que já estava estruturado, do que uma simples invenção dos nazistas. Talvez, seu maior feito particular tenha sido pôr em prática uma propaganda política realizada de forma sistêmica e asfixiante.

Foi pensando em atrair essa nova burguesia que surge nos centros urbanos, que os nazistas direcionavam suas propagandas, principalmente através do cinema. Os filmes nazistas, subdividem-se entre os explicitamente propagandísticos como é o caso de *O Triunfo da Vontade* e os de narrativa ficcional que contém ideologia nazista implícita em seu enredo.<sup>61</sup> Cada um possuía uma função diferente, os filmes com narrativas ficcionais se propunham a doutrinar enquanto entretinham, já os propagandísticos tinham a responsabilidade de doutrinar enquanto ensinavam/divulgavam informações oficiais. Colocando a população alemã em uma encruzilhada alienante, na qual, reduzia significativamente os espaços de promoção de ideias políticas distintas da ideologia nazista. O objetivo era cercar de todas as formas possíveis a população alemã, especialmente nas áreas da cultura e educação, para inviabilizar qualquer forma de rebelião contra o governo vigente.

Ao compreender o discurso contido no filme, torna-se mais substancial a afirmação de que o público alvo dos nazistas era os habitantes dos grandes centros urbanos. Primeiro, em

---

<sup>61</sup> A produção do cinema nazista encontra-se estritamente vinculada ao crescimento do próprio partido. Durante a campanha eleitoral de 1930, os nazistas receberam o apoio da imprensa do Partido Nacional e Hitler ganhou espaço expressivo nos jornais da tela da UFA. A escalada dos nazistas teve muito a ver com a utilização do cinema, “um dos meios mais modernos e científicos de influenciar as massas”, de acordo com a afirmação de Goebbels, através de seu efeito penetrante e durável”, confirmou Hippler, diretor da Seção Cinematográfica no Ministério da Propaganda, do próprio Goebbels (...) Outros filmes, de tipo documentário, tinham finalidades eleitorais. Calcula-se que foram produzidos 1 350 longas-metragens nos doze anos de domínio nazista. São comédias românticas, comédias musicais, operetas, filmes de costumes, mas também filmes de guerra e de exaltação dos valores do regime, tais como o racismo e a xenofobia. LENHARO, A. **O triunfo da vontade**. 7ª edição. São Paulo: Ática, 2007, p.53.

decorrência dos fatos históricos que antecederam a ascensão nazistas ao poder, os golpes e embates políticos foram realizados, majoritariamente, em cidades como Munique. Os grandes centros urbanos eram verdadeiras arenas onde ocorriam uma sangrenta luta entre frentes conservadoras e progressistas que guerrilhavam entre si pela conquista de espaço político e domínio sobre o eleitorado alemão. A chegada dos nazistas ao poder não ocorreu de forma pacífica, nem contou somente com o sufrágio dos eleitores. Os nazistas chegaram ao poder através de sucessivos golpes e negociações políticas, principalmente a partir de acordos com o exército. Os grandes centros urbanos, ou seja, o apoio da nova burguesia, representava uma excelente chance para subir ao poder, pois era uma parcela da população que se sentia marginalizada politicamente em relação aos tradicionais aristocratas e alta burguesia.<sup>62</sup> Isto posto, quem obtivesse primazia sobre essa parcela do eleitorado alemão, conseqüentemente, estaria mais fortalecido politicamente para pleitear as eleições. Por essas razões, os nazistas sempre deram uma atenção especial ao eleitorado que habitava os centros urbanos. A intenção dos nazistas era conquistar essa nova burguesia com seu discurso, para ampliar seu apoio popular.

Contudo, uma questão deve ficar esclarecida, essa nova burguesia urbana possui convicções políticas diversas, que variam desde inclinações esquerdistas até direitistas. Como era uma época de transição cultural e política, não é estranho o tradicional e a modernidade coexistirem num mesmo espaço, e até na mesma pessoa. Não obstante, esse cenário não invalida a existência da situação na qual a modernidade e a tradição duelam entre si pela hegemonia do espaço e da pessoa.<sup>63</sup> Todas essas circunstâncias são perfeitamente plausíveis em uma época de transformação social. Para os nazistas, a Alemanha precisava de uma vez por todas sofrer uma revolução, no linguajar nazista por uma “revolução conservadora”, e o seu “movimento” representava justamente essa transformação social que os alemães tanto ansiavam.

Para os nazistas, essa missão não estava à altura dos arruaceiros imorais dos bolchevistas, ou qualquer outra frente esquerdista, nem dos frívolos burgueses – principalmente

---

<sup>62</sup> Os camponeses, os trabalhadores, incluindo os burgueses da classe média, eram explorados até o extremo limite pelos príncipes, que os mantinham num degradante estado servil. O anseio pela cultura e pelas artes cessara totalmente. Os vorazes governantes não nutriam simpatia alguma pelo nacionalismo e pelo patriotismo alemães e reprimiam qualquer manifestação dessa natureza de seus súditos. SHIRER, W. L. **Ascensão e queda do Terceiro Reich**: volume I- triunfo e consolidação (1933-1939). Tradução de Pedro Pomar. Rio de Janeiro: Agir, 2008, p.136.

<sup>63</sup> Certamente, na luta cotidiana por hegemonia existem determinados “empréstimos” entre os grupos sociais distintos, o que invalida pensar em culturas autênticas (OLIVEIRA, 1999). Também não devemos nos basear em falsas oposições, tais como o alto e o popular, o urbano ou o rural, o moderno ou o tradicional (CANCLINI, 2003). COSTA, J. H. **Stuart Hall e o modelo “encoding and decoding”**: por uma compreensão plural da recepção. Revista Espaço Acadêmico, nº 136, setembro de 2012, p.118.

a alta burguesia –.<sup>64</sup> Segundo os nazistas quem deveria conduzir essa “revolução” eram os escolhidos, aqueles que representavam o povo alemão na sua verdadeira essência: arianos, fortes e combatentes, ou seja, os próprios nazistas. Os nazistas enxergavam a si próprios como o melhor dos dois mundos, um misto da força inovadora e do trabalho duro da nova burguesia urbana, com os valores heráldicos dos aristocratas. Em síntese, o discurso de *O Triunfo da Vontade* será construído para agradar e conquistar essa nova burguesia urbana, além dos outros filmes produzidos durante o governo nazista. Para os nazistas, investir no cinema era uma forma de falar a língua que a burguesia urbana falava,<sup>65</sup> era a forma de estabelecer e manter um diálogo, a partir de uma produção cultural intrinsecamente burguesa, o cinema.

Um fato importante a ressaltar é que essa população que ocupava os grandes centros, é suscintamente chamada de burguesia urbana, sendo muitas vezes resumida em apenas classe média/alta: composta de empregados liberais e os donos de negócio. Porém, deve-se deixar claro que o proletariado, as mais classes baixas e mal remuneradas, também compõe os centros urbanos nas grandes cidades. Os nazistas enxergavam a classe média/alta como a mais provável de assimilar sua ideologia, por conta da proximidade de ideais – uma parcela da classe média sempre foi adepta ao nacionalismo e antissemitismo/racismo – fora a experiência social que os próprios nazistas tinham em comum com ela, afinal muitos nazistas são provenientes desse estrado social – ou passaram parte de suas vidas nas grandes cidades –. Em função dessas observações, os nazistas diziam ser os verdadeiros representantes da burguesia urbana, pois vivenciavam suas necessidades, portanto saberiam materializar seus anseios.

No entanto, era o proletariado seu grande desafio, os nazistas sabiam que muitos estavam, e sempre estiveram, mais suscetíveis aos ideais bolchevistas, ou qualquer outra frente esquerdista, principalmente após a Revolução Russa em 1917. Já que promessa era de um governo popular e justo com as classes mais baixas, na qual, o proletariado regeria os cânones das transformações sociais. Como já foi analisado anteriormente, o cinema também tinha

---

<sup>64</sup> A burguesia, disse Hitler com escárnio, “que não possui uma única ideia política criativa para o futuro” (...) Em oposição à burguesia e aos mundos marxista e judaico, a filosofia “tribal” vê a importância da espécie humana nos seus elementos raciais básicos. Vê, no Estado, apenas um meio para a consecução de um fim, e considera este fim a preservação da raça, não acreditando, portanto, de modo algum, numa igualdade racial; e reconhece, concomitantemente, suas diferenças e seu maior ou menor valor, sentindo-se obrigado a promover a vitória do melhor e do mais forte e exigir a submissão do inferior e do mais fraco, de acordo com o eterno propósito do universo. SHIRER, op. cit., p.124;131.

<sup>65</sup> Em suas palavras, para o entendimento da cultura, deve-se usar uma análise “polemológica”, isto é, uma politização das práticas cotidianas, sempre pensando em táticas, conflitos e tensões vigentes no consumo. Trampolinagens e trapaçarias, ou seja, “astúcia e esperteza no modo de utilizar ou de driblar os termos dos contratos sociais” (CERTEAU, 1994, p. 79). Nestes termos, para Certeau, o enfoque da cultura se inicia quando o homem comum, “ordinário”, torna-se o narrador, definindo o lugar do discurso e o espaço de seu desenvolvimento, de sua atuação. COSTA, op. cit., p. 116.

produções com temáticas que abordavam o cotidiano sofrido do proletariado. Filmes cujos protagonistas eram os trabalhadores que vivia uma vida martirizada, marcado pelo caos, desigualdade, miséria, péssimas condições de trabalho e deplorável infraestrutura urbana faziam bastante sucesso entre o público dos estratos sociais mais baixos. A empreitada dos nazistas, eram compor um discurso ideológico que também atingisse essa parcela da sociedade alemã. Para tanto, investiu em propagandas políticas em diversas áreas, no cinema, rádio, festivais, etc. Dando atenção especial, ao cinema já que esse historicamente estava atrelado à formação dos centros urbanos e sua população. Por esses motivos, os filmes produzidos durante o governo nazista, possuem diversos gêneros, podendo ser tanto de narrativas ficcionais, como documentários explicitamente propagandísticos como é o caso de *O Triunfo da Vontade*. Cada um terá sua própria função, cada um alcançará um tipo diferente de público.

Em relação ao documentário *O Triunfo da Vontade*, pode-se deduzir que ele foi produzido para atingir principalmente os estratos mais altos dos grandes centros urbanos, a classe média/alta: os empregados liberais, os pequenos<sup>66</sup> e grandes donos de negócios.<sup>67</sup> Isso não significa, que o documentário *O Triunfo da Vontade* não pretenda atingir as classes mais baixas. Não é isso. É apenas uma questão de estratégia, direcionando o filme – produção e distribuição – para dialogar com o provável público alvo, sem grandes perdas de custo e investimento. Uma vez que as pessoas, geralmente, vão ao cinema para assistir filmes que já estão previamente interessadas, pois o filme parece ser apazível para ela. No caso, *O Triunfo da Vontade* é um filme recheado de simbologia nazista, passeatas militares e falas de políticos que podem desagradar as pessoas apolíticas e que não estavam, ou não queriam estar familiarizadas com a doutrina nazista. Sendo assim, o provável público alvo de *O Triunfo da Vontade* é composto, majoritariamente, por aquelas pessoas oriundas da classe média/alta que sempre tiveram proximidade e interesse pelos ideais nacionalistas e antisemitas/racistas. Vão assistir ao documentário, na expectativa de ver aquilo que apreciam e admiram: valores tradicionais como a disciplina, superioridade, obediência, força física, liderança paternalista, exaltação do belicismo e da ordem, enfim a restauração da grandiosidade perdida há tempos da Alemanha. À vista disso, afirmar que os nazistas não pensaram no proletariado ao produzir *O*

---

<sup>66</sup> (...) Hitler enunciara pela primeira vez os 25 pontos do programa do Partido dos Trabalhadores Alemães. Esses pontos constituem, certamente, uma miscelânea, um engodo para os trabalhadores, a pequena classe média e os camponeses, e a maior parte deles já estava esquecida ao tempo em que o partido chegou ao poder. SHIRER, *ibidem*, p.69.

<sup>67</sup> Foi então que o movimento nazista, sozinho entre os partidos nacionalista e conservador, conseguiu grande massa de adeptos e conquistou o apoio do exército, do presidente da república e das associações dos grandes homens de negócios — as três “instituições há muito estabelecidas” de grande poder, que o conduziram ao posto de chanceler da Alemanha. *Ibidem*, p.48.

*Triunfo da Vontade*, pois não era seu público alvo é fazer uma afirmação leviana. Dado que, é justamente na tentativa de equilibrar seu discurso político com o entretenimento, que os nazistas e a brilhante diretora Leni Riefenstahl apresentarão seu feito genial. Já que, *O Triunfo da Vontade* não é constituído apenas pela narrativa realística, mas também pela ficcional. Foi utilizando elementos cinematográficos que constroem uma narrativa ficcional, que o enredo do filme ultrapassou seu designado gênero de documentário.

O filme não pretende fazer uma asserção sobre o VI Congresso do Partido Nazista. O objetivo era: contar e exaltar a trajetória de Hitler, e dos nazistas, funcionando como um manifesto da consumação de poder do Estado alemão, expressando o triunfo que fora tão almejado e planejado pelos nazistas durante muito tempo, e o que esse fato traria de bom para a Alemanha e os alemães. Com o intuito de contemplar esse “lado bom”, os nazistas fizeram uso de elementos da narrativa ficcional para integrar seu discurso. Portanto, usar-se-ia essa tática para se aproximar das camadas mais baixas da sociedade. O “lado bom”, os tons alegres<sup>68</sup>, estão dispostos nas cenas de *O Triunfo da Vontade* com a finalidade de cativar o público mais suscetível aos filmes de entretenimento; ou seja, o proletariado e a classe média que se encontrava em um limbo político, no qual, não era adepta às ideias nacionalistas, nem às bolchevistas.

Contudo, através da análise dos elementos extracinematográficos que participam da construção da narrativa que emitirá o discurso fílmico, percebe-se que o público alvo do documentário *O Triunfo da Vontade*, não se restringia apenas na nova burguesia urbana e proletariado. Visto que, era importante também produzir um filme que materializasse o “movimento” nazista. Devido a esse fato, pode-se deduzir que a produção do filme estava ligada aos fatos históricos responsáveis por impulsionar a ascensão dos nazistas ao poder. Entre esses fatos históricos protagonizados pelos nazistas, como o *putsch* da cervejaria, o assassinato de Ernst Röhm, além dos fatos históricos que antecedem seu governo como o Tratado de Versalhes. Todos esses fatos históricos reunidos formaram inevitavelmente um combustível, que conduziu os nazistas a produzir um filme que exprimisse seu grito de vitória, fúria e vingança. Portanto, *O Triunfo da Vontade* simboliza a ascensão e consecução de Hitler e os nazistas ao poder, onde eles – os fortes – duelaram e venceram, e estavam preparados fortemente para vencer sempre, os seus inimigos – internos e externo –. Desse modo, o discurso fílmico pode ser entendido também como um anúncio tanto para informar o triunfo dos nazistas

---

<sup>68</sup> Cf. ROVAI, M. L., 2005.

ao povo alemão, quanto para anunciar o extermínio daqueles que ousarem desequilibrar a paz e harmonia recém reconquistadas na Alemanha.

Isto posto, aos inimigos pessoais de Hitler e dos nazistas, tornar-se-iam consequentemente inimigos também da Alemanha. Através da análise do discurso fílmico, revela-se que existiam atritos políticos entre as autoridades do exército e as forças paramilitares nazistas e o próprio Hitler. O discurso fílmico de *O Triunfo da Vontade* precisava apaziguar as divergências políticas que estavam ocorrendo tanto entre os nazistas e deles com o exército, como a disputa interna pelo poder dentro do próprio Partido Nazista. Sobretudo, era preciso transmitir uma imagem de paz e harmonia na relação entre os nazistas, outrossim deles com o exército. Dessa maneira, direciona-se o público alvo do documentário também para aqueles nazistas ou militares que tivessem dúvidas sobre a lealdade com eles e da competência de Hitler, e dos nazistas, para administrar seu governo. E para avisar aos remanescentes traidores, de que ao desafiar a soberania da liderança de Hitler, estariam colocando sua própria vida em risco.

Em suma, o discurso fílmico de *O Triunfo da Vontade* diz muito sobre o que é o nazismo em teoria, e o que os nazistas pretendiam efetivar na prática. Afinal, nunca foi um segredo de Estado sua defesa ao antissemitismo/racismo e ao nacionalismo radical. Pelo contrário, esses conceitos compunham sua retórica durante as campanhas eleitorais. A partir do exposto, observa-se que além dos públicos alvos mencionados, os próprios nazistas incorporavam uma parcela desse público alvo, pois almejavam contemplar sua obra de arte com a mesma excitação, tal qual ansiaram por sua conquista pelo poder. Ademais, é pertinente inferir que sim, os nazistas produziram *O Triunfo da Vontade* para ser um filme propagandístico e lança-lo como uma estratégia política, e por que não, também por puro capricho e narcisismo para deleite dos próprios nazistas. O que não seria nenhum despropósito, uma vez que boa parte dos feitos realizados por eles durante seu governo, diziam muito mais a respeito sobre quem os nazistas eram, do que sobre as reais necessidades e vontades dos alemães.

### 3 CARACTERIZAÇÃO DA MATERIALIDADE EM *O TRIUNFO DA VONTADE*: ESTUDOS SOBRE OS FATOS HISTÓRICOS, POLÍTICOS E OS ASPECTOS SOCIOCULTURAIS DA SOCIEDADE ALEMÃ

#### 3.1 ASPECTOS SOCIOCULTURAIS DA ALEMANHA

Para que a análise do documentário produzido pelo governo nazista *O Triunfo da Vontade* seja feita de modo fundamentado, necessita-se contextualizar alguns fatos históricos que marcaram a Alemanha e o povo alemão antes mesmo da chegada do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* – NSDAP) ao poder em 1933. Acontecimentos ocorridos tanto na época da República Weimar, quanto os fatores que levaram sua unificação tardia, devem ser abordados para uma compreensão íntegra da sociedade alemã que permitiu a ascensão do Partido Nazista e sua consolidação no poder. Sem analisar e relacionar os fatores políticos, econômicos e culturais que estavam sendo vivenciados pelos alemães desse período, torna-se impossível examinar metodologicamente o discurso contido no filme. Pois, muito do que se assiste nas imagens exibidas pelas lentes de Leni Riefenstahl é resultado, não apenas de seu talento e de seus produtores como o Albert Speer<sup>1</sup>, mas também da mescla de ficção com realidade do povo alemão, sendo ressignificado para construir o discurso de *O Trinfo da Vontade*.

Essa realidade não está sendo filmada em tempo real, ou no ao-vivo, ela não está disposta de modo fidedigno. Pelo contrário, no filme, essa realidade é repartida intencionalmente em pedaços. São fragmentos do cotidiano alemão que são encontrados em diversas cenas exibidas pelo documentário. O cotidiano filmado, não é o simples ‘câmera-na-mão’, é um misto do cotidiano que se vive, com o cotidiano que se queria viver. A dura realidade da miséria, desemprego e inseguranças, que não está lá nas cenas, é ressignificada no discurso do filme, apresentando-se na tela uma realidade paralela a Alemanha do amanhã, a Alemanha pacificada, em suma, a Alemanha nazista de Hitler. É usando dos “tons alegres”<sup>2</sup> presentes em *O Trinfo da Vontade*, que será visto uma parcela do cotidiano alemão.

Não de forma direta, mas desmontando-se o discurso do filme, revela-se os desejos de uma sociedade que estava marcada pelo medo, inseguranças e fome. Uma sociedade que antes

---

<sup>1</sup> Albert Speer (1905–1981) participou ativamente do governo nazista, antes da guerra foi o arquiteto responsável pela projeção e construção de uma nova Alemanha, por meio de grandes obras em Berlim e em outras cidades consideradas importantes por Adolf Hitler, como Nuremberg, Lins e Munique, durante a guerra foi nomeado ministro do armamento e exerceu o cargo até 1945. FRIGERI, R. A. **Albert Speer e Leni Riefenstahl**: a identidade nazista por meio das autobiografias dos artistas de Hitler. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro: 4 a 7/9/2015, p.1.

<sup>2</sup> ROVAI, M. L., 2005.

de pensar que um governo poderia pôr em prática o Holocausto judeu, desejava retornar aos tempos de paz, prosperidade e segurança, que já havia vivenciado em outros tempos. É preciso entender como estruturalmente estava a sociedade alemã<sup>3</sup>, como as pessoas se sentiam perante o governo, como enxergavam a questão da nacionalidade alemã, seus costumes e valores, o que entendiam de república e democracia, as disputas de poder entre suas classes sociais como aristocracia e burguesia, todos esses fatores foram decisivos para encaminhar o povo alemão para o governo totalitário nazista.

Mas o passado nunca é simplesmente o passado. Ele age -com maior ou menor força, de acordo com as circunstâncias- como uma influência sobre o presente. Não apenas pela inércia das tradições que deslizam cegamente de era em era, mas também porque uma imagem de fases pretéritas da nossa própria sociedade, por distorcida ou deformada que possa ser, continua vivendo na consciência de gerações subsequentes, servindo involuntariamente como um espelho onde cada um pode ver-se a si mesmo.<sup>4</sup>

### 3.1.1 Unificação tardia alemã e a questão da ausência da identidade nacional

Um dos fatores históricos que influenciou a ascensão dos nazistas ao poder, foi a unificação tardia da Alemanha. Não é uma resposta rápida e concisa que consegue explicar a conexão entre o aumento da popularidade do Partido Nazista no começo da década de 30, do século passado, e a unificação tardia alemã. Porém, deve ser levantado alguns fatos políticos e sociais que foram determinantes para a construção do contexto da era pré-Hitler. Pois, sem a sensação de insegurança gerada pela crise econômica e política, um forte vínculo com valores aristocráticos como disciplina e obediência, ligada à descrença no parlamentarismo como forma de governo, o nazismo, talvez, não teria um solo fértil para brotar.

A Unificação tardia da Alemanha gerou fatores que influenciaram a maneira como os primeiros 30 anos do século XX foram vividos pelo povo alemão. Suscintamente, sua unificação trouxe consequências tanto na esfera política, como o desdobramento da luta entre os estratos sociais da burguesia e a nobreza, como na esfera cultural, onde são fundados os valores embrionários da identidade da nacionalidade alemã. No caso da Alemanha, diferente de outros países europeus, a burguesia ainda não tinha se sobressaído como classe dominante, que administrava o Estado com primazia sobre as demais classes. Entretanto, a aristocracia ainda era a classe atuante no Estado alemão em plena época do desenvolvimento industrial que

---

<sup>3</sup> É útil, portanto sublinhar algumas peculiaridades estruturais do desenvolvimento alemão entre 1871 e 1918 que são importantes para o desenvolvimento do código alemão de comportamento e sentimento, e, assim também para o desenvolvimento de seu gradiente de formalidade-informalidade. ELIAS, N. **Os alemães**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p.59-60.

<sup>4</sup> Idem.

marcou o final do século XIX e início do XX.<sup>5</sup> Em um mundo que caminhava para o capitalismo industrial e uma ideia de economia global, fatores como disputa de interesses mercantis e comerciais entre nobrezas locais, agricultores e uma crescente burguesia dificultava os avanços econômicos e o desenvolvimento social. O resultado se dava na administração atômica do Estado alemão executada pela aristocracia.

Observa-se que durante esse período, tudo o que ocorria na esfera política dependia da anuência da aristocracia,<sup>6</sup> o que tornava a burguesia, posteriormente a classe trabalhadora, uma classe fortemente subordinada a ela, no qual seus valores burgueses não se destacavam ao ponto de fazer uma cisão entre os velhos valores aristocráticos, para formar um novo referencial político e social. Até boa parte das primeiras décadas da história alemã, a nobreza ainda exercerá sua influência sobre as decisões do Estado.

A influências dos valores aristocráticos não era somente vista nos estratos da alta burguesia e da classe média, setores da classe trabalhadora, inevitavelmente, também ficavam expostos aos princípios de comportamento e sentimentos difundidos pelas nobrezas, pois conforme sua ascensão social ocorria, a classe trabalhadora era ‘aburguesada’. Os valores eram convertidos em aspectos do que é chamado, de um modo um tanto inadequado, de “caráter nacional” de um Estado-sociedade.<sup>7</sup> Isso significa, que as normas aristocráticas eram mais do que indicativos estritos ao pertencimento de uma classe social, equivocadamente, acabaram por se transformar em uma espécie de identidade nacional.

Portanto, ao apresentar-se na sociedade alemã como portador de valores aristocráticos, era o mesmo que reconhecer-se enquanto nativo daquele território, ou seja, é uma ligação com a terra – lugar de nascimento – e com a nacionalidade alemã, e não apenas com a classe social. No entanto, como a relação entre a burguesia e nobreza não era algo estático, e sim dinâmico,

---

<sup>5</sup> Assim, a classe dominante tradicional da Alemanha, os príncipes e a aristocracia, retiveram a supremacia dentro do recém-unificado *Kaiserreich*. ELIAS, *ibidem*, p. 60.

<sup>6</sup> Não esqueçamos que nos primeiros anos do século XX, o Kaiser e sua corte ainda eram os centros das instituições alemãs. Os membros da classe média- e com alguma hesitação trabalhadora, a classe trabalhadora- só tiveram acesso, realmente, pela primeira vez, aos altos cargos do Estado e ao serviço civil, na República de Weimar. *Ibidem*, p.36.

<sup>7</sup> Os padrões aristocráticos alemães, especialmente o prussiano, de comportamento e sentimento passaram também por aburguesamento e converteram-se em elementos no caráter nacional alemão (...) Somente com a unificação do império e com a crescente incorporação de grupos burgueses nos escalões inferiores do *establishment* cortesão-aristocrático, através de títulos e honrarias, por exemplo, é que menos obstáculos passaram a impedir o fluxo de padrões aristocráticos em direção aos círculos burgueses e sua transformação em padrões nacionais. *Ibidem*, p.66-67.

houve também a coalizão entre o princípio burguês e o aristocrático, que garantiu a inclusão de alguns elementos na formação do caráter nacional alemão.

Antes da unificação em 1871, a Alemanha foi constituída por diversos territórios independentes durante longos séculos. Fato que dificultou uma padronização tanto de comportamentos culturais, como em questões mercantis e do comércio, mas afetou principalmente, no que desrespeita o desenvolvimento de um sentimento de pertencimento e unidade.<sup>8</sup> As disputas entre as nobrezas locais, foi um dos fatores que impossibilitou a formação de um sentimento de identidade nacional. O mais próximo de um sentimento de identidade e pertencimento que a sociedade alemã experimentou, foi administrado pela classe que ainda dará as cartas do jogo durante as primeiras décadas do século XX, a nobreza. A ausência de uma identidade nacional e do sentimento de pertencimento para além dos padrões impostos pela velha aristocracia, será uma brecha que os nazistas vão utilizar, para forjar em sua doutrina, o conceito de unidade, através da construção da imagem de um Terceiro Reich e seu povo ariano.

Em suma, pode-se afirmar em relação que a unificação tardia favoreceu a criação de um sentimento nacional que exprimia um comportamento segregacionista e hierárquico, representando, o reflexo de sociedades com Estado do tipo absolutista. No qual, existe uma profunda cisão entre a nobreza e as classes abaixo dela, tornando, dessa maneira, a mobilidade social inexpressiva e aumentando o sentimento de um não-pertencimento nacional, e sim um pertencimento condicionado segundo a vontade da nobreza regional.<sup>9</sup> Destarte, as normas aristocráticas simbolizavam o mais próximo de uma identidade nacional alemã e do sentimento de pertencimento, em que existia uma íntima relação com chefes dos principados e, posteriormente, com a própria figura do rei/imperador (*Kaiser*).

---

<sup>8</sup> A unificação política dos Estados alemães, a elevação do rei da Prússia a imperador (*Kaiser*) da Alemanha, e a promoção de Berlim, a capital da Prússia, a capital dos *Kaiserreich*, certamente não realizaram de uma só vez a integração de muitas “boas sociedades” locais e regionais e a padronização de seu código de comportamento e sentimento. ELIAS, *ibidem*, p.60

<sup>9</sup> Pressupõe-se um elevado grau de democratização de sociedades na acepção sociológica, não política, da palavra: se as barreiras sociais entre grupos de diferentes poder e categoria social são excessivamente altas – como são, por exemplo, em sociedades constituídas por três estados, com uma nobreza hereditária, ou em Estados dinásticos com um gradiente muito profundo de poder entre os príncipes e seus súditos – os sentimentos individuais de vinculação, de solidariedade e de obrigação em relação a uma sociedade-Estado têm um caráter diferente do expresso na forma de um *ethos* nacionalista. Um *ethos* nacionalista subentende um sentido de solidariedade e obrigação, não apenas em relação a determinadas pessoas ou uma única pessoa numa posição de mando, mas também em relação a uma coletividade soberana que o próprio indivíduo forma com milhares ou milhões de outros indivíduos, coletividade essa que está, *hic et nunc*, organizada em um Estado – ou que, de acordo com as crenças das pessoas envolvida, assim virá estar no futuro – e o apogeu pelo qual é mediado, através dos símbolos especiais, alguns dos quais pode ser pessoas. *Ibidem*, p.143.

Analisando esse comportamento social, nota-se que o comprometimento das pessoas está relacionado à terra – nobreza e o rei –, fatores concretos, e não em relação a uma coletividade abstrata, como a nação – de acordo com o conceito de Estado de Direito –. Os nazistas irão se aproveitar da ausência do sentimento de unidade nacional, para forjar um caráter de identidade nacional relacionada à fidelidade à terra, que era um traço já existente como foi abordada anteriormente, mas, resignificando-a na ideia de unidade de um povo aglutinado pelo sangue – não nacionalidade –, formando a junção de várias “terras” – reinos – em um só, o Terceiro Reich. Conclui-se que a ausência da identidade nacional, construiu um campo prolífero para os nazistas tivessem abertura para idealizar um caráter de nacionalidade, a partir do sentimento vago sobre a identidade da nacionalidade alemã. Preenchendo esse vazio identitário com sua doutrina, construída com base numa forjada *ethos* nacionalista, na qual incutiam seus símbolos, insígnias e retórica racista.

É válido ressaltar que a questão da construção de uma identidade nacional pelas nações europeias, para além da própria Alemanha, ocorreu de forma dinâmica, ou seja, existia de forma simultânea uma ambígua moral tanto burguesa e como aristocrática.<sup>10</sup> Pois, o desenvolvimento de um código de normas dual e inerentemente contraditório é uma das características comuns de todos os países que sofreram uma transformação de um Estado aristocrático-dinástico para um Estado nacional-democrático.<sup>11</sup> Uma vez que se trata de um período de transições e transformações políticas e sociais.

É comum durante os períodos de grandes agitações sócio-políticas ocorrerem conflitos e tensões que podem evoluir para situações muito agudas, principalmente, quando colidem com tempos de guerra. Apesar da guerra ser um fenômeno a ser considerado como agravante para estimular comportamentos extremos em indivíduos, existem comportamentos latentes na sociedade em tempos de paz, que só serão explicitados ao estarem sob condições extremas. Desse modo, culpar totalmente as guerras por externar comportamentos extremos é leviano, há de ser considerado também que determinados comportamentos sempre estiveram historicamente presentes na sociedade. Sendo assim, a questão do nacionalismo não era apenas

---

<sup>10</sup> Seja qual for o modelo de sua organização, a maioria das nações-Estados soberanas e interdependentes que formam a figuração de equilíbrio de poder no século XX produzem um duplo código de normas cujas as exigências são inerentemente contraditórias: um código moral proveniente dos setores em ascensão do *tiers état*, igualitário no caráter, e cujo o valor supremo é o “homem” –o indivíduo humano como tal; e um código nacionalista derivado do código maquiavélico dos príncipes e da aristocracia dominante, de caráter não-igualitário, e cujo o valor supremo é uma coletividade – o Estado, o país, a nação a que um indivíduo pertence. ELIAS, *ibidem*, p.146.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p.152.

um fenômeno alemão, sua construção também estava presente em outros países da Europa.<sup>12</sup> Em síntese, o nacionalismo alemão – sua construção – deve ser analisado a partir da consideração de outros comportamentos sociais que sempre estiveram presentes na sociedade alemã, e não ser tratado como um comportamento anômalo inerente dos alemães.

Contudo, inegavelmente, as guerras possuem uma parcela de responsabilidade pela polarização de ideais políticos. Ao relacionar o fato da guerra exercer seu papel em polarizar ideais políticos, ao fato de existir uma dualidade de códigos, aristocráticos e burgueses, em sociedades em período de transformações sócio-políticas, como estava a Alemanha no início do século XX; tem-se uma promoção dos comportamentos referentes aos valores do credo nacionalista e da tradição guerreira, sem necessariamente abandonar por completo os da tradição normal, humanista e igualitária.<sup>13</sup> Ou seja, a existência de um comportamento mais bélico e nacionalista incentivados por conta da guerra, não exclui a existência de uma moralidade inclinada para as normas burguesas humanistas. Em vista disso, não é atípico os nazistas promoverem em sua doutrina a promoção de sentimentos como amor, solidariedade, honra, família e paz, pois o que conta não é o sentimento em si, e sim sua funcionalidade. Tanto que no documentário *O Triunfo da Vontade* uma das ferramentas usadas para construir o discurso do filme, foi a simbologia que remetem à felicidade, tranquilidade e fraternidade.

### 3.1.2 Luta pelo poder entre os estratos sociais: a burguesia e a nobreza

Com a elucidação desse conflito entre os estratos sociais na sociedade alemã, percebe-se que ainda no início do século XX, não estava resolvido a questão da ascensão da burguesia ao poder. A burguesia é a classe que mais estava interessada em mudanças sociais e políticas, pois precisa adquirir autonomia perante a aristocracia para se consolidar. No entanto, após a unificação da Alemanha, a burguesia enxergou uma oportunidade para se consolidar no poder através do acelerado processo de modernização e industrialização, a finalidade era recuperar o tempo perdido para alcançar o patamar econômico das grandes potências mundiais.<sup>14</sup>

Apesar do crescente destaque que a burguesia conseguiu conquistar durante esse período, a aristocracia, ainda manteve um papel fundamental tanto na administração do Estado, como no campo das práticas sociais. Pois para eles, sua imagem como governantes permanentes estava naturalizada, ainda mais com o fato da unificação alemã ter sido consumada devido ao

---

<sup>12</sup> Pois, essa é a razão imediata para esta digressão no campo da sociologia do nacionalismo: o nacionalismo alemão é frequentemente tratado como um fenômeno isolado, como se a nacionalização do sentimento, da consciência e dos ideais tivesse ocorrido somente na Alemanha. ELIAS, *ibidem*, p.152.

<sup>13</sup> *Idem*.

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 61.

apoio da aristocracia e dos oficiais e militares ligados a ela, que garantiu a vitória na guerra pela unificação.<sup>15</sup> Portanto, mesmo após a unificação, a luta pelo poder entre os estratos sociais não estava concluída. Pelo contrário, manteve-se a dependência que as classes inferiores tinham com a nobreza e o poder militar.

Diante dos fatos analisados, é fundamental detalhar a diferença existente dentro do setor da burguesia. A burguesia alemã se subdividia em alta burguesia, profundamente ligada à aristocracia, e a classe média – pequena burguesia –. Após a unificação, por conta da eliminação de territórios independentes e das taxas alfandegárias, houve uma expansão comercial e industrial. Fato que acarretou o crescimento da força de trabalho industrial, a par das concomitantes exigências de poder por parte daqueles que a representavam, empurrou gradualmente uma parcela significativa da burguesia alemã para o lado dos aristocratas. Entre 1871 e 1914, a maioria das classes médias alemãs fez a paz com o grupo privilegiado de status elevado.<sup>16</sup>

Ainda que toleradas nos círculos sociais da aristocracia, pessoas oriundas da classe média, e muitas vezes da alta burguesia, eram vistas pelos aristocratas como algo menor, não recebendo, portanto, o status de igualdade perante a aristocracia. A aristocracia mantinha seu comportamento excludente, hierárquico e soberbo, tratando com indiferença o enriquecimento da classe média e alta burguesia. Em pleno início do século XX, época das industrializações, os aristocratas sentiam-se confortáveis em sua posição de poder no Estado alemão. Não apenas pelo fato de deterem o domínio sobre o poder, mas, sobretudo, auxiliados pelo hábito da hierarquia que foi perpetuado durante longos séculos pelo Estado absolutista.<sup>17</sup>

A crescente classe média não conseguiu sua autonomia, fatalmente teve que convergir seus interesses aos da alta burguesia, que por sua vez, era aliada dos aristocratas. Por conseguinte, houve um fortalecimento da corte e da nobreza, ocasionando igualmente a

---

<sup>15</sup> ELIAS, *ibidem*, p.61.

<sup>16</sup> Os porta-vozes do comércio e da indústria, como eram chamados, sofreram, sem dúvida, com o tradicional desprezo de um *establishment* cujos os membros somente consideravam de alta qualidade a riqueza adquirida através de herança ou casamento, ao passo que a riqueza obtida pelo suor do próprio rosto era inferior. *Ibidem*, p. 65

<sup>17</sup> Comércio e indústria, comerciantes e fabricantes, certamente resmungavam suas queixas e, de tempos em tempos, o jornal *Vossische Zeitung* protestava ruidosamente contra os privilégios dos nobres. Mas, vastos setores da alta burguesia, com os escalões superiores do funcionalismo civil e os bacharéis na liderança, submeteram-se prazerosamente e, muitas vezes, com entusiasmo à liderança política e militar da corte e da nobreza. Aqueceram-se no intenso e fulgurante calor do novo império e contentavam-se com a posição de parceiros mais novos de segunda classe. *Ibidem*, p.66

consolidação dos valores aristocráticos sobre o código burguês de conduta.<sup>18</sup> Em síntese, averigua-se que apesar do enriquecimento do estrato da burguesia entre o final do século XIX e início do XX, ela atuou em um papel de subalternidade, não sendo capaz de se desvencilhar da imagem de ‘novos ricos fajutos’. A fraca burguesia alemã não conseguiu desafiar a efígie de uma nobreza, que pensava ser distinta, ostensiva e honrada, mas na realidade se apresentava como preguiçosa, arrogante, retrógada e exclusivista. Embora, ainda detivesse poder suficiente para ditar as regras do jogo.<sup>19</sup>

Desse modo, muito do que se observa durante o governo nazista, como a reprodução do comportamento excludente, um respeito ilógico à hierarquia, conduta pautada na crença que o espírito guerreiro que determina quem são os fortes – os melhores – e quem são os fracos – os inferiores –, uma tendência a conservar ao invés de romper estruturas – pois a aristocracia difundia a ideia de que o local de nascimento, sua origem, determinava quem você era –, portanto ‘os melhores’ estariam sempre no topo e nada poderia mudar essa fatalidade; foi herdado justamente dessa profunda relação, extremamente prejudicial, entre a burguesia e a nobreza. Não é à toa que os grandes industriais, e pequenos comerciantes iludidos,<sup>20</sup> apoiaram o Partido Nazista, na intenção de transformar a estrutura do Estado alemão para beneficia-los.

Ironicamente, “foram os líderes da experiência nacional-socialista que, na realidade, puseram fim também a esse remanescente da velha supremacia e assim desferiram o golpe final, sem que fosse talvez essa sua intenção, na secular luta entre a aristocracia e classe média, cujas origens remontam a Idade Média”.<sup>21</sup> Ao romper com o *establishment*, colocando a classe burguesa como novo grupo a polarizar o Estado, os nazistas, de forma intencional ou não, modificaram a ordem política e social na sociedade alemã, o que permitiu a Alemanha de forma

---

<sup>18</sup> Ao mesmo tempo significou, que o código burguês, que tinha sido outrora contra a corte e orientado para a igualdade social, estava impregnado mais do que nunca de elementos oriundos do código monárquico-aristocrático, o qual, de acordo com a situação social e a tradição do seu estrato proponente, era orientado para um *ethos* guerreiro, para a manutenção da desigualdade entre as pessoas, para julgar que os mais fortes são os melhores e, assim, para a implacável dureza da vida. ELIAS, *ibidem*, p.66.

<sup>19</sup> O declínio de grupos dinásticos e aristocráticos como grupos dominantes de sociedades europeias e sua substituição por classes médias e trabalhadoras industriais foi um processo gradual. No que se refere às classes médias, só veio a completar-se efetivamente depois de 1918. *Ibidem*, p.157.

<sup>20</sup> Muitos dos parágrafos contidos no programa do partido eram, evidentemente, apenas um apelo demagógico ao estado de espírito das classes inferiores, numa época em que se encontravam em situação difícil e eram simpáticas aos slogans radicais e até mesmo socialistas (...) e o ponto 16, exigindo a manutenção de uma “sólida classe média”, insistia na socialização dos grandes estabelecimentos comerciais e em seu arrendamento, por preços baixos, a pequenos negociantes. Eram ideias que Hitler iria achar embaraçosas, quando os grandes industriais e proprietários rurais começaram a despejar dinheiro nos cofres do partido — e, certamente, nada se fez a respeito. SHIRER, W.L. **Ascensão e queda do Terceiro Reich**, volume I: triunfo e consolidação (1933-1939). Tradução de Pedro Pomar. Rio de Janeiro: Agir, 2008, p.70.

<sup>21</sup> ELIAS, *op. cit.*, p.36.

sinuosa aburguesar-se, ou seja, “modernizar-se” ao fazer oposição com a antiga forma de governo absolutista. É importante ressaltar que os velhos costumes herdados da aristocracia não foram abruptamente abandonados, pelo contrário, há um vínculo forte entre valores da tradição aristocrata e a burguesia.

### 3.1.3 Formas de culto à violência na sociedade alemã e sua relação com o hábito da obediência e disciplina

Além das esferas políticas, a aristocracia também concentrava a esfera militar, pois as mais altas posições militares e diplomáticas ainda continuavam predominantemente em suas mãos.<sup>22</sup> O reflexo da aproximação entre o poder militar e a aristocracia, será visualizado na constituição de “boas sociedades”<sup>23</sup>. Analisando a influência da aristocracia sobre a esfera política, social e militar, percebe-se que para entrar no mundo da alta sociedade alemã, era necessário ser convidado e aceito pelo círculo social da aristocracia. Inclusive, as “boas sociedades” serviam como um mecanismo de integração ao círculo social da aristocracia, conseqüentemente, às esferas de poder do Estado alemão.<sup>24</sup>

Examinando essa prática, é perceptível que ao exercer o poder de dividir entre quem pode ou não se integrar ao seu círculo social, ou seja, quem pode ou não pertencer às esferas do poder político e econômico; a aristocracia exercia um duplo efeito, o primeiro, em relação à noção de pertencimento, já que ao escolher quem pode pertencer ao seu círculo social, a pessoa passa a assumir uma identidade de pertencimento, de ser um de “nós”, que estava mais relacionado a uma questão da classe aristocrata do que a localidade, portanto, a validade do reconhecimento de ser “um dos nossos”, valia para além das fronteiras regionais. O segundo está relacionado ao sentimento de ser “o escolhido”, aquele que é superior – distinto – dos demais por ter o “direito” a pertencer a uma classe/lugar que poucos têm acesso.

A conclusão que se chega ao analisar a situação exposta, é que a aristocracia exerceu um papel fundamental na padronização de comportamento e dos sentimentos das classes alemãs. Ressalta-se, portanto, a partir das elucidações feitas que o nazismo absorveu esses dois valores da aristocracia alemã, a vontade de pertencimento, de se integrar ao “nós”, somado à

---

<sup>22</sup> ELIAS, *ibidem*, p.36

<sup>23</sup> Quando a integração de um país está incompleta ou atrasada, como no caso da Alemanha, desenvolvem-se inúmeras “boas sociedades” locais; (...) essas funções integradoras foram desenvolvidas pelas instituições mais antigas- primeiramente, o exército, seguido de perto pelas confrarias estaduais duelista. *Ibidem*, p.56.

<sup>24</sup> Com a aceitação em uma das renomadas confrarias estudantis, um jovem ganhava acesso ao *establishment*, não apenas de uma única cidade, mas de mais de uma cidade universitária. A filiação numa tal associação estudantil identificava-o em todo o Império (*Reich*) como um de ‘nós’, para os membros das várias instituições locais, alguém cujos sentimentos e conduta eram fiéis a um código específico e característico das classes altas alemãs da época. *Idem*.

necessidade de autoafirmação de superioridade sobre os demais, de se sentir “o escolhido”, uma manifestação de presunção e orgulho. Que é um comportamento inerente à aristocracia, visto que ela reflete a forma de governo do Estado absolutista que olha de “cima para baixo”.

As confrarias alemãs possibilitavam a prática do duelo, onde era possível externar a compulsão para o combate singular e privado,<sup>25</sup> a prática do duelo expunha um certo magnetismo e intimidade que a sociedade alemã cultivava pela violência. Ao investigar essa prática secular, depara-se com um ponto interessante, o duelo foi construído sobre a idealização da figura do guerreiro, cujas duas características principais eram ser fiel a sua espada – por quem luta – e ser corajoso o suficiente para morrer por ela – por quem luta –. Ao exercer esse comportamento, o guerreiro era considerado “honrado”.<sup>26</sup> Além de provar ser “honrado”, o guerreiro, concomitantemente, provava que tinha qualidades suficientes para pertencer o circuito dos melhores, a alta classe aristocrática. Com a difusão da prática do duelo a classe burguesa, via uma oportunidade para conseguir estabelecer-se na esfera política do Estado alemão, era um meio para conquistar seu lugar de pertencimento dentro do “um dos nossos”.<sup>27</sup>

À vista disso, os duelos construíram um senso de identidade e pertencimento, que garantiam o acesso ao poder. Uniam-se o útil ao agradável, ou seja, a emergente burguesia utilizou desse recurso para se infiltrar nas esferas de poder no Estado alemão, simultaneamente, ela absorveu esses valores como sendo seu próprio referencial cultural. Não havendo dessa forma, uma cisão entre valores aristocráticos e valores burgueses. Dado que, a ocupação dos altos postos do Estado pela classe burguesa se dava por uma concessão da aristocracia. Conforme o exposto, percebe-se que há um visível comportamento social alemão que indica um alto grau de subordinação e uma tendência a preferir conservar estruturas do que rompê-las.

Como consequência direta da relação que aristocracia estabelecia com a violência através da administração de “boas sociedades”, como a prática do duelo, junto ao fato da aristocracia ter domínio sobre o poder militar, resulta-se dois aspectos importantes de serem

---

<sup>25</sup> ELIAS, *ibidem*, p. 56.

<sup>26</sup> (...) sobretudo, na Prússia e na Áustria, o código de honra dos guerreiros- a obrigação de arriscar a vida em duelo para provar que se é digno de pertencer à elite social, àquela que possui “honra”- manteve seu papel crucial até as primeiras décadas do século XX (...) o costume aristocrático de duelar como um meio, nas classes altas, através do qual a honra impugnada de um indivíduo era fisicamente defendida, ludibriando as leis do Estado e os tribunais, propagando-se aos círculos mais elevados da classe média. *Ibidem*, p. 57.

<sup>27</sup> Ao propagar-se, a sua função foi transformada: o código de honra e o duelo converteram-se num meio de disciplina e, ao mesmo tempo, um símbolo de pertença -tornado visível pelas cicatrizes de duelo- proclamando a candidatura de um estudante à no *establishment* e uma posição superior na sociedade alemã no *Kaiserzeit*. *Idem*.

ressaltados, um no campo de valores culturais,<sup>28</sup> outro referente ao monopólio da violência. Isso significa que uma sociedade comandada por um extenso período sob o regime absolutista, resulta um comportamento social que tende a ser de “dependência externa” de seus indivíduos, no qual, existe uma predisposição de esperar que as ações sejam tomadas por corpos extrínsecos, e não pela própria pessoa. Já que durante todos esses anos, a capacidade da autocoação não foi exercida pelo próprio indivíduo, e sim por uma força externa, a coação feita pelo Estado absolutista.

É justamente com o intuito de coagir os indivíduos, que o Estado absolutista possui o monopólio da violência, ele seria a entidade autorizada a exercer sua violência quando necessário for para preservar a ordem e o bom convívio. Decorre dessa interdependência, o hábito da obediência, no qual se espera sempre que as diretrizes sejam dadas por *alguém*, e que sejam cumpridas. Caso o contrário, há de se pagar o preço pela desobediência, através de ações punitivas violentas. A violência torna-se circulante, o indivíduo age sob a violência externa, internalizando-a para posteriormente, aplica-la como único método conhecido eficaz de controle. Conforme o exposto, averigua-se que existe uma íntima relação na sociedade alemã entre a violência, repressão e obediência.

Ao abordar como a violência atuou na vida cotidiana dos alemães, observa-se que o monopólio da violência sempre esteve nas mãos da aristocracia. Logo, ela era a responsável tanto pela manutenção da paz, quanto da suspensão dela. Motivo pelo qual a aristocracia era a entidade autorizada para usar da violência quando necessário. Conseqüentemente, os estratos sociais inferiores, tornam-se subordinados, portanto inferiores à aristocracia. Destarte, a ideia da institucionalização da violência, ou seja, sua assimilação por uma determinada entidade

---

<sup>28</sup> Membros de uma sociedade-Estado que foi absolutista por longo tempo – governada de cima para baixo na forma do que chamaríamos um Estado policial- desenvolvem estruturas de personalidade muito análogos, em que sua capacidade para exercer a autocoação permanece na dependência de uma coação externa, de uma força que os ameace desde fora com severas punições. (...) A característica dos processos civilizadores, como foi revelado pelas minhas pesquisas, consiste numa mudança na relação entre coações sociais externas e autocoações individuais. (...) Vejamos o caso de uma criança que é frequentemente espancada pelo pai colérico toda vez que, em seu entender ela faz alguma travessura. Essa criança aprenderá a evitar a conduta desaprovada com medo de seu pai. Mas o seu mecanismo de autocoação só se desenvolverá parcialmente a esse respeito. Para ser capaz de conter-se, permanece dependente das ameaças dos outros. Sua capacidade de coibição poderia desenvolver-se com maior vigor se o pai fizesse a criança evitar espontaneamente o comportamento indesejável através da persuasão, argumentação ou sinais de carinho. Mas, a criança é agredida com frequência não aprende a conter-se, independentemente de uma coação externa, sem a ameaça da punição paterna, e por isso fica também, em considerável medida, à mercê de seus próprios impulsos de rancor e hostilidade. É altamente provável que essa criança por sua vez, venha tornar-se mais tarde propensa a querer resolver tudo de forma agressiva, tomando inconscientemente seu pai por modelo. ELIAS, *ibidem*, p.44.

social, não surge com o nazismo, pois a violência na sociedade alemã, por experimentar uma unificação tardia, passou a maior parte do tempo sob o domínio das nobrezas aristocráticas.<sup>29</sup>

Haja vista, a histórica familiaridade que a nobreza possui com o poder militar, isto é, a elitização do poderio militar, não é de se estranhar que os nazistas irão tornar a violência, seu uso, um dos valores da doutrina nazista. Ao analisar os duelos e o monopólio do uso da violência pelas nobrezas aristocráticas, é notório que a violência na sociedade alemã estava amalgamada ao sinônimo de pertencer as classes superiores, um sinal de “ser nobre”, egrégio. A violência, seu uso, era vista como um símbolo de honra e coragem, utilizada por pessoas “distintas” que a empregavam para fins que julgavam propícios e justos. Deduz-se que existia um comportamento social ambíguo em relação à violência, ao mesmo tempo que era utilizada para reprimir, também exercia um papel edificante.

Além disso, constata-se que a violência era institucionalizada, não apenas de uso exclusivo de um poder centralizador – Estado –, mas sim por instituições sociais paralelas, como o caso citado das nobrezas aristocráticas. A prática legitimada do uso da violência pela aristocracia, ou seja, por uma entidade paralela ao poder centralizador – Estado –, só foi possível devido a unificação tardia da Alemanha. Seus territórios independentes possuíam autoridades soberanas, nobrezas regionais que disputavam poder entre si para autofirmar-se.<sup>30</sup>

Perante esse contexto, a burguesia não conseguiu conquistar poder suficiente para impor-se sobre a nobreza para atingir sua autonomia. Assim sendo, criou-se uma classe burguesa fraca<sup>31</sup> que não conseguia se distanciar dos valores nem das práticas aristocráticas. Em suma, a violência e seu uso por entidades paralelas na sociedade alemã já estava internalizada nas práticas sociais, muito antes dos nazistas chegarem ao poder e criarem suas forças paramilitares que espalhavam medo e terror.

---

<sup>29</sup> Por outras palavras, remonta ao tempo que eles estavam proclamando o seu próprio monopólio de uso da violência. Desse modo, eles privaram os nobres guerreiros, em suas terras, dos principais meios e força em conflitos com seus pares, assim como no trato com gente que era socialmente mais fraca e, portanto, de uma classe inferior à deles próprios. Como gesto de resistência e desafio contra o governante central, cada vez mais poderoso, difundiu-se o costume no estrato guerreiro, e cada vez mais submisso, da nobreza de resolver suas pendências entre eles em duelos, pelo menos no tocante a questões de honra pessoal- em vez de apoiar a autoridade legal do governante central, conforme requerido pela lei do principado centralizado, que proíbe agora o uso privado de violência física. ELIAS, *ibidem*, p.58.

<sup>30</sup> Em virtude de seus próprios sentimentos de pertença, a classe alta alemã tradicional era particularista; sua lealdade era com sua terra, em todas as acepções da palavra, não com o império. *Ibidem*, p. 60

<sup>31</sup> Aos olhos dos líderes da burguesia, a unificação da Alemanha era um passo para o fim do domínio da aristocracia -no caminho da democratização- mas os estratos burgueses alemães não tinham os necessários recursos de poder para fazer isso, em parte devido ao fato de estarem divididos entre os muitos estados soberanos. *Idem*.

### 3.1.4 O valor do trabalho na sociedade alemã

É importante analisar as disputas pela soberania de poder entre a aristocracia e a burguesia, pois torna-se mais preciso determinar quais os valores sociais eram predominantes na sociedade alemã do período. Fora as questões já levantadas, outro ponto fundamental a ser abordado é a questão do valor do trabalho. Visto que, o valor trabalho será um dos elementos basilares para compor a doutrina nazista, e consequentemente difundido por sua propaganda política.

Como foi já elucidado, a aristocracia é o estrato social com o maior poder político e social, ainda durante as primeiras décadas do século XX. Portanto, o valor do trabalho foi aplicado pela sociedade alemã, segundo o parâmetro da perspectiva que a nobreza tinha sobre o trabalho. Evidentemente, a Alemanha desse período, do início do século XX, era conflituosa e marcada pela luta entre a burguesia e a nobreza,<sup>32</sup> sendo assim, a questão do trabalho pauta-se sobre as concepções da aristocracia, porém, não se limita a ser resumido por ela. Isso significa que a aristocracia exerce sim uma influência sobre as definições do valor do trabalho, mas não é peremptório. Deve ser considerado também na análise a dinâmica social e o papel influenciador que a exercia burguesia de forma inevitável. Conforme o entendimento da aristocracia, a atividade mercantil não era algo honrado, Elias (1996, p.61) continua:

Embora entre a mais alta nobreza, em especial, existissem relações entre os grandes proprietários rurais e da indústria, persistia em pleno vigor a ideia de que o emprego lucrativo, o trabalho remunerado, não condizia com o status de um nobre. E esse estigma permaneceu ligado aos indivíduos da classe burguesa, que eram aqueles que exerciam tais atividades e profissões.

Observa-se que na sociedade alemã, o valor do trabalho braçal, aquele realizado tanto nas áreas rurais, como no chão de fábrica, carregava um estigma de ser impuro e indigno, uma atividade desenvolvida por pessoas “inferiores”. Interessante, notar, que a doutrina nazista abordou a questão do trabalho de forma totalmente antagônica às perspectivas da aristocracia, os nazistas atribuíram a característica da grandiosidade no trabalho, principalmente do campo, restituíram dessa forma, a honra no trabalho braçal que a aristocracia subtraía ao longo dos séculos. Analisando as entrelinhas desse contexto, evidencia-se que na classe trabalhadora e média – pequena burguesia –, cultivava uma certa mágoa em relação à aristocracia, por se

---

<sup>32</sup> A unificação da Alemanha tinha sido obtida através de vitórias militares sobre Estados rivais. A liderança nessas lutas estava nas mãos da nobreza. Em comparação com esta, a burguesia alemã desempenhava um papel político secundário. As pessoas de classe burguesa estavam, em sua maioria esmagadora maioria, excluídas das mais altas posições de comando nos Estados alemães. As grandes decisões políticas e militares ainda eram tomadas nas cortes principescas. ELIAS, *ibidem*, p.166.

sentirem desrespeitados devido ao fato de exercerem atividades manuais.<sup>33</sup> Os nazistas aproveitaram dessa conjuntura de descontentamentos pré-existentes nos trabalhadores e na classe média, para incutir através de sua doutrina, um sentimento de vingança com o intuito de extirpar aquela velha classe aristocrática que parecia estar cimentada no poder.

### 3.1.5 A juventude alemã e a derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial

Como já foi debatido anteriormente, o início século XX, marca um período de grandes transformações seja no âmbito social, político ou cultural. Em uma época que nada é mais como era antes, um sentimento geral de incertezas se instala na sociedade. É sobre essas oscilações e tensões que os velhos comportamentos de estratos sociais dominantes vão dando lugar a novos códigos de comportamentos oriundos de estratos sociais afluentes, não de forma premeditada, mas somente a partir da experiência.<sup>34</sup> A grande questão que marca o início do século XX é sobre construções de identidades sociais. O que se conhecia como verdade é posto em xeque, à medida que as transformações das relações de poder ocorrem, maior se torna o grau de incertezas sobre a identidade que deve predominar na sociedade.

Uma vez que a nobreza começa a perder seu domínio sobre o poder, expõe uma fragilidade em seu status social, e conseqüentemente, do código de conduta emanado por ela. Ao ser questionado e substituído, de imediato, ocorrem dúvidas sobre o futuro, dúvidas no que é realmente verdadeiro, dúvidas sobre *o que* colocar em seu lugar, dúvidas e mais dúvidas e poucas respostas que satisfazem. No início do século XX, tem-se poucas respostas e muitas perguntas, seja sobre um sistema política realmente eficaz, ou sobre como se reestabelecer após a guerra, ou até mesmo sobre o que se é, *o que* lhe identifica enquanto povo e também indivíduo.

São essas questões que passavam pela cabeça de um jovem alemão que cresceu no entre guerras. Alguém que nasceu em uma república ineficiente – que só favorecia os *seus*<sup>35</sup> –, crescera sob os altos índices de desempregos e fome, somados a um sentimento de orgulho nacional ferido devido à derrota da Alemanha na Primeira Guerra,<sup>36</sup> esse jovem –

<sup>33</sup> No período de Weimar, grupos de jovens da classe média que sentiam estar o regime vigente bloqueando suas oportunidades para uma vida significativa, olham os trabalhadores como adversários, os comunistas como seus piores inimigos e até a classe média liberal como abominável. ELIAS, *ibidem*, p.182.

<sup>34</sup> Levando tudo em conta, este é um século de crescente *incerteza de status*. Com uma transformação das relações de poder como tal, o problema de identidade social também se tornou muito mais explícito do que numa sociedade onde o ritmo de mudança não é tão acelerado. Com a crescente insegurança de status e uma também crescente busca de identidade, as preocupações aumentam. *Ibidem*, p.37.

<sup>35</sup> Os grupos em questão incluíam a aristocracia alemã com sua extensão no oficialato das forças armadas, o alto funcionalismo público na administração e o judiciário da classe média alta, além de uma vasta proporção de industriais, comerciantes em grande escala e banqueiros alemães. *Ibidem*, p.195.

<sup>36</sup> Por outro lado, para os antigos estratos governantes e todos os que, entre a população alemã, os tinha apoiado, o desfecho da guerra de 1914-1918 significou uma dupla derrota: internacionalmente, na luta decisiva pela

principalmente se nascido nos estratos abaixo da classe média – vivia sob uma desalentada realidade, na qual tinha mais motivos para se embrutecer do que esmorecer.

À sombra desse contexto nebuloso, agressivo e incerto, que medidas extremas para solucionar essas situações ganharão corpo. Comportamentos sociais latentes na sociedade alemã como a íntima relação com a violência – visto nos duelos –, somado ao respeito insensato à hierarquia – presente nas relações de poder entre a dominante aristocracia e a subordinada burguesia –, serão impulsionados sob as conjunturas extremas do pós-guerra. A busca por melhorias de vida, inevitavelmente, era marcada por dois fatores principais: violência e hierarquia. A violência, como já foi discutida, estava naturalizada no cotidiano alemão, não sob os aspectos brutais e indômitos, pelo contrário, os duelos eram coisa de “cavalheiros”, representavam a coragem e honra de um verdadeiro guerreiro. A violência, nesse caso, é fundamentada, ela é um instrumento para se almejar o “justo”, provar sua bravura e superioridade sobre seu oponente.

No caso da hierarquia, ela representa o resquício da soberania do poder aristocrático que perdurou por séculos na sociedade alemã. A aristocracia ainda controlava quem poderia ou não se integrar às esferas do poder. Colocando a burguesia, e os estratos sociais abaixo dela, sob seu comando. Esse fato fez com que a configuração das estruturas de poder no Estado alemão se formarem baseando-se em concessões. Criando, dessa maneira, um comportamento social que prevalecia a ideia de se determinar os papéis de *quem* manda e *quem* obedece. Isso se torna um obstáculo para as classes mais baixas, pois não se podia progredir socialmente, se a autorização da nobreza. Na qual, sua autorização torna-se o intermédio entre o fracasso e o sucesso.

Diante do contexto exposto, muitos jovens que estavam desesperançados e aflitos em relação ao seu futuro incerto, viram-se em uma encruzilhada, onde a única saída possível se encontrava nas mãos da aristocracia. Seja através da promoção em cargos no Estado alemão, ou no recrutamento para organizações paramilitares.<sup>37</sup>

---

supremacia na Europa e no mundo dependente da Europa; internamente, na luta pela supremacia dentro da Alemanha. ELIAS, *ibidem*, p.195.

<sup>37</sup> Aí estava incluído, finalmente, um considerável número de jovens oriundos da classe média que tinham sido promovidos a oficiais durante a guerra. Como oficiais nos Freikorps e nas outras organizações paramilitares, muitos deles formaram uma vanguarda, especialistas em atos de violências, de todos aqueles estratos e grupos da Primeira República alemã que, embora com diferentes ênfase, perseguiram um duplo objetivo: dentro do Estado, o fim do sistema multipartidário e a restauração de relações claras, hierárquicas e formalizadas de domínio e subordinação, tal como existiram durante o reinado do *Kaiser*, o *Kaiserzeit*; e, externamente, a recuperação da posição da Alemanha como grande potência, com ou sem guerra. ELIAS, *ibidem*, p.195.

### 3.1.6 Educação alemã, valores aristocráticos, hierarquia e duelos

O campo da educação, principalmente relacionado ao ensino superior, é um fator determinante para compreender a ascensão nazista. Uma vez que muitos adeptos do nazismo eram doutores, professores e pessoas oriundas de atividades intelectuais. A grande questão aqui, é entender os motivos que levavam pessoas que detinham uma capacidade de reflexão social muito maior do que a maioria da população, a se tornarem partidárias ao nazismo. Para elucidar essa questão, é necessário esmiuçar os comportamentos sociais predominantes nos centros universitários alemães.

Sabe-se que antes da guerra de 1914-1918, a maioria dos estudantes alemães era oriunda de prósperas classes médias. Pertenciam geralmente a uma agremiação estudantil, muitas vezes uma confraria exercitada nas armas, estavam autorizados a dar e exigir satisfações e eram, portanto, treinados para o duelo.<sup>38</sup> Além disso, “até onde sei, a grande maioria dos estudantes tinha suas taxas e demais encargos do ensino, antes I Guerra Mundial, pagos por seus pais. Por consequência, isso levou a um padrão muito específico de seleção social. Mesmo sem contar com dados estatísticos, pode-se estimar que antes da I Guerra Mundial 90% dos estudantes em universidades alemães provinham das classes médias abastadas”.<sup>39</sup> Indicando, dessa forma, uma íntima relação entre a nobreza alemã e os centros universitários. Deduz-se dessa aproximação, que os códigos de conduta nos centros de ensino superior eram pautados segundo o código aristocrático, nos quais se prevaleciam o respeito à hierarquia,<sup>40</sup> sentimento de superioridade em relação aos não-nobres, somados à exaltação de características de um autêntico “cavalheiro” de duelos como bravura, fidelidade ao que se luta e honra.

A influência do respeito à hierarquia é vista também, na forma como as posições de poder dentro do Estado alemão vão sendo preenchidas. Sem dúvida, a sociedade de corte do *Kaiserzeit* abriu suas portas aos representantes dos estratos burgueses mais amplamente do que nunca, mas foram principalmente os altos funcionários públicos, incluindo professores universitários e, em particular, os homens de saber famosos, os que foram atraídos por ela. Eram sobretudo os diplomados universitários os que eram considerados socialmente aceitáveis graças à importância das confrarias estudantis na divulgação do código aristocrático de honra.<sup>41</sup>

---

<sup>38</sup> Ibidem, p.45.

<sup>39</sup> Ibidem, p.48.

<sup>40</sup> O mais jovem membro de uma confraria estudantil, o “calouro”, na improvável eventualidade de não lhe terem sido ensinadas essas regras em casa, muito em breve aprenderia com seu “patrono”, um dos estudantes veteranos da sua confraria, as regras de boa conduta em relação às senhoritas do círculo social que a confraria frequentava e em relação a outras moças casaduras, assim como os cerimoniais da taverna ou do duelo. Ibidem, p.46.

<sup>41</sup> ELIAS, ibidem, p.61.

Portanto, ser um intelectual de sucesso estava atrelado a ideia de pertencimento à nobreza, era ela a responsável por legitimar quem deve ou não ter espaço para divulgar suas ideias. Essa proximidade resulta na absorção dos valores aristocráticos na produção de conhecimento. É evidente que se a nobreza difunde, dentro do campo intelectual, valores relacionamos ao respeito à hierarquia, honra e sentimento de superioridade, conseqüentemente esses valores estarão presentes no modo de pensar – e agir – dos produtores de conhecimento, seguido pelos estudantes – futuros profissionais<sup>42</sup> –. Não por conta do simples fato de deixar-se ser persuadido pelos valores aristocráticos, mas, principalmente, porque pertencer à nobreza estava ligado a uma chance de ser bem-sucedido profissionalmente.<sup>43</sup> Reproduzir valores aristocráticos era um indicativo de que você é uma pessoa “distinta”, diferenciado por sua educação elevada e comprometimento com valores como a hierarquia e honra, portanto, está autorizado a adentrar os círculos sociais predominantemente nobres.

A formação educacional dos estudantes, por conseguinte dos futuros profissionais, ficava restringida a um pensamento aristocrático de naturalizar tanto o sentimento de superioridade em relação aos demais não-nobres, como também o respeito à hierarquia, e seu poder de estabelecer o lugar de quem manda e de quem recebe as ordens dentro das relações sociais. Construindo dessa maneira, uma imagem distorcida de ser bem-sucedido,<sup>44</sup> que estava sempre ligada ao fato de pertencer aos mais altos postos dentro do Estado alemão, a parte burocrática, que se distanciava o máximo possível de tudo que remetesse ao trabalho braçal, industrial ou comercial, tudo que assemelhava-se ao suor, ao fazer com as mãos, ao conseguir devido ao esforço próprio, enfim ao que é pertencente ao mundo burguês e proletário. Para ser

---

<sup>42</sup> Para se entender a estrutura desse estrato superior e seu código, pode ser útil saber que as relações de poder expressas nessa estrutura também influenciaram as ideias predominantes nos círculos governantes acerca da finalidade de uma universidade e os objetivos do estudo acadêmico (...) No *Kaiserzeit*, ainda era geralmente aceito, de acordo com a antiga tradição, que a tarefa primordial de uma universidade era preparar os estudantes para o serviço civil. *Ibidem*, p.64.

<sup>43</sup> Assim, as confrarias estudantis duelistas, especialmente as associações acadêmicas e as confrarias nacionalistas, representaram no espírito da classe alta contemporânea e entre os próprios membros da confrarias centro de treinamento preparatório para o desenvolvimento daqueles traços de caráter nos jovens que seriam mais tarde necessários no desempenho de profissões graduadas, como as que foram antes descritas, sobretudo as determinadas ao funcionalismo público (*Staatsdienst*) – em complemento da educação puramente especializada e orientada para uma área científica que se recebe nas universidades. Era uma educação com objetivo de prepara-los para o ingresso no estrato superior da sociedade alemã. É o código de comportamento e sentimento que deu à vida dos jovens nas confrarias duelistas desse período seu cunho inconfundível é, em muitos aspectos, característico do estrato superior da própria sociedade imperial alemã. ELIAS, loc. cit.

<sup>44</sup> Os estudantes pertencentes às sociedades que ostentavam cores heráldicas consideravam-se, pois, candidatos a uma carreira que os elevaria acima da massa geral de povo e os faria ingressar nas altas esferas da sociedade, especialmente nos escalões superiores do serviço público ou em uma das profissões liberais à disposição dos universitários. Só raras as vezes membros de confrarias estabeleciam como sua meta uma carreira nos negócios, comércio ou indústria; esse era usualmente o objetivo de estudantes que, por conta de seu background, estavam certos de ocupar um cargo na administração de uma bem-sucedida empresa familiar. *Idem*, 1997, p.64.

uma pessoa de poder na sociedade alemã, não bastava apenas ser rico, no sentido estritamente econômico, mas também ter a permissão da nobreza para se integrar às esferas de poder.

A estruturação do Estado alemão foi, predominantemente, construída a partir da ideia de pertencer ao estrato social da aristocracia, em pleno século XX que marca a crescente industrialização, a riqueza conquistada do próprio suor e trabalho era vista como coisa de gente inferior, de segunda classe, mesmo por aqueles oriundos da classe média e burguesa.<sup>45</sup> Conforme o exposto, a educação superior torna-se um mecanismo para conseguir a autorização da aristocracia para pertencer às esferas de poder, aos altos cargos dentro do Estado alemão. Seguindo essa lógica, uma pessoa proveniente da burguesia ou classe média, tem a tendência a reproduzir esses valores aristocráticos como desmerecimento do trabalho braçal – também comercial ou industrial –, a necessidade de se sentir superior aos demais não-nobres para estabelecer uma hierarquia nas relações sociais, onde os nobres – ou autorizados por eles –, são os que mandam e os demais os que recebem suas ordens.

Sobretudo, além das funções civis, a ligação com a aristocracia, indispensavelmente, também carregava uma conexão com o poderio militar. Pois, representava uma segunda alternativa aos cargos civis.<sup>46</sup> Da mesma maneira, os cargos eram compostos de forma hierárquica através da concessão dos aristocratas. A preparação para a carreira militar, também se dava por meio das instituições de ensino, sendo uma forma de impor símbolos que remetem um sentimento de pertencimento e diferenciação. Uma vez que os militares eram discernidos por conta de sua formação e proveniência.

Analisando o contexto, constata-se que o comportamento social dominante nas instituições de ensino era difundido pela aristocracia. Esse fato faz com que os estudantes – ainda que oriundos da burguesia e classe média –, que seriam os futuros profissionais, absorverem comportamentos aristocráticos como uma necessidade de sentir-se superior aos

---

<sup>45</sup> De acordo com o espírito do *establishment* de *satisfaktionfähig*, com suas tradições guerreiras, até os estudantes de classe média com direito ao uso das cores de sua associação eram propensos a considerar as carreiras no mundo dos negócios como de segunda classe, e as pessoas que as seguiam como as pessoas ficavam abaixo deles na hierarquia social. ELIAS, *ibidem*, p.64.

<sup>46</sup> A *Satisfaktionsfähige Gesellschaft*, na qual nobres e burgueses, hierarquicamente classificados, estavam ligados através das mesmas formas de conduta, através do mesmo código de autorregulação, dividia-se, como se pode ver, em setores militar e civil. No primeiro, o caminho levava, passando pelas escolas de cadetes, escolas de treinamento militar e instituições militares e instituições similares, a uma carreira de oficial, e podia incluir recrutas de estratos burgueses em regimentos menos seletivos até ao posto de major ou, sob circunstância favoráveis, talvez a posição mais elevada. No outro setor, o civil, o caminho levava, através da universidade e da confraria duelista – com alguma variação em regiões não-prussianas – aos primeiros escalões da administração do Estado, com seus vários ramos (executivo, judiciário, educação, etc.). Ambos os pilares estavam interligados através de muitas conexões cruzadas; encontravam-se no topo da pirâmide no governo alemão, na sociedade de corte e, finalmente, na pessoa do próprio *Kaiser*. ELIAS, *loc. cit.*

demais por conta de sua origem nobre, respeito à hierarquia – forma de hierarquizar relações entre dominante e subordinado –, e uma concepção depreciativa do trabalho manual – industrial ou comercial –. Essa necessidade de procurar sempre estar no topo, nas posições mais prestigiadas dentro do Estado alemão, desenvolveu uma dependência com relação à aristocracia, já que era ela a responsável pela inserção das pessoas nesses espaços, e em última instância, uma dependência também à figura do próprio *Kaiser*.

Em suma, numa época marcada pela ascensão da burguesia e democratização do Estado, a burguesia e classe média alemã não conseguiu enxergar a si própria de forma autônoma o suficiente para impor seus valores sobre os valores aristocráticos. O que resulta na configuração de um Estado elitista que era desvirtuado para fins de promoção pessoal, ao invés de beneficiar a sociedade como um todo. Onde apenas alguns “escolhidos” conquistavam o direito de ocupar posições de poder, mas ao adentrar esses espaços, nada faziam para reverter essa falta de democratização do poder. Apenas, reproduziam o comportamento aprendido. Sendo assim, a configuração e o entendimento de Estado Democrático, que beneficia a todos e não alguns aliados, estava longe de ser aplicada no início do século XX na Alemanha. O Estado alemão possuía muitos resquícios de comportamento aristocráticos, como a personificação das esferas de poder, onde o que pesa mais não é o que está na lei, mas sim quem tem poder para mandar. Dentro dessa conjuntura, a ideia de um representante do povo estava mais para um imperador (*Kaiser*), do que um chanceler federal – atualmente *Bundeskanzler* –.

Os nazistas encontrarão um Estado obsoleto, com configurações de poder regidos pela aristocracia. Um Estado que funcionava conforme os interesses de uma classe social, e não para o povo alemão. Evidencia-se que existe uma circunstância propícia, na qual os nazistas forjaram seu discurso baseado na vontade de extirpar os males que pairavam sobre a sociedade alemã, e um deles era a arcaica, presunçosa e exclusivista aristocracia parlamentarista. Os nazistas enxergavam a aristocracia como um obstáculo para a Alemanha se desenvolver, já que muitos estavam no poder para administrar seus próprios interesses e de seus aliados. Se por um lado, os aristocratas eram tidos como um dos problemas, por outro, seus valores como honra, coragem, respeito à hierarquia e necessidade de pertencimento foram assimilados pelos nazistas. Talvez, não seja intencional que esses comportamentos sejam tão exaltados na doutrina nazista, e sim um reflexo do contexto histórico no qual eles estavam submetidos.

## 3.2 FATOS HISTÓRICOS QUE INFLUENCIARAM A ASCENSÃO NAZISTA

Além dos aspectos socioculturais que possibilitam traçar um perfil do comportamento e do imaginário do povo alemão, também é prudente abordar os fatos políticos e econômicos que facilitaram a ascensão nazista. Pois, esses fatores serão determinantes para emergir comportamentos já latentes no povo alemão. Sob uma conjuntura com uma política decadente, somada a miséria generalizada, desemprego e fome, juntos formara um terreno fértil para os nazistas fomentarem seus ideais fascistas e racistas; outrossim pôr em prática seus ímpetos de vingança contra seus inimigos internos e externos. Com o pretexto de restabelecer a paz, prosperidade e unidade de volta à Alemanha.

### 3.2.1 República de Weimar e seus maiores fracassos: parlamentarismo, fome e desempregos

Entender como se deu a formação da República de Weimar, e posteriormente seu fim, ajuda não apenas, a enxergar os *modus operandi* que os nazistas utilizaram para assumir o governo da Alemanha. Sobretudo, é possível também elencar os fatores políticos e econômicos que fizeram com que o povo alemão –desesperados, famintos e desiludidos – apoiasse os nazistas, enquanto perdiam inúmeras liberdades e crescia a barbárie generalizada.

Embora a nova República alemã nasça oficialmente com a proclamação de sua Constituição a 11 de agosto de 1919, em Weimar, ela surge diretamente, com o efeito da Primeira Guerra Mundial. Ela permanece incompreensível sem as consequências diplomáticas dessa guerra, mas igualmente sem as mudanças que esta, de maneira direta ou indireta, põe em movimento no próprio território alemão.<sup>47</sup> Um território que nasce sobre as consequências de se financiar uma guerra, portanto, desestabilizado em diversos setores sociais.

Um dos pontos mais afetados pela primeira Guerra Mundial foi sem dúvidas, a economia. Houve prejuízos nas indústrias, impulsionados pelos custos para a produção de armamentos bélicos, igualmente pela escassez de mão-de-obra que se tornara os soldados do exército. A parte da população mais prejudicada, eram os pequenos comerciantes, artesões e operários, ao passo que os ricos conseguiam se abastecer através do mercado ilegal.<sup>48</sup>

A baixa produção nas indústrias chegava a afetar a fabricação de produtos fundamentais de sobrevivência, como alimentos e roupas. Existiu durante esse período o sistema de racionalização de alimentos, no qual, as pessoas tinham direito a um ovo, 2,5 quilos

<sup>47</sup>. RICHARD, L. **A República de Weimar: 1919-1933**. São Paulo: Companhia das letras, 1988, p. 9.

<sup>48</sup> Ibidem, p.14.

de batata e 20 gramas de manteiga por semana.<sup>49</sup> A alimentação era pobre em nutrientes, muitos morriam de fome ou de doenças agravadas pela desnutrição. Essa era uma realidade predominante nas cidades. Ademais, a racionalização também se estendia a roupas, pois a indústria têxtil em crise produzia pouco. A solução adotada pelo Estado foi regulamentar a utilização de tecidos, padronizando o tamanho e número dos bolsos.<sup>50</sup> Durante esse período, os alemães, pelo menos os mais pobres, viram-se em situações de extrema vulnerabilidade, na qual não conseguiam sanar suas necessidades mais básicas: vestir-se e comer.

Postas sob essa situação extrema de vulnerabilidade, muitas pessoas apelavam para violência como forma de reverter sua situação de miséria.<sup>51</sup> O roubo e a corrupção tornam-se habituais, principalmente nos centros urbanos. Roubava-se para se manter vivo. Nessa conjuntura, ocorriam explorações das mais diversas formas, inclusive o aumento da prostituição de homens e mulheres. Em uma época de extremos, cada um oferecia o que tinha de rentável para conseguir em troca o que vestir e comer. Os que tem pouco oferecem o que restou de seus pertences, muitas vezes sendo apenas os seus corpos a moeda de troca. Enquanto, os que tinham muitos pagam migalhas pelo que era oferecido. Exploravam a miséria das mais variadas, e perversas, formas.

Um traço importante a ser destacado é uma crescente desilusão em relação a gerencia do Estado alemão.<sup>52</sup> Se antes da Primeira Guerra Mundial, podia-se falar em uma esperança de concretizar os anseios de unidade e orgulho entre o povo alemão, agora, lesados pelas consequências da guerra, os únicos sentimentos que se alastravam era o de medo e desilusão. Cada estrato da sociedade tinha um interesse diferente na Primeira Guerra Mundial, para os aristocratas, os oficiais do exército e boa parte da burguesia, ela queria dizer anexações, conquistas territoriais. Aliás, já nesse período, existiam precedentes grupos que viam a guerra como uma ferramenta para materializar suas fantasias nacionalistas e racistas.<sup>53</sup> No caso das massas operárias, pelo contrário, tinham se unido a esse concerto belicista antes de tudo para defender a nação ameaçada.<sup>54</sup> Evidencia-se, portanto, que o anseio por uma Alemanha

---

<sup>49</sup> RICHARD, *ibidem*, p.15.

<sup>50</sup> *Ibidem*, p.16.

<sup>51</sup> Roubavam-se até os cães para mata-los. Muitas crianças haviam se habituado a viver de algumas batatas ou de frutos apanhados nos quintais. *Idem*.

<sup>52</sup> Diante de todos esses problemas, o fervor patriótico que havia arrebatado o povo alemão no início de agosto de 1914 começava a declinar. *Ibidem*, p.18.

<sup>53</sup> A guerra havia sido encorajada também por uma organização poderosa que, sem ter representação parlamentar, exercia uma sedução sobre as elites: a liga Pangermanista. Fundada em 1894, era contra os judeus, os eslavos, os socialistas de todas as categoriais. Para ela, a guerra não era destrutiva, mas salvadora, geradora de progresso para humanidade. RICHARD, *ibidem*, p.18-19.

unificada, era uma questão reivindicada mais pela população mais pobre, abaixo da classe média, do que dos mais ricos. Os mais ricos, principalmente a aristocracia e o exército, estavam mais preocupados em assegurar seu poder e terrenos.

Diante desse contexto, surgem vários movimentos com ideologias nacionalistas e racistas, imersos em um discurso que evidenciava mais do que seus delírios travestidos de ideais, explicitavam, sobretudo, o comportamento de uma parcela da população mais abastada que não queria perder seu lugar de prestígio social e hegemonia sobre o poder. Pois, essas ideias tinham adeptos, majoritariamente oriundos de estratos acima da classe média, incluindo a categoria dos intelectuais.<sup>55</sup> A retórica dos discursos nacionalistas e racistas, revelavam muito mais os aspectos sociais e interesses pessoais de quem a profetizava, do que a argumentação em si. Visto que, a maior preocupação desses movimentos era fazer uma limpeza étnica e restaurar e impor o sentimento de orgulho nacionalista, quase não haviam proposta para solucionar os problemas graves de desemprego, fome e miséria que havia se alastrado pela Alemanha. Demonstrando que quem defendia esse tipo de “ideia” estava muito bem alimentado e vestido. É válido ressaltar que Hitler, e os nazistas, beberam muito dessa fonte torpe ideológica, porém, diferentemente dos pusilânimes aristocratas e companhia, souberam criar estratégias e mecanismos para colocar em prática seus “ideais”.

Em meio a proliferação de movimentos com ideologias repressivas, surgiam também movimentos com ideologias que buscavam melhorias na qualidade de vida dos operários e dos mais pobres.<sup>56</sup> Opunham-se à guerra e faziam greves, as vezes violentas, para manifestar suas indignações, principalmente a partir de 1917. Houve um reflexo no aumento de consciência política entre os operários nas fábricas, especialmente, devido à influência do sucesso da Revolução Russa em novembro de 1917. O objetivo maior desses movimentos de esquerda era atingir a paz e liquidar ao mesmo tempo o regime imperial.<sup>57</sup> Em síntese, devolver a

---

<sup>55</sup> Mas, na Alemanha – e isso é singular – todas as profissões intelectuais haviam desejado integrar-se a esse a esse movimento de entusiasmo. Diante da “cultura” alemã que eles pretendiam ameaçada pela “civilização” latina, poetas e pensadores haviam se levantado. *Ibidem*, p.20.

<sup>56</sup> (...) o Partido Socialdemocrata. Era, no entanto, com 34% dos votos nas eleições legislativas de 1912, o elo mais sólido da Segunda Internacional Operária. Em 1914 tinha mais de um milhão de partidários. Organização modelo, havia desenvolvido por toda a parte clubes, bibliotecas, cooperativas. A atitude dos seus dirigentes tinha provocado, à esquerda o nascimento de um novo partido em abril de 1917: o Partido Socialista Independente. *Ibidem*, p.24.

<sup>57</sup> Poetas, pintores e músicos que se opunham à guerra tinham adquirido, em Berlim, o hábito de se reunir uns nas casas dos outros, em pequenos grupos, despistando a vigilância. Textos subversivos eram lidos em voz alta. Em seguida, passavam de mão em mão (...) Mas o ponto de encontro preferido da Boêmia era ainda, mesmo em plena guerra, o café (...) “Nós nos instalávamos lá no fim da tarde ou à noite e discutíamos. Politicamente, nossa opinião divergia. Mas, tanto tomando a direção da razão quanto a direção da religião, tínhamos sempre alguma coisa em comum – não gostávamos da classe reinante dos militares e dos grandes industriais e, desde 1916, sabíamos que nada de bom resultaria dessa guerra”. RICHARD, *ibidem*, p.26.

prosperidade à Alemanha, retirando os esforços econômicos e humanos para a manutenção da guerra, e democratizar o poder sobre a política e administração do Estado alemão. É importante destacar essas manifestações populares, pois os nazistas irão usar essas insurreições de esquerda como justificativa para ascender ao poder. Culpabilizando os movimentos bolchevistas, entre outros, como os responsáveis pela continuidade do caos e violência que tomou conta da Alemanha.

É visível na conjuntura da Alemanha durante esse período uma suplica pela democracia,<sup>58</sup> ou melhor, pela retirada da velha aristocracia, e exército, como classe de poder hegemônico, para inserir novos autores sociais na administração político-econômico do Estado alemão. Desde o final do século XVIII, motivados pela Revolução Francesa entre outras rebeliões, que os Estados e seus respectivos povos, principalmente no Ocidente, vem buscando formas de – conforme sua particularidade cultural e social – pôr em prática uma ideia de democratização do poder político, onde cada indivíduo, independentemente do estrato social, – futuramente – de outras distinções sociais, ter os mesmos direitos e deveres, prevalecendo sempre a igualdade entre os indivíduos, no qual o poder emana do povo e não das altas castas. Tornando obsoleta a ideia aristocrática de lugar de nascimento como determinante para justificar quem detém ou não poder na administração político-econômica do Estado, que no caso alemão ainda era a aristocracia a classe soberana.

A idiossincrasia na história alemã, é que essa “democratização”, só conseguiu ser promovida através de um governo fascista e racista. Para entender esse paradoxo de democratização feita por um governo fascista. É imprescindível observar que dentro do contexto alemão, houve a produção de uma situação propícia para unir o útil ao agradável para os nazistas. Por um lado, tinha-se a classe dos mais pobres que ansiava por um governo que olhasse para suas necessidades e desse uma resposta rápida para sua situação alarmante de miséria. Do outro, a classe burguesa, média e alta, sedenta tanto para se vingar dos aristocratas

---

<sup>58</sup> No entanto, chegou um momento que, de todos os lados surgiam reivindicação de democracia. O que havia mudado pouco a pouco nos espíritos era a própria ideia de Estado. A razão era simples: nada fora modificado desde a constituição de 1871. Presidida por um imperador, a Alemanha era um Estado federal. Compunha-se de 25 Estados membros, incluindo 3 repúblicas e 22 monarquias, mais o território da Alsácia-Lorena que dependia da Prússia. O imperador possuía o poder executivo. Um parlamento central, eleito por sufrágio universal, tinha simplesmente o direito de propor leis. O conselho Federal, que representava os Estados membros e não era composto pelos deputados eleitos, era mais poderoso do que eles. Tinha até o poder de dissolvê-los com a anuência do imperador. Além disso, o sistema repousava sobre a hegemonia da Prússia. Não apenas o rei da Prússia era de pleno direito imperador alemão e nomeava o chanceler, como também a Prússia dispunha do maior número de deputados. Todo o edifício do Império da Alemanha tinha, portanto, fundamentos antidemocráticos. *Ibidem*, p.28.

que há tempos colocavam-nos em situação de subalternidade, como também precisam de uma oportunidade para se consolidar no poder.

Os nazistas terão a sagacidade para produzir um discurso político que agrada tanto a parcela dos mais pobres, quanto a emergente burguesia, fora a benesse que recebe, ao propagar um discurso que não prejudicou sua íntima relação com aristocracia e o exército. É justamente sobre o pretexto de levar poder político a quem não tem – no recorte da doutrina nazista quem não tem poder, ou melhor está sendo lesado, são os “arianos” –, ou seja, “democratizá-lo”, que os nazistas se auto-intitulavam “movimento nazista”. Uma espécie de “contrarrevolução”, já que para eles ‘revolução’ era uma palavra manchada, pois remetia ao bolchevismo.

É sob o desejo pela democracia, as tensões sociais e o fracasso na Primeira Guerra que nasce a República de Weimar.<sup>59</sup> Em seu estágio ainda prematuro, é possível observar justamente esse comportamento no povo alemão, ansiando por transformações sociais, quer seja a reestruturação da economia, o estabelecimento da unidade e orgulho nacional, a democratização da política; ou acabar com a fome, violências e desemprego, não importava, todos desejam que *algo* seja feito para cessar imediatamente o caos – sócio-político e econômico – e a miséria que haviam sido instalados na sociedade alemã.

Muitos desses sentimentos são remotos, como o desejo por uma unidade nacional, porém, outros são mais recentes como o medo motivado pela fome e desemprego generalizado. Diante dessa conjuntura, não se pode fazer demarcações taxativas, tentando atribuir culpados que teriam levado a sociedade alemã apoiar Hitler e os nazistas nas suas fantasias antisemitas.<sup>60</sup> Pois, o que pode ser afirmado é que, tem-se um povo que precisava sanar suas necessidades básicas em meio as disputas de poder político entre a aristocracia – e o exército –, a burguesia e, posteriormente, também os nazistas.

O surgimento da República de Weimar pouco fez efeito sobre os aspectos de uma possível unidade territorial alemã, que apesar de sua unificação em 1871, a Alemanha nunca

---

<sup>59</sup> No mesmo dia, a 26 de outubro de 1918, uma série de leis modifica a constituição de 1871. As atribuições do parlamento eram ampliadas, as decisões militares, submetidas ao seu controle. A Alemanha se transformara em monarquia parlamentar. RICHARD, *ibidem*, p.29.

<sup>60</sup> “Os bandos de rua”, nas palavras de Alan Bullock, “havia se apoderado dos recursos de um grande Estado moderno, a ralé tinha galgado ao poder”. Mas — como Hitler nunca deixou de alardear — “legalmente”, por uma votação esmagadora do Parlamento. Os alemães não podiam acusar a ninguém, salvo a si mesmos. Uma a uma, as mais poderosas instituições da Alemanha submetiam-se a Hitler e passavam tranquilamente, sem protesto, a inexistir. Os Estados, que obstinadamente haviam mantido seus poderes autônomos durante toda a história da Alemanha, foram os primeiros a capitular. SHIRER, *ibidem*, p.273.

chegou a ser de fato uma unidade territorial.<sup>61</sup> Os conflitos existentes entre os territórios da Alemanha, agravaram-se com os efeitos da guerra, pois no período entre 1914-1918, espalhavam-se por todo o país movimentos separatistas motivados pelo ressentimento da derrota e vergonha causada pelo fracasso da Alemanha na Primeira Guerra. A responsabilidade da humilhação e derrota e suas consequências recaía sobre o governo central, a Prússia.<sup>62</sup> Ao instaurar a República de Weimar, as cláusulas do Tratado de Versalhes<sup>63</sup> promovem um rearranjo nas dimensões territoriais alemãs, dos seus 25 Estados do regime imperial, foram reduzidos a 17, continuando a Prússia como governo central.

Com as medidas aplicadas devido ao Tratado de Versalhes, somado à derrota na Primeira Guerra, o grandioso império que a Alemanha vivera nos seus tempos de glória, vai sendo despedaçado, inferiorizado e ferido pouco a pouco. Esses ressentimentos generalizados do fracasso e vergonha da Primeira Guerra somados a inferioridade sentida diante das cláusulas do Tratado de Versalhes,<sup>64</sup> serão o combustível para os nazistas forjarem um sentimento de vingança contra seus inimigos externos aqueles que tomaram as terras da Alemanha e ameaçam o seu desenvolvimento. Em face a esses acontecimentos, Hitler tirará proveito para induzir toda a máquina estatal para construir *sua*, aqui realmente era um intento pessoal de Hitler e dos nazistas mais fanáticos, diabólica “Solução Final” e o “*Lebensraum*” a ideia de espaço vital dos arianos.<sup>65</sup> É notório que existe no comportamento geral da população desse período um anseio por uma identidade nacional que possa colocar em prática a tão sonhada unificação das terras

---

<sup>61</sup> Inscrita num espaço indeterminado, unificado apenas a partir de 1870, a Alemanha pareceu duramente muito tempo um país artificial, fabricado com peças avulsas. A Prússia de uma certa hegemonia, tanto pela superfície de território como sua administração exemplar, mas não constituída verdadeiramente a estrutura básica. A multidão de cortes e principados engendrava particularismo locais muito acentuados. Disso resultava um mosaico de regiões e províncias com maneiras de viver, hábitos, dialetos quase tão variados quanto as paisagens geográficas existentes. RICHARD, *ibidem*, p.61.

<sup>62</sup> *Ibidem*, p.63.

<sup>63</sup> A República de Weimar exerce sua autoridade sobre a Alemanha à qual os Aliados, especialmente a França, impuseram amputações. Nos círculos dirigentes franceses, a segunda intenção consistia por outro lado, em dividir a Alemanha a fim de impedi-la de reencontrar rapidamente um poderio nefasto e, por outro, permitir à França indenizar-se com as riquezas do solo alemão para reativar sua economia. (...) Foi na parte Oriental, na ala prussiana, que a Alemanha imperial sofreu as maiores perdas. *Ibidem*, p.64-65.

<sup>64</sup> Para todos os partidos, sem exceção, o Tratado de Versalhes não passava de um “*diktat*” imposto pelos vencedores. O fato de que esse tratado fosse divulgado na Alemanha através de milhares de exemplares, a fim de que cada parágrafo fosse conhecido por todos, só fazia aumentar o ódio. *Ibidem*, p.73.

<sup>65</sup> Tendo em vista que a Alemanha era orientada para o oeste, na direção do Reno, para o sul na direção do vale do Danúbio, para leste na direção da planície germano-russa, e para o norte em direção ao mar, o problema dos governantes sempre foi escolher um ou outro desses eixos para promover a sua política de expansão territorial. Mas, desde o século XII, com os cavaleiros teutônicos, era o Leste que havia tradicionalmente prevalecido na satisfação de seus apetites de conquista. Como escreve o príncipe de *Bülow* em 1913 na sua *Política alemã*, a Alemanha se sentia investida de uma missão civilizatória para o leste. Por quê? Porque, segundo ele, os alemães eram superiores moral e intelectualmente aos eslavos, especialmente aos poloneses. Esse é o princípio simplista e racista que comandou a colonização prussiana no Leste. RICHARD, *ibidem*, p.67.

alemãs, sejam as ainda pertencentes, ou as que já pertenceram ao império alemão,<sup>66</sup> e pôr fim ao caos e à miséria.

Muitos alemães atribuíam toda a responsabilidade sobre esses fatos ao falido sistema político do parlamentarismo, que investiu na Primeira Guerra, pois nutriam o sonho da aristocracia e dos círculos imperialistas de que, da Finlândia à Criméia, a Alemanha estava em condições de afirmar sua presença e seu poder.<sup>67</sup> Percebe-se que o sentimento de se vingar sobre aqueles que fizeram mal e ridicularizaram a Alemanha, era generalizado e anterior ao próprio período nazista. Os nazistas tiveram uma visão estratégica de se apropriar desse sentimento para propagar a ideia de “espaço vital” e depois pôr em prática sua “Solução Final” para o povo judeus. Nota-se que mesmo no início da República de Weimar, começara a amadurecer uma ideia de “inimigos externos” que ainda estava em seu estágio embrionário. A matéria-prima estava ali, precisava apenas de *alguém* que tivesse audácia e organização para colocar em ação as ideias já latentes na sociedade alemã.<sup>68</sup>

### 3.2.2 Moralidade, desemprego, desesperança e caos durante a década de 1920

“Estamos no 3 de novembro de 1923. O maço de cigarro custa 4 bilhões de macros. A maioria das pessoas perdeu toda a fé no futuro.”<sup>69</sup> A frase sintetiza a sensação de desespero e desesperança sentida pelos alemães, logo no começo da década de 1920, após a fundação da República de Weimar. Toda essa atmosfera plúmbea e lúgubre que tomou conta da sociedade alemã, já durante a Primeira Guerra, vai ficando cada vez mais densa, junto à triste certeza de que vai demorar para passar. O caos, desemprego e a miséria se agravam durante a década de

<sup>66</sup> Mergulhados no caos da derrota, na desordem produzida pelos levantes revolucionários e pelas greves, nas epidemias e na miséria, a maioria dos alemães do imediato pós-guerra, ficou passiva diante desse remanejamento territorial. Todavia, uma minoria de descontentes logo se entregou a uma agitação nacionalista e, ao mesmo tempo, pelo menos de forma mais frequente, antirrepublicana. (...) Esses problemas de fronteira e de territórios ocupados vão se tornar bandeiras de luta da direita e da extrema direita alemã mas influirão psicologicamente sobre todas as camadas da opinião pública e serão responsáveis pelos progressos eleitorais nazistas. Ibidem, p.66.

<sup>67</sup> “Tudo o que era alemão deve voltar a ser alemão”, não deixa de dizer um dos representantes eminentes desses fidalgos, o marechal Hindenburg, pouco tempo após a sua ascensão à presidência da República. Ibidem, p.67-68.

<sup>68</sup> A partir de 1920, uma liga em prol do germanismo no exterior não deixa de reivindicar a reintegração desses territórios à Alemanha, assim como de todas as terras nas quais se instalaram colônias de germanófilos. Ibidem, p.68.

<sup>69</sup> Este comentário de apresentação abre *O Ovo da Serpente* realizado pelo cineasta sueco Ingmar Bergman, e o título desse filme indica claramente que significado seu autor desejou lhe emprestar. Os espectadores mergulham numa Alemanha onde, sobre o homo da miséria, todas as coisas não passam de objeto de tráfico, inclusive vidas humanas. Esse período do pós-guerra pareceu a Ingmar Bergman o ponto de partida do nazismo. Suas imagens mostram o crescimento do antisemitismo, as manifestações de violências dos grupos nazistas, o terro sempre latente, a impotência e desespero da população. (...) *O ovo da serpente* consegue traduzir com força e verossimilhança, um aspecto da atmosfera consecutiva ao fenômeno da inflação. Esse aspecto é o da miséria em que se debatiam milhares de cidadãos, reduzidos a expedientes para sobreviver. Cf. RICHARD, ibidem, p.85.

1920, a situação angustiante de esperar por um governo realmente eficiente que reestabeleça a ordem e a economia da Alemanha vai se tornando insustentável ano após ano.

Apesar de toda a atmosfera miserável e desesperadora, não se pode afirmar que a sociedade alemã era uma sociedade que desejava um governo fascista.<sup>70</sup> O que se pode afirmar é que a Alemanha estava em uma crise aguda, em seus vários âmbitos políticos, econômicos e sociais, e precisava de um governo eficaz que fosse capaz de recoloca-la nos eixos. Um governo de mais atitude, ou que promettesse ser mais prático, teria o diferencial para cativar os alemães. Ou no pior das hipóteses, conseguir modificar as arcaicas estruturas políticas do Estado alemão. Infortunadamente, foi através das mãos de Hitler com sua indestrutível obstinação em se tornar um grande líder político, um *Führer*, que a Alemanha conquistou sua tão sonhada unificação.<sup>71</sup>

Essa crise não se abateu subitamente sobre a Alemanha, ela resulta de uma situação financeira que se degradou a partir de 1914. De julho a dezembro de 1919, em seis meses apenas, o preço dos produtos de primeira necessidade dobrava. Forçados a restringir suas necessidades, a maioria dos alemães foi levada, em 1920, a deixar de lado metade do que era indispensável a uma alimentação normal.<sup>72</sup> Mais ainda, o desemprego cresceu num prazo muito curto. No final de 1918, como consequência do retorno dos soldados da frente, o número dos desempregados aumentou, para estabilizar-se nos primeiros meses de 1919 e depois diminuir progressivamente. Em janeiro de 1924, atingia 27% da população ativa, enquanto 52% dos alemães empregados não dispunham de um trabalho integral.<sup>73</sup>

Uma das consequências do aumento do desemprego e da miséria, foi a incidência de roubos. Padarias eram saqueadas frequentemente, não em busca de dinheiro, mas sim de pão.<sup>74</sup> Enquanto alguns roubavam para comer, outros, enriquecidos, aproveitavam-se da miséria alheia

---

<sup>70</sup> Partido Nazista fora fundado em 1920, e suas seções de assalta (SA), em 1921. Mas ele conta com apenas 9000 membros em 1923, e só obtém, nas eleições legislativas de maio de 1928, 2,6% os votos. A sociedade alemã não estava gerando, quase imediatamente após a Primeira Guerra Mundial, um regime fascista. RICHARD, *ibidem*, p. 86.

<sup>71</sup> Assim, 15 dias após ter recebido plenos poderes do Reichstag, Hitler conseguiu o que Bismarck, Guilherme II e a República de Weimar jamais ousaram tentar: abolir os direitos autônomos dos Estados históricos, submetendo-os à autoridade central do Reich, que estava em suas mãos. Pela primeira vez na história da Alemanha, havia realmente unificado o Reich, destruindo seu antiquíssimo caráter federativo. A 30 de janeiro de 1934, primeiro aniversário de sua subida ao poder, Hitler completou formalmente a tarefa por meio de uma Lei para a Reconstrução do Reich. “As assembleias populares” dos Estados foram abolidas, os poderes soberanos transferidos para o Reich, todos os seus governos ficaram sob a jurisdição do governo do Reich e os governadores subordinados à administração do ministro do Interior do Reich. SHIRER, *ibidem*, p.274.

<sup>72</sup> RICHARD, *op. cit.*, p.86-87.

<sup>73</sup> *Ibidem*, p.92.

<sup>74</sup> Nos restaurantes de luxo, os clientes só recebiam os talheres após terem feito um depósito no caixa, porque a louça desaparecia regularmente. Quanto aos imóveis e apartamentos, o medo dos assaltos conduziu a complicados sistemas de proteção: cadeados de segurança, portas duplas, grade de ferro. RICHARD, *ibidem*, p.97.

para explorar pessoas em busca de satisfazer seus caprichos e prazeres. Por conta das mazelas, a prostituição de homens e mulheres, e até moças muito jovens, aumentou vertiginosamente durante esse período.<sup>75</sup> Desordem moral, boemia e luxúria faziam parte da rotina nas grandes cidades como Berlim. São pessoas ricas que têm muito dinheiro para gastar com frivolidade e espetáculos de libertinagem, enquanto os pobres têm que trabalhar um mês inteiro para ganhar o equivalente a um pé de calçado.<sup>76</sup> Desordem, imoralidade e desigualdade se alastram, e a sensação de injustiça e desespero aumentam na mesma proporção.

A homossexualidade, de forma equivocada, fora parte integrante das noitadas e caberes nos grandes centros. Se por um lado havia uma seriedade em legalizar a situação dos homossexuais, para que não mais sofressem processos penais, por outro, prostíbulos especializados no público homossexual, ou curiosos, se proliferavam por todos os cantos em cidades como Berlim.<sup>77</sup> Sabe-se que muitos adeptos do nazismo eram homossexuais, como Ernst Röhm, esse fato inicialmente não desagradou a Hitler, pois esses homens foram úteis e necessários para que o Partido Nazista conseguisse ascender ao poder.

Entretanto, quando o Partido Nazista atingiu sua ambição, seus integrantes homossexuais foram perseguidos, descartados e mortos a mando de quem lutou lado a lado desde da fundação do partido, do próprio Hitler. Era contraditório que a ideologia moralista nazista tivesse como seus membros pessoas consideradas imorais. Tornou-se contraditório somente após a consolidação do poder dos nazistas, antes, no início da formação do partido, era apenas algo “imperceptível”. Não apenas, Ernst Röhm, mas boa parte dos nazistas considerados depravados, e principalmente aqueles que tinham vínculo com as S.A, transformaram-se inimigos pessoais de Hitler, portanto, inimigos – internos – da Alemanha que precisavam ser aniquilados.

A desordem moral presente em espaços reservados aos grandes centros, de certa maneira, contribuiu para a subversão dos valores aristocráticos. Por ora, eram os burgueses os principais financiadores dos shows de perversão que ocorriam nas noitadas de Berlim. Pela primeira vez, a burguesia era vista como uma referência de costumes. Tanto que muitas

---

<sup>75</sup> A incerteza do amanhã, desenvolvera, com efeito, entre os quais possuíam dinheiro, uma sede de prazeres e divertimentos. E entre os que não tinham nada, havia sempre quem estivesse disposto a se vender em troca de alguma coisa! Nos pequenos anúncios de certos jornais, não faltavam jovens propondo levar a felicidade a viúvas afortunadas, enquanto moças de quinze anos estavam dispostas a encontrar, nas suas horas de lazer, velhos senhores. A dissolução dos costumes fora duplicada pelas dificuldades econômicas. *Ibidem*, p.98.

<sup>76</sup> Abundavam-se em Berlim os lugares de prazer. Para lá acorria a Alemanha dos novos-ricos, dos pequenos e grandes traficantes e dos bilionários. *Idem*.

<sup>77</sup> Em Berlim, o Eldorado era frequentado por travestis; o Admirável, por homossexuais, e uma outra boate só de lésbica. *Idem*.

prostitutas não reclamavam quando eram pagas com objetos de arte, joias e casacos de pele, pois era uma maneira de trajar-se tal como uma pessoa distinta, uma burguesa.<sup>78</sup> É notável que até em situações de desespero e miséria, mantêm-se o comportamento social alemão de querer pertencer a uma esfera social distinta, superior a demais, através de identificações sociais, como no caso vestimentas. Haja vista, muitos burgueses falidos, vendiam seus pertences em troca de comida.<sup>79</sup>

O aumento da desilusão no futuro e descrença na política, faz com que ideias ligadas ao misticismo se proliferem na sociedade alemã. Não importava a classe social, o interesse pelo mistério, ou melhor, a procura por uma explicação sobrenatural para compreender a realidade sofrida e para poder projetar alguma ilusão no futuro era o ponto comum de todos.<sup>80</sup> Havia uma necessidade em crer em algo diferente do habitual, nem Deus, nem a ciência podiam explicar o porquê de tanta desgraça. Mais do que argumentos, o apego a superstições oferecia uma ferramenta para continuar a acreditar no amanhã, que era tão incerto quanto as previsões astrológicas. O misticismo também influenciara a doutrina nazista a adotar determinadas simbologias, para compor sua aura misteriosa e magnética. Os nazistas perceberam que muitas são as vezes que o mistério é mais fascinante do que o conhecimento.

Ao analisar a conjuntura histórica da Alemanha durante a década de 1920, percebe-se que o aumento do antissemitismo, e também da xenofobia e do racismo, estavam atrelados, de certa maneira, à crise financeira que estava sendo vivenciada. A queda da moeda nacional – marco – atraiu muitos estrangeiros, principalmente os norte-americanos, que passavam suas férias e realizavam compras de produtos de boa qualidade a preços atrativos.<sup>81</sup> Essa prática não era vista com bons olhos, para muitos alemães os estrangeiros, inclusive os judeus nativos, estavam usurpando chances de negócio e sendo oportunistas por aproveitarem a desvalorização

---

<sup>78</sup> RICHARD, *ibidem*, p.99.

<sup>79</sup> Era frequentemente ver velhos famélicos, porém com aspecto de burgueses e de gente distinta, oferece-los aos passantes em troca de alimentos. *Ibidem*, p.99.

<sup>80</sup> O misticismo oriental penetrava até nas camadas populares (...) Por toda a parte, as religiões católicas e protestantes perdiam seus fiéis (...) Espiritismo, astrologia, telepatia floresciam na alta sociedade. *Ibidem*, p.100.

<sup>81</sup> A crise provocada pela inflação estava na origem de todos esses comportamentos. Outra consequência ainda mais natural da inflação, que a carregava consigo como uma segunda natureza, era a especulação (...) A especulação se tornara uma profissão (...) É assim que se desenvolveu toda uma categoria de novos-ricos, que vinha se somar aos que se haviam endividado logo após a guerra pela compra de propriedade fundiárias e que agora, sem qualquer iniciativa da sua parte, se tinham transformando, com o reembolso de empréstimos, em possuidores de verdadeiras fortunas. (...) A Alemanha se tornara um paraíso para os estrangeiros. (...) Disso resulta um avanço da xenofobia na população alemã. Os estrangeiros acusados de despojar a Alemanha, eram malvistas. O ostracismo se havia infiltrado até mesmo nas práticas comerciais. RICHARD, *ibidem*, p.101-102.

da moeda alemã para benefício próprio. De forma geral, o estrangeiro passa a receber um estereótipo depreciativo.

À vista disso, percebe-se que os nazistas não foram os primeiros a lançarem mão de uma ideologia racista e xenófoba, pois de tempos em tempos na Alemanha, e também dentre outros países europeus, ideologias que promovem a crença na superioridade da raça “ariana” em detrimento de outras, surgem, dispersam-se e depois perdem o impulso.<sup>82</sup> O que ocorreu na sociedade alemã foi uma terrível coincidência entre oportunismo, miséria e desespero. Os nazistas aproveitam da crescente xenofobia e do medo contra os estrangeiros para incutir ideias racistas travestidas de protecionismo econômico. Ao impor a concepção de uma economia feita por “arianos” e para proveito único dos próprios “arianos”, implicitamente, os nazistas estão expondo uma preocupação muito maior com suas convicções racistas, do que uma real prudência com a situação de crise econômica. Logicamente, os nazistas desenvolveram planos e práticas para tirar a Alemanha da crise, mas, definitivamente, não foi a classe operária e os mais pobres que se beneficiaram deles.

Apesar da crise ser generalizada, alguns setores da sociedade não foram tão afetados por ela, principalmente os grandes industriais ligados à construção de infraestrutura.<sup>83</sup> Portanto, ao tratar da crise econômica na Alemanha, é válido ressaltar que a intensidade e suas consequências vão depender do estrato social e também da localidade. Já que os abismos sociais entre os mais ricos e mais pobres são pertencentes, principalmente, nos grandes centros urbanos, em cidades como Berlim. Em relação às províncias eram menos visíveis as desigualdades sociais, apesar de que mesmo nessas regiões havia uma discrepância entre os estratos sociais.<sup>84</sup> É fundamental pontuar essa particularidade, pois, dessa maneira, compreende-se as motivações

---

<sup>82</sup> A ascensão da civilização industrial foi acompanhada pela conquista e colonização da África. No imaginário europeu, os dois se entrelaçaram. O mundo das máquinas, dos trens e da produção industrial não poderia ser totalmente compreendido pelos cidadãos das nações industrializadas, a menos que se opusesse ao retrato vivo de uma era negra primitiva e selvagem. Na visão do mundo imperialista, difundida pela imprensa e por uma rica iconografia popular, a dicotomia entre civilização e barbárie foi concretizada à imagem de um imponente navio tripulado por europeus em uniforme colonial navegando ao longo de enormes rios africanos, através de uma paisagem de cabanas de palha, nus, pessoas de pele negra e hipopótamos e crocodilos. Em 1876, o rei Leopoldo II da Bélgica (responsável pelo genocídio de 10 milhões de pessoas no Congo) produziu um inspirado panegírico do colonialismo que todos os lugares-comuns do espírito eurocêntrico do século XIX encontraram expressão: “abrir à civilização a única parte do globo que ainda não penetrou, perfure as trevas que envolvem populações inteiras, que, ousado afirmar, é uma cruzada digna de uma era de progresso”. TRAVERSO, E. **The Origins of Nazi Violence**. Nova Iorque: The New Press, 2003, p.44-48, grifo do autor.

<sup>83</sup> Alguns – os que dispunham de fundos – constituíam fortunas colossais através da aquisição de bens sólidos. (...) As perdas sofridas por todas as empresas ligadas às altas finanças internacionais foram inferiores aos seus lucros. RICHARD, op. cit., p.104-105.

<sup>84</sup> Nas cidades que viviam do comércio, particularmente do comércio com os estrangeiros, podia-se ter até mesmo a impressão de uma relativa prosperidade. RICHARD, ibidem, p.106.

que fizeram a burguesia, tanto a classe média como a alta burguesia, apoiarem os nazistas. Principalmente, pelo fato de uma suposta recuperação da economia alemã em 1925. Como o investimento de capital estrangeiro e a aproximação cultural com o Estados Unidos feita através da implementação do modelo de produção taylorismo nas fábricas, fez com que os alemães admirassem a modernização e vitalidade dos norte-americanos, a propaganda do “*American way of life*” acabara de chegar na Alemanha.<sup>85</sup>

Inicialmente, a categoria dos profissionais liberais foi a que teve de imediato melhora nos seus rendimentos, os empregados foi a categoria que mais teve destaque durante esse período.<sup>86</sup> Os empregados possuem uma melhor condição de vida em relação aos operários, pois gozavam de garantias sociais, eram pagos mensalmente, e não por dia, e continuavam a receber parte de seu salário em caso de doença. Essas regalias eram visualizadas em seus gastos, pois, gastavam menos com alimentação e mais com alojamento, roupas e distrações.

Contudo, a diferença do estrato social entre os empregados e os operários, não era tão grande assim. Mas, essa pequena distinção era o suficiente para que os empregados pensassem que pertenciam a um estrato social muito mais elevado do que a realidade mostrava. Ademais, a falta de uma instrução mais aprofundada contribuía para a inercia política, estagnação de funções e redenção ao consumismo frívolo dessa parcela da sociedade. A falta de consciência de classe operária, somando ao comportamento latente na alemã de sentir-se “distinto” – nobre – e pertencente às altas camadas sociais, superior aos demais, já visto em momentos históricos anteriores, fez com que os empregados tivessem proximidade com as ideias nacionalistas e nazistas.<sup>87</sup>

---

<sup>85</sup> A vitalidade dos Estados Unidos, sua modernização, são oferecidas, como exemplo e estimulam uma propaganda que anuncia por toda a parte, após a crise, a felicidade para todos. Ibidem, p.108.

<sup>86</sup> (...) a organização dos diferentes grupos sociais se viu alterada por um fenômeno que se manifestava desde o final do século XIX: o crescimento do número de empregados. (...) Enquanto o número dos operários não havia dobrado, o dos empregados se quintuplicara. (...) Metade desses empregados trabalhavam nos bancos, no comércio e no transporte público. Ibidem, p.110.

<sup>87</sup> Esse proletariado de colarinho postiço não tinha perspectiva de ascensão social mais brilhante do que a classe operária, contrariamente aos *slogans* difundidos pelo patronato para justificar a racionalização, que apresentava as camadas médias como beneficiárias do pretenso progresso em curso. Os empregados só tinham, no conjunto, uma formação intelectual rudimentar, que não permitiam subir altos postos. (...) Seu trabalho era, com mais frequência, rotineiro, automático. (...) Todas as eleições que tiveram lugar sob a República de Weimar mostram que a porcentagem de empregados que votaram nos nazistas foi quase quatro vezes mais alta do que entre os operários. A adesão aos Partido Nacional-Socialista revela a mesma proporção. Juntamente com os comerciantes, os artesões e os membros das profissões liberais, os empregados formaram, a partir de 1925, a base social de penetração do nazismo. RICHARD, ibidem, p.110-111.

### 3.2.3 Prelúdio para o terror: violência generalizada e a militarização da sociedade alemã

A pequena melhora em relação a situação econômica da Alemanha foi efêmera. Ao final da década, em decorrência da queda da bolsa de valores, a economia alemã volta a se retrair com isso, a sensação de instabilidade e medo retornam com mais intensidade na sociedade. O número de desempregados passa a crescer ano após ano,<sup>88</sup> forçando os desempregados a procurar assistência social oferecida pelo Estado, que não resolvia a situação em muitos casos, muitos não recebiam nada. Forma-se uma realidade crítica e aterrorizante, onde muitos pegavam o que comer dos restos na lata de lixo, entregavam-se a prostituição ou até mesmo se suicidavam.<sup>89</sup> Era um período sombrio e angustiante, no qual, muitos alemães que outrora sentiam-se orgulhosos e grandiosos por fazer parte do Império Germânico, agora, sentiam-se humilhados e desolados entregues à própria sorte.

A miséria generalizada fez com que as pessoas expusessem seus piores e mais degradantes comportamentos. Na busca por comida e para sanar suas necessidades básicas, permitiam-se ser exploradas e humilhadas. O comportamento do alemão, por conta da influência dos valores aristocráticos conforme já abordado, tende para a soberba.<sup>90</sup> Para ele estar sob todas essas humilhações, tanto internas vistas no caos e na extrema pobreza, como externa oriundas das cláusulas do Tratado de Versalhes e da derrota na Primeira Guerra Mundial, era um golpe certo em seu orgulho e dignidade, seja como indivíduo ou cidadão alemão. As duas coisas se misturam, o indivíduo ferido que se sente menosprezado por um Estado ineficaz ao cidadão alemão que já não tinha a grandiosidade de outros tempos para ostentar.

Para os nazistas elaborarem seu discurso que prometia devolver a suntuosidade roubada da Alemanha, foi uma questão de estratégia, mais do que genialidade. A oportunidade já estava sendo fomentada há anos, mas, precisa haver uma situação aguda e sem chance de melhoras, como a crise de 1929 e sua retirada de investimento estrangeiro, para que os nazistas

---

<sup>88</sup> Com a crise econômica dos Estados Unidos, tudo o que fora previsto pelo governo alemão desabou. Na medida em que a Alemanha vivera de créditos americanos, foi logo indiretamente afetada pela crise. (...) Com a retirada dos capitais estrangeiros e o êxodo dos capitais privados alemães, a Alemanha se encontrava de novo diante de um sistema financeiro paralisado, e logo diante de uma economia completamente transtornada. (...) Em 1929, o número dos desempregados representavam 14,6% da população ativa. Em 1930, mais de 22%. Em 1931, o aumento é de 12%. E em 1932, chega-se a quase 45%: 5,5 milhões de pessoas sem emprego! Ibidem, p. 112.

<sup>89</sup> Há tantos suicídios na cidade, conta ainda Alexandre Arnoux, que os jornais foram proibidos de noticiá-lo para não desencorajar a população. Ibidem, p.113.

<sup>90</sup> Muitos pequenos camponeses, reduzidos à miséria pelo pagamento de empréstimos e de hipotecas bancárias, eram obrigados a abandonar suas terras e empregar-se como criados em grandes propriedades, ou a emigrar para as cidades. Os empregados eram forçados a privar-se das aparências que eles tanto apreciavam e que os distinguiam dos operários. RICHARD, loc. cit.

tivessem a passagem livre para ascender o poder. Com a crise de 1929, as pequenas doses de melhora na economia alemã, que ocorreram durante a década de 1920, são minadas. Agora, mais do que qualquer outro período, a Alemanha não tem como disfarçar sua miséria com empréstimos e investimentos estrangeiros, só resta a recuperação da economia a partir de sua própria produção. Era esse o pretexto que os nazistas precisavam para formular seu discurso nacionalista e racista, onde os “arianos” – verdadeiros alemães – deveriam reestabelecer sua economia a partir de seu próprio mérito e não depender de estrangeiros para isso. Estrangeiros, segundo os nazistas, que só sabiam surripiar a Alemanha. Portanto, a reconstrução do grandioso Império Germânico e do orgulho alemão dependia do esforço feito pelos alemães para proveito dos próprios alemães.

Diante dessa conjuntura de miséria, muitos alemães recorriam ao exército como forma de garantir comida, roupa e abrigo. Assim sendo, pode-se afirmar que a militarização da sociedade alemã está atrelada ao desemprego e a miséria. Muitos jovens diplomados que não conseguiam se estabelecer num emprego, buscavam como única alternativa de sobrevivência se alistar no exército.<sup>91</sup> O exército passa a ser mais do que uma força armada do Estado, passa a ser o ganha pão de quem não tem emprego. Uma relação perigosa entre sanar as necessidades básicas e militarização da sociedade é estabelecida, abrindo uma brecha para a normatização da violência e da brutalidade. Os nazistas irão usufruir de algo já criado, posteriormente irão sistematizar essa prática transformando-a em obrigatoriedade para os jovens a partir de 18 anos, que deveriam se alistar no Serviço de Trabalho do Reich (*Reichsarbeitsdienst* – R.A.D).

A barbaridade e a violência, que já faziam parte do cotidiano alemão, passam a tomar proporções monstruosas. Impulsionadas pela crise de 1929, várias frentes políticas de esquerda à direita lutam, literalmente, para conquistar seu espaço entre os eleitores alemães. Seja em público nos palanques políticos, ou no privado através de golpes lançados na surdina.<sup>92</sup> O início da década de 1930 foi tomado por uma atmosfera hostil que pairava sobre a Alemanha, havia

---

<sup>91</sup> Dos 4 milhões de jovens de dezoito a 25 anos com que contava a Alemanha, mais de um quarto estava desempregado no final de 1931. Desses desempregados, de 40 000 a 45 000 eram portadores de diplomas universitários. O único remédio encontrado para atenuar a crise em relação a essa juventude foi a criação de um serviço civil em campos de trabalho. No final de 1932, eles abrigavam cerca de 200 000 voluntários, distraídos em canteiros nas estradas e nas ferrovias. Esse serviço civil era apenas a fase intermediária para um serviço militar obrigatório reclamado pelos nazistas. RICHARD, *ibidem*, p.114.

<sup>92</sup> Em julho de 1932, os socialdemocratas perdiam 3% nas eleições legislativas em relação a 1930. Os comunistas ganhavam um pouco mais de 1%. Os nazistas passaram de 18,3% para 37%, e seu partido se tornava mais forte no Parlamento. Nas ruas de todas as cidades, e mesmo das aldeias, os homens de suas seções de assalto exibiam sua força. Serviam-se dela contra os piquetes sindicais, contra comunistas, os judeus, tudo o que lhe fazia oposição, provocando brigas constantes. A resposta às dificuldades sociais se anunciavam pelos golpes e pelo terro. (...) Crimes horríveis alimentavam o fascínio e o medo. Ambos eram fomentados pelos nazistas, que os utilizavam para reclamar freneticamente a ordem e castigos exemplares contra os culpados. RICHARD, *ibidem*, p.115-116.

selvageria nas ruas com o aumento de crimes hediondos,<sup>93</sup> também no congresso com golpes políticos promovidos contra seus oponentes. Os filmes responsáveis por conceberem o estilo expressionista alemão, carregam justamente essa atmosfera fúnebre, bestial e cruel. Retratando a realidade que os alemães estavam submersos. Expressando os medos, o desespero e as incertezas, sentimentos esses que conseqüentemente despertava comportamentos extremos. Instala-se uma real luta pela sobrevivência, onde o mais forte, não almejava apenas vencer, sobretudo, queria vestir-se e alimentar-se.

### 3.3 CULTURA E EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE ALEMÃ E A QUESTÃO DO CONFLITO ENTRE VALORES ARISTOCRÁTICOS E BURGUESES

A partir da análise anteriormente feita sobre como se dava a formação educacional na sociedade alemã, pode-se mensurar de que maneira o ensino e a cultura corroboraram para que a ascensão nazista tornasse uma realidade, além de sua manutenção no poder. As análises anteriores mostraram que os valores aristocráticos pontuavam toda formação educacional e cultural dos alemães. Fato que contribuiu para que muitos docentes de universidades fossem adeptos às ideias nacionalistas e posteriormente muitos apoiassem os nazistas. A consequência do ensino baseado em valores da aristocracia, estava para além dos docentes, inevitavelmente, acabavam por influenciar a formação dos alunos, que seriam os futuros profissionais.

Enquanto houve prosperidade na Alemanha, os efeitos de um sistema educacional repressor e arcaico não surtiram grandes efeitos nas estruturas sociais e políticas quase estáticas da Alemanha. Entretanto, com os acontecimentos que agravam a crise econômica, surge uma necessidade de transformação social aclamada por diversas frentes políticas de esquerda à direita. É nesse clamor, que as decorrências de seu sistema educacional serão visualizadas seja na permissividade da sociedade alemã em permitir um governo fascista e racista ascender e permanecer no poder por mais de 10 anos, ou na mudança dos paradigmas culturais e educacionais que antes eram regidos pelos aristocratas, passam a ter novos autores.

Durante a década de 1920, já era perceptível nas cidades de grandes centros urbanos, como Berlim, novos padrões comportamentais antagônicos a rigidez imposta pela formalidade

---

<sup>93</sup> A pena de morte existia ainda judicialmente, embora não fosse mais aplicada. Em 1931, reapareceu. Haarmann, apelidado de Açougueiro de Hanôver, assassino de rapazes, foi enforcado. Na saída da escola, as crianças cantavam: “Espera, espera um pouco, / Vai chegar a vez de Haarmann te agarrar! / Com o machado vai ser bem fácil, / Vai fazer de ti um picadinho!”. Ainda em 1931, mesmo destino teve aquele que fora chamado de Vampiro de Dusseldorf e, que em 1929, fizera estremecer toda a Alemanha. Peter Kürten, um operário então desempregado, não podia dominar o impulso sexual que o levava a matar. Cometera nove assassinatos contra mulheres jovens ou meninas, e várias tentativas de homicídio. Nesse caso, que os jornais relataram em suas colunas num estilo próximo do delírio, Fritz Lang, baseou seu filme *M*, com o Peter Lorre no papel de criminoso. *Ibidem*, p.116.

oriunda dos valores aristocráticos. Cidades como Berlim, tornam-se a capital dos bares, boates e cinemas, é onde as pessoas se encontram para conversar e se distrair, é onde emerge novas formas de arte, como o cinema, é onde se descobre novas possibilidades de sexualidade e afetividade, em suma é onde a novidade se encontra com o movimento e a transformação. Cidades como Berlim tornam-se as musas de poetas, escritores, músicos, artistas de todas as artes, ela é mística, sensual, efervescente e ainda charmosamente soturna. Berlim também foi palco de disputas políticas sorrateiras, de golpes e para os inválidos de guerra que amargarem suas frustrações em seus diversos segmentos de estabelecimento. Sobretudo, Berlim promoveu o desenvolvimento do estrato social que há anos ansiava pelo poder, a burguesia. Seus diversos estabelecimentos enriqueciam os proprietários, ao mesmo tempo que se formava uma nova classe média, que aprendia que o consumismo desenfreado era sinônimo de status e prazer.<sup>94</sup>

Com o seu frenético desenvolvimento Berlim, tornou-se um divisor de águas na Alemanha, transforma-se no centro da Alemanha, contrapondo-se a antiquada Prússia que foi durante longos anos a única cidade referencial.<sup>95</sup> Não foi apenas no âmbito da cultura que Berlim modificou os velhos parâmetros, era também na política que se enxergava sua influência. O desenvolvimento de Berlim se deve por conta das estruturas políticas da República de Weimar, decidiram pôr em prática uma reforma empreendedora de unificar os grandes serviços. O resultado dessa mudança é observado na transformação de pensamento de muitos alemães, que passam a enxergar que o Estado não é mais representado por sua pequena pátria e sim por algo maior, Berlim.<sup>96</sup> A cidade de Berlim, portanto, passa a deter bem mais do que locais para entretenimento e uma enorme infraestrutura, Berlim transforma-se em sinônimo de poder. Tanto que o nazista Goebbels chega a fazer menção em seu livro de uma possível conquista de Berlim<sup>97</sup>.

Goebbels já sabia que Berlim era uma cidade estratégica para quem ambicionasse a conquista do poder, pois lá habitavam as novas diretrizes políticas e econômicas. Um novo tipo

---

<sup>94</sup> É o centro da frivolidade, da liberdade e do vício. Das nove horas da noite às três da manhã, a animação é provocante, com bares, cabarés, music-halls com a iluminação elétrica atraente. RICHARD, 1988, p.80.

<sup>95</sup> Berlim veio então a ser plenamente uma capital. Não importa muito que ela seja também a Prússia. Diante dela, as outras cidades declinavam. Ela atraía todas as energias espirituais e materiais. Aparece como o centro dos negócios, da política, da criação intelectual. Ibidem, p.83.

<sup>96</sup> Os correios, o exército, as estradas de ferro, tudo é centralizado em Berlim. Não importava onde se vivia, na Saxônia, na Baviera ou na Prússia, os funcionários pertenciam não a uma ou outra dessas provinciais, mas ao Estado alemão. O recolhimento dos impostos passa por Berlim. De lá, a seguir eles são distribuídos de acordo com as necessidades das diferentes regiões. Ibidem, p.84.

<sup>97</sup> Partir para a conquista de Berlim, como sugere o título de uma obra do dirigente nazista Goebbels, constitui um *leitmotiv* para todo mundo nesses anos pós-guerra. Mercadores para seus negócios, intelectuais para suas carreiras, traficantes e prostitutas para seus clientes, cada um repete a si mesmo, parafraseando Rastignac: “A nós dois, Berlim! ”. Ibidem, p.80.

de eleitorado poderia ser formado a partir dos grandes centros urbanos<sup>98</sup>, não mais os camponeses ilhados por vastas terras, nem mais os arquétipos aristocratas soberbos e alucinados pelo poder<sup>99</sup>. A partir daquele momento, estava sendo aberta uma nova chance para mudar a cara da Alemanha, através daquela burguesia entusiasta que tomou conta da economia nos centros urbanos. Poder econômico, eles já possuíam, faltava para eles, naquele momento uma oportunidade para preencher algo que garantisse também sua força política, lugares no congresso. Para cativá-los, era preciso antes de mais nada, compreendê-los, ou seja, saber seus costumes e cultura. Não é à toa que existe uma íntima relação entre essa nova burguesia que se forma na Alemanha no início do século XX, com a propaganda política utilizada pelos nazistas.

Em Berlim, e também nos demais centro urbanos, poder-se-ia encontrar pelas ruas todos os diversos tipos de novidades tecnológicas, igualmente, todo tipo de gente. Muitos estrangeiros<sup>100</sup> chegavam em Berlim deslumbrados por sua fama de cidade frenética e notívaga, viam Berlim não apenas como cidade do consumo, mas também como uma chance de empreender. Por isso, Berlim abre oportunidade para o nascimento de uma nova burguesia, mais urbana, especificamente a classe média de empregados e seus empregadores, e com ela um proletariado mais politizado que tem acesso mais facilitado ao conhecimento e lutas políticas. Sendo o ponto de convergência de vários núcleos de diversos tipos de pessoas e suas convicções Berlim era uma verdadeira luta por espaço, e Goebbels estava certo em relação a isso. Fato que se comprovou quando os nazistas governaram a Alemanha, foi utilizando o cinema e o rádio como ferramenta para cativar novos adeptos ao nazismo, e também os doutrinar, que Goebbels colocou em prática seu projeto de propaganda política.

---

<sup>98</sup> N final do século XIX, a Alemanha ultrapassa, portanto, o limite que a faz tornar-se industrial. A seguir, progride ligeiramente segundo a mesma tendência ou se mantém na mesma proporção. Em 1925 o número de alemães ocupados na produção se eleva para mais de 50% da população ativa. Na mesma data, justamente em decorrência das transformações das cidades, os efeitos do pessoal de escritório aumentam em cerca de 4%, mas os das profissões agrícolas diminuem quase na mesma proporção. A indústria, o comércio e os transportes reúnem 58% da população ativa em 1931, e a agricultura somente 23%. RICHARD, *ibidem*, p.75.

<sup>99</sup> A república de Weimar sofre ainda os reflexos da separação que tendia a se estabelecer no final do século XIX entre uma Alemanha industrial e uma Alemanha agrária. A primeira tem por consequência o desenvolvimento do movimento operário, dos sindicatos, da solidariedade nas lutas contra o autoritarismo e por uma melhoria das condições de vida e de trabalho. A outra, situada sobretudo a leste de Elba, fornece trigo, gado e funcionários. Formada por uma aristocracia feudal, permanece conservadora, procura resistir a toda usurpação de suas vantagens adquiridas. Minoritária, ela domina, no entanto, o comportamento político dos agricultores graças a um lugar preponderante nas organizações corporativas. *Ibidem*, p.78.

<sup>100</sup> Mas Berlim, com cerca de 4 milhões de habitantes, drena todas as ambições e todas as energias, todas as riquezas e todas as misérias. Com a presença de 150 000 estrangeiros entre seus muros, gozando da contribuição de um certo número de imigrantes russos e de súditos da antiga monarquia austro-húngara, ela se eleva ao nível de uma cidade internacional. Logo, em 1925, ocupa 800 quilômetros quadrados, conta com 30 000 empresas e 3 000 filiais de bancos. (...) Assim como todas as cidades em que a comunidade judia compreendia milhares de pessoas, Berlim possuía também, ao norte do Alexanderplatz, uma sinagoga e um cemitério judeu. *Ibidem*, p.80-82.

### 3.3.1 Aspectos culturais da nova burguesia: lazer, cinema, miséria e alienação

Um dos fatores que faz uma cisão entre os aspectos culturais da velha Alemanha aristocrática que era tradicional e formal, para que pudesse emergir uma Alemanha moderna e frenética que busca se desvencilhar da formalidade para viver mais livremente, sem dúvidas é o advento da burguesia dos centros urbanos. Com seu surgimento, nasce também novos hábitos e culturas que expressão seu modo de ser e pensar. Haja vista, um dos maiores símbolos da burguesia desse período são as casas de espetáculos, estabelecimentos para gente de todo tipo e gostos, que buscavam aliviar seu cansaço após um longo dia de trabalho. Portanto, esses estabelecimentos tinham em comum oferecer entretenimento, deleitar pessoas de seu cotidiano árduo e sofrido. Por conseguinte, o público frequentador desses estabelecimentos era, majoritariamente, pessoas trabalhadoras, o proletariado e a classe média de empregados, em suma, as massas.<sup>101</sup> Esse comportamento consumista e deslumbrado com a novidade e tecnologia era por conta da influência norte-americana, que não estava apenas na economia, mas seu reflexo se fez presente principalmente nos novos costumes e culturas adotados pelos alemães que moravam nos grandes centros urbanos. O novo e o velho lutam por espaço e para existir, agora mais do que em outros tempos, a burguesia tem a chance de se sobrelevar diante da aristocracia<sup>102</sup>.

Os estabelecimentos de lazer se edificaram para atender uma clientela que buscava uma atividade para ócio que fosse antagônica à qual realizara durante o dia inteiro de trabalho. Considerando que a maior parte dos trabalhadores urbanos era formada por pessoas que trabalhavam mecanicamente nos escritórios e nas fábricas, tendo pouquíssimo tempo livre aos finais de semana e à noite, precisavam de uma atividade que não causasse fadiga intelectual, demandavam por uma atividade leve e de divertimento fácil e rápido. “Era preciso oferecessem uma evasão eficaz, que lhes permitisse esquecer, física e moralmente, suas preocupações cotidianas”.<sup>103</sup> Ambos os lados eram beneficiados, tanto a clientela que recebia sua pretendida

---

<sup>101</sup> Os lugares não eram ocupados pela alta sociedade. Era um jogo, uma distração destinada às massas. RICHARD, *ibidem*, p.211.

<sup>102</sup> A ópera alemã que teve mais sucesso sob a República de Weimar, montada em 1927 em Leipzig e representada a seguir nuns cinquenta teatros, carrega consigo, juntamente, todas essas imagens dos Estados Unidos: *Johnny se põe a tocar*, de Ernst Krenek. Músico negro, Johnny encarna a América nova. Ele se opõe a duas personagens que simbolizam a Europa fatigada, sem fôlego: um compositor e um violinista. Um é esmagado no fim por um trem; a outra parte para os Estados Unidos. Audacioso, ultrapassando os tabus, Johnny é o vencedor, é o homem do futuro: “Tudo o que é bom no mundo”, diz ele, “me pertence. Foi o velho mundo que o produziu, mas ele não sabe mais como utilizá-lo...” A obra termina com o seu triunfo. O coro canta: “Soa a hora do tempo antigo, eis que nasce o tempo novo! Não deixem escapar essa transição, vocês vão penetrar no país desconhecido da Liberdade”. *Ibidem*, p.212.

<sup>103</sup> RICHARD, *ibidem*, p.14.

diversão, como os donos dos estabelecimentos que obtinham lucros com a venda de distrações, isto posto, estava sendo instalada na Alemanha a indústria do divertimento de massa.

Toda empresa, trabalha com a racionalização de suas atividades, no caso da indústria do entretenimento, não foi diferente. “Tal sistema levava a favorecer espetáculos preparados com muita precisão e cujos detalhes haviam sido estudados no sentido de atingir certos efeitos. Agradar ao público não era levá-lo a refletir, mas sim seduzi-lo, fasciná-lo por meio de todos os deslumbrantes recursos da técnica”. A intenção é clara, alienar para alegrar, abstrair aquele corpo e mente exaustos com entretenimento picaresco. Os donos dos estabelecimentos, aprenderam que quanto mais espetaculoso e mirabolante eram as apresentações, mais extasiado o público ficava, pois gostavam da opulência. À vista disso, dispor-se-iam a pagar o que for necessário para vê-las.<sup>104</sup>

Todavia, os estabelecimentos não eram formados apenas pelo público que buscava distrações frívolas, muitos clubes também tinha como clientela pessoas que buscavam lugares alternativos para produzir conteúdo politizado<sup>105</sup>. Esse fato evidencia o quanto a mudança nos costumes afetou culturalmente os alemães, visto que os espetáculos também poderiam conter críticas politizadas, servindo também para refletir, além de somente divertir. Nota-se que, essa nova burguesia, especificamente o proletariado e a classe média – empregados –, nos centros urbanos procurou produzir seus próprios meios intelectuais, para além de uma cultura acadêmica ligada à aristocracia. Queriam construir sua própria narrativa, a partir de seus espaços e com sua própria voz. Por esse motivo, enxergavam nos estabelecimentos de lazer, mais do que entretenimento, mas uma possível ferramenta para apresentar suas indignações, opiniões e artes, ao seu modo, de forma lúdica e acessível.<sup>106</sup>

---

<sup>104</sup> O que encontrava o público nesses estabelecimentos de “variedades”? Canções, *sketches*, pequenas comédias. E, principalmente, dançarinas pouco vestidas, movimentando-se num vasto palco ao som de uma música bem ritmada. O sucesso repousava sobre a aliança entre um cenário luxuoso, roupas faiscantes e coloridas, corpos femininos em movimentos harmoniosos e perfeitamente coordenados. Para chegar-se ao fascínio procurado, o que era proporcionado à vista contava muito mais do que se fazia ouvir. Chegava a haver de cem a duzentas dançarinas e figurantes no palco. Quadros sucediam-se, até aproximadamente uns cinquenta na mesma noite. *Ibidem*, p.216.

<sup>105</sup> Mas o cabaré alemão não se resumia apenas a esses programas elaborados que davam a impressão de revistas e de comédias musicais destinadas a pequenos palcos. Já no início do século, sofrera a influência do cabaré de Montmartre. Ali se cantavam, portanto, canções satíricas, sociais, políticas. (...) A Alemanha contava assim com perto de 150 estabelecimentos, uns quarenta, só em Berlim, muito diversificada quanto à natureza de seus espetáculos. Muitos dentre eles eram de qualidade medíocre. Todavia, a originalidade do cabaré alemão em relação ao cabaré francês foi dispor de uma plêiade de escritores de talento que lhe forneciam os textos. *Ibidem*, p.222.

<sup>106</sup> Para Kurt Tucholsky, habituado ao jornalismo humorístico graças às suas crônicas no seminário berlinense dos intelectuais de esquerda *Die Weltbuehne*, escrever textos de canções ou esquetes era ao mesmo tempo um jogo e uma forma de combate contra o que ele considerava tolices da época. A ironia, por vezes o sarcasmo, era mais eficaz no palco de um cabaré do que numa leitura solitária. O militarismo, a falsa beneficência burguesa, os republicanismos oportunistas recebiam golpes mais vigorosos das palavras cantadas a cada dia do que um artigo lido e esquecido rapidamente. Antimilitarista também era Erich Kästner. (...) Sensível ao dinamismo da vida

Para esses críticos sociais, mais valia uma apresentação agradavelmente estruturada, pontual e criativa ao mesmo tempo, feita para ser assistida diversas vezes, incluindo em companhia para conversar sobre ela depois, do que um texto lido sozinho, que muitas vezes é esquecido logo após lê-lo. Esses artistas e intelectuais, e muitos amadores, nascidos e criados nesse fervor cultural e tecnológico do início do século XX, desejavam fazer militância política nas ruas, dialogando com as massas, para isso utilizavam ferramentas sensoriais para cativar o público como a música, a dança, o teatro e o cinema<sup>107</sup>. Queriam criar novos espaços – incluíse o próprio corpo<sup>108</sup> – e modos de fazer política, uma política menos formal, menos solene, menos parlamentarista. Pretendiam pôr em prática algo moderno, diferente do fracassado sistema político vigente, algo que verdadeiramente expressasse suas vontades e necessidades. Algo popular, do povo, das massas, feita por eles e para eles, algo que fosse realmente democrático.

### 3.3.2 O cinema como distração das massas

Em meio as crises e misérias, ou simplesmente ao cansaço de um fatigante dia de trabalho, muitos tinham como alternativa para se distrair grandes festivais com muita comida, músicas e pessoas. Esses festivais temáticos, como o da cerveja, era uma marca registrada das cidades do interior, nas províncias. Entretanto, nos centros urbanos, faltava uma distração à altura para entreter as pessoas, onde elas poderiam passear em grupo, ver diversos tipos de apresentações e sentir-se como uma parte integrante viva do espetáculo. É sob essa conjuntura que nasce o cinema na Alemanha, como uma excelente alternativa para o lazer nos grandes centros urbanos. Obstinação com a ideia de que o cinema viraria uma tendência de arte das massas e substituiria as outras formas tradicionais de distrações, os homens de negócio

---

moderna, à técnica, ao pequeno mundo dos escritórios, ele era muito popular nas camadas médias. Irônico, dominava a arte das nuances. Dava a impressão de contemplar o mundo com um ceticismo divertido, uma desilusão resignada. Perspectiva que se harmonizava muito bem com a atmosfera de crise. RICHARD, *ibidem*, p.223.

<sup>107</sup> O caminho escolhido por Ernst Busch e Hanns Eisler, assim como por homens de teatro como Bertold Brecht, Wolfgang Langhoff, Hans Otto, Erwin Piscator, Maxim Vallentin, Gustav von Wangenheim, levou à utilização das técnicas das revistas e do cabaré no combate contra a política de direita e o fascismo. (...) Grupos de teatro espalharam-se por toda a Alemanha para levar a boa palavra do Partido Comunista. Eram compostos por profissionais e –como meio de associar o lazer à militância –, por muitos amadores. (...) Rompendo com as salas e o público tradicionais, eles representavam ao ar livre nas manifestações de massa, nas reuniões políticas, ou simplesmente na rua. *Ibidem*, p.224-225.

<sup>108</sup> É o início da “dança moderna”, que vai exercer nos Estados Unidos uma influência profunda. Mary Wigman preconizava movimentos que permitiam ao corpo libertar-se de todas as limitações para ter acesso a um êxtase, à “expressão da alma” (...) Com o seu Balé Triádico, cuja estreia tem lugar em 1922 em Stugart, ele pensa que o corpo se assemelha a uma “mecânica orgânica”, e que o dançarino deve, nos seus movimentos imitar as máquinas (...) Ligados a essa concepção do esporte de massa como forma de emancipação, o nudismo tinha inúmeros adeptos nas associações de juventude esquerdistas. Rapazes e moças se encontravam em campos naturalistas. Juntos, banhavam-se nus. O que, de resto, não queria dizer absolutamente que eles fossem partidários da liberdade sexual e preconizassem o amor livre. *Ibidem*, 234.

investiram fortemente na construção de salas e mais salas de cinema<sup>109</sup>. Apesar de megalomaníacos, os homens de negócio não estavam errados sobre o sucesso estrondoso que o cinema iria fazer.

Para aquela massa de desempregados, muitas vezes famintos ou desnutridos, desiludidos com o futuro, ou simplesmente cansados de mais um dia de trabalho mecânico, o cinema serviria como uma válvula de escape da realidade, era uma maneira de abstrair-se da dor e do esgotamento do cotidiano<sup>110</sup>. Comprar um ingresso para assistir uma sessão de cinema, equivalia a comprar uma passagem para viajar para outra dimensão, outra realidade, na qual, tornar-se-iam os protagonistas das histórias de aventura e romance. Lá, nessa dimensão fabulosa, não existia um cotidiano cinzento recheado de sofrimento, dor, miséria, mas sim repleto pelos sentimentos mais sublimes e pelas paisagens mais exóticas.

Contudo, não era apenas para a finalidade de divertir e alienar que os filmes eram produzidos. Muitas produtoras alternativas, buscavam no cinema um mecanismo para propagar seus ideais políticos para gerar reflexão sobre o social.<sup>111</sup> Dependendo do filme, recebiam uma boa recepção do público, muitos se identificavam com as histórias que eram ambientadas nos subúrbios de Berlim. Geralmente, eram personagens oriundos de família pobre e operária, que estavam submersos em uma realidade pautada na exploração e sofrimento. Esse tipo de narrativa sensibilizava muitos expectadores por conta de sua excelente produção. Isto posto, evidencia-se que nem sempre as massas estavam à procura de diversão barata e frívola, muitos

---

<sup>109</sup> Em 1920, só em Berlim tinha trezentas salas, vinte das quais gigantescas. Em Frankfurt, o Circo Schumann foi transformado numa sala de 5 000 lugares. Em Hamburgo, sete salas dispunham de 1 500 a 2 000 lugares cada uma. RICHARD, *ibidem*, p.226.

<sup>110</sup> Para muitos habitantes da cidade, sobretudo das camadas médias, o cinema se tornara o divertimento ideal. Eles o frequentavam como se se servissem de uma droga para esquecer a estreiteza mesquinha há de sua existência. Em 1924, 2 milhões de entradas eram vendidas em toda a Alemanha. Sessões tinham lugar tarde da noite. Em Berlim, uma sala funcionava até mesmo de manhã. Quem pode ir ao cinema tão cedo? Perguntava-se Walter Hasenclever, tentando ele mesmo a experiência. Ele constata que a sala está lotada, ocupada por desempregados, empregados de estradas de ferro, escolares, vagabundos e prostitutas. Por sessenta *pfennige*, eles são felizes. Podem admirar o mundo não como ele é, mas como ele não é. E sonhar. *Ibidem*, p. 227.

<sup>111</sup> Além disso, um cinema social, produzido por pequenas firmas ligadas aos meios esquerdistas, foi aplaudido pelas camadas populares. *A viagem de Mãe Krausen para a felicidade*, a partir de um roteiro do pintor berlinense Heinrich Zille e dirigido por Piel Jutzi em 1929, é um exemplo disso. (...) Tinham sido escolhidos essencialmente pelo seu lado pitoresco, pela evocação dos subúrbios de Berlim, com suas crianças mal alimentadas, os bêbados, os cantores de ruas e as prostitutas. (...) *Kuble Wampe*, realizado por Slatan Dudo em 1931, fruto de uma equipe que trabalhou sobre um projeto de Brecht e segundo suas concepções estéticas, é outro exemplo desse cinema social, político mesmo, ao qual o público esteve longe de ser indiferente. (...) Não obstante, o público afluía para assistir a essa história de uma família operária em pleno período de crise e de desemprego. Na primeira semana de apresentação, 14 000 entradas foram vendidas. A seguir, o filme foi exibido em quinze dos bairros populares da cidade. *Ibidem*, p.229.

queriam sim produções com conteúdo reflexivo. Talvez, os produtores de sucessos de filmes mais politizados, conseguiram encontrar o equilíbrio entre o popular e a erudição.

Sem embargo, os filmes mais politizados nem sempre refletia as ideias de esquerda, haviam também produções de filmes com conteúdo político direitista.<sup>112</sup> Observa-se que não foi apenas durante o governo nazista que filmes com a temática de defesa ao pangermanismo e nacionalismo, posteriormente um certo tipo de pró-nazismo, eram produzidos, antes mesmo dos nazistas tomarem o poder filmes com essas temáticas já estavam sendo feitos.

À vista disso, nota-se que o cinema no início do século XX nos centros urbanos alemães, assim como as demais artes, foi utilizado tanto como uma ferramenta de politização e como também uma forma de entretenimento. O cinema, mais do que as demais artes, é uma arte genuinamente burguesa. O cinema nasce para expressar essa nova burguesia urbana, por isso, é feito a partir da simbiose de elementos como tecnologia, novidade, variedade, movimento, luz, cor, som, narrativas e fábulas. Reproduzindo na tela as imagens de uma nova perspectiva de mundo, edificado a partir dos novos hábitos burgueses – além do proletariado e da classe média –. Essa burguesia que buscava vivenciar a liberdade de escolha, a informalidade, o ritmo frenético das cidades, logo, desejava um sistema político que realmente os incluísse na administração do Estado. Ansiavam um poder para o povo, onde suas necessidades e vontades fossem ouvidas e acatadas. Essa nova burguesia urbana nos grandes centros quer legitimar sua própria cultura, a partir de seus espaços e da sua própria voz, buscavam autonomia em relação ao domínio da velha aristocracia. Portanto, em síntese, o cinema representa o espaço e a voz dessa burguesia, pois consegue ser popular ao mesmo tempo em que entretém e faz refletir.

Usar o cinema como uma estratégia pedagógica, não será invenção dos nazistas. O cinema na Alemanha, já vinha sendo utilizado como propagador de ideais políticos, incluindo-se os nacionalistas, há bastante tempo como foi visto. O que os nazistas farão de diferente é monopolizar as indústrias de cinema, além de censurar<sup>113</sup> as produções, isso sim é algo genuinamente nazista. É importante ressaltar as diferenças do que é criação dos nazistas e o que são apenas desdobramentos de costumes de uma época e dos próprios comportamentos sociais dos alemães. Pois, Goebbels, assim como Hitler dentre outros nazistas, são antes de mais nada,

---

<sup>112</sup> Mas, no tempo do cinema mudo, as salas mais frequentadas eram as que apresentavam (...) ou, numa perspectiva chauvinista e de exaltação pangermanista, os múltiplos episódios da vida de Frederico, o Grande, em *Fridericus Rex*, de Arsen von Czerepy, de 1922, modelo que deu lugar a toda uma série de imitações. Quando o cinema falado se generalizou, foram filmes num estilo sensivelmente semelhante, mas modernizado, que atraíram as multidões. Logo entraram na moda os filmes sobre escaladas de montanha. Entre outros, nacionalistas e já quase abertamente pró-nazistas, os do alpinista Luis Trenker. RICHARD, *ibidem*, p. 230.

<sup>113</sup> A censura ocorria também na República de Weimar. RICHARD, *ibidem*, p.229.

frutos de seu tempo. Existe sempre uma tendência a culpabilizar os nazistas por todos os acontecimentos catastróficos e sórdidos que ocorreram na Alemanha durante seu governo, mas boa parte desses acontecimentos, ocorreram devido aos sentimentos e comportamentos que já estavam embrionados no cerne do social, apenas precisavam ser despertados.

Goebbels, assim como mencionado, queria conquistar Berlim, e todos os outros centros urbanos que fossem habitados por essa nova burguesia – possíveis novos adeptos ao nazismo –, para isso, iria utilizar a ferramenta mais potente segundo suas observações, o cinema. É a partir dessa conexão entre a nova burguesia urbana e o cinema, que Goebbels começa a enxergar o cinema como um estratégico mecanismo para propagar a doutrina nazista. Ele percebe que para cativar um público menos escolarizado e formal, principalmente nos centros urbanos, necessita-se de um mecanismo popular que envolvesse mais as emoções, do que a razão. Onde uma boa produção do filme, vale mais do que o próprio conteúdo do enredo. Ademais, as apresentações nos estabelecimentos de entretenimento, em sua maior parte como foi visto, seguiam justamente essa lógica. É com essa tática que os nazistas projetarão sua propaganda política para ludibriar as massas.

### 3.3.3 A literatura e o hábito de ler na nova burguesia urbana alemã

Para tratar da maneira como a nova burguesia nos centros urbanos da Alemanha se relacionava com a literatura, e com o próprio hábito de ler em seu ócio, é preciso contextualizar de que forma se dava a instrução para os estratos sociais burguês e abaixo dela. Esse análise, permite compreender o porquê os nazistas escolheram o cinema, e não a literatura como mecanismo para propagar seus ideais.

De fato, os nazistas lançaram também livros sobre o nazismo, porém não era o seu foco. Um dos fatos que explica essa preferência pelas imagens nas telas, ao invés de palavras nos textos, é que boa parte dos nazistas são oriundos das classes sociais abaixo da aristocracia, com exceção de Goebbels, entre outros, pouquíssimos são os nazistas que tinham grau de instrução superior à educação básica. Em sua maioria, não eram analfabetos por completo, porém, é fato que não estavam familiarizados com o academicismo pertencente à aristocracia. Para uma maior parcela entre os nazistas, suas origens familiares variam entre o campesinato, o próprio Hitler era, e a nova burguesia urbana. São pessoas que não estavam habituadas a tomar a leitura como a maior expressão do conhecimento seja pela falta do hábito de leitura, seja por não ter tido acesso ao mundo das letras.

Como já foi analisado, a nova burguesia urbana não dispunha de tempo hábil, muitas vezes nem disposição física, para atividades que exigisse fadiga mental, por isso, as casas de espetáculos pitoresco se proliferaram nas ruas de Berlim e de outras grandes cidades. Isso não significa que os alemães menosprezavam o conhecimento, pelo contrário, apenas é um indicativo de que naquele início do século XX, essa nova burguesia urbana estava procurando uma maneira condizente com sua identidade cultural de produzir, refletir e propagar o conhecimento. É por isso que surge novas manifestações artísticas como o cinema, revistas e até os quadrinhos, como forma de se fazer crítica social, mas não abandonar o conhecimento sensível. As pessoas que moravam nos grandes centros estavam se desvencilhando da rigidez moral, repressão e da formalidade tão enraizada na cultura alemã, por esse motivo, buscavam formas mais livres para manifestar suas vontades e necessidades, que realmente representassem o que elas são. O fascínio pelo cinema, entra justamente nesse ponto, é a arte sinestésica do movimento, imaginação, criatividade e de novas sensações visuais, sonoras e corporais. O corpo, como já foi dito anteriormente, também é o espaço para se expressar politicamente. E o cinema possui a capacidade de mexer com os sentidos, penetra no corpo, na alma, invade a mente do espectador.

Dentro dessa conjuntura, na qual, há uma luta de classes entre a nova burguesia e a velha aristocracia, a literatura vai perdendo espaço para novas manifestações artísticas e intelectuais provenientes da própria burguesia. A literatura não foi abandonada, apenas perdeu seu protagonismo, não por um simples desinteresse pela leitura, e sim porque, o início do século XX é marcado por diversas novidades para o lazer, há muitos novos estabelecimentos sendo inaugurados todos os dias, em diversos segmentos com vários tipos de espetáculos. É uma vastidão de opções para ocupar o ócio, e com pouco tempo disponível que o trabalhador urbano tinha somado à exaustão física, restava a ele sair em companhia de amigos para se divertir e conversar sobre banalidades ocorridas durante o dia, do que ficar em casa lendo sozinho. Isso quando conseguiam estar empregados, pois em muitos casos, os espectadores de filmes eram os desempregados que viviam de assistência do governo, que pegavam sessões matinais para sonhar com uma realidade diferente da qual estavam vivendo. Pelos motivos elencados, o cinema vai se entranhando pouco a pouco no cotidiano dos alemães durante o início do século XX, como uma alternativa para se entreter, alienar e fazer política.

Sendo o cinema uma expressão artística da burguesia urbana – inclui-se o proletariado e a classe média –, e a burguesia era o alvo que os nazistas ambicionavam conquistar como novos adeptos à sua ideologia, sempre fez muito mais sentido investir em produções cinematográficas, do que

na edição de livros. Primeiramente, porque o cinema já estava popularizado entre os estratos sociais urbanos antes mesmo dos nazistas chegarem ao poder. Segundo, porque os próprios políticos nazistas, majoritariamente, são oriundos desses mesmos extratos sociais, quando não do campesinato, portanto reproduzem um comportamento concordante com sua origem social, preferindo o cinema a literatura. E terceiro, pela miséria econômica que se alastrava pela Alemanha, onde os alunos pobres não tinham como ir à escola, e as pessoas não tinham dinheiro nem para comprar e itens de primeira necessidade como comida e roupa, quem dirá para comprar livros.

Ressalta-se que sim, há produções literárias durante o governo nazista, inclusive anteriormente até o próprio Hitler produziu seu livro “*Mein Kampf*”, mas literatura não era o foco. Os nazistas sabiam que em uma Alemanha miserável, na qual professores estavam trocando seu salário por comida, investir largamente na edição de livros, iria causar prejuízos e ser quase ineficaz. Os nazistas aproveitaram o fato de que o cinema vendia sonhos, uma realidade paralela feliz e farta para quem tem fome, para incutir sua ideologia nefasta. Seja com filmes com explícitas temáticas propagandísticas como em *O Triunfo da Vontade*, seja em filmes com enredos ficcionais.

É imprescindível destacar que apesar dos nazistas reproduzirem alguns valores pertencentes à burguesia, pelo fato de muitos serem oriundos dos centros urbanos, quando não, passavam boa parte de suas vidas nele, não significa que os nazistas adotaram todos os valores burgueses. Definitivamente não. Como o período é marcado por ser uma época de transição, muito do comportamento aristocrático ainda era reproduzido na sociedade alemã, inclusive pelos próprios nazistas. Valores arcaicos como autoritarismo, obediência, respeito à hierarquia e o nacionalismo foram defendidos afincamente pela doutrina nazista. Fora dos centros urbanos, e em alguns casos até mesmo dentro deles, existia uma boa parcela da sociedade alemã que ainda apoiava a permanência dos valores aristocráticos tradicionais.

A dualidade entre a inovação e a tradição estava sendo traçada, portanto, é leviano buscar apenas a predominância de um em relação ao outro durante esse início do século XX. É totalmente viável que ambos possam coexistir em um mesmo espaço, e na mesma pessoa. Essa particularidade, inclusive, é um dos motivos que instiga Hitler e os nazistas a travar uma verdadeira guerra santa contra aqueles que, segundo suas convicções, eram os vilões – internos – da Alemanha os bolchevistas, degenerados, estrangeiros e todo o tipo de esquerdista que incitasse um levante do proletariado. Um dos fatores decisivos que explica o porquê da

coexistência desse dualismo entre valores aristocráticos e burgueses, são os reflexos da maneira como a educação era imposta aos alunos alemães.

### 3.3.4 Educação na sociedade alemã: repressão, autoritarismo e a nova burguesia

Para ser possível a compreensão de como os valores aristocráticos e burgueses coexistiam na sociedade alemã, é necessário fazer uma breve análise de como o sistema educacional estava implementado. Uma vez que, muitos dos comportamentos exaltados pelos nazistas tinham uma íntima relação com os valores aristocráticos, apreendidos, em muitos casos, dentro do próprio sistema de ensino. Os traços mais marcantes do sistema educacional alemão era a repressão, o respeito à hierarquia e a obediência, esses valores eram assimilados tanto nas salas de aula do ensino básico<sup>114</sup>, como pelos futuros profissionais nos bancos universitários. O aluno ficava aprisionado a uma rotina de repressão e de submissão do início ao fim de sua vida escolar, conseqüentemente, formava-se profissionais que posteriormente tendiam a reproduzir os mesmos comportamentos. Comportamentos esses, que serão incitados tanto na campanha nazista durante sua ascensão ao poder, como posteriormente em sua propaganda política.

Uma das características mais notáveis do nazismo era a figura de chefe e de autoridade incontestável atribuída a pessoa de Hitler. A veneração por sua imagem autoritária e patriarcal possui também –fora a alusão ao imperador/ Kaiser – uma correlação direta com a postura que os professores desempenhavam em sala de aula. A figura do professor simbolizava autoridade, pois ele estava autorizado pelos pais, de forma informal,<sup>115</sup> a usar diversos tipos de castigo físico para impor seu domínio sobre os alunos. Depois dos pais, era delegado aos professores o papel de reprender e castigar as crianças e os jovens.<sup>116</sup> Para a maioria dos professores reprimir era o mesmo que ensinar, portanto, os alunos, desde muito cedo, aprendiam que para se instruir, precisavam passar por um martírio. Tornando o ato de aprender um processo doloroso e traumático. Esses sentimentos foram usados como combustível para gerar ideais vanguardistas

---

<sup>114</sup> A criança, de fato, encontrava na escola os métodos usados por sua família de maneira pragmática, sem qualificação técnica. Palmadas, bofetadas ou bastonadas passavam aos olhos de todo mundo, burgueses ou proletariados, por preliminares indispensáveis a uma boa educação! RICHARD, *ibidem*, p. 163.

<sup>115</sup> Legalmente os castigos corporais eram proibidos. (...) Mas muitos pais temiam que seus filhos viessem a sofrer as conseqüências que poderiam resultar do acolhimento de queixas. Além do mais, não era raro ouvir-se dizer: “Bofetadas e palmadas nunca fizeram mal a ninguém, nós todos passamos por isso!”. *Ibidem*, p. 164.

<sup>116</sup> Em 1921, um professor da região suábia decidiu entregar ao público o balanço de sua carreira. Julgando que as cifras eram mais eloquentes do que a bela retórica pedagógica, ele achou que era mais simples apresentar um resumo de seus métodos por meio de estatística. Em trinta anos de profissão, administrara aos seus alunos 911 500 bengaladas, 124 000 chicotadas, 209 000 suspensões, 130 000 reguadas na palma das mãos, 10 200 socos na orelha, 223 700 bofetadas. ‘É assim que se forma a juventude...’. *Ibidem*, p. 163.

ou em outros casos, simplesmente a pura e fatídica reprodução da violência e repressão como será visto durante o governo nazistas.

A partir do exposto, percebe-se que a noção do que venha a ser uma boa educação, não estava estritamente vinculada ao conteúdo do ensino, mas sim, sobretudo, à manutenção da ordem. Nessa perspectiva, o professor subjuga o aluno, tornando-o inepto e dependente às vontades dos adultos. Isto posto, permite compreender que, de uma forma geral, os alemães, antes do governo nazista, já possuíam uma inclinação para dependência de uma figura central de autoridade para tomar decisões por eles. Para cumprirem seu dever de manter a ordem em sala de aula, os professores podiam utilizar castigos físicos, caso fosse necessário, colocando, dessa forma, a figura do professor mais próxima a de um policial do que de um educador. À vista disso, ocorre a naturalização do uso da violência com a finalidade de manutenção da ordem e da disciplina. Portanto, uma boa educação na tradicional Alemanha era sinônimo de rigidez, repressão e violência.<sup>117</sup>

É válido destacar que os castigos físicos pelos quais os alunos ficavam submetidos em sala de aula, é na verdade, uma projeção do comportamento opressivo e violento que acontecia em suas próprias casas. Onde a figura masculina do pai expressava autoridade, e na feminina da mãe, a submissão.<sup>118</sup> Essa construção de dominante e dominado, é vista também no discurso nazista, ao retratar as massas com uma conotação feminina, indicando sua submissão e vulnerabilidade, enquanto os nazistas e o próprio Hitler encarnavam o sentido masculino simbolizado pela imponência e autoridade, ou seja, os que são genuinamente dignos de deter o poder para controlar as massas subjugadas. Os nazistas irão se beneficiar desse comportamento latente que tende à aceitação da repressão, submissão, e as vezes até mesmo do uso da violência como ferramenta educacional, como algo natural.

Com a chegada dessa nova burguesia, repensa-se sobre esse modelo educacional repressor, influenciados por ideais esquerdistas,<sup>119</sup> algumas frentes na sociedade alemã buscavam por métodos pedagógicos menos repressivos, que enxergasse o aluno como um ser capaz de pensar por si mesmo, e não totalmente subjugado pelas vontades dos adultos, professores e pais. Essa mudança nos costumes educacionais foi impulsionada pela crise de

---

<sup>117</sup> Gerações de alemães só guardam da escola da época imperial a lembrança de um sistema opressivo. Com frequência, o professor não passava de um policial. A função mais apreciada pela administração era sua competência em subjugar, em instruir os jovens espíritos que lhe eram confinados. RICHARD, *ibidem*, p.163.

<sup>118</sup> Desses castigos corporais, os pais eram os distribuidores titulares. Poucos dentre eles rejeitavam esse poder que lhes havia legado a tradição patriarcal. *Ibidem*, p.163-164.

<sup>119</sup> A partir do fim de novembro de 1918, com efeito, todas as correntes de esquerda estavam de acordo, no seu desacordo, em relação a uma necessidade: era preciso reformar o ensino. *Ibidem*, p.165.

valores que a Alemanha passara por conta da guerra, rápida industrialização e pela utilização de mão-de-obra feminina. Essas alterações sociais abruptas foram capazes de modificar em dez anos as bases de um universo tão rigoroso.<sup>120</sup> Principalmente nos centros urbanos, a intenção era de pôr em prática novas formas e princípio de pedagogia.<sup>121</sup>

A escola pública também foi inclusa nessas transformações do ensino que ocorriam nas escolas privadas.<sup>122</sup> Surgem nesse período, diversas inovações no sistema de ensino, destaca-se o uso do cinema e do rádio como mecanismos pedagógicos. Constatase que o uso do cinema, igualmente do rádio, como ferramenta de aprendizagem não é uma invenção dos nazistas, setores dos estratos sociais que habitavam os centros urbanos, já vinham utilizando desse recurso como meio para produzir e propagar informações de forma despojada e dinâmica. Era uma forma de contrapor-se à educação tradicional repressora, criando um sistema educacional mais libertador e visionário, no qual, o aluno possui autonomia para decidir por si mesmo como deve ser seu processo de aprendizagem. Expressando suas vontades de forma livre e consciente. Era necessário se expressar, colocar para fora toda a amargura, repressão e dor que estavam entranhados no cerne do comportamento social dos alemães.

Apesar dos esforços feitos pelos setores esquerdistas de pôr em prática uma nova pedagogia, o conservadorismo da aristocracia, e também da Igreja Católica, ainda possuía domínio sobre diversos setores na sociedade.<sup>123</sup> Esse obstáculo foi o suficiente para frustrar os ânimos de novos tempos de ensino, que apesar de algumas mudanças conseguirem ser

---

<sup>120</sup> O sucesso do Movimento de Juventude e, entre a nova geração de poetas e literatos, a explosão da revolta expressionista por volta de 1910, foram em parte consequência desse método. A oposição entre pais e filhos tornou-se lugar-comum. Para muitos ginasianos, a figura paterna só representava o símbolo negativo da renúncia à individualidade, da submissão a um condicionamento coletivo. RICHARD, *ibidem*, p.164.

<sup>121</sup> Esse gênero de comunidades escolares livres existiu também em Berlim, em Bremen, em Iena. (...) A esse respeito, as ideias de Gustav Wyneken, que pretendia ser um teórico do Movimento de Juventude, tinham exercido uma influência difusa. (...) esse filho de pastor julgava que o papel da educação era encaminhar a humanidade para um progresso espiritual, formar “cavaleiros do espírito”, livres de qualquer constrangimento político ou religioso. *Ibidem*, p.167.

<sup>122</sup> Em 1926, cerca de trinta escolas novas funcionavam na Prússia. Mistas, sem diretor, elas não estavam sujeitas ao controle de nenhum inspetor. A liberdade dos professores era completa, tanto em relação ao emprego do tempo quanto aos programas. Pais e visitantes podiam entrar a qualquer momento nas salas de aula e assistir aos cursos. Diferentes oficinas permitiam que os alunos se dedicassem à encadernação, à escultura em madeira, à música. O cinema e o rádio eram utilizados regularmente. *Ibidem*, p.168.

<sup>123</sup> A todo momento, os representantes das Igrejas ou jornais fiéis às suas orientações se intrometiam na vida escolar, nos programas, na formação dos metes, na pedagogia. (...) Em 1927, em Hamburgo, um pai e família se queixou junto à admiração de sua filha era obrigada a cantar em classe o hino nacional *Deutschland über alles...* *Ibidem*, p.170-171.

implementadas, sobressaiu-se uma pedagogia que tende para o tradicionalismo e nacionalismo.<sup>124</sup>

A boa notícia é que na República de Weimar, a escola passa a ser obrigatória para todos e todas. Entretanto, a origem social do aluno era um fator que determinava se ele continuaria ou não com os estudos no ensino secundário e terciário. Contudo, não era apenas em relação ao prosseguimento dos estudos que a origem social dos alunos contava como delimitador de diferenças. Por conta da regularização do ensino, os alunos provenientes das classes baixas, proletariado e campesinato, conviviam com os alunos mais abastados sob o mesmo espaço. As roupas e o comportamento tinham o papel de demarcar os lugares sociais dos alunos.<sup>125</sup> Demonstrando, que apesar da influência dos novos valores culturais propagados pela nova burguesia urbana, ainda há resquícios dos comportamentos derivados dos aristocratas, como necessidade de distinção e pertencimento à nobreza que ainda pairavam sobre a sociedade alemã.

Em relação aos professores, a maior parte dos que lecionavam nos ensinos do primeiro e secundário, eram provenientes das classes menos abastadas.<sup>126</sup> Viam o magistério como uma boa alternativa para melhorar de vida. Mas, acabavam por se frustrar, já que as condições de trabalho eram ruins, e viajavam em diversas localidades para lecionar. Todo o sacrifício não era recompensado devido a péssima remuneração. A situação chegara ao extremo durante a crise de 29, na qual, muitos professores trabalhavam sem a garantia de receber seu salário.<sup>127</sup> Esse foi o estopim, para que muitos professores depusessem toda a desilusão no governo republicano, ansiando por melhorias de condição de trabalho, muito desses que outrora foram pacifistas e socialistas nos anos de 1920, agora, viam-se inclinados a concordar com a ascensão dos nazistas ao poder para solucionar seus problemas.<sup>128</sup>

---

<sup>124</sup> Pela lei de 28 de abril de 1920, todos os meninos de seis anos e todas as meninas de sete eram obrigados a frequentar regularmente a escola. Era, de início, a escola elementar, não mista e, com mais frequência, religiosa. *Ibidem*, p.171.

<sup>125</sup> Os jovens filhos de burgueses eram reconhecidos pela cabeça quase raspada, com uma larga mecha de cabelos conservada bem no alto do crânio, dividida por uma risca em duas partes cuidadosamente simétricas. Os outros usavam cabelos muito curtos, às vezes quase raspado sem modismo. A preocupação das mães era vê-los limpos. Sem piolhos. *RICHARD*, *ibidem*, p.172.

<sup>126</sup> Mais de 50% desses mestres provinham das camadas médias menos favorecidas. Seus pais eram empregados, artesãos, professores que não tinham cursado qualquer ciclo de estudos na universidade. Eles esperavam viver melhor do que no seu meio de origem. *Ibidem*, p.173.

<sup>127</sup> Era ou o desemprego ou trabalhar sem ser pago. Nessas condições é compreensível, escrevia um jornal local, que os professores acabem por perder toda a confiança no governo e no Estado republicano. *Ibidem*, p.173.

<sup>128</sup> *Ibidem*, p.174.

Assim sendo, seja através dos alunos, ou de professores, os hábitos e as tradições ao invés de serem questionados nos espaços de ensino, eram reafirmados e cultuados.<sup>129</sup> Outrossim, ocorriam nos estabelecimentos de ensino, como no restante da sociedade alemã, o duelo entre o novo e velho pela predominância do espaço.

As diferenciações se davam também na continuidade dos estudos, que estava estritamente ligada a origem social do aluno. Em uma época marcada pelo desemprego, crise e miséria, muitos alunos do secundário, ao concluírem seus estudos, viam-se obrigados a trabalhar. Por esse motivo, os estabelecimentos de ensino diferenciavam-se entre um ensino com uma didática voltada para o ensino técnico, e outra voltada para ensino teórico.<sup>130</sup> As classes desfavorecidas, escolhiam encaminhar seus filhos para os institutos que tivessem uma formação mais rápida, e que simultaneamente os profissionalizassem. Enquanto os mais abastados tinham recursos suficientes para garantir o acesso e a permanência de seus filhos no ensino superior, uma vez que seus filhos não precisavam trabalhar para sobreviver, dispendo inteiramente de seu tempo livre para os estudos.

Essas considerações sobre o acesso aos estabelecimentos de ensino, são pertinentes, pois através dessas informações, fica mais tangível a compreensão do comportamento que a nova burguesia, também o proletariado e a classe média, tinham em relação a cultura literária. Observa-se que os alunos provenientes das classes baixas, precisavam dividir seu tempo entre os estudos e o trabalho, forçando a maioria a abandonar o prosseguimento dos estudos após sua conclusão no segundo grau. Isso quando habitavam os grandes centros urbanos, pois, os alunos oriundos do campesinato, tinham obstáculos maiores para frequentar as escolas.<sup>131</sup> Se os alunos residentes nos grandes centros, em boa parte, não chegavam até as universidades, optando por

---

<sup>129</sup> Assim se firmavam os hábitos e as tradições. E os professores, diplomados entre 27 e trinta anos após terem feito provas, de estágio em estágio, em diversos colégios, revelavam-se muito ligados às tradições. O mundo da época imperial lhes era mais familiar do que o das instituições republicanas. *Ibidem* p. 180.

<sup>130</sup> Mais do que inteligência, um jovem precisava de obstinação para chegar por si mesmo a elevar-se cultural e socialmente quando, aos catorze anos, a vida orientava para uma atividade profissional. (...) Os operários preferiam enviar seus filhos, quando o podiam, para os estabelecimentos de ciclo curto. Os colégios modernos eram escolhidos sobretudo pelas camadas médias, enquanto os clássicos tinham a preferência dos quadros superiores. Comerciantes, artesãos, pequenos empregados se orientavam de preferência para os colégios técnicos. RICHARD, *ibidem* p.175-177.

<sup>131</sup> Ora, como os estabelecimentos secundários não possuíam internatos, os alunos cujos pais habitavam em aldeias ou cidadezinhas onde não havia colégios eram nitidamente desfavorecidos. Precisavam encontrar famílias que aceitassem recebê-los como pensionistas, ou atravessar uma dezena de quilômetros de bicicleta de manhã e à noite, tanto no inverno como no verão. *Ibidem*, p.176-177.

cursos técnicos, os alunos provindos do campesinato não chegavam nem ao ensino secundário.<sup>132</sup>

Dentro dessa conjuntura, nota-se que as mudanças ocorridas foram importantes para regulamentar o sistema educacional, tornando-o obrigatório e ofertando ensino gratuito para os que não conseguiam pagar por ele. Porém, essas medidas não foram suficientes, ainda em 1931, uma parcela considerável de crianças com mais de onze anos estavam longe das escolas.<sup>133</sup> Esses fatos evidenciam que o mundo das letras, ainda era predominantemente protagonizado pelos aristocratas, e pela alta burguesia. Marginalizando os estratos sociais mais baixos, a classe média e o proletariado, dos espaços de conhecimento acadêmico, inviabilizando a aproximação dessa parcela da sociedade com a cultura letrada.

A solução encontrada por essa nova burguesia urbana, foi construir sua própria perspectiva sobre o que venha a ser cultura, incluindo-se a cultura literária. Os dados sobre a venda de livros durante esse período, expressavam que a maior parte de livros que eram vendidos pertenciam a autores clássicos já consagrados da literatura, quando não, por autores defensores ferrenhos do nacionalismo. Os novos autores que conseguiam alguma notoriedade pertenciam ao gênero romancista e de ficção.<sup>134</sup>

Com base na análise dos dados<sup>135</sup>, pode-se afirmar que a cultura literária, nesse ínterim, basicamente, dividiu-se em duas: uma para os estratos sociais urbanos que estavam em busca de uma literatura leve, recheada de aventuras e romances, e outra que reproduzia os valores

---

<sup>132</sup> O que se tornavam, por outro lado, os 10% de alunos que tinham a oportunidade de chegar aos estudos secundários? Eram divididos em estabelecimentos escolares de curto ou de ciclo longo. Ibidem, p.176.

<sup>133</sup> A reforma escolar de 1923 abriu-lhe o acesso ao ensino secundário e superior de maneira mais ampla. Não obstante, as estatísticas dão testemunho dos limites dessa abertura: em 1931, apenas 8% dos escolares com idade entre onze e doze anos tomavam o caminho do ensino secundário, enquanto no que diz respeito aos rapazes, seu número atingia 14%. RICHARD, ibidem, p.177-178.

<sup>134</sup> A leitura, como atividade de relaxamento, obedecia mais aos menos os mesmos critérios. Sob a égide do Partido Social-Democrata, uma rede de bibliotecas operárias e populares fora organizada a partir do final do século XIX. O setor cultural do Partido Comunista lançara uma política do livro barato, nas casas editoras onde ele exercia uma certa influência, para facilitar a penetração entre as massas de uma literatura que ele julgava útil conhecer e para enfrentar difusão de obras de inspiração nacionalista. No entanto, o que era lido? Durante toda a República de Weimar, duzentos romances ou livros de ficção tiveram tiragens de mais de 10 000 exemplares. Apenas 30% deles provinham de autores revelados após 1919. Todos os outros já eram célebres no regime imperial. À frente vinham Eugenie Marlitt, Wilhelmine Heimbürg, Hedwig Courths-Mahler, Ludwig Ganghofer, que representavam uma literatura sentimental “cor-de-rosa”, que valorizava os ideais conservadores. Os nacionalistas, como Walter Flex, Gustav Fressen, Rudolf Herzog, Walter von Molo, formavam igualmente uma equipe compacta que equivalia a uma boa dezena de milhões de leitores regulares. Ibidem, p.233.

<sup>135</sup> Enquanto *O súdito*, de Heinrich Mann, análise crítica do espírito de submissão à autoridade de Guilherme II e às ideias dominantes no seu reinado, levou mais de dez anos para atingir uma tiragem de 260 000, *Povo sem espaço*, de Hans Grimm, exaltação de um pangermanismo e de um imperialismo expansionista, chegava quase ao mesmo resultado em cinco anos, entre 1928 e 1933. Lion Feuchtwanger, alvo dos nazistas, que o haviam designado como padrão da literatura “judia” e “decadente” de sucesso, só conseguiu que um dos seus romances, *A duquesa feia*, ultrapassasse a cifra dos 100 000 exemplares vendidos. Ibidem, p.234.

aristocráticos através de seus autores que defendiam abertamente o nacionalismo e alguns casos, até o antissemitismo. É fundamental destacar que o público que comprava livros com temáticas nacionalistas e racistas, não era apenas os oriundos dos estratos sociais aristocráticos, o nacionalismo, pangermanismo e o antissemitismo também eram bem aceitos por alguns setores da nova burguesia urbana.

## 4 ANÁLISE FÍLMICA

### 4.1 COMO SERÁ ANALISADO O DISCURSO FÍLMICO DE *O TRIUNFO DA VONTADE*

A dificuldade é redobrada quando se trata não somente de analisar os ódios, mas de compreender e explicar aquilo que precisamente não é dito, não é proclamado; aquilo que é negado e que se constituiu, entretanto, como um móbil das atitudes, concepções e percepções sociais. O objetivo esquiva-se; é preciso formular a hipótese de sua importância e reconstituir o invisível que, se não é totalmente inconsciente, ao menos em parte não é consciente.<sup>1</sup>

Ao tomar os filmes como documento histórico e produtor de conhecimento estético, é necessário considerar as singularidades existentes, quando se trabalha com as fontes audiovisuais. Embora, qualquer que seja o tipo de fonte que o historiador opere, ele sempre terá que desenvolver sua caracterização e supor hipóteses, com os filmes, o processo não se torna diferente. O historiador deve explorar a especificidade das fontes audiovisuais, de acordo com a materialidade apresentada. A materialidade nos filmes é apresentada sob as formas de imagens e sons que são transmitidos durante a exibição de um filme. Portanto, é através dos elementos cinematográficos que os signos de uma sociedade se materializam. Como não existem formas separadas de um conteúdo, logo, a materialidade, tudo que se vê e ouve ao assistir um filme, carrega em sua construção as representações das práticas e dinâmicas sociais.

A materialidade dos filmes, traduz as subjetividades de uma sociedade, as narrativas fílmicas são capazes de reavivar as emoções, a memória e os ressentimentos que afetam intimamente o espectador. Tornando o ato de assistir um filme, algo pessoal, ainda que a narrativa seja elaborada e contada por outrem. É justamente, nesse ponto de convergência entre os significados das imagens emitidas pelo filme e o entendimento deles pelo espectador, que o historiador encontra um campo fértil para interrogar sua fonte. Ao considerar os filmes como documento histórico e como produtor de conhecimento estético, não basta apenas pesquisar as condições de produção e distribuição do filme, nem apenas realizar a análise dos seus elementos cinematográficos considerando somente os itens fílmicos. É preciso conectar todas as etapas, da produção ao assistir na sala de cinema, pois todas elas estão visceralmente interligadas.

Tendo em vista as asserções levantadas anteriormente, para finalizar a investigação do trabalho, foi feita a análise da montagem dos elementos cinematográficos de *O Triunfo da Vontade*. Sendo a pesquisa na área de história, é fundamental interpretar os significados das imagens lançadas pelo filme. Para tanto, a análise fílmica do documentário utilizou a bibliografia do período da história da Alemanha que abrange à ascensão dos nazistas e os anos

---

<sup>1</sup> NAXARA, M.; BRESCIANI, S. **Memória e (Res) sentimentos**: indagação sobre uma questão sensível. Campinas: Editora UNICAMP, 2001, p.29.

iniciais de seu governo. Dessa forma, torna-se possível desenvolver hipóteses sobre as possíveis interpretações, a partir das analogias observadas entre o (a) s significados/ideias/discurso do filme e a realidade vivida pelo espectador. Pois, o espectador não é uma figura passiva, ele participa ativamente da construção do discurso fílmico. Fato que distingue o que é característico do discurso fílmico, do que abrange o entendimento do espectador. Isto posto, ao inquirir uma fonte audiovisual, inevitavelmente, aparecerá lacunas que precisam ser respondidas, já que nem todas a (o) s ideias/signos são compreendidas pelo espectador, fora a (o) s que são fortemente repudiada (o) s.

A fim de fundamentar e atualizar as análises fílmicas de *O Triunfo da Vontade*, o presente trabalho utilizou autores que, majoritariamente, examinam o documentário sob a perspectiva voltada para as áreas de cinema e sociologia. Evidentemente, os autores lidam com fatos históricos ao tratar da produção e recepção do filme, mas, devido à natureza de seus estudos, acabam por não os correlacionar à conjuntura político-social da sociedade alemã, principalmente, aos eventos históricos remotos mais marcantes. É função intrínseca do historiador, verificar como uma sociedade se desenvolveu ao longo do tempo. Pois, os fatos históricos do seu presente se justificam conforme a estruturação do seu imaginário, comportamento, instituições, dinâmicas e práticas sociais.

Os autores principais utilizados na análise são Mauro Rovai e Richard Meran Barsan. Os estudos de Rovai são úteis para o trabalho, pois o autor inova ao verificar que o filme propagandístico possui características das narrativas ficcionais, nomeadas por ele de “tons alegres”<sup>2</sup>. No caso de Barsan, o autor apresenta uma análise repleta de dados sobre as condições de produção e recepção do documentário, além da própria análise fílmica. Na qual, divide as cenas e sequências<sup>3</sup>, que serão mantidas para conduzir a investigação. Ao fazer os estudos cinematográficos, concomitantemente, implica conhecer os tipos de linguagens e sua relação com o pensamento e os signos. Portanto, o presente trabalho buscou assimilar os estudos da área da semiótica, tomando os estudos de Lúcia Santaella<sup>4</sup> auxiliares no momento de fazer a análise dos elementos cinematográficos. Já que as proposições feitas pela autora sobre as linguagens que cinema utiliza para se comunicar, foram usadas na análise fílmica ao considerar

---

<sup>2</sup> Cf. ROVAI, M. L., 2005.

<sup>3</sup> Cf. BARSAN, R. M. **Triumph of the will**. London: Indian University press, 1975.

<sup>4</sup> Cf. SANTAELLA, L. **Matrizes da linguagem e pensamento**: sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia. São Paulo: Iluminuras e FAPESP, 2005.

a natureza distinta da linguagem sonora, verbal e imagética. Sendo necessário estudá-las conforme sua singularidade.

Para que se possa analisar metodologicamente o discurso contido no documentário *O Triunfo da Vontade*, foi necessário subdividi-lo em duas partes, nas quais serão destacados seus principais planos e cenas que sintetizam a doutrina. Justifica-se essa subdivisão, por uma questão metodológica, já que é observável que em cada parte analisada do documentário foram dadas diferentes ênfases nos elementos cinematográficos, obedecendo respectivamente a sua lógica argumentativa. Na primeira metade do filme, por exemplo, as cenas mostradas são predominantemente filmadas em ambientes claros e à luz do dia. São cenas que remetem às coisas boas da vida como comer, confraternizar-se, paz, harmonia, moças e rapazes bonitos, juventude, muitas pessoas sorridentes, entre outras imagens que fazem a Alemanha parecer completamente diferente daquela que fora tomada pela miséria e desemprego. Foca-se mais em emitir estímulos que remetem às coisas prazerosas da vida cotidiana, comer, banhar-se, flertar, brincar, confraternizar e se divertir.

Contudo, é a partir da segunda metade do filme, que os elementos cinematográficos se coligem para exibir cenas que exprimem o lado mais sombrio de *O Triunfo da Vontade*. Se na parte anterior do filme, podia-se ter um ínterim de esperança e ternura, agora poder-se-ia ter a certeza de que a ideologia nazista é inseparável dos aspectos soturnos como morte, sacrifício e guerra. Para tanto, foi utilizando as passeatas das forças paramilitares Esquadra de Proteção (*Schutzstaffel – S.S*) e Tropas de Assalto (*Sturmabteilung – S.A*), as oratórias dos nazistas e de seu líder e os aspectos tipicamente do comício político nazista, que o discurso fílmico do documentário se encaminha para seu tom funesto. É possível afirmar, com base na análise de seu discurso, que para se atingir a eterna glória do Terceiro Reich, era necessário antes de mais nada, abrir mão de sentimentos “egoístas” – antipatrióticos segundo a ideologia nazista –, ou seja, sacrificar-se pela Alemanha. O documentário nessa segunda parte destaca que é necessário sacrificar-se, matar pouco a pouco a individualidade existente em cada cidadão alemão, em nome da comunidade “ariana” para que juntos, formando uma massa aguerrida e indivisível, consigam triunfar sobre seus inimigos internos e externos.

Destarte, alicerçado sobre a argumentação da segunda parte do documentário *O Triunfo da Vontade*, é possível verificar em seu discurso fílmico um prognóstico, visto que a última cena do filme exibe o desfecho não apenas das atividades que ocorrem durante o VI Congresso do Partido Nazista (*Reichsparteitag*), sobretudo, é o desfecho premeditado do próprio fim do governo nazista. É na última parte do filme que o ultimato dos nazistas será dado

aos inimigos internos e externos da Alemanha. É avisado para seus opositores que para cumprir suas metas de governo, os nazistas estariam dispostos a sacrificar o que fosse necessário para extirpar os males que pairavam sobre a Alemanha. Esse desfecho é o prenúncio das práticas abjetas e brutais que serão vistos posteriormente tanto nas práticas de eutanásias, abortos e esterilização forçados aos não-arianos, como na edificação da “Solução Final” dos nazistas para exterminar de uma vez por todas as moléstias sociais que predominavam e amaldiçoara por anos a fio a Alemanha.

#### 4.2 OS PERSONAGENS DA NARRATIVA

A primeira metade das sequências de *O Triunfo da Vontade* se encarregam de apresentar ao espectador os personagens que atuarão na narrativa. São seus personagens na narrativa: as massas, o líder, o partido, as forças paramilitares e o personagem-cenário Nuremberg. Nuremberg comporta, ambivalentemente, as duas categorias, simultaneamente é o personagem e também o cenário<sup>5</sup>. É um personagem ao simbolizar o passado glorioso alemão, onde a paz e harmonia eram predominantes, logo, Nuremberg remete à sensação de um lugar bucólico, aconchegante e caseiro, longe das inovações tecnológicas, do caos produzido pelo capitalismo e pelas influências dos estrangeiros. No que abrange sua atuação como cenário, a arquitetura de seus monumentos faustosos e imponentes, muitos deles concebidos por Albert Speer, simbolizam a época da Alemanha imperial, a Alemanha no auge apogeu: próspera e poderosa.

No que tange a análise sobre a atuação das massas na narrativa, foi explorado no decorrer da análise fílmica, que o papel das massas foi assumido por diferentes atores. Conforme a análise fílmica irá averiguar, as massas não são compostas apenas pelas pessoas comuns que estavam no comício enquanto público. A conotação de massas no enredo de *O Triunfo da Vontade*, perpassa pelos atores: pessoas comuns – principalmente mulheres e crianças –, a Juventude Hitlerista e as forças paramilitares. A utilização de mulheres e crianças para a construção do discurso fílmico, obedece às convicções de Hitler sobre o comportamento das massas<sup>6</sup>. Para Hitler, as massas são incautas e manipuláveis, ao utilizar ostensivamente

---

<sup>5</sup> Rovai, 2005, p. 58.

<sup>6</sup> Assim como as mulheres, cuja receptividade mental é determinada menos por motivos de ordem abstrata do que por uma indefinível necessidade sentimental de uma força que as complete e, que, por isso preferem curvar-se aos fortes a dominar os fracos, assim também as massas gostam mais dos que mandam do que dos que pedem e sentem-se mais satisfeitas com uma doutrina que não tolera nenhuma outra do que com a tolerante largueza do liberalismo. Elas não sabem o que fazer da liberdade e, por isso, facilmente sentem-se abandonadas. HITLER, A. **Mein Kampf**, p. 21.

imagens da massa com as mulheres e crianças em primeiro plano<sup>7</sup>, pode-se deduzir que o objetivo é reforçar a condição de subalternidade e a ingenuidade das massas. Em relação à Juventude Hitlerista e as forças paramilitares, ambas desempenham papéis ambíguos na narrativa.

No decorrer do enredo, que pode ser verificado através da análise filmica, nota-se que inicialmente a Juventude Hitleristas carregava apenas a função de massa, em seu sentido numérico e volumoso. Porém, conforme a narrativa avança para seu final, a Juventude Hitlerista assume o papel de ser, assim como são as forças paramilitares, armas de combate para Hitler usar na guerra. É notório que durante o desdobramento do enredo, a atuação da Juventude Hitlerista vai abandonando aspectos que remetem às características inerentes aos jovens, como alegria, confraternização e diversão, para incorporar atributos funestos que fazem alusão ao lado sombrio e nefasto da doutrina nazista.

Com relação às forças paramilitares, sua interpretação no decorrer do enredo trabalha dubiamente com a concepção de massa, em seu sentido numérico e volumoso, aproveitando dessa acepção para produzir a ideia de um colossal exército combatente, impetuoso e disciplinado, transmitindo a imagem de que os nazistas estavam prontos para vencer a guerra. Diferentemente, do que ocorre com a atuação da Juventude Hitlerista, as forças paramilitares não possuem grandes transformações no decorrer do enredo. Mantêm-se uma consistência no papel das forças paramilitares durante o desenrolar da narrativa. Um ponto importante a ser ressaltando é que as forças paramilitares interagem principalmente com o protagonista do filme, Hitler, o *Führer*. A intenção é exprimir a ideia de que Hitler é o comandante responsável por dirigir o exército. Incumbindo somente a ele a autoridade para estabelecer e dar os comandos de guerra.

No que se refere à interpretação das massas como pessoas comuns, seu enfoque é dado para representar o povo alemão. Ressalta-se que povo, aqui, adquire o sentido estritamente de “raça”<sup>8</sup>, distanciando-se da definição de local de nascimento, nacionalidade. Ao discorrer sobre

---

<sup>7</sup> Enquadra o busto dos personagens.

<sup>8</sup> (...) o Terceiro Reich se deu conta da importância de dividir “seus habitantes em três categorias: cidadão do Estado, súditos do Estado e estrangeiros”. Dessa forma que o “o nascimento só confere a condição de súdito”, sem possibilidade de atuar como “funcionário público nem de tomar parte ativa na política”. “No caso de cada ‘súdito do Estado’, deverão ser examinadas a raça e nacionalidade”, de maneira que “o ‘súdito’ desfrutará do privilégio de cessar em qualquer momento de sê-lo e transformar-se em cidadão do país que corresponde à sua nacionalidade”. (...) Daí se deduz que o “jovem súdito” de nacionalidade alemã receberá a educação concebida para todos os alemães” que deve ser idêntica para todos eles, pois é de vital importância orientar toda a nação para um mesmo objetivo, afastado de disputas e divisões do passado que tanto desmembraram a terra dos teutões. Após a formação acadêmica, deverá realizar a instrução militar. Terminado o serviço de armas, o jovem saudável e

o conceito de massas dentro da doutrina nazista, verifica-se que seu sentido sempre está atrelado a duas questões: raça e inseparabilidade. Conforme será explorado na análise fílmica, a definição de massa, de acordo com os nazistas, substitui a noção de classe social e redefine o conceito de nacionalidade. Desse modo, a concepção de raça “ariana” é utilizada para aglutinar as massas, já que na ausência da nacionalidade, seria necessário outro elemento que tivesse o papel de incitar a noção de pertencimento. Os nazistas aplicam essa noção distorcida de nacionalidade com o intuito de legitimar suas convicções racistas.

Na construção da narrativa de *O Triunfo da Vontade*, examina-se que ao invocar o passado glorioso alemão, utilizando as imagens dos monumentos que fazem alusão à Alemanha imperial, o intuito do discurso fílmico é destacar que naquele passado, a “raça” germânica era forte, pois era “pura”, conforme as afirmações de Hitler: “não é a perda de uma guerra que arruína a humanidade, mas a perda da capacidade de resistência, que pertence à pureza de sangue, apenas (...) A perda da pureza racial frustra para sempre o destino de uma raça”<sup>9</sup>. Dessa forma, no desenvolvimento do enredo, as massas irão interagir com outro personagem, o personagem-cenário a cidade Nuremberg. Nota-se que o papel desempenhado pelas massas, está intimamente relacionado ao cenário no qual atua.

Outro ponto a ser salientado, é o fato da massa ser obrigatoriamente indissociável. Ao investigar sobre as motivações de incluir esse aspecto na narrativa, verifica-se que a intenção dos nazistas é assegurar uma estratégia de governabilidade para conquistar, e manter, o apoio das massas. Acreditando que fariam parte do grandioso projeto político, que restabeleceria a paz e a tranquilidade, a massa ficaria sujeita às vontades do *Führer*. As massas por definição não podem ser dissolvidas, já que ao abrir qualquer fissura, corre-se o risco de restaurar o indivíduo que foi, forçadamente, fundido às massas. À vista disso, é importante sublinhar que o individualismo, para o nazismo, é sinônimo de doença e fraqueza, pois, ao negligenciar algo maior, como a prosperidade da nação, em detrimento de seu próprio bem-estar, a pessoa está corroborando a desgraça para nação. Uma vez que se recusa a executar suas obrigações como genuíno cidadão alemão. Ademais, os nazistas entendem que ser consciente de sua “raça”, é necessariamente ser intolerante em relação às outras raças. Dessa forma, a noção de pertencimento à raça “ariana”, faz com que os indivíduos enxerguem a si próprios como

---

possuidor de uma folha de serviços irrepreensível será investido apenas com os direitos da cidadania, e o documento que confirme isso deverá ser considerado o mais importante de sua existência nesta terra. (...) Ser aceito como cidadão oficial da Alemanha de Hitler deve ser entendido como uma aceitação divina, que concedeu ao indivíduo a honra da cidadania, devendo consagrar sua vida à grandeza da nação. CORES, P. J. **A estratégia de Hitler**: As raízes ocultas do nacional-socialismo. São Paulo: Madras, 2009, p.197.

<sup>9</sup> HITLER, A. **Mein Kampf**, p.180.

indissociáveis de sua nação. Sendo o conceito de nacionalidade convertido para o sentido exclusivamente relativo ao coletivo racial, no caso as massas, portanto, os indivíduos estariam amalgamados à massa.

“Nenhum sacrifício social será excessivo quando se trate de conquistar as massas para o movimento nacional’ e que, na verdade, ‘o que as multidões querem é contemplar a vitória do mais forte e a destruição do mais fraco’. (...) ‘o futuro de um movimento depende do fanatismo, e até mesmo da intolerância, com que seus partidários o exaltam, exibindo-o como o único caminho correto e levando-o adiante em oposição a ideias de caráter similar’.<sup>10</sup>

Como não poderia faltar em uma boa narrativa, o protagonista do enredo é representado pela figura de Hitler como líder, o *Führer*. Conforme se estabelece na doutrina nazista, o líder é a peça central que articula e garante a governabilidade do Partido Nazista. Porém, a concepção de líder, conforme a doutrina nazista, apresenta um significado um pouco diferente do conceito de líder definido pelo liberalismo<sup>11</sup>. Para os nazistas, o líder seria aquele que sabe administrar as massas, conduzindo-as para que cumpram os desígnios de seu governo. Portanto, o líder não pode ser qualquer pessoa, ele deve ser especial, quase um ser sobrenatural que recebe a missão divina de liderar seus fiéis. A questão a ser destacada é que não é a meritocracia que faz uma pessoa ser um líder, mas sim, a predestinação, ao encarnar a figura do “*O Escolhido*”, o líder irá se diferenciar dos demais, da massa.

Entretanto, para a construção da narrativa o papel desempenhado por Hitler, o *Führer*, foi engendrado no enredo para que sua atuação assuma diferentes características no decorrer da trama. É perceptível através dos elementos cinematográficos que seu personagem, ora expressa particularidades que remetem à figura paterna, de líder e de comandante do exército, fazendo alusão ao papel desempenhado por Hitler no campo terrestre, mundano. Essas qualidades ressaltadas, harmonizam-se aos momentos, nos quais, sua figura adquire uma conotação celestial e misteriosa. Dessa forma, seu personagem assume a figura do messias, aquele que é o único capaz de ser o salvador, portanto, digno de toda a lealdade e obediência. Para a construção do discurso fílmico, é fundamental explorar os aspectos sobrenaturais de Hitler, de modo que Hitler se torne um culto, para que assim, o povo, o partido e Hitler fundirem-se em uma única unidade, o Terceiro *Reich*.

<sup>10</sup> HITLER apud CORES, 2009, p.193.

<sup>11</sup> “(...) a estrutura administrativa e de tomada de decisões do país devia ser reorganizada, de tal modo que ‘os cérebros’ estejam ‘acima das multidões’ e que esteja sujeita ‘à vontade dos cérebros’. (...) Os dirigentes poderão ter conselheiros, é lógico, mas a determinação ‘será obra de uma só pessoa’, vendo-se aqui, de novo, a insistência nazista em enaltecer a personalidade do líder – do cérebro – sobre a multidão ignorante que rege o destino dos países democratas e marxistas (...)”. HITLER apud CORES, *ibidem*, p.198.

### 4.3 PRIMEIRA PARTE: OS “TONS ALEGRES”<sup>12</sup> EM *O TRIUNFO DA VONTADE*

#### 4.3.1 Sequência: Chegada de Hitler na cidade de Nuremberg

Plano de 1’30” a 1’48”): O plano que compõe a cena inicial de *O Triunfo da Vontade*, é marcado por uma simbologia que remete ao heroísmo e bravura. Logo no primeiro plano do filme, a atmosfera da imponência germânica se institui através da abertura musical, com a canção *Horst Wessel*, em 1’05”, para “estabelecer um estado de espírito heroico romantizado”<sup>13</sup>. Corroborando com esse sentido, no quadro, aparece a emblemática insígnia nazista, a águia e depois a suástica. Inicialmente, ela é filmada com o primeiríssimo plano<sup>14</sup>, depois a câmera faz um movimento de *tilt-down*<sup>15</sup>, num tom revelador, no qual, desce lentamente até parar e focalizar no letreiro, que aparece com o plano detalhe com a frase: “Triunfo da Vontade”.



É interessante notar que a escolha dessa insígnia nazista para compor o primeiro plano a ser mostrado no filme se justifica por seu intuito de inspirar altivez. Ademais, a insígnia exibida foi vastamente explorada pelos nazistas, por simbolizar autoridade, vitória e imponência.<sup>16</sup> Averigua-se que a mensagem transmitida é de uma intimação, para que o

<sup>12</sup> Cf. ROVAI, M. L., 2005.

<sup>13</sup> Sublinhada com uma versão orquestral da música "*Horst Wessel*" misturado com os sons do motor de avião, a narrativa literal e visualmente começa nas nuvens, no avião de Hitler em seu caminho para Nuremberg. BARSAN, 1975, p.31.

<sup>14</sup> Enquadra apenas o rosto.

<sup>15</sup> Movimento da câmera: grava de cima para baixo.

<sup>16</sup> A presença da águia, sempre numa posição mais alta, sob a qual marcham milhares de estandartes e militares. ROVAI, *ibidem*, p.141.

espetador ao ver o símbolo, possa se sentir inspirado a ter coragem e imponência, assim como a águia mostrada. Percebe-se que o plano é direcionado, especialmente, ao receptor, pois utiliza elementos não diegéticos, ou seja, os itens não participam da construção da história do filme, sendo exibidos apenas para o espectador.<sup>17</sup> O uso excessivo de símbolos é uma forma de emitir repetidamente os estímulos visuais e sonoros, visto que através da constante repetição a imagem da insígnia fixa-se na mente do espectador. Portanto, “dentro de *O Triunfo da Vontade*, o uso repetido da águia, a suástica, e da canção ‘*Horst Wessel*’, ambos, induzem e ajudam a explicar o envolvimento emocional dos líderes e seus seguidores.”<sup>18</sup>

No instante 1’36” – 1’46”, exhibe-se o quadro com o letreiro escrito “O Triunfo da Vontade”. Não há movimentação de câmera, a câmera apenas focaliza o letreiro. Quando há o uso do plano detalhe<sup>19</sup>, a intenção é ressaltar as particularidades que integram o todo. Maximalizando o objeto filmado, no caso a mensagem “O Triunfo da Vontade”, com o objetivo de chamar a atenção para ele. O quadro valida a ideia do anterior, uma vez que a ideia precedente era a de despertar a altivez e coragem no espectador para ir em busca de suas aspirações. Agora, ao finalizar o plano, é confirmada a ideia de que ao inspirar suas melhores qualidades, têm-se a vitória como prêmio, ou seja, o triunfo da vontade. Em última instância, faz-se uma analogia com a própria trajetória que o Partido Nazista percorreu para chegar ao poder.

A partir desse momento, o que veremos é como se configurou o tal “triunfo da vontade”. Por intermédio do aviso que os letreiros forneceram, o espectador recebe uma confirmação de que o “triunfo da superioridade” já está consagrado na história da Alemanha. A narrativa, então, será construída com o objetivo de mostrar o porquê e como se estabeleceu o triunfo. Dado que, o caráter de documentário exercido pelos letreiros, concebem à narrativa a característica de ser uma fonte confiável, realística, de que realmente houve um “triunfo da vontade” do governo nazista. Os créditos também são elementos não diegéticos, o que possibilita afirmar o sentido de que a narrativa é construída com o auxílio da imaginação do espectador.<sup>20</sup>

<sup>17</sup> As personagens não podem ler os créditos ou escutar a música. Os créditos e a música externa são, dessa forma, elementos não diegéticos. O quadro define, portanto, o que é imagem e o que está fora da imagem. AUMONT, J., MARIE, M. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. Campinas: Papirus, 2003, p.147-249.

<sup>18</sup> BARSAM, *ibidem*, p.32.

<sup>19</sup> Enquadra e destaca partes do corpo (um olho, uma mão) ou objetos (uma caneta sobre a mesa).

<sup>20</sup> Enquanto o espectador assiste ao filme, assimila as pistas, relembra informações, antecipa o que vai acontecer e, geralmente, participa da própria criação da forma filmica. BORDWELL, D. **A arte do cinema: uma introdução**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013, p.144.

Cena de 1'49" a 2'12": Os dois letreiros posteriores exibidos nos próximos planos incorporam essa peculiaridade do documentário, ao localizarem historicamente o evento da reunião do partido nazista.<sup>21</sup> No quadro exibido em 1'49" – 1'55", diz: “O documento do dia da festa em 1934”, já no segundo quadro em 1'56" – 2'03": “Autorizado por ordem do *Führer*”. Para compreender as frases exibidas, é necessário saber interpretar a concepção de líder, *Führer*, dentro da doutrina nazista. O líder é aquele que toma a responsabilidade para si, o todo poderoso que tudo vê e tudo sabe assim como deus. Por ter essas qualidades, Hitler representa a figura do mentor capaz de dirigir as massas. Portanto, “Autorizado por ordem” não é um mero pleonasma, e sim uma constatação de que nada se realiza na Alemanha que o *Führer* não saiba, e que ele não autorize (ou mande) ser feito. O último quadro da sequência em 2'04" – 2'12", diz: “dirigido por Leni Riefenstahl”.



Os próximos planos são marcados igualmente aos anteriores, por seu caráter documentarista, já que utiliza créditos informativos. O objetivo da narrativa é transmitir uma ideia de que ela está fazendo um registro histórico. Por isso, apresenta os dados, a fim de “historicizar” os principais eventos que antecederam o triunfo do Partido Nazista na Alemanha. Para os nazistas, a história estava atrelada ao mito e não às metodologias das ciências humanas.<sup>22</sup> Ao documentar em filme, os principais fatos históricos que prenunciaram sua ascensão, o discurso fílmico faz seu papel informativo de dizer ao espectador, sob a perspectiva histórica dos nazistas, quais são os principais acontecimentos que estavam intrinsecamente entrelaçados ao triunfo do Partido Nazistas. São eles respectivamente: O fracasso da Alemanha na Primeira Guerra mundial e a humilhação do Tratado de Versalhes, o fiasco do *Putsch* da

<sup>21</sup> Estes títulos criam um efeito cumulativo, concentrando-se o momento imediato contra um pano de fundo histórico, e eles fornecem o fundo literal necessário para a abertura da narrativa cinematográfica. BARSAM, *ibidem*, p.31.

<sup>22</sup> Para Benn, restava a exaltação do “eu” ancestral, do patológico e do arcaico, ao invés da exaltação da razão. A história fora substituída pelo mito. Não haveria muito que fazer senão detectar o “inconsciente popular” que tudo inspira e que se encontra *naturalmente dado*. LENHARO, *ibidem*, p.85.

Cervejaria, enfim sua vitória em 30 janeiro de 1933 quando Hitler é nomeado chanceler da Alemanha<sup>23</sup>. Para os nazistas, esses episódios simbolizam os dias de sofrimento e luta, que eles finalmente conseguiram superar. Depois dos dias de tormento, abriu-se para os nazistas uma nova era, a de glória. Portanto, Hitler volta a cidade de Nuremberg para festejar com o povo alemão e comemorar a vitória. Pois agora, a Alemanha estava vivendo uma época de renascimento, graças a “revolução” nazista.

Cena de 2’13” a 2’59”): Ao analisar o discurso fílmico, constata-se que os planos sugerem que os acontecimentos descritos nos letreiros, são para serem lembrados para posterioridade. Funcionando como um registro historiográfico que marca a reestruturação da Alemanha feita a partir da data de referência do primeiro quadro. Sendo essa data o primeiro dia do VI Congresso do Partido que aparece em 2’11”): “5 de setembro de 1934”. Contrapondo-se as datas que representam o sofrimento da sociedade alemã, exibidas nos quadros subsequentes com os letreiros: “20 anos após o início da primeira guerra mundial”, “16 anos após o início do nosso sofrimento”. Confrontando-as a data que consagra o início da “revolução” nazista, no quarto quadro com o letreiro: “19 meses após o início do renascimento alemão”. Por fim, os créditos finais que corroboram com a ideia de que um verdadeiro líder sempre está próximo ao seu povo, no último quadro com o letreiro: “Adolf Hitler voou novamente para Nuremberg, para revistar os seus fiéis seguidores”. Esse último quadro, em especial, marca o início da narrativa do enredo.

A partir desse momento, com os espectadores cientes de que a Alemanha teve um passado nebuloso marcado pelo caos da guerra e fracassado governo parlamentarista que arruinou sua política e economia. Agora, a partir de sua reestruturação através da ascensão nazista, os alemães poderiam tranquilizar-se, pois a Alemanha estava enfim renascendo e voltaria a ser grandiosa como já foi. Então, Hitler voou para Nuremberg para dar, pessoalmente, essa boa notícia ao seu povo. Que já sabia disso, pois estavam sendo “revistados”. Da mesma forma como um parente, um pai, ou mesmo deus, que está sempre presente no cotidiano. Alguém próximo, íntimo, que sempre está ali por perto, que não apenas se preocupa, sobretudo, sabe como está a situação de sua vida.

---

<sup>23</sup> Foi precisamente tal apoio que Hitler teve a astúcia de conseguir em Berlim, nos dias cruciais de janeiro de 1933, e que tornou possível a ele e ao seu Partido Nacional-Socialista assumir o governo de uma grande nação. SHIRER, *ibidem*, p.47.



Cena de 3'00" a 3'27": Nos planos seguintes, Hitler é exibido em seu avião. O plano é feito, majoritariamente, com o movimento *travelling*<sup>24</sup>, com o primeiro plano. A pessoa de Hitler não é mostrada durante o plano, denotando que está fora de campo,<sup>25</sup> porém exibe-se partes do avião em meio as nuvens. O plano sugere que Hitler seja o passageiro, ou em outra perspectiva o próprio deus. A cena propõe ao espectador ver o mesmo que o personagem enxerga, sendo esse sentido reforçado devido as partes físicas internas do avião que são mostradas. Como o painel de vidro do avião que é exibido no mesmo quadro junto às nuvens. A cena permite explorar o ambiente com expectativa e entusiasmo, como se o personagem, Hitler, estivesse ali contemplando sua bela vista rotineira, o céu.<sup>26</sup>

A cena pretende transmitir a ideia de que o líder deve ser diferente e especial em relação às massas. Esse ponto de vista é reforçado nos últimos quadros, que são filmados com o movimento de panorâmica<sup>27</sup>. O objetivo de sua escolha deve-se a sua função de fazer uma

<sup>24</sup> Deslocamento da câmera. Pode ser para frente (in), para trás (out), para cima, para baixo, para os lados ou combinado.

<sup>25</sup> O mundo completo da ação da história é, às vezes, chamado de diegese (termo grego para "história recontada"). (...) supomos que estejam fora do campo, são todos diegéticos, porque supomos que eles existam no mundo que o filme retrata. BORDWELL, *ibidem*, p.147.

<sup>26</sup> Através da janela do piloto, nós vemos as nuvens; o sol atinge as bordas das nuvens escuras, e o bico do avião aparece. O avião é totalmente visível contra as nuvens; a luz do sol se torna mais brilhante e ilumina as massas de nuvens. BARSAM, *ibidem*, p.31.

<sup>27</sup> Rotação da câmera em torno de seu eixo horizontal (para cima e para baixo) ou vertical (para um ou outro lado).

observação descritiva do ambiente, no caso esse ambiente é o céu repleto de nuvens. É interessante ressaltar que nesse plano não parece nenhuma parte do avião, apenas as nuvens. Pode-se fazer a reflexão de que, ao mostrar Hitler tão à vontade no céu, remete-se o sentido de que Hitler é uma espécie de divindade. Assim, com suas características sobre-humanas, pode se locomover facilmente lá no alto, no céu, perto do sol.

A figura do sol sempre está relacionada àquilo que ilumina, que gera vida e está acima de nós. Mas, a questão de estar acima de nós, não é apenas relacionada ao fato de mera submissão, e sim, por ter o direito de estar acima. Esse direito é *sui generis* dos líderes, que abdicam de sua própria vida para cumprirem sua missão de guiar as massas para o triunfo. O elo de conexão entre o plano anterior com as partes do avião sendo exibidas, com esse que exhibe somente as nuvens é que no primeiro insinua-se que Hitler está ali, apenas contemplando seu habitat, já no segundo indica-se que o céu é o seu habitat.



Nos próximos planos aparece um elemento que foi muito utilizado no surgimento do gênero de documentário, a “voz *over*”<sup>28</sup>. Tal como sua definição, a intenção de usá-la no discurso fílmico de *O Triunfo da Vontade* é apresentar o enredo como se fosse uma fábula, no caso, uma narrativa heroica. Por esse motivo, no plano seguinte a voz *over* em 4’11’ diz: “A

<sup>28</sup> Predominantemente nos anos 1930/1940, o documentário clássico enuncia baseado em voz *over*, fora-de-campo, detentora de saber sobre o mundo que retrata (...) Aprendeu a levar o espectador pela mão, através da trama, sem que um metanarrador com sua voz em *over* (ou incorporada através de letreiros) tivesse de enunciar monologicamente a informação ficcional (ação da trama e personalidade dos personagens). A utilização da voz *over*, ou locução, não é, portanto, uma característica central no cinema ficcional. RAMOS, F. P. **Mas afinal** ... o que é mesmo documentário? São Paulo: Senac, 2008, p.21-25.

velha cidade de Nuremberg”. A pretensão não é apenas de expor a cidade de Nuremberg nessa fala para o espectador. Mas sim, de marcar o início da narrativa, aqui com o sentido de epopeia.

Após as cenas iniciais de *O Triunfo da Vontade* com planos contendo os créditos informativos, enfatizando o sentido realístico do filme. Chegou o momento de iniciar a narração da história. São dois fenômenos ocorrendo simultaneamente, o primeiro é o registro histórico da ascensão e consolidação do Partido Nazista no Estado alemão. Simbolizado pelos letreiros nos planos iniciais, documentando os eventos que precederam a tomada de poder pelos nazistas. Essa é uma história para além da narrativa exibida pelo filme, nesse caso ela possui o sentido realístico. Isto é, a primeira função do filme é: historicizar os fatos, segundo a perspectiva dos nazistas, para forjar um documento histórico.

Sendo mito a definição de história para os nazistas, com a produção de *O Triunfo da Vontade* eles ambicionavam utilizar a fábula contada pelo filme para retratar sua própria escalada ao poder. No entanto, para os nazistas, o triunfo só estaria completo com a efetiva construção do Terceiro Reich, isto é, com a consumação do “espaço vital – (*Lebensraum*)”<sup>29</sup>. Portanto, com a finalidade de concluir seu intento, os nazistas também registram no filme seus principais projetos que funcionam como componentes que garantirão o cumprimento de seu desígnio maior. E somente com o triunfo final é que a Alemanha enfim conquistará a glória eterna do Terceiro Reich. No filme, os três tempos se sincronizam: o passado – longínquo glorioso e o recente vergonhoso –, com o presente beligerante e o futuro promissor. Os desígnios dos nazistas são os “tons soturnos” que constroem parte do discurso fílmico.

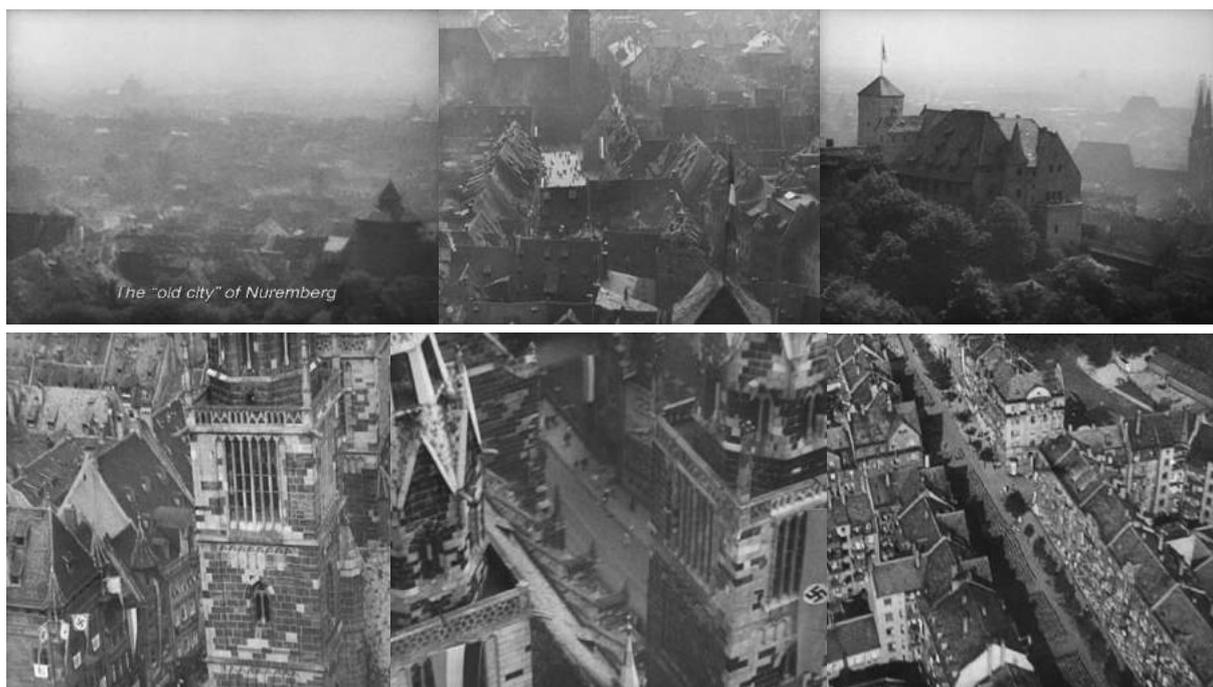
A segunda função do filme é de registrar a comemoração da chegada do Partido Nazista ao poder, usando o evento do VI Congresso do Partido para ambientar o enredo. Nesse caso, a narrativa adquire a definição ficcional que concede ao filme seus “tons alegres”. Por esse motivo, são exibidas no decorrer do filme diversas cenas em clima de confraternização, celebração e alegria. Contrapondo-se aos “tons soturnos” que assinalam os intentos dos nazistas. Todavia, os “tons alegres” também estruturam o discurso fílmico.

Cena de 4’19” a 4’39”’: No decorrer da cena, são exibidos os quadros contendo a imagem da cidade de Nuremberg. O plano inicia-se com a cidade escondida por de trás das nuvens, assim, como um tesouro que está escondido no final de um arco-íris. A paisagem da cidade é explorada através dos *travelling* com o plano geral, alternando-se aos planos médios que enfatizam os detalhes dos monumentos. Ao utilizar planos médio, a intenção é que a cidade

---

<sup>29</sup> Cf. nota 150.

saia de seu papel apenas de cenário e encarne o de personagem, já que ao reduzir o tamanho do objeto filmado, a intenção é maximizar suas particularidades. Os detalhes escolhidos são justamente aqueles que remetem ao passado glorioso alemão.<sup>30</sup> Portanto, os monumentos filmados representam a tradição e o ar bucólico, como os castelos e as igrejas. Nos planos que finalizam a cena são exibidas pela primeira vez as bandeiras nazistas. Indicando que ali, o nazismo já triunfara, pois restaurou a glória vivida no grandioso passado alemão, observáveis na tranquilidade e no clima campestre da cidade de Nuremberg.



A cena seguinte exhibe o sobrevoo do avião de Hitler pela cidade de Nuremberg, predominantemente, usando *travelling* com o plano aberto<sup>31</sup> para transmitir a ideia de que o avião do *Führer* estava quase chagando na cidade. O *travelling* acompanha a sombra do avião de Hitler, que é refletida sobre as massas marchando nas ruas. Nesse plano, as massas não são filmadas em frontal, o intuito é de transmitir o sentido de que uma multidão marcha nas ruas para encontrar seu líder.

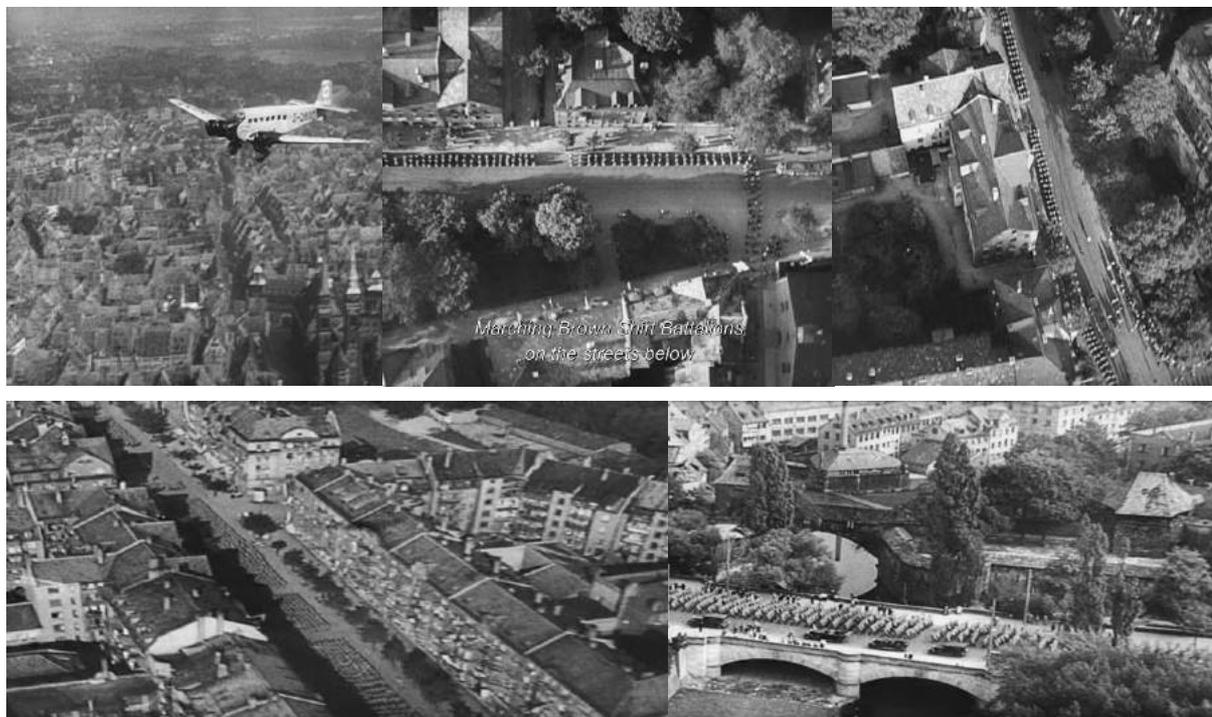
O avião de Hitler simboliza uma águia no céu,<sup>32</sup> essa ideia é reforçada por conta da sombra que o avião faz, sendo o mesmo tipo de sombra que as aves reproduzem quando passam

<sup>30</sup> (...) algumas tomadas vão se dedicar exclusivamente a mostrar a disposição geográfica da cidade, revelando os seus aspectos físicos e arquitetônicos, como as construções medievais lembrando castelos, catedrais, casas, etc. ROVAI, *ibidem*, p.143.

<sup>31</sup> Abrange uma vasta e distante porção de espaço, como uma paisagem. Os personagens, quando presentes no plano aberto, não podem ser identificados.

<sup>32</sup> A imagem da sombra do avião parece tornar um só o líder do Reich e o seu símbolo soberano, a águia. *Ibidem*, p.141.

em frente ao sol, vista no quarto quadro. A águia, logo, possui a função de ser observadora, astuta e vigilante. Corroborando com essa intenção, o plano que mostra a sombra do avião de Hitler é filmado em *plongée*<sup>33</sup>, indicando o rebaixamento da massa em relação ao seu líder, o *Führer*.



Ao longo da cena seguinte é exibido o plano que marca a chegada de Hitler a cidade de Nuremberg, e seu encontro com as massas que o aguardavam euforicamente. Após as cenas iniciais, que associavam a imagem de Hitler com alegorias elevadas como a águia, as nuvens, e os deuses, os planos posteriores irão humanizar sua figura. Transformando-o de deus em um líder, e pai, o *Führer*. Validando essa intenção, mostra-se o plano no qual Hitler aparece descendo de seu avião. Ao encontrar as pessoas que ansiosamente aguardavam, o sentimento é de “Agora as tropas marchando, a multidão aplaudindo, e sua emoção e antecipação, são todos explicados quando ele se torna o principal foco visual e simbólico do Comício e do filme”.<sup>34</sup>

Plano de 5’29” a 5’31””: No plano é exibida uma multidão que esperava entusiasmada o pouso do avião de Hitler. A filmagem ocorre com a câmera em panorâmica com o plano aberto. Nota-se que essa escolha denota uma necessidade descritiva, portanto, a finalidade é focalizar nos tipos de pessoas que estão ansiosas para finalmente encontrar com Hitler.

<sup>33</sup> *Plongée* significa mergulho em francês, também conhecido como Câmera Alta, é o termo usado para definir um tipo de enquadramento em que a câmera filma o foco principal da cena de cima para baixo, situando o espectador em uma posição mais acima do objeto, olhamos a imagem como se estivéssemos mais altos, olhando de cima. O *Plongée* é muito utilizado para passar a sensação de inferioridade ao personagem ou objeto. Esse enquadramento produz um efeito de diminuir o objeto, pois o situa em um plano onde existe algo maior do que ele.

<sup>34</sup> BARSAM, ibidem, p.32.

Ressalta-se que, especificamente dentro desses instantes, o foco do plano não recai sobre a saudação nazista e sim ao que é exibido na tela: pessoas, principalmente mulheres e crianças, que se amontoam e se esticam, curiosas e ansiosas, para poderem ver de perto seu *Führer* descer a terra, retratando essa ação ao descer de seu avião.



Cena de 5'32 a 6'21: No decorrer da cena, são exibidos os planos que mostram Hitler e o Partido Nazista descer do avião. As massas são filmadas, predominantemente, com o plano médio<sup>35</sup> com o intuito de destacar que tipo de pessoas estão aguardando a chegada de Hitler. Isto posto, ao invés de ser exibida uma massa amorfa, vê-se rostos, principalmente de mulheres e crianças, felizes e entusiásticos com a chegada do *Führer*. Indicando um certo apelo ao sentimento maternal, ao cuidado, ou seja, Hitler, assim como as mães, também cuidam e protegem de seu povo. Durante o plano, ocorre o momento de validação da servidão das massas em relação a Hitler, através da saudação nazista: “*Heil, Hitler!*”<sup>36</sup>. É ela que se torna destaque nos elementos do quadro, para enfatizar a submissão das massas por intermédio de um código comportamental que equivale a manifestar sua fidelidade a Hitler, outrossim, a Alemanha.

<sup>35</sup> Enquadra os personagens por inteiro quando estão de pé, deixando pequenas margens acima e abaixo.

<sup>36</sup> Significa “Salve Hitler!”, análogo a “Ave César” (utilizado na Roma Antiga). Esse gesto simbólico deveria unir todos ao Reich, num ato patriótico e de devoção ao *Führer*. (...) O culto a Hitler no partido, fortalecido pela utilização obrigatória da saudação *Heil Hitler* a partir de 1926, foi o primeiro passo para personificar na figura do “austríaco” não apenas uma mera organização, mas todo o país (...) Finalmente a política seguida pelo NSDAP, que posteriormente foi expandida para a totalidade da nação, do “partido de um só homem”, no qual cada um de seus membros era responsável por seus atos diante do próprio *Führer*, ao lado da implantação da saudação “*Heil*” como sinal de fidelidade a Hitler e da capacidade oratória do mesmo, conseguiram intensificar o mito da lenda do “messias político” com suma facilidade, obtendo-se do povo não uma mera simpatia política, mas uma conversão em maior ou menor grau, a um autêntico dogma pagão: o nacionalismo-socialismo. PEREIRA, W. P. **O poder das imagens: cinema e política nos governos de Adolf Hitler e de Franklin D. Roosevelt (1933-1945)**. São Paulo: Almeida, 2012, p.262; CORES, ibidem, p.52-172.

No decorrer da cena, ocorre o encontro entre os personagens do filme: a massa, a cidade, o partido e Hitler. O plano transmite a ideia de que todos os personagens, aproximam-se fisicamente uns dos outros, portanto, estabelecendo a interação entre eles. Os planos variam entre os que exibem o avião de Hitler e as multidões que o esperava. Na cena a ideia de adoração das massas é reforçada pelo uso alternado do primeiro plano para o primeiríssimo plano filmando nas mãos que realizavam a saudação nazista da massa. Em relação ao primeiro plano focaliza-se nas pessoas de modo que a expressão facial se destaque, para mostrar a euforia, o frenesi, dos fiéis seguidores de Hitler, que finalmente irão encontrar-se com ele.

No plano em 6'03", no qual Hitler finalmente aparece em cena, não mais sob a metáfora da águia que concede a ele características sobre-humanas. Mas sob sua forma metade homem, como um líder político.<sup>37</sup> É importante salientar que Hitler, ambivalentemente, comporta as duas categorias: deus –sol –<sup>38</sup> e homem –líder político –. Ele simboliza o elo de ligação entre o mundo terreno e o mundo sobrenatural, por esse fato, a águia é uma metáfora. No plano, vê-se Hitler enquanto homem, humanizado, tornando-o mais próximo do cotidiano das pessoas. Essa humanização da figura de Hitler é essencial para a efetivação da forma de governo baseada no poder supremo do líder, a *Führerprinzip*.<sup>39</sup> Corroborado pelo plano médio estrategicamente feito em 6'19", no qual, Hitler exhibe um sutil sorriso. O plano propõe uma analogia ao cumprimento que é feito quando se encontra um conhecido querido.

Para encerrar a cena e reforçar ainda mais a ideia de que Hitler desceu, materializou-se na terra, uma mulher faz o gesto de apontar o dedo indicador para sinalizar que Hitler “estava ali”, em 6'21". O clímax da cena é quando o avião pousa, a porta se abre, e Hitler aparece sob um rugido de aprovação das multidões à espera. Por esses meios, Riefenstahl faz a chegada de

---

<sup>37</sup> Nas primeiras sequências do filme, Riefenstahl sublinha não só a liderança messiânica de Hitler, mas sua humanidade. DEVEREAUX, M., **Beauty and evil: the case of Leni Riefenstahl's Triumph of the Will.** In *Aesthetics and ethics*. New York: Cambridge university press, 2001, p.232.

<sup>38</sup> (...) quando Hitler está prestes a chegar, a cidade vai surgindo dentre as nuvens, pouco a pouco. Na montagem, sua chegada é feita de maneira a coincidir com o reaparecimento do sol, de modo que a confusão entre ambos vai se estabelecendo a partir da reação dos populares, que estão dirigindo o olhar diretamente ao *Führer* e, por isso levam as mãos ao rosto, sobre os olhos, numa atitude comum de defesa ante os raios luminosos do sol. (...) o encadeamento de imagens que precedem a descida do avião promovem a atualização de uma ideia que intensifica os elementos que estarão sendo retomados durante o filme: a presença da águia, sempre numa posição mais alta, sob a qual marcham milhares de estandartes e militares. ROVAI, *ibidem*, p.160.

<sup>39</sup> Para os nazistas, partindo do conceito do *Führerprinzip*, o líder era uma figura mítica que personificava e guiava o destino da nação. (...) Assim, a crença nazista no *Führerprinzip*, como encontrou expressão na Alemanha depois de 1933, foi baseada na criação de uma personalidade muito especial, a qual tinha a vontade e o poder de realizar o *Volksstaat* (Estado do Povo), o que representava a antítese da democracia. A verdadeira vontade do povo alemão era realizada na pessoa de Adolf Hitler (...). PEREIRA, *ibidem*, p.246-247.

Hitler no comício – assim como todos os seus aparecimentos posteriores – ressoar como um significado histórico e nacional profundo para o povo alemão.<sup>40</sup>



<sup>40</sup> DEVEREAUX, *ibidem*, p.232.

Cena de 6'24" a 8'04": A cena que exhibe os planos da passeata do carro de Hitler, do aeroporto até o Hotel *Deutscher Hof*, continua a abordar a questão da humanização de Hitler e a euforia das massas. Os planos são filmados com o *travelling*, que acompanha a todo instante o carro de Hitler, dessa forma valida-se o sentido de movimento que a cena transmite. É interessante observar que em 6'39" Hitler é filmado de costas realizando a saudação nazista. O objetivo é resguardar a imagem de Hitler, para que o mistério sobre sua pessoa fosse preservado<sup>41</sup>. Apesar das cenas anteriores produzirem um sentido de humanização de Hitler, os planos dessa cena indicam, que Hitler possui sentimentos e valores como qualquer outra pessoa, entretanto, ele não deve ser igualado às massas. Portanto, os planos feitos em dorsal têm o intuito de demarcar o limite do que se pode conhecer sobre a pessoa de Hitler.

Em relação às massas sua alegria é simbolizada pela saudação nazista, demonstrando que o povo legitimou Hitler como seu líder supremo. Por toda a sequência, a ideia de submissão é exibida, rostos desaparecem em meio a massa que ovaciona o *Führer*. O destaque da cena, fica com os planos que mostram uma mãe e sua filha demonstrando um profundo afeto a Hitler, ao entregar um ramo de flores a ele.<sup>42</sup> O gesto é ressaltado pela voz *over* que fala: “Flores para *Führer*”, e pelo uso do plano conjunto<sup>43</sup> que remete a interação entre os personagens. No plano subsequente aparecem a mãe e sua pequena filha, concretizando sua submissão a Hitler, simultaneamente sua alegria, através da saudação nazista.

Em vista disso, é observável que a cena sugere que a submissão é um modo de felicidade. A massa materializa sua submissão ao *Führer*, e ao nazismo, através de um código comportamental, retratado na saudação nazista. A submissão das massas sempre é exibida junto a imagem de alegria nas pessoas, devido ao entusiasmo de ver Hitler de perto. Haja vista que em vários momentos explora-se o afeto entre o líder e as massas. No decorrer da cena são exibidas exacerbadamente planos com crianças e mulheres, sempre sorridentes, corroborando com um sentido de prosperidade, de que a Alemanha agora nazificada, estava enfim em paz.

---

<sup>41</sup> A partir desses filmes, Goebbels constatou que o poder da propaganda era tão grande que o número de aparições feitas pelo *Führer* foi cuidadosamente controlado, caso contrário o povo alemão ficaria muito familiarizado com ele. Um messias deve ser misterioso, nunca totalmente explicado. Revelar parcialmente a vida do líder permitia aos cidadãos comuns participarem da propaganda e completarem o resto da imagem com sua própria imaginação. PEREIRA, *ibidem*, p.252.

<sup>42</sup> *Führer* captura o sol, como ele é retratado na palma erguida de sua mão. Em um ponto, no que deve ter sido planejado para o filme, o carro de Hitler para, para que ele possa aceitar um presente de flores oferecidas por uma menina, que é carregada pela mãe. Mãe e filha saúdam o líder, outras crianças sorridentes começar a torcer, e a precissão resume o efeito cumulativo dos resultados da montagem, ainda que em um outro aspecto do retrato de Riefenstahl. BARSAM, *ibidem*, p.33.

<sup>43</sup> Um pouco mais próximo, pode mostrar um grupo de personagens, já reconhecíveis, e o ambiente em que se encontram.

Transformando-se num lugar tranquilo e abundante para criar seus filhos. Portanto, os planos com crianças e mulheres simbolizam cuidado, proteção e um futuro próspero.



#### 4.3.2 Sequência: O amanhecer em Nuremberg

Cena de 14'00" a 15'48": O plano inicial utiliza a câmera em panorâmica, com o plano médio, para descrever os primeiros momentos do dia em Nuremberg. Vê-se no quadro, pouco nevoeiro e chaminés com fumaça, simbolizando o ar bucólico e caseiro, que remete a uma sensação de paz e de lar convidativo que só uma cidade como Nuremberg pode oferecer.<sup>44</sup>No instante 14'19" uma janela se abre, pela metade, para mostrar os monumentos imperiais de Nuremberg. Destaca-se o fato de que a janela é aberta "sozinha" – sem o auxílio de uma pessoa na cena – para exibir a paisagem da cidade. Enxerga-se a cidade de forma parcial, sugerindo um sentimento de insegurança, já que a janela foi aberta apenas de um lado, aparecendo no centro do quadro, sob o ponto de vista do espectador, só se consegue ver por de trás da janela.

Em outro instante 14'24", é mostrado uma pessoa na penumbra, abrindo outra janela, desta vez por completo em 14'26", e ao abri-la uma bandeira nazista se estende diante dela no quadro em 14'29". Agora, a janela se abre para mostrar uma Nuremberg para além de seus monumentos medievais, exibe uma Nuremberg que está enfeitada pelas diversas bandeiras nazistas espalhadas sobre seus monumentos. O uso da câmera subjetiva<sup>45</sup> transmite a ideia de que, ao abrir inteiramente a janela e permitir-se olhar – em segurança – para o lado de fora, o espectador – figurado na pessoa que abriu a janela – não vê apenas uma cidade, e sim uma cidade pacificada graças ao nazismo. A velha-cidade, como fora anunciado pela voz *over* em 4'11", voltou a ser a familiar e pacata, Nuremberg. Os próximos planos exibidos em um longo *travelling* que passeia pela cidade, corroboram com esse sentido.

Os planos da cena são marcados por extensos *travelling* que percorrem a cidade e filmam a enorme quantidade de bandeiras nazistas hasteadas sobre os diversos monumentos de Nuremberg até o final da cena em 15'48". Em suma, a sequência transpõe na tela a ideia de que, Nuremberg é uma cidade calma e tranquila, porque o nazismo triunfou por lá. As diversas bandeiras hasteadas simbolizam a conquista de uma terra.<sup>46</sup> E uma terra, na qual o nazismo triunfa, conforme afirma a doutrina nazista, só pode existir paz e harmonia. Dessa maneira, a objetiva da câmera não tem como intuito filmar as pessoas nas ruas durante a sucessão de planos

<sup>44</sup> Tais sentimentos ligados à proteção, segurança, vitória, comemoração e triunfo independem dos gritos e slogans nazistas, sendo suscitados pela câmera que, em movimento, vai até a janela (que dá o aspecto funcional da horizontalidade da tela) para mergulhar (pois não há corte) verticalmente sobre a arquitetura de rua de Nuremberg. ROVAL, *ibidem*, p.173.

<sup>45</sup> Quando se reproduz o ponto-de-vista de um personagem, chama-se câmera subjetiva.

<sup>46</sup> Os nazistas viram com clareza, talvez até mesmo com clarividência, que, para viver em uma paz que assegurasse a existência da raça, primeiro se deveria lutar para estabelecer a segurança de tal continuidade. Isso não era nada mais que a aceitação da natureza e do "princípio da criação": "Primeiro deveríamos lutar e depois teríamos o pacifismo", diria Hitler. CORES, *ibidem*, p.192.

com o uso predominante de *travelling*, por esse motivo não se vê ninguém. O principal alvo a ser registrado pela câmera é a calma somada ao clima familiar, ambos representados pelo amanhecer aconchegante e pelas diversas bandeiras nazistas hasteadas em Nuremberg.



### 4.3.3 A juventude Hitlerista

De todos os temas defendidos pelos nazistas, era a juventude alemã sua joia mais preciosa. Visto que, para eles a política significava movimento, portanto, era no entusiasmo, na curiosidade e na vivacidade dos jovens que os nazistas encontrariam prováveis perfeitos adeptos de sua ideologia. Para os nazistas a rebeldia, a paixão e a impulsividade tão marcante entre os mais jovens, se adequadamente treinadas poderiam lhe servir na guerra. Outrossim, os nazistas pretendiam formar a juventude para ser os herdeiros defensores da glória eterna do Terceiro Reich.

A supervalorização da juventude foi um assunto bastante popular durante o final do século XIX e início do XX. O que deu impulso para seu enaltecimento foi o crescimento da população, resultante da queda da mortalidade entre os mais jovens e do aumento da expectativa de vida. As melhorias de vida foram proporcionadas graças aos investimentos públicos dos Estados que passaram a institucionalizar a ideia de bem-estar social.<sup>47</sup> A preocupação com a infraestrutura populacional, principalmente ao que se refere ao saneamento básico e a saúde, é um fenômeno político que marca o final do XIX e início do século XX, portanto, muito do pensamento nazista sobre “erradicar as doenças sociais trazidas pelos judeus e não-arianos” teve como inspiração as políticas públicas praticadas pelos Estados.

Tanto que para os nazistas, a sociedade é um “corpo social” –*Volkskörper* –<sup>48</sup> em seu sentido estritamente fisiológico. Inclusive, corpo esse que poderia “adoecer” ao entrar em contato com moléstias contagiosas, como os males ocasionados pelas culturas não-arianas, especialmente a judaica e a latina – com destaque para os franceses –. Para entender questões como “Solução Final”, esterilização e eutanásia forçada entre os não-arianos e, por fim o Holocausto judeu, é necessário ressaltar que a questão racial para os nazistas é a força motriz da história; é ela que permeia toda a ideologia nazista, conseqüentemente abrangendo até seu apreço pela juventude alemã. Para os nazistas a juventude alemã representava renovação,<sup>49</sup>

---

<sup>47</sup> Por volta da virada do século, uma abordagem científica para o estudo dos seres humanos e para o combate de problemas sociais tornou-se um projeto amplamente possível, pela primeira vez. Um avanço científico na medicina ocorreu, alcançando o sucesso notável no combate a doenças epidêmicas. Isso deu origem à expectativa de que todas as principais doenças iriam ser eficazmente combatidas, ou até mesmo erradicadas, no futuro previsível. As realizações práticas da medicina, mas mais especialmente a sua fé no progresso terapêutico, levou a uma idealização da juventude e saúde; o declínio do corpo com a doença e o envelhecimento era para ser desafiado, ou pelo menos adiado, o maior tempo possível. CREW, D. F. **Nazism and German Society: 1933-1945**. New York: Routledge, 2002, p.280-282.

<sup>48</sup> Seu complemento em termos práticos foi o tratamento da *Volkskörper*, ou “corpo” da nação, por meio de “seleção” e “erradicação”. Ibidem, p.278.

<sup>49</sup> Além de tudo isso veio o impulso social e cultural da inovação na virada do século, o que fez para uma degradação da experiência da geração mais velha e uma identificação da modernidade com a juventude. O culto da juventude reflete mais do que mudanças meramente demográficas. Ele sinalizou o avanço decisivo das

esperança no futuro, e como não poderia de ser, um corpo sadio e forte praticamente pronto para travar batalhas. A questão da renovação, pode ser entendida a partir do fato de que a ideologia nazista não se opunha abruptamente a modernidade e a tecnologia, pelo contrário, para os nazistas, a transformação social precisava ocorrer, entretanto, não poderia ser protagonizada pela burguesia liberal nem pelos bolchevistas. A “modernização” da sociedade alemã deveria acontecer através de sua agência, logo, a juventude representava a quebra com as amarras antigas como a hegemonia do poder aristocrático, a fragmentação territorial e o inócuo parlamentarismo. De acordo com os nazistas, os jovens eram espíritos inquietos que ansiavam por mudanças profundas na sociedade, portanto, deveriam ser corretamente guiados para que sua energia juvenil fosse aplicada no lugar apropriado.

Evidentemente que para os nazistas, a maior qualidade dos jovens será seu corpo saudável e atlético para ser usado nos combates durante a guerra. O ideal de um corpo vigoroso é antecedente ao governo nazista. Já que antes dos nazistas chegarem ao poder, a sociedade alemã experimentara nos currículos escolares matérias direcionadas para o preparo físico dos alunos.<sup>50</sup> Contudo, os jovens tornaram-se uma parcela da população interessante para os nazistas, não apenas por questões motivacionais, mas também por conta da crise que os atingira diretamente, levando muitos jovens a se alistarem nas forças paramilitares em troca de sanar suas necessidades básicas.<sup>51</sup>

Haja vista, unir os valores do trabalho com os do exército/paramilitares, foi uma estratégia dos nazistas para fundir os deveres do alemão, em apenas uma organização. Os rapazes que mal completara 18 anos, e também moças, eram obrigados a se alistarem no R.A.D, assim, formava-se uma juventude pronta, simultaneamente, para o trabalho e para a guerra. Isto posto, qualquer uma das alternativas escolhida pelo jovem depois de sua formação, levá-lo-ia para contribuir com a edificação do Reich. Para os nazistas, era muito mais fácil ludibriar

---

modernas formas de vida que ocorreram por volta da virada do século e que autorizam o período a ser chamado (por analogia com a história cultural), o início da era “clássico moderno”. Industrialização, urbanização, sociedade de massa e a permeação da vida cotidiana com a tecnologia são apenas alguns dos marcadores deste processo de modernização sociocultural. CREW, *ibidem*, p.282.

<sup>50</sup> (...) a Associação Geral mostrava-se favorável à política de Hitler em mais de 50%, e a vitória deste, em 33, foi saudada pela Associação como uma vitória conforme com o espírito do pedagogo Jahn. Jahn vira na educação física um meio de preparação militar para enfrentamento com a França napoleônica. Chegara mesmo a fundar sociedades de ginástica, antecipando-se à iniciativa imperial prussiana de introduzir a educação física nas escolas, isso em 1842. Jahn recomendara a seleção de uma raça vigorosa e pura, o banimento do uso de línguas estrangeiras e a inspiração no ideal grego de cultura e civilização. Não é de admirar que fosse apreciado como patrono pelos grupos estudantis hitleristas. LENHARO, *ibidem*, p.12.

<sup>51</sup> Assim, não é de se espantar que a juventude, o primeiro dos grupos sociais a sofrer o efeito do desemprego, se alistasse em massa nos *Freikorps* (corpos voluntários) do *Reichswehr* (Exército alemão) ou outras organizações paramilitares, como a *Jungdo* ou os *Stahlhem* (Casco de Aço). *Idem*.

ingênuos e inexperientes jovens, pois, garantir-se-ia desde uma idade muito precoce a fidelidade ideologia aos nazistas. Era necessário preparar esse jovem para morrer pela Alemanha, essa entrega de corpo e alma, só poderia ser construída com longos anos de doutrinação ideológica. Durante os anos de formação, os jovens aprendiam valores militares, heroicos e nacionalistas, para saírem prontos para o embate.

O ensejo estava disposto, tinham-se jovens desesperançados dispostos a acreditar em qualquer coisa, para não caírem num niilismo de um futuro frustrante. Era necessário ter esperança, acreditar no amanhã, então, qualquer ponto de luz em meio à escuridão, seria perseguido com toda intensidade possível. Hitler sabia disso, e não mediu esforços para atrair esses jovens desiludidos a fim de formar seu exército da salvação. Em função disso, criou as instituições nazistas com enfoque na juventude tanto para moças como rapazes.<sup>52</sup>

Nessas organizações que se subdividiam por faixa etária e habilidades como liderança, os jovens eram ensinados sobre os valores nazistas e seu papel na sociedade alemã. Basicamente, ensinava-se que a função dos jovens alemães era ser “útil” para Alemanha quer trabalhando nos campos ou nas cidades, ou atuando como soldados na guerra, no caso das moças, também gerando descendentes arianos e saudáveis para garantir a sobrevivência e continuidade do Terceiro Reich. Isto posto, a juventude alemã sempre estava associada à ideia de trabalho e por esse motivo existia uma organização que garantia a união de dois princípios: belicosidade e trabalho manual, o Serviço de Revista do Trabalho do Reich (*Reichsarbeitsdienst- R.A.D*).<sup>53</sup>

Tendo em vista essas particularidades, a representação da juventude alemã no filme *O Triunfo da Vontade* estará disposta nas cenas sob uma dualidade muito precisa, na primeira parte do filme, com o destaque na Juventude Hitlerista, como jovens felizes, entusiasmados e brincalhões. Já na segunda parte do filme, com a ênfase no Serviço de Revista do Trabalho do Reich (R.A.D), como jovens obstinados, disciplinados e infalivelmente fiéis a Hitler, capazes de sacrificarem a própria vida em nome da vitória e glória do Terceiro Reich.

---

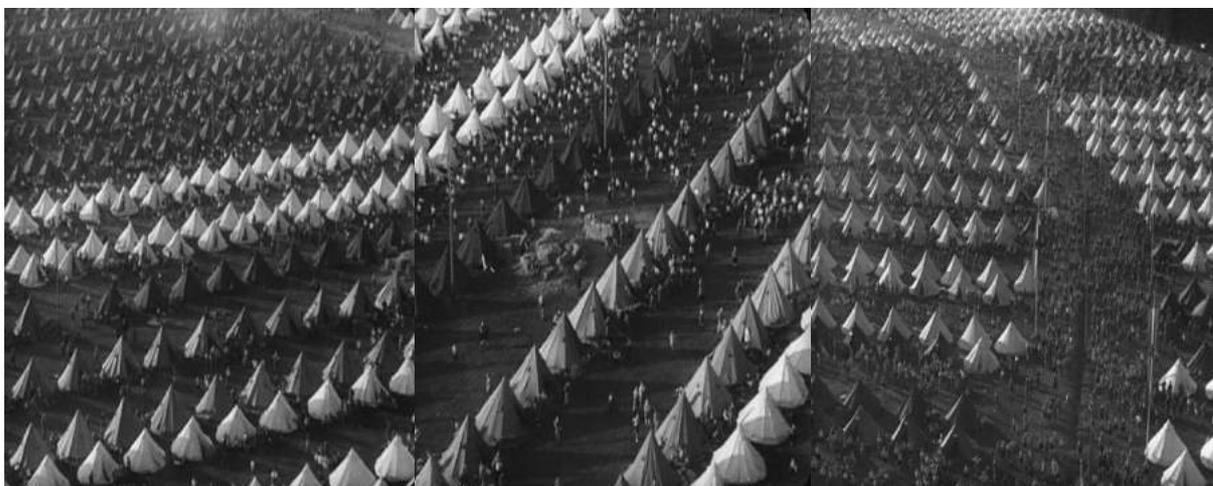
<sup>52</sup> A Juventude Hitlerista congregava jovens de 15 a 18 anos e tinha seus próprios departamentos de cultura e escolas, de imprensa, serviços de propaganda, de ‘esportes de defesa’, etc., e os jovens de 10 a 15 anos eram inscritos na *Deutsches Jungvolk*. Para as moças havia a *Bund Deutscher Mädel* e, para as mulheres, a *N.S. Frauenschaften*. SHIRER, *ibidem*, p.171.

<sup>53</sup> Aos 14, o rapaz entrava na Juventude Hitlerista propriamente dita e nela ficava até completar 18 anos, quando era transferido para a Cooperação pelo Trabalho e o exército. Era uma imensa organização, instituída em linhas paramilitares semelhantes às S.A. e na qual os jovens de caráter recebiam treinamento sistemático, não apenas em acampamento, esportes e ideologia nazista, mas de arte militar. *Ibidem*, p.343.

#### 4.3.4 Sequência: A cidade das tendas dos jovens soldados e trabalhadores

Cena de 15'53" a 20'09": A cena inicia-se com o plano no qual a voz *over* fala em 15'53": “Juventude de Hitler. Acampamento alemão, próximo a cidade de Nuremberg”. O movimento de câmera empregado é a grua<sup>54</sup>, onde a câmera se posiciona acima do nível do chão, com objeto de descrever a imagem do objeto, sob um ponto de vista que o diminui, mas ainda conserva uma boa amplitude no quadro. É exatamente essa a ideia exibida na cena, diversas tendas filmadas de cima, que representa uma multidão, a massa de “súditos do Estado”<sup>55</sup>.

As tendas são idênticas e incontáveis, onde não é possível diferenciá-las, apenas agrupá-las em uma ideia de massa, a intenção é fazer uma referência a figura de um grande e temido exército de soldados. No instante 16'08" homens e meninos começam a sair de dentro das barracas, para apresentar-se na tela. Então, em 16'25", meninos tocam tambores e trompetes para marcar que o dia raiou, para que suas obrigações habituais de “súditos” do Estado possam ser cumpridas.<sup>56</sup> Durante toda a cena são exibidos, exaustivamente, corpos de homens no auge de sua juventude e vigor físico, por esse motivo, estão em boa parte das cenas *seminus*,<sup>57</sup> ao natural, demonstrando o reestabelecimento do equilíbrio da relação entre o homem e a natureza.



<sup>54</sup> O movimento de câmera, onde a câmera se posiciona acima do nível do chão, com objeto de descrever a imagem do objeto, sob um ponto de vista que o diminui, mas ainda conserva uma boa amplitude no quadro.

<sup>55</sup> (...) “o jovem súdito de nacionalidade alemã receberá a educação concebida para todos os alemães”, que deve ser idêntica para todos eles, pois é de vital importância orientar toda a nação para um mesmo objetivo, (...). Após a formação acadêmica, deverá realizar a instrução militar. CORES, *ibidem*, p.197.

<sup>56</sup> Após 1933, o regime tinha tomado conta não apenas das forças armadas, mas também de toda a sociedade alemã. Do berço à sepultura, era esperado que qualquer cidadão alemão fizesse parte de uma organização nazista. PAUBEL, E. F. C. **O nacional-socialismo alemão: origem e fim**, 2010, p.92.

<sup>57</sup> Lüttke escrevia profundamente as muitas, por vezes, ambígua e contraditória, camadas de significado que os trabalhadores alemães eram ligados ao trabalho industrial. Ele mostra que as identidades dos trabalhadores alemães do sexo masculino foram intimamente ligadas às visões, sons, cheiros, texturas, símbolos e imagens que cercavam e representava o trabalho industrial. CREW, *ibidem*, p.2002.



Destarte, deve-se observar que é nesse ponto, onde fica mais ostensivo, que é possível aproximar a arte da propaganda política. E foi graças às mãos de Leni Riefenstahl e seu olhar sensível para a beleza, que o belo, e a felicidade e a alegria apareceram abundantemente na tela.<sup>58</sup> Entre todas as sequências, a que mais caracteriza a exaltação da beleza é essa da juventude hitlerista. São exibidos demasiados planos, em que os jovens são expostos com seus corpos *seminus* à vontade nas filmagens, desinibidos, figurando o reencontro do homem com a natureza, ou seja, com a paz e a harmonia. A beleza dos corpos jovens *seminus*, logo saudáveis, sob o olhar de Riefenstahl é para mostrar o poder da vida e a importância de se estar em equilíbrio,<sup>59</sup> tanto na saúde como em relação à natureza, para poder desfrutar de ambos.

É interessante notar que há a ausência de mulheres durante a cena, apesar do sexo feminino também compor as organizações da Juventude Hitlerista. Para justificar a inexistência de mulheres nas cenas, levanta-se a hipótese de que conforme o objetivo do discurso fílmico, que é exaltar o corpo masculino<sup>60</sup>, pois a figura masculina está historicamente atrelada à

<sup>58</sup> Eu posso simplesmente dizer que me sinto espontaneamente atraída por tudo que é belo. É, a beleza, a harmonia. E talvez esse cuidado com a composição, esta aspiração pela forma, seja efetivamente uma coisa muito alemã. Mas não conheço tais coisas pessoalmente de uma maneira exata. Elas vêm do inconsciente, e ‘não do meu conhecimento... O que você quer que eu acrescente? O que quer que seja puramente realista, uma fatia da vida, que é mediano, cotidiano, não me interessa.... Sou fascinada pelo que é belo, forte, saudável, que é vivo. Busco a harmonia. Quando a harmonia se produz, eu sou feliz. Acredito que com isto eu lhe respondi. RIEFENSTAHL apud SONTAG, S. **Sob o signo de saturno**. Porto Alegre: L&PM editores Ltda., 1986, p.67.

<sup>59</sup> (...) a celebração da vida, do que é vivo, a produção da harmonia, em suma, do belo, encontraria no corpo (e por intermédio do corpo) a maneira de separar a simples regularidade da manifestação da harmonia. ROVAI, *ibidem*, p.49.

<sup>60</sup> Esses jovens musculosos se inclinaram sobre martelos e bigornas: artesanato e trabalho manual, mas não o domínio das máquinas, estava em exposição. E mesmo que a figura feminina não representava claramente uma pessoa real, era menos evidente do que os símbolos masculinos. Em qualquer caso, foi certamente só os homens que funcionavam como ícones de trabalho. No processo de trabalho, destreza manual combinada com olhos afiados, força física e “resistência com ‘trabalho duro’”. Esse “trabalho” foi essencial para a sobrevivência diária. Trabalho doméstico era, com certeza, omitido a partir desta representação - “o mundo”- que trabalha com ferramentas, em máquinas e nas oficinas, foi permeado com os ideais de apropriação “masculino”, deste trabalho foi mais do que apenas um meio para um fim. (...) “O bom trabalho” significava o produto de sucesso do trabalho assalariado. Trabalho doméstico não foi incluído. O CREW, *ibidem*, p.77.

simbologia da força e agressividade, elementos essenciais tanto para os combates na guerra, quanto para compor a mão de obra nas fábricas.

A beleza celerada por Riefenstahl, também pode ser entendida como uma forma de fazer uma antítese ao mundo do caos originado, segundo os nazistas, pelo capitalismo, o fracasso do parlamentarismo e a ameaça bolchevista. Aqui, nesse acampamento, é possível que os jovens brinquem felizes e despreocupados, a salvo. No entanto, a questão da beleza dentro da doutrina nazista, está além de ser um elemento estético. A beleza, indissociável da juventude, está ligada ao vigor físico, no qual é imprescindível ser saudável para gerar uma “boa” prole.<sup>61</sup> Pode-se afirmar, conforme os argumentos expostos, que na construção do discurso fílmico a beleza seria a síntese de força, vida, harmonia, saúde e prosperidade – filhos –. Visto que, ao exaltar a beleza dos corpos jovens na tela, Riefenstahl amalgamou os principais elementos da doutrina nazista. Sendo que é preciso usar a força para vencer guerras, e ter saúde para gerar uma “raça forte”. Riefenstahl consegue sincronizar os tempos: o presente beligerante com o futuro próspero, ou seja, une-se o presente no qual deve-se guerrear para conquistar a vitória, resgatando a harmonia na sociedade; com o futuro que será usufruído em paz, gozando as melhores coisas da vida.



Todavia, ao retratar a questão da saúde, intrinsecamente, é abordado outro elemento que resulta numa vida saudável,<sup>62</sup> a assepsia nos planos de 16’40” a 17’05”. Desse modo, homens e meninos, são exibidos nos planos banhando-se e fazendo a barba, em outro plano limpando seus sapatos. A finalidade da cena é o de ressaltar que a higiene está vinculada como

<sup>61</sup> Todo habitante do Reich deverá demonstrar sua fidelidade a Hitler para ser reconhecido como cidadão legítimo, além de uma excelente saúde que assegure uma descendência racial digna. CORES, *ibidem*, p.196.

<sup>62</sup> A prevenção do câncer era o centro da propaganda nazista pela saúde. Talvez o maior símbolo de prevenção era o próprio Hitler, que era vegetariano, não-fumante e abstinente. PAUBEL, *ibidem*, p.100.

condição essencial para se ter uma boa saúde e pleno vigor físico. No entanto, a questão da assepsia está atrelada para além do fato de se ter uma boa saúde, outrossim, está relacionada aos critérios fundamentais para se ter uma “raça forte”. Portanto, ser um digno cidadão alemão, possuidor de seus direitos políticos integrais, fora a lealdade a Hitler, era obrigatório que todo cidadão também fosse fértil.<sup>63</sup> Dentro desse contexto, pode-se desenhar o prelúdio nefasto do que estava por vir. O desdobramento da paranoica fantasia racista dos nazistas em gerar uma “raça ariana”, “forte e pura”, iniciara-se, tacitamente, nos cuidados da higiene pessoal que, no final, culminou no holocausto judaico.<sup>64</sup> Isto é, a obrigatoriedade da eutanásia e da esterilização dos não-arianos para se criar uma sociedade perfeita e saudável, abre precedente para a “Solução Final”.

Entretanto, o que deve ser ressaltado com relação às leis de esterilização e eutanásia, é que elas não apenas recaem sobre outros povos e etnias, mas, inevitavelmente, sobre o próprio povo alemão.<sup>65</sup> Os nazistas conseguiram instrumentalizar a vida do cidadão alemão de tal maneira, que foi capaz de decidir como ela deveria ser vivida, e como deveria ser findada. A justificativa da matança, dava-se por conta do argumento falacioso baseado numa suposta existência de “raça pura”. Porém, ela não existia, nem nunca existiu,<sup>66</sup> sendo assim, dever-se-

---

<sup>63</sup> A lei para prevenção de uma Prole Hereditariamente Comprometida instituiu a esterilização de indivíduos portadores de deficiência e foi aprovada em 14 de julho de 1933. (...) Entre 1933 e 1939 cerca de 320.000 pessoas foram esterilizadas nesse programa, incluindo alcoólatras e outros indivíduos de comportamento considerado “antissocial”. Ibidem, p.99.

<sup>64</sup> Os nazistas tentaram purificar a próxima geração da raça ariana pela esterilização forçada e abortos obrigatórios. Naturalmente, os homens, assim como mulheres, a quem os nazistas julgados geneticamente inferiores foram também submetidos a esterilização forçada (...) Bock também argumenta que a política de esterilização foi um precursor dos nazistas “ações eutanásia” depois de 1939. Por sua vez, o programa de eutanásia abriu o caminho para o próprio Holocausto, produzindo tanto a tecnologia e as mentalidades necessárias para a aniquilação industrial sistemática de milhões de judeus, a grande maioria dos quais, Bock ressalta, também eram mulheres e crianças. (...) Em junho de 1933, cinco meses depois de Hitler chegou ao poder, seu ministro do Interior, Wilhelm Frick, fez um discurso programático e frequentemente citado em “política de população e raça.” Ele tinha a intenção de pavimentar o caminho para a lei de esterilização iminente que tinha sido preparada para longos anos de propaganda eugênica. A esterilização e eugênica obrigatória tinha sido defendida não apenas por nacional-socialistas, mas também - embora por razões diferentes, sempre em vista de uma sociedade perfeita - por muitos membros de outras associações políticas, incluindo socialistas e algumas feministas radicais (...). CREW, ibidem, p.110.

<sup>65</sup> A lei de esterilização não prevê a esterilização exclusivamente de judeus, ciganos, negros e outras raças “estrangeiros”, mas eles eram, naturalmente, incluídos; além disso, particularmente ciganos e negros foram esterilizadas tanto dentro como fora da lei de 1933. No entanto, a política de esterilização - e higiene raça como um todo - foi uma forma de racismo e um componente integral do racismo nacional-socialista. Para o racismo significa não só a discriminação de raças ou povos “estrangeiros”, mas também a “regeneração” das próprias pessoas, na medida em que visava através da discriminação do “biologicamente inferiores”, entre seu próprio povo. Para os teóricos e praticantes de racismo a “raça superior” já não estava lá, mas teve de ser produzido. CREW, ibidem, p.115.

<sup>66</sup> Escória eram os judeus e os eslavos, e mais tarde, ao se tornar ditador e conquistador, Hitler proibiu o casamento de alemães com qualquer membro dessas raças, embora qualquer professora primária estivesse em condições de dizer-lhe que os alemães tinham nas veias muito sangue eslavo, especialmente aqueles que habitavam as províncias orientais. SHIRER, ibidem, p.130.

ia inventar métodos que concebesse a “raça ariana” que estava ameaçada por conta do frequente contato com povos “estrangeiros”. Para os nazistas, a eutanásia e a esterilização obrigatória representavam uma espécie de força renovadora. Logo, os horrores que os nazistas praticavam contra os judeus, entre outras minorias, podem ser vistos como um desdobramento do terror que era aplicado contra seus próprios cidadãos alemães – diferenciando-os nas categorias de arianos e não-arianos, ou seja, aqueles que tinham direitos plenos daqueles com direitos parciais–.<sup>67</sup>

Não obstante, as leis da esterilização e eutanásia obrigatória aos não-arianos, irão permear a concepção de trabalho na doutrina nazista. Sendo assim, os arianos, aqueles indivíduos de valor,<sup>68</sup> são úteis para a Alemanha, e por esse motivo “merecem” viver. Já no caso, dos indivíduos não-arianos, aqueles sem valor, são inúteis para a Alemanha, portanto, sua vida torna-se descartável. Ao estabelecer uma relação entre valor e trabalho, os nazistas implicitamente legitimam a “Solução Final”, como medida para exterminar a vida daqueles sem valor, por conseguinte, que não “mereciam” viver.

Sem embargo, outros valores são destacados no decorrer das cenas, como a descontração e o espírito de camaradagem entre os jovens soldados, nos planos a partir de 17’06”. São planos, nos quais se sobressaem as brincadeiras, os sons das gargalhadas, entre os integrantes da Juventude Hitlerista. Tendo em vista, o discurso fílmico pretende transmitir a ideia que, cada cidadão alemão dever cumprir suas obrigações perante o Estado nazista. Entretanto, executam-nas contentes e felizes, pois sabem que estão contribuindo para a prosperidade da Alemanha e, concomitantemente, deixando seu *Führer* satisfeito. Não obstante, a realização das obrigações estava, também, representada pelo valor do trabalho campestre –braçal –<sup>69</sup> demonstrado no plano em 17’37”. São planos que aparecem homens

---

<sup>67</sup> Dentro de *Mein Kampf* Hitler tinha resumido teoria racial atual em meados dos anos vinte: assim como “um povo não é igual a outro, ” sendo assim “uma pessoa não é igual a outra dentro de um *Volksgemeinschaft* (comunidade étnica), ” e, portanto, “os indivíduos dentro de uma *Volksgemeinschaft* ” devem ser diferentemente ‘avaliados’, especialmente no que respeita ao direito de ter filhos. CREW, ibidem, p.115.

<sup>68</sup> No sentido de alargar progressivamente as áreas da política social, política de saúde, a política de educação e política demográfica, um paradigma dominante e guia para a ação tornou-se estabeleceu em que as pessoas foram divididas em aqueles que possuem “valor” e aqueles que não possuem “valor”. “Valor” era para ser selecionado e promovido, e “sem valor” era para ser segregado e erradicada. Planejamento social de um tipo altamente moderno em grande escala foi aproveitada para o estabelecimento de uma utopia racista em que a questão social seria “finalmente resolvido. ” CREW, ibidem, p.277.

<sup>69</sup> Lüdtke concentra-se em particular sobre o rico simbolismo que envolve e representa o trabalho manual. (...) Lüdtke sugere que a linguagem nazista de significados de trabalho expressa para os trabalhadores comuns, o que a linguagem marxista de classe não faz. Os nazistas pretendiam fazer os alemães reconhecerem que o trabalho manual era uma fonte de orgulho e dignidade para o movimento operário alemão. (...) O R.A.D, como era conhecido o Serviço de trabalho do Reich, esteve intimamente relacionado com as *Hitlerjugend*, baseando-se na ideia de que, se a juventude realizasse trabalhos para o Estado durante uma etapa de sua vida, mesmo de forma

transportando madeira para servir de combustível para o fogo que faz a comida de todos, a cooperação é outro elemento que merece ser observado, pois, simboliza a ideia de unidade dentro do Terceiro Reich e a fraternidade entre os membros das forças paramilitares.

Soma-se ao valor do trabalho campestre, a questão de que o trabalho braçal corroborar a ideia de indistinção entre as classes. Classe, no sentido político e social, não existe para a doutrina nazista.<sup>70</sup> Já que classe, no sentido social irá referenciar-se aos estratos sociais tradicionais como burguesia e aristocracia, e no sentido político ao bolchevismo. Dentro do Terceiro Reich, existe somente o conceito do homem ariano, indivisível. Exprimido pela imagem das massas compactas – sem sujeitos – que são aglutinadas pelo sangue. Essa ideia defendia pelos nazistas de uma igualdade entre os “verdadeiros alemães”, foi mais uma de suas mentiras propagandísticas. Uma vez que a realidade mostrava que as organizações nazistas, incluindo a própria Juventude Hitlerista,<sup>71</sup> eram extremamente hierarquizadas e elitizadas, defendendo que os melhores sempre deveriam estar na posição de liderança.

Um outro fator elementar na doutrina nazista é abordado nos próximos planos, o valor de confraternização, para aludir ao sentimento de pertencimento e ausência de classes. Novamente, o reforço da ideia de boa saúde, conquistada através da alimentação, figurada no plano médio de um jovem feliz, realizando sua refeição em 18’55”. Até o final da cena em 18’58”, são exibidos vários planos compostos por homens cozinhando e outros comendo, ambos rindo e se divertindo enquanto realizam suas funções. Nota-se que o objetivo é apresentar uma imagem de familiaridade entre os membros. A fim de corroborar com a ideia

---

obrigatória, ela endureceria e o trabalho manual passaria a ser visto como o que realmente era: um trabalho digno- como se pode ver, a concepção de agricultores nórdicos que alimentassem o Reich seria beneficiada por isso. CREW, *ibidem*, p.67-68; CORES, *ibidem*, p.167.

<sup>70</sup> O Estado nacional-socialista não reconhece classes; no sentido político, só reconhece cidadão, com iguais direitos e idênticas obrigações(...) CORES, *ibidem*, p.198.

<sup>71</sup> A última escala da educação no Terceiro Reich surgiu com a criação de três tipos de escolas para aperfeiçoamento da elite: as Escolas Adolf Hitler, sob a direção da Juventude Hitlerista, o Instituto Nacional de Educação Política e os Castelos da Ordem, os dois últimos sob a égide do partido. (...) No topo da pirâmide achavam-se os chamados Castelos da Ordem, as *Ordensburgen*. Neles, com seu ambiente dos castelos dos Cavaleiros da Ordem Teutônica, dos séculos XIV e XV, era preparada a elite nazista. A ordem fora baseada no princípio da obediência absoluta ao Mestre, a *Ordensmeister*, e dedicada à conquista alemã das terras eslavas do Oriente e à escravização dos nativos. Os Castelos da Ordem nazistas possuíam disciplina e propósitos similares. Exclusivamente os jovens nacional-socialistas mais fanáticos eram escolhidos, em geral das mais altas fileiras de graduados das Escolas Adolf Hitler e dos institutos políticos. SHIRER, *ibidem*, p.344-345.

de que está acontecendo uma celebração da fraternidade ariana, o prato típico alemão *bratwurst* é filmado com o primeiro plano.



Nas cenas finais a partir de 19'07", sublinha-se o sentimento belicista que a Juventude Hitlerista deveria ter através dos planos em que são filmados jovens praticando esporte ou lutas ao ar livre. Era uma maneira de manter o condicionamento físico e ao mesmo tempo de restaurar a conexão com o ambiente bucólico.<sup>72</sup> Visto que, a principal razão para se ter uma boa saúde, é utilizá-la para vencer batalhas. Valida-se esse sentido nos planos com o agressivo confronto físico entre os jovens e na vibração da plateia ao redor que assistia a luta.<sup>73</sup> Instigar violência era uma prática do governo nazista, sendo uma maneira encontrada para manter a fidelidade do povo em relação ao partido e ao seu líder, figurando o vencedor, o mais forte. A violência tinha a finalidade de conquistar vitórias, e de execrar os inimigos da Alemanha. Por esse motivo, assiste-se ao duelo de corpos que exaltam força e masculinidade, travando uma briga para provar sua resistência e superioridade, no qual, será reconhecida por aquele que for o mais forte para vencê-la.

É oportuno observar que durante as cenas de lutas, a câmera sai do foco da multidão para exibir no plano de 19'20"-19'24" a imagem de jovem sentado, sozinho e cabisbaixo, desolado, que está concentrado escrevendo. A intenção é de salientar o contraste entre o indivíduo e as massas, afirmando na cena que, só é possível ser feliz integrando-se ao bando, e exercitando seus músculos. A lógica da cena é reforçada nos planos em 19'25", 19'28" e 19'37", onde um grupo de jovens duelam entre si, em tom de brincadeira; alternando-se aos primeiríssimos planos em 19'30", 19'34", 19'39" e 19'41", filmando meninos, cada plano com um menino diferente, dando gargalhadas. Divertindo-se por fazer parte do grupo e por estar ali do lado de fora da tenda, onde podem interagir com os outros e com a natureza, e também, assistir à exibição de um truculento confronto corporal, são esses fatores que os fazem felizes.

Ao final da cena, é exibido um ritual que transmite a ideia de culto ao sol, com o plano em 19'57"-20'00". Esse sentido é corroborado com o uso do plano aberto de um menino sendo jogado de uma cama elástica, em 20'03"-20'13", sustentada por diversos jovens que a segura.

---

<sup>72</sup> (...) o próprio entrevistado nos explicou (...) Sua lembrança como membro da *Jungvolk* refere-se a uma sucessão de atividades ao ar livre e esportivas, inclusive campeonatos e olimpíadas internos ao movimento, as quais o levaram a circular com o grupo que ele liderava por diferentes cidades em toda Francônia. (...) No que se refere à doutrinação nacional-socialista, a lembrança do informante se refere a uma ou duas horas de preleção ideológica mensais, das quais no máximo uns 15 minutos seriam dedicados à instrução política. Os conteúdos se referiam normalmente à leitura "inspiradora" da biografia de algum líder nazista. O restante do tempo era dedicado a aprender a cantar novas canções, geralmente medievais, cujos conteúdos se referiam à época das guerras mercenárias ou outros temas do folclore local. OLIVEIRA, D. **Os soldados brasileiros de Hitler**. Curitiba: Juruá, 2011, p. 29-30.

<sup>73</sup> "Nas escolas e um Estado Nacional, deve-se dedicar mais tempo ao exercício corporal", sendo preferível que se pratique o boxe, já que "não existe esporte algum que estimule tanto como este o espírito de ataque". A pátria precisa de jovens robustos e sem medo de lutar. CORES, *ibidem*, p.196.

A cena transmite o sentido de que o menino pode atingir o sol, no entanto, existem duas etapas para que isso ocorra. Primeiro, todos devem fazer sua parte, sendo cooperativos uns com os outros. Segundo, o menino não pode temer o alcance das grandes altitudes no céu, pois deve ser ciente de sua força e superioridade.<sup>74</sup>



<sup>74</sup> “Fortalecido pela confiança em sua própria capacidade, animado por um sentimento de solidariedade que compartilhará com o resto de seus compatriotas, o jovem chegará à convicção de que seu país invencível!”. CORES, *ibidem*, p.196.



#### 4.3.5 A Frente do Trabalho Alemão – D.A.F (*Deutsche Arbeitsfront*)<sup>75</sup>

A maneira como a questão do trabalho será abordada no discurso de *O Triunfo da Vontade*, deve ser analisada conforme a influência dos acontecimentos históricos precedentes à ascensão do governo nazista. Sem fazer extensos questionamentos que já foram anteriormente abordados com mais profundidade, nesse momento, é interessante apenas destacar dois fatos que estão essencialmente ligados à questão do trabalho na sociedade alemã e que serão oportunizadas pelos nazistas: a unificação da Alemanha, vinculada à necessidade de se estabelecer uma identidade nacional, e a crise econômica e suas consequências de desemprego, miséria e do aumento na desigualdade entre a população do campo e das cidades.

Durante todo o filme, são diversos os elementos cinematográficos que transmitem a ideia de uma identidade nacional alemã. Não obstante, nas cenas analisadas, pode-se verificar que essa tática de forjar uma identidade nacional será empregada na questão do trabalho. Para a ideologia nazista trabalhar duro, labutar com as mãos<sup>76</sup> para ver o suor escorrer por seu rosto, dever-se-ia ser um motivo de orgulho e não de vergonha como a aristocracia gostava de tipificar. Muitos são os nazistas que tem sua origem social nessa nova burguesia que nascia nos grandes centros urbanos, ou que passara boa parte de suas vidas neles, ou ainda os que são de origem camponesa. Portanto, o local de nascimento foi responsável pela aproximação de alguns nazistas, em algum nível, com trabalho manual. Proximidade o suficiente pelo menos para que eles pudessem explorá-la em sua propaganda política.<sup>77</sup> O fato é que os nazistas não tinham

---

<sup>75</sup> A Frente do Trabalho Alemão (D.A.F) deveria de uma vez por todas, pôr fim aos conflitos de interesse e, portanto, a “luta de classes” nas fábricas e empresas industriais. Esta organização nazista foi fundada em 10 de maio de 1933, poucos dias após os atos de violência e a encenação espetacular de 1 e 2 de maio: “Dia Nacional do Trabalho” e a dissolução dos sindicatos. (...) Em novembro de 1933, como os preparativos para a reconstrução do direito do trabalho procedeu sob grande pressão, a D.A.F conseguiu ter-se declarado a única organização de *todos* empregados na indústria e comércio. CREW, *ibidem*, p.69.

<sup>76</sup> A “honra do trabalho” foi um dos pontos-chaves no discurso de Hitler em 1933 na celebração do Primeiro de Maio, um apelo ao *Volksgemeinschaft* (transmitido por rádio em toda a Alemanha); “Espírito, cérebro e punho, trabalhador, agricultor e cidadão, ” todos estavam juntos. Cada um tinha sua própria honra; cada um deve respeitar a do outro. Mas a medida mais alta era do trabalho manual. De acordo com Hitler, o “serviço de trabalho” iria ensinar a todos que “o trabalho manual não polui, nem desonra”. (...) o “Dia Nacional do Trabalho”, que foram transmitidos anteriormente pelo rádio já havia enfatizado que a verdadeira voz do povo deve ser a dos homens que trabalham. *Ibidem*, p.74.

<sup>77</sup> Em um discurso de alguns dias mais tarde, em que celebrava a fundação do D.A.F, Hitler apresentou-se como um trabalhador: ele alegou ter trabalhado em um canteiro de obras e “ganhou seu próprio sustento”. E, como um soldado comum que conhecia a vida das “grandes massas” muito melhor do que muitos que nasceram em “essas classes”. (...) Sempre encarara com desdém o trabalho manual. Jamais procurara ganhar um centavo. Contudo, a fome jamais o levou ao extremo de procurar encontrar um emprego regular. Como ele diz claramente em *Minha luta*, tinha o torturante medo, como pequeno burguês que era, de escorregar para as fileiras do proletariado, dos trabalhadores manuais — medo que ele iria mais tarde explorar ao edificar o Partido Nacional-Socialista, alicerçado amplamente sobre a classe até então mal remunerada, negligenciada, sem um líder, dos empregados de escritório, cujos milhões de membros alimentavam a ilusão de que pelo menos socialmente estavam em melhor situação do que os “operários”. CREW, *ibidem*; SHIRER, *ibidem*, p.37-40.

interesse em lutar pelos operários, o seu real objetivo era cooptá-los das ideias bolchevistas. A aproximação com a classe operária dava-se muito mais pela necessidade de se conhecer suas demandas para que fosse possível para os nazistas se designarem os seus “verdadeiros” representantes políticos.

Entretanto, um ensejo será dado os nazistas para facilitar seu diálogo com esse público, e também com os trabalhadores urbanos da classe média, a questão da desvalorização histórica do trabalho manual. Os nazistas desenvolvem no discurso fílmico uma espécie de sentimento vingança sobre aqueles que já lhe humilharam e ridicularizaram por conta de seu estrato social mais baixo<sup>78</sup>. É a chance de se virar o jogo, é a chance dos mais pobres mostrarem que também são cidadãos da Alemanha e não é uma classe social que irá ditar quem tem mais ou menos direitos. Para além de uma afronta ao bolchevismo e sua “luta de classes”, os nazistas também queriam reestabelecer a dignidade e honra das pessoas oriundas das classes abaixo da aristocracia. O trabalhar duro –manual, nas cidades ou campos – era um indicativo de que o trabalhador tinha honra e dignidade,<sup>79</sup> portanto merecia pertencer a comunidade ariana, era um genuíno cidadão alemão.

Com relação ao trabalho no campo, sua valorização pelos nazistas se dava muito mais por uma questão simbólica do que uma verdadeira conexão com o campesinato.<sup>80</sup> Para os nazistas, o campo representa a ideia de um lugar intocável pelo caos da modernidade, onde imperavam os legítimos valores tradicionais do povo alemão como o trabalho duro realizado com as mãos, o contato direto com a terra e a pureza racial garantida devido ao afastamento com as grandes cidades que concentravam um contingente de diversidade étnica.<sup>81</sup> Isto posto, os camponeses tornam-se para os nazistas um símbolo dos valores tradicionais alemães.

---

<sup>78</sup> (...) o trabalhador é a mais alta aristocracia que você poderia alcançar .... Foi possível para mim como filho de um trabalhador para ser líder da tropa (*Fahnleitführer*). E o meu subordinado, de modo que você pode dizer, era um graduado do secundário. (...) Alguém de “classe superior” tinha que obedecer a um trabalhador ou o filho de um trabalhador. A base da hierarquia social já não era tão determinante como anteriormente, já era possível ultrapassá-la. CREW, *ibidem*, p.92.

<sup>79</sup> Cf. capítulo 3 em: Cultura e educação na sociedade alemã e a questão do conflito entre valores aristocráticos e burgueses.

<sup>80</sup> Os nazistas não se sentiam à vontade para montar suas mitologias em torno dos operários, personagens já ligados à tradição revolucionária dos socialistas e comunistas. LENHARO, *ibidem*, p.68.

<sup>81</sup> Himmeler, chefe da S.S, considerava-os seres superiores, dignos de pertencer à “nobreza de sangue”. Até mesmo as revoltas camponesas do século XVI foram utilizadas pelos artistas para mostrar os homens do campo como precursores dos soldados nazistas, emprestando um caráter revolucionário ao nacional-socialismo. *Ibidem*, p.67.

Contraopondo-se ao campesinato, os operários são para os nazistas a representação da força física.<sup>82</sup> Nas fábricas serão adotadas práticas que tem o intuito de transformar os operários em uma “comunidade de fábrica”<sup>83</sup>, através da alegria, arte e confraternização.<sup>84</sup> A intenção dessa junção de práticas era a de reestabelecer a dignidade e honra dos operários que estavam sofrendo há anos por conta do desemprego, miséria e a marginalização. Os nazistas pretendiam criar uma atmosfera inclusiva e alegre nas fábricas, devolvendo a autoestima e o orgulho dos operários alemães.<sup>85</sup> Os nazistas eram cientes de que a classe operária era a que menos dava apoio a eles, portanto, era necessário criar mecanismos simbólicos como reforçar a autoestima e o orgulho para que fosse possível estabelecer um contato com os operários.<sup>86</sup> Logo, seria por intermédio dos sentimentos e do simbolismo que os nazistas pretendiam conquistar os operários. Entretanto, os operários enxergavam essas práticas fabris nazistas mais como uma oportunidade para sair do desemprego e de crescimento profissional, do que uma forma de vingança sobre aqueles que outrora sentiram-se superior a eles.<sup>87</sup> Entretanto, o sentimento de orgulho e autoestima era bastante estimulados nas propagandas nazistas nas fábricas. O reestabelecimento do orgulho estava estritamente ligado a questões históricas da Alemanha, como a derrota na Primeira Guerra e a decadência econômica e política que a sociedade alemã

---

<sup>82</sup> Quando representados, os operários são despojados de sua condição de trabalhadores; apenas seus músculos são ressaltados; nada de fadiga, do sofrimento, das cadências, do ritmo intermitente da produção taylorizada. LENHARO, *ibidem*, p.68.

<sup>83</sup> A “comunidade fábrica” foi, portanto, a intenção de chegar muito além do local de trabalho individual. Em contraste com as ideias de Lang e Hellpach, o próprio processo de trabalho real foi deixado completamente de fora do quadro. Muito mais atenção foi dada à formação de uma conexão global com os trabalhadores e suas famílias, na “borda” da fábrica, em seu “tempo livre”. A este respeito, *Jardim da infância*, lugares e cursos domésticos e costura para as mulheres e as filhas eram tão importantes como o apoio financeiro para os clubes de jardinagem, casas de repouso e curas de descanso. CREW, *ibidem*, p.85.

<sup>84</sup> O nacional-socialismo foi o primeiro regime político a se comprometer publicamente a promover a “hora do trabalho” no âmbito do sistema econômico existente. Os nazistas elogiaram “o trabalho de qualidade alemão” e “trabalho nacional”; eles prometeram “alegria no trabalho”, uma “comunidade de fábrica” (*Werksgemeinschaft*) e um “comunidade nacional”. *Ibidem*, p.68.

<sup>85</sup> O regime nazista não removeu barreiras de classe, mas fez oferecer aos trabalhadores alemães novas formas de reconhecimento, novo status, novas oportunidades e nova esperança que facilitou a aceitação dos trabalhadores e participação na construção do regime nazista assassino. No mínimo, os nazistas constatavam que a “hora do trabalho” melhorou trabalhadores chances de sobrevivência e permitiu que os trabalhadores do espaço físico e simbólico dentro do qual eles poderiam se envolver em pequenos atos de autoafirmação diária (*Eigen-Sinn*). *Idem*.

<sup>86</sup> Lütke argumenta que “a prática simbólica” é uma parte integrante da vida normal, todos os dias, mesmo em sociedades industriais avançadas. “Práticas simbólicas” são as atividades e interação sociais por meio do qual os trabalhadores constroem e expressam os significados que atribuem ao “mundo real” do trabalho industrial. Essas “práticas simbólicas” podem assumir uma forma excepcional, ritualística, como a celebração de um aniversário ou aniversário da empresa. *Ibidem*, p.71.

<sup>87</sup> Outros tiveram experiência que sinalizaram mais uma melhoria de suas chances de sobrevivência do que a superação das barreiras que os separavam “daqueles lá de cima”. Ser um trabalhador qualificado, especialmente se sua produtividade foi “acima da média”, poderia “pagar” em inúmeras maneiras. (...) Em termos concretos, isso significava que você foi poupado de supervisão e orientação constante. Se o produto foi considerado satisfatório, então você poderia desenvolver o seu próprio ritmo de trabalho-manter a sua *Eigen-Sinn*.

estava passando desde ao início da República de Weimar. A questão do orgulho alemão extrapolava o individual, era também uma questão do corpo social, dos alemães como um todo.

O desejo de restaurar o orgulho ferido, para que a Alemanha voltasse a ser grandiosa, era um sentimento comum a todos. Aproveitando esse fato, os nazistas incorporam em seu discurso a necessidade do resgate desse orgulho ferido através do trabalho manual seja nas fábricas, empresas urbanas ou no campo. Unindo o útil ao agradável, além de reestabelecer o orgulho nacional ferido, outrossim tornava-se uma forma de unificar a Alemanha a partir de uma construção de identidade nacional pautada no trabalho manual. Desse modo, distanciar-se-ia do modus burocrático de trabalhar que era feito pelos aristocratas e pela alta burguesia.<sup>88</sup> Dessarte, era preciso criar uma identidade nacional na qual o trabalho manual compunha seu significado. A concepção do “trabalho de qualidade” deveria expressar as habilidades dos alemães como competência, disciplina, obediência, honra e diligência. De todos, a obediência é um dos valores mais enfatizados pelos nazistas, no qual, os operários deveriam ter lealdade mais aos seus superintendentes do que ao contrato de papel.<sup>89</sup> Essa tática pode ser entendida como uma forma de domesticar e manter os operários sobre o comando de um líder, no caso os encarregados e o patrão.

Com relação a exaltação da diligência, pode ser entendido também como uma maneira de dar destaque para os artesãos e profissionais liberais da classe média,<sup>90</sup> a habilidade com as mãos poderia ser interpretada como uma característica de altivez, constitui-se um elemento atrativo no filme para esse público de profissionais liberais e trabalhadores urbanos dos grandes centros. No qual, o produto resultante do serviço representava a excelência do trabalho de um verdadeiro alemão.<sup>91</sup> Isto posto, o trabalho se torna um mecanismo de prova e merecimento de cidadania, para ser um legítimo cidadão alemão seu serviço deveria estar à sua altura. Caso comprovasse maestria no serviço, o trabalhador demonstrava ser útil à Alemanha e ao seu povo.

---

<sup>88</sup> Líderes nazistas frequentemente falavam sobre a “honra do trabalho manual”. (...) Aproveitando a animosidade popular para os negócios político-partidários da República; por ridicularizar os “patrões do partido” supostamente preguiçosos que era capaz de explorar uma desconfiança generalizada dos políticos profissionais e funcionários. CREW, *ibidem*, p.75.

<sup>89</sup> Foi dado como certo que o trabalhador manual foi posto para “obedecer” não só o contrato, mas também os superintendentes. *Idem*.

<sup>90</sup> Palmier chama a atenção para o fato de que prefere ainda o artesão ao operário, quase sempre ausente dos quadros, elegendo-se como temas o ferreiro, o serralheiro, o lenhador. LENHARO, *ibidem*, p.68.

<sup>91</sup> Conectado, mas ainda assim distinto, era um terceiro aspecto – a reverência pela diligência e por “fazer o dever”, uma referência a dimensão interna do trabalho – “disciplina”, “Diligência” e “Dever” foram invocados de muitas formas diferentes – como o anverso a “parcimônia” da classe média que serviu para manter a individual, mas também como consequência dos preconceitos de “Progresso” e crescimento, compartilhado por “direita” e “esquerda”, visando a expansão da produção industrial. Ordem e a destreza da mão eram as características distintivas; ordem deve reinar no local de trabalho; mãos hábeis assegurou que em relação a produção em si, as ordens de serviço e desenhos técnicos se tornaria o produto desejado, “preciso”, bom. CREW, *op. cit.*, p.75.

Caso contrário, seria considerado inútil e indigno para ser considerado cidadão alemão. Essa prática abriu brechas para a legitimação do trabalho escravo dos judeus e não-arianos.<sup>92</sup>

Dentro dessa conjuntura, os operários e o campesinato eram associados ao trabalho manual muito mais por uma questão de estratégia política, do que uma real promoção dessa classe de trabalhadores. A necessidade de sentir-se superior aos demais e outras regalias oferecidas pelas práticas e simbologias propagandísticas nas fabricas, até certo ponto eram atrativas e serviam para satisfazer interesses particulares. Contudo, o incentivo à obediência não promoveu reais avanços de direitos a classe de trabalhadores, muito pelo contrário, era uma forma de adestrá-los para o que estava por vir, a guerra.<sup>93</sup> Os nazistas tinham uma visão bem pontual em relação à economia, desenvolvê-la para que a Alemanha adquirisse reservas o suficiente para garantir um potente armamento para a guerra.<sup>94</sup> Ademais, era uma maneira de induzir o trabalhador a se familiarizar com as simbologias militaristas e nazistas. Já que de acordo com os princípios da Frente do Trabalho Alemã, todo trabalhador urbano ou do campo é, antes de mais nada, um soldado, portanto deve ser disciplinado e leal aos seus superiores, dispondo seu serviço em prol do desenvolvimento de seu povo e da Alemanha.<sup>95</sup> A criação da Frente do Trabalho Alemã tem o objetivo de colocar em prática esses princípios examinados. Por esse motivo, ela aparece em várias cenas em *O Triunfo da Vontade*.

No discurso filmico, a Frente do Trabalho Alemã – D.A.F, aparece com a finalidade de sintetizar a ideia romantizada do trabalho no campo. No decorrer das cenas, explora-se a relação entre a produtividade da terra com a prosperidade do ato de gerar filhos saudáveis. Averigua-se que é mantida a mesma lógica propagandística que era praticada nas fábricas, como

---

<sup>92</sup> O racismo do regime nazista permitiu trabalho forçado a ser explorado sem nenhuma preocupação particular para a saúde ou a vida dos trabalhadores coagidos. No livro a partir do qual o capítulo seguinte é tomado, Ulrich Herbert mostra que o trabalho forçado e escravo na Alemanha nazista tinha suas raízes em uma longa tradição de discriminação contra trabalhadores estrangeiros em que mesmo os trabalhadores alemães participaram em algum grau. CREW, *ibidem*, p.219.

<sup>93</sup> Igualmente decisivos foram os aspectos concretos, sensuais, bem como a geral-retórica, reforçados pela retórica difusa do sentido de “comunidade” nas fábricas ofertavam interesses de sobrevivência individuais nos locais de trabalho “honra de trabalho.” – e de fato a autoafirmação do “trabalhador de qualidade” – maior legitimidade e oportunidades. Desta forma, de uma forma sem precedentes, as esperanças de uma “boa vida” poderiam ser sensualmente experimentadas e pareceu ser justificável. Naturalmente no processo de uma certa ambivalência era inevitável; sobrevivência individual, especialmente a exploração das novas possibilidades, necessária aquiescência contínua e, não raro, a participação ativa na mobilização fascista da economia para a guerra. Sobrevivência e gozo da “honra de trabalho”, assim também significava tornar-se cúmplice de políticas criminais. *Ibidem*, p.98.

<sup>94</sup> Mas o trabalho produtivo também permitiria a independência econômica que traria ao Estado Nazista na (internacional) “luta” dos povos e raças. (...) Em um discurso que fazia parte da mobilização propagandística para “guerra total” no verão de 1943, o ministro dos Armamentos Speer trouxe o coletivo projeção em breve e nitidamente em foco: “Qualidade irá [triumfar] sobre a massa.” A mensagem era clara: “trabalho alemão” sempre seria superior ao meramente “quantitativo” (saída) “do Oeste”; triunfaria desta vez também. *Ibidem*, p.75-93.

<sup>95</sup> Ley apresentou-se como um “*Führer*”, que, ao mesmo tempo alegou ser um entre muitos “soldados de trabalho manual”. *Ibidem*, p.71.

no caso do programa “Alegria no Trabalho”. Observa-se que a intenção das cenas é transmitir uma ideia de restauração na produtividade do trabalho no campo. Ratifica-se esse sentido, com o uso de planos contendo rostos femininos e de crianças, portanto, fazendo alusão a fertilidade da mulher e da terra.

#### 4.3.6 Sequência: O desfile popular

Cena de 20’15 a 22’07’’: Os planos que compõe essa sequência são marcados pelo uso do *travelling* que percorre a passeata, alternando entre o primeiro plano e o plano aberto, nos membros da passeata que estão trajados com roupas típicas. Com o primeiro plano são exibidas pessoas sorridentes e demonstrando felicidade ao desfilarem na passeata, outrossim nas pessoas que estão na plateia assistindo ao desfile. Usa-se o primeiro plano para detalhar os trajes típicos alemães que remetem ao tradicionalismo do povo germânico e ao trabalho campestre.

A questão da colheita possui um valor ambíguo, se por um lado significa uma boa produção agrícola para alavancar o desenvolvimento econômico, por outro, também pode simbolizar a fertilidade, sendo uma questão de obrigatoriedade para possuir cidadania plena. É perceptível identificar esse fato no jogo de planos a partir de 21’08’’, no qual é filmado um moço sorridente desfilando, oscilando com o plano em 21’11’’, em que aparece uma moça sorrindo em resposta a cena anterior.<sup>96</sup> A mesma referência à fertilidade é feita no plano em 21’16’’, no qual membros da passeata carregam alimentos que fazem alusão à colheita. Outrossim, no plano em 21’21’’ aparece uma criança comendo uma maçã, que representa a apreciação do fruto resultante da colheita e, simultaneamente, saúda o início do ciclo da vida – infância –. O próprio sentido de colheita sempre está atrelado à abundância e a geração de novos frutos da terra, permitindo que se faça um paralelismo com a geração da prole no homem e, implicitamente, a renovação da Alemanha feita através do regime nazista.

No ideário nazista, a agricultura referencia-se ao retorno do homem para o seu estado de harmonia com a natureza, longe do caos e da vida precária produzida pelo capitalismo e pelos valores judaicos. Ao retornar para o convívio com suas tradições campestres, o homem entraria em contato com os verdadeiros propulsores da abundância, que no passado glorioso alemão, geravam as riquezas da nação. A questão do desenvolvimento econômico era um elemento fundamental para a manutenção da governabilidade nazista, que ambicionava a guerra. Portanto, são criadas várias organizações para tratar da economia, inclusive a agrícola.

---

<sup>96</sup> Na montagem, Riefenstahl se encarregará de fazê-los “flertar” um com outro, montando primeiros planos em que os dois parecem estar trocando olhares e sorrisos -mas nunca excedendo aquilo que pode ser chamado de “namorico de crianças”. ROVAI, *ibidem*, p.187.

Logo no início da abertura da cena, é mencionado pela voz *over* o nome da organização responsável pelo trabalho, a “Frente do Trabalho Alemão”<sup>97</sup>, chefiada por Robert Ley. A intenção do governo nazista, foi de criar uma instituição que monopolizasse o trabalho, rural e urbano, colocando o trabalhador como uma figura obediente às ordens de Hitler. Por esse motivo, mais do que investir em melhorias reais nas condições de trabalho, os nazistas irão direcionar seus esforços para a área que mais tinha efetividade para eles, a propaganda.<sup>98</sup>

Ao exibir as cenas da passeata de pessoas em trajes típicos, exaltando o trabalho pastoril através da figura da colheita, e na própria vestimenta, a proposta é mostrar que o pleno progresso da sociedade alemã está intrinsecamente relacionado ao trabalho, estrategicamente o rural, já que os nazistas não conseguiam ter grande adesão com os operários.<sup>99</sup> Depois de uma breve pausa, usada para resguardar, e não desgastar, a imagem de Hitler, ele reaparece no plano em 21’30”. O plano em 21’36” exibe Hitler cumprimentando as pessoas, a escolha de enquadrá-lo com o plano conjunto, foi para exibi-lo em interação com os outros personagens da cena, as massas. No caso, evidenciar a interação em tom de intimidade de Hitler com a massa. Observa-se esse fato no cumprimento de dar as mãos e ao olhar nos olhos de cada pessoa membro da passeata. Ao final, Hitler gesticula a saudação nazista, para que dessa forma, imponha-se sobre a massa e, também, que ela comprove sua fidelidade e submissão a ele.

Durante a cena final que exibe Hitler cumprimentando os membros da passeata, é válido destacar que, majoritariamente, os integrantes são mulheres. A mulher dentro da doutrina nazista, é aquela responsável pela manutenção do lar e de gerar uma boa prole. E ao exibir na tela diversos primeiríssimos planos de mulheres sorrindo em trajes típicos, o objetivo é de enfatizar função da mulher dentro da sociedade alemã.<sup>100</sup> No plano 22’02”, mostra uma mulher,

---

<sup>97</sup> A Frente do Trabalho Alemão, criada em maio de 1934 para dominar os trabalhadores, tratou de desestruturar definitivamente a antiga organização sindical e implantar mecanismos de vigilância e punição que impedissem, pelo menos, as manifestações mais visíveis de resistência. A Frente centralizou todas as categorias de patrões e empregados assim como todos os ramos da produção; associada diretamente ao regime e seu aparato policial, ela cuidava também do lazer, da educação, da propaganda e da moralização do trabalho. LENHARO, *ibidem*, p.33.

<sup>98</sup> Dentre a Frente do Trabalho são criadas organizações novas, como a Força para a Alegria e a Beleza do Trabalho. Está última, segundo Robert Ley deveria aprimorar fisicamente o trabalhador alemão, por meio do culto da musculatura e da eliminação da gordura supérflua. (...) As fábricas passaram então a ser ajardinadas e a receber cuidados higiênicos e instalações para a prática de esportes e de educação física. Já a Força para a Alegria patrocinava turismo interno e externo para os trabalhadores, assim como levava a arte para os locais de trabalho. (...) Os nazistas esperavam que os trabalhadores submetessem docilmente às suas estratégias de envolvimento e participação. *Ibidem*, p.34.

<sup>99</sup> A luta dos trabalhadores, envolvendo uma série de ações industriais, tais como greves, desaceleração da produção, as mudanças frequentes de locais de trabalho, tem sido apresentada como um sinal claro do fracasso do regime de criar uma totalitária ‘comunidade do povo’ baseada não apenas no medo e na repressão, mas também na aceitação do novo sistema político e credo. CREW, *ibidem*, p.45.

<sup>100</sup> Entretanto, a natureza do treinamento dispensado aos rapazes e garotas era totalmente diferente; assim, para os meninos, o foco era nas atividades esportivas, físicas e doutrinação, como marchas, exercícios e rituais tipicamente

integrante da passeata, que oferece a Hitler os alimentos da colheita, simbolizando, aqui, o ato de cozinhar, de preparar os alimentos para seus filhos e marido. Salienta-se nessa cena, a obrigatoriedade da mulher de ter ciência da sua responsabilidade de atuar, exclusivamente, no âmbito doméstico. Cuidar da casa, não apenas, está relacionado a administração de afazeres domésticos, mas, sobretudo, com a educação adequada da prole. “A maioria das mulheres alemãs experimentou relações complexas, ambíguas, com o regime nazista, que tornou possível ser ao mesmo tempo “vítima” e ‘agressoras’”.<sup>101</sup>

Se por um lado, os nazistas aprovavam leis de aborto forçado e a esterilização obrigatória para as não-arianas – também feita nos homens não-arianos –, e incentivavam que as mulheres deixassem seus empregos para se dedicarem exclusivamente ao lar, por outro, muitas mulheres viam o ambiente doméstico como uma proteção ao caos instaurado pelo desemprego e miséria generalizados, e também encontravam formas de obter vantagens pessoais seguindo a doutrina nazista.<sup>102</sup> De qualquer maneira, o objetivo dos nazistas era a fertilidade feminina, portanto, a moralidade dos nazistas moldava-se a partir desse referencial, tanto que o Estado nazista ao intervir no serviço de prostituição estava mais preocupados com a higiene dos locais, para evitar doenças, do que com uma moralidade casta. Ademais, as mulheres durante os anos de formação na Juventude Hitlerista, tinham cursos de sedução e praticavam dança e bronzamento, preparando seus corpos para seduzir seus futuros parceiros,<sup>103</sup> assim como os rapazes preparavam seus corpos para a guerra e para o trabalho. Em suma, as funções sociais, para os nazistas, sempre serão definidas conforme a biologia.

---

militares, enquanto que as moças, reunidas na União das Jovens Alemãs (*Bund Deutscher Mädel* – B.D.M) eram ensinadas nos ofícios do lar e da educação familiar. PAUBEL, *ibidem*, p.93.

<sup>101</sup> CREW, *ibidem*, p. 141.

<sup>102</sup> Koonz argumenta convincentemente que as mulheres nazistas e até mesmo muitas mulheres conservadoras aprovaram a possibilidade de expandir a “esfera feminina” no sistema nazista. Apesar de sua cultura masculina, o nazismo também deve ter apelado às mulheres e aos do sexo feminino a “lógica social.” Para Windaus-Walser a propaganda nazista eleva o status das mulheres (arianas), como as mães a algo digno e tenta decodificar as maneiras pelas quais poderia abordar os interesses e as identidades de muitas mulheres, especialmente aquelas que eram mães. Ela sugere que a “valorização do mérito do sexo feminino na produção de 'digna' vive, tal como foi expressa no culto nacional-socialista em torno da mãe ariana” provavelmente desempenhou um papel importante. *Ibidem*, p.153.

<sup>103</sup> O Estado preferiu então intervir no mercado da prostituição e organizar o atendimento. As casas de tolerância foram higienizadas, com salas de banho e atendimento médico. Mas as prostitutas foram recenseadas, e as que insistissem em trabalhar por conta própria eram castigadas e enviadas aos campos de concentração. (...) De outro lado, a vida sexual não sofria punições fundamentais no que se refere às relações heterossexuais. O adultério não era condenado, as relações pré-conjugais também eram livres, as mães solteiras honradas, e a virgindade das moças deixava de ser valorizada. (...) Educadas para procriar, aprendiam também a se conduzir em sociedade e seduzir, afirma Palmier. LENHARO, *ibidem*, p.72-73.

Corroborando o sentido de fertilidade, filma-se com o primeiríssimo plano em 22'07" o rosto muito bonito de uma mulher membro da passeata e em trajes típicos dos camponeses.<sup>104</sup> É observável que na cena, a mulher olha fixamente para Hitler – tendo a maior duração em relação aos outros planos –. Entretanto, o fato é que, ao olhar fixamente, a mulher não está interagindo apenas com Hitler, pois ela também interage com a câmera. Por esse motivo, a cena sugere, através do flerte com Hitler, que a mulher se anuncia como uma noiva apropriada, uma mulher fértil aos seus pretendentes. A simbologia que faz alusão a figura da noiva está no fato da mulher estar trajada em vestimentas típicas dos camponeses que faz alusão ao vestido das noivas nos casamentos. Assim como nos demais pontos defendidos pelos nazistas, a fertilidade também estava entrelaçada à guerra.

Uma vez que era necessário gerar filhos com corpos saudáveis para garantir a vitória da Alemanha. E futuros herdeiros arianos para perpetuar a glória eterna do Terceiro Reich. Por esse motivo, foram promulgadas diversas leis que tinham o intuito de aumentar a taxa de natalidade e garantir a pureza racial.<sup>105</sup> Novamente, em *O Triunfo da Vontade*, os tempos são sincronizados, o presente, no qual a mulher deve cumprir seu dever de parir filhos saudáveis e arianos, com o futuro prospero que será vivenciado por seus filhos.



<sup>104</sup> Se tais construções mitológicas quase sempre recorreram ao mundo rural, historicamente anterior à industrialização, a mulher camponesa, com todos os atributos de feminilidade, é erigida como base para a armação ideológica da “nova ordem” nazista. A mulher camponesa está próxima da terra e dos ancestrais, e conjuga, portanto, perfeitamente, a visão essencial do “sangue e solo”. (...) A condição feminina é apresentada numa versão dessexualizada, para acentuar tão somente a fecundidade e a pureza da raça alemã. A fecundidade da terra determina os atributos da maternidade e da feminilidade, num envolvimento quase sempre eivado de paganismo. Assim como a terra comporta plantações e as colheitas, a mãe camponesa carrega seu filho cingido ao peito e seus cabelos se confundem com as espigas douradas dos trigais. LENHARO, *ibidem*, p.69.

<sup>105</sup> A partir de 1935, o regime chegou a particularizar sua política demográfica, através da criação das *Lebensborn*, ligada às atividades dos soldados S.S. (...) Seu objetivo geral era o de incrementar a expansão da raça ariana através do controle biológico da concepção e da procriação, além da subsequente educação das chamadas “crianças S.S”. No princípio, as *Lebensborn* funcionavam como creches e maternidades para os filhos e esposas dos soldados S.S. As mães solteiras que quisessem dar à luz em segredo, e oferecer seu filho à instituição, seriam bem aceitas, conquanto passassem pelas exigências raciais. (...) Himmler foi quem mais se preocupou com esse tipo de política demográfica (...) seu plano de procriação, em massa, de crianças loiras filhas de mães nórdicas (...) não alcançou a abrangência esperada, como compensação, acabou por recorrer, durante a guerra, ao sequestro de crianças estrangeiras que apresentassem traços arianos evidentes. (...) Um dos objetivos do regime era o aumento da população, que justificaria a política do *Lebensraum* e, conseqüentemente, a guerra. LENHARO, *ibidem*, p.70-17; PAUBEL, *ibidem*, p.93.



#### 4.4 SEGUNDA PARTE: OS “TONS SOTURNOS” EM *O TRIUNFO DA VONTADE*

##### 4.4.1 O comício político

Ao contratar a diretora Leni Riefenstahl e uma suntuosa equipe técnica de filmagem, os nazistas, especialmente Goebbels, pretendiam, antes de mais nada, que o filme *O Triunfo da Vontade* fizesse o registro do VI Congresso do Partido Nazista, ocorrido em 1934. É pertinente ressaltar que o filme, diferente de outros filmes propagandísticos, possui a característica de buscar o equilíbrio entre o entretenimento e a política. No entanto, o documentário não é o único produto projetado pelos nazistas para doutrinar as massas, o investimento na propaganda política nazista não foi apenas com o cinema, mas também no rádio, jornais, festivais e tudo que envolvesse cultura e educação.<sup>106</sup>

Diante disso, os comícios políticos tinham a função de entreter a população, ao mesmo tempo em que as doutrinaava politicamente. Os comícios políticos produzidos pelos nazistas, lembram os autos-de-fé<sup>107</sup>, onde ocorria uma encenação pública de teor moralizante que tinha o intuito de reafirmar o poder soberano da Igreja e do Estado para os fieis. Os comícios políticos realizados pelos nazistas, não fogem à regra. São espetáculos políticos que reúnem as particularidades das apresentações performáticas em casas de shows com os discursos políticos e bélicos. Tendo como objetivo, propagar o sentimento de unidade entre todo o povo alemão, e validar a supremacia do governo nazista tanto para os habitantes da Alemanha, quanto para amedrontar os inimigos externos.

Tendo em vista esse objetivo, os nazistas edificaram suntuosos monumentos pelas cidades alemãs, especialmente aquelas de temperamento mais campesino, como é o caso de Nuremberg. A cidade de Nuremberg abriga um complexo conjunto de edifícios<sup>108</sup>, no entanto, muitos não chegaram a ser concluídos. Foram projetados para o acontecimento dos comícios políticos anuais do Partido Nazista. O arquiteto responsável pela maior parte das construções, foi o Albert Speer<sup>109</sup>. Além dos próprios nazistas, o comício recebia a visita de jornalistas e até

<sup>106</sup> Joseph Goebbels liderou o Ministério da Propaganda e do Esclarecimento Público. Todos os livros, filmes, transmissões de rádio e jornais tiveram que passar por sua aprovação. HOFFMANN, H. **The triumph of propaganda: film and National Socialism**. Oxford: Berghahn Books, 1997, p.90.

<sup>107</sup> “Os autos-de-fé, verdadeiras festas de conagração entre o Povo, a Igreja e o Estado, os hereges eram obrigados a desfilarem como feras domadas, dóceis à execração pública, reconciliados com o todo social ou cremados vivos por sua cegueira”. “A cerimônia reafirmava a sociedade tutelada como um todo homogêneo e uniforme, transparente e consagrado, sem diferenças nem injustiças”. NAZARIO, L. **Autos-de-fé como espetáculos de massa**. São Paulo: Editorial Humanitas: FAPESP, 2005, p. 34

<sup>108</sup> *Kongresshalle, Große Straße, Zeppelinfeld, Deutsches Stadion, Märzfeld, Luitpold Arena*.

<sup>109</sup> Albert Speer (1905–1981) participou ativamente do governo nazista, antes da guerra foi o arquiteto responsável pela projeção e construção de uma nova Alemanha, por meio de grandes obras em Berlim e em outras cidades consideradas importantes por Adolf Hitler, como Nuremberg, Lins e Munique, durante a guerra foi nomeado ministro do armamento e exerceu o cargo até 1945. FRIGERI, R. A. **Albert Speer e Leni Riefenstahl: a identidade**

de diplomatas estrangeiros<sup>110</sup>. Convidar jornalistas e diplomatas estrangeiros, foi uma medida adotada pelos nazistas para fazer propaganda de sua imponência e força. Outrossim, para buscar prováveis potências que posteriormente o apoiaria para formar a Aliança do Eixo na Segunda Guerra Mundial.

A construção dos edifícios para a realização dos comícios políticos nazistas, não é uma questão de capricho ou pura demonstração de poder. Não. Ela está intrinsecamente relacionada a própria concepção nazistas de política, pois as construções de monumentos ocorridas durante o governo nazistas, eram tão políticas e propagandísticas quanto aos filmes, às músicas, aos livros e às peças teatrais que continham conteúdo nazista. Portanto, deve-se enfatizar que os monumentos não foram edificadas com a finalidade de embelezar as cidades, eles foram arquitetados para “nazificar” as cidades.<sup>111</sup>

“Nazificar” as cidades significavam a materialização da política, imprimindo nos monumentos toda a simbologia nazista. Assim, os monumentos tornam-se estratégicos pontos fixos de propaganda política, pois estar-se-iam dispostos no cotidiano, ali exposto todos os dias para lembrar as pessoas sobre os valores que eles representavam e transmitiam. Sendo exibidos para as massas diariamente, portanto, ao mesmo tempo que compõe o ambiente, torna-se similarmente uma parte indissociável da paisagem. Todavia, os monumentos também foram construídos para simbolizar os possíveis feitos do governo nazista, ou seja, para corporificar a grandiosidade alemã e eterniza-la nas construções rochosas, feitas para perdurar por toda a eternidade do Terceiro Reich.<sup>112</sup>

---

nazista por meio das autobiografias dos artistas de Hitler. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVIII - Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro: 4 a 7/9/2015, p. 1.

<sup>110</sup> Hitler recebia visitantes estrangeiros, jornalistas e diplomatas para assistir aos comícios de Nuremberg, pois ele acreditava que os comícios demonstraram a força e determinação do regime nazista. Após o término ou o Terceiro Reich em 1945, os Aliados definiram que os crimes de guerra teriam o tribunal em Nuremberg, a partir de novembro de 1945 a setembro 1946. O local foi escolhido porque os Aliados acreditavam que líderes nazistas devem ser responsabilizados por seus crimes no mesmo lugar que eles se vangloriavam e se gabavam de suas políticas. Eles esperavam que essa medida iria encerrar a névoa dos regimes brutais na história do mundo. DELAP, Sean. **Case Study:** The Nuremberg Rallies. History Notes, 2016. Disponível em :< <https://www.instituteofeducation.ie/studynotes/wpcontent/uploads/2016/09/HistoryFINAL.pdf>> Acesso em: 11 jan. 2018.

<sup>111</sup> Como disse um orador em sua audiência em uma comemoração do estabelecimento do Reich alemão, os monumentos nacionais, quando revelam um universo simbólico e mítico, determinam a secreta música de nossa alma. O historiador Thomas Nipperdey tem descrito os monumentos nacionais como as representações que por si só faz uma nação democraticamente controlada, materializando os ideais que se supõe personificar a nação. MOSSE, G. L. **La nacionalización de las masas:** simbolismo político y movimientos de masas em Alemania desde las Guerras Napoleónicas al Tercer Reich. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2007, p. 69.

<sup>112</sup> Antes da concentração de Nuremberg em 1935, Adolf Hitler declarou que a história não lhe parecia realmente valiosa nenhuma nação que não levantasse seus próprios monumentos. Por monumentos, não somente entendia os atos de seu próprio regime, mas a liturgia política do nacionalismo, como única política de massas viável. O

Os monumentos nazistas refletiam o objetivo de sua propaganda política: doutrinar as massas, simbolizar a grandiosidade alemã e a eternidade do Terceiro Reich. Entender o significado dos monumentos nazistas é fundamental para destrinchar o discurso fílmico de *O Triunfo da Vontade*, visto que são várias as cenas em que os monumentos são exibidos na tela. Ademais, como foi analisado, para os nazistas os monumentos representavam mais do que meras construções, era uma forma de se fazer política e de construir a história da Alemanha, dos alemães e do próprio Partido Nazista. Os monumentos são alguns dos vários outros elementos que compõem a propaganda política nazista, todos esses componentes possuem sua especificidade, porém, o ponto de convergência entre eles é criar mecanismos para fazer política de uma maneira dinâmica e popular. É com esse intuito que nascem as festas de cunho político, no caso examinado, os comícios políticos do Partido Nazista.<sup>113</sup>

Destarte, as festas de caráter político eram uma oportunidade de celebrar e cultivar sentimentos como fraternidade, entusiasmo e unidade. Esse tipo de festival político, tinha a intenção de promover uma nova forma de se fazer política, antagônica à estoicidade e à solenidade que a política parlamentarista estava acostumada a fazer.<sup>114</sup> O objetivo era criar uma atmosfera aconchegante nesses locais, para proporcionar as pessoas uma sensação de pertencimento e participação na governabilidade do país. Com essa finalidade, os nazistas aplicavam uma carga intensa da liturgia nacionalista decorando os estandartes, as bandeiras, uniformes e todo o tipo de símbolo que pudesse expressar a ideologia nazista, espalhando-os por todos os espaços possíveis dos comícios.

É através do uso de uma forjada simbologia nacionalista com suas insígnias, mitos e canções populares que os nazistas com sua ideologia pretendiam desvincular a ideia de cidadania de uma compreensão estritamente geopolítica –local de nascimento –; que até aquele momento da ascensão nazistas mostrara-se ineficaz para solucionar problemas históricos da

---

nacionalismo se ergueu sobre o desenvolvimento do culto nacional que se havia prolongado durante mais de um século antes da fundação desse movimento. MOSSE, *ibidem*, p.237.

<sup>113</sup> Como se conseguiu isso? Desde o começo do século XIX, através da utilização de mitos e símbolos nacionais, e do desenvolvimento de uma liturgia que permitiria o próprio povo participar desse culto. A concepção de vontade geral se prestaria para a criação de alguns mitos e para seus símbolos. A nova política inventou que o povo participava ativamente na mística nacional através de ritos e festas, mitos e símbolos que deram expressão concreta para a vontade geral. A caótica multidão que constituía o povo se converteu em um movimento de massas que compartilhava a crença na unidade popular através de uma mística nacional. A nova política proporcionou uma materialização da vontade geral. *Ibidem*, p.16.

<sup>114</sup> A juízo de muitos, o sistema parlamentarista e representativo parecia contradizer o conceito de vontade geral, ao atomizar o homem e a política em vez de crer em uma unidade. (...) A consequência da preponderância deste ponto de vista, é o estudo do desenvolvimento de um novo estilo político relacionado com o nacionalismo, os movimentos e a política de massas foi relegado, não somente no tocante ao século XIX, mas como antecedente necessário do fascismo. *Ibidem*, p.17.

Alemanha como fragmentação territorial e predomínio do poder aristocrático sobre os demais estratos sociais, para reconectá-la a um significado que expressaria a cultura e a ancestralidade alemã, o *Volk*.<sup>115</sup> Portanto, a política para os nazistas, deveria representar o movimento, a beleza e ser popular. Em síntese, esse era o significado tendencioso que os nazistas imprimiram na ideia de democracia para difundir-la ao povo alemão.

Diante dessa conjuntura, a arquitetura despertava uma paixão particular em Hitler, pois defendia que ela era a mais germânica das artes, segundo suas concepções, a arquitetura materializava a beleza alemã unindo a harmonia das formas à força e imponência.<sup>116</sup> É pertinente ressaltar que a arquitetura alemã, historicamente, sempre teve um intenso apelo à bravura, à força e ao heroísmo de forma geral, são diversos monumentos alemães que expressam esses valores, posto isso, não é uma invenção dos nazistas estampar através dos edifícios seus princípios épicos. Construções que simbolizam valores heroicos já existiam, o que os nazistas fazem de novo é utilizar esses edifícios com a finalidade propagandísticas<sup>117</sup>, onde os monumentos são peças do ambiente e simultaneamente transmitem valores políticos, ou seja, deslocavam-se de sua condição estática, para pôr-se em movimento.

Vê-se no filme *O Triunfo da Vontade* que os monumentos estão dispostos como objetos dos cenários, outrossim sob a forma de metáfora construída a partir das falas dos políticos e das insígnias nazistas, ambos agrupados, compõem o discurso fílmico do documentário. Para entender de que maneira esses monumentos estarão dispostos no filme sob metáforas, é fundamental, entender que os monumentos segundo os nazistas, são construções vivas e não estáticas. Pois, simbolizavam a construção da história no agora, justificando, dessa

---

<sup>115</sup> Embora a nova política afetou toda a Europa, o que aqui nos interessa é seu desenvolvimento e consequências na Alemanha. Dentro desta nação desunida, uma vez iniciado o século XIX, a exaltação da vontade geral como bem supremo se viu estimulada por dois fatores: a ascensão do nacionalismo, que se baseia em *Volk* (o povo ou nação) como entidade conhecida por seus mitos e símbolos históricos, e o desenvolvimento dos movimentos e da política de massas. Esses movimentos de massas exigiam um novo estilo político que transformaram a multidão em uma força política coerente, e o nacionalismo, em sua utilização da nova política, proporcionou um culto e uma liturgia que poderia alcançar esse propósito. MOSSE, *ibidem*, p.19.

<sup>116</sup> A estética da política, que é o que nos interessa aqui, sua materialização na arte e na arquitetura, se constituiu em grande medida na mentalidade de Adolf Hitler. (...) O pilar dórico estava dotado de simples qualidades masculinas, enquanto que se considerava que o jônico, com seus delicados ornamentos, simbolizava a feminilidade. Esta tradição surgiu no século XVIII, e os pilares dos monumentos nacionais costumavam ser dóricos, porque deveriam representar o vigor e a harmonia da nação. Supunha-se que seus símbolos germânicos não se materializavam mediante a construção de um pilar de pedra, mas através de um simulado, de fogo: uma coluna de luz visível de longe. (...) Como esperado, o monumento nacional do *walhall* foi descrito como um edifício portador de pilares, similar aos tempos da Acrópole. (...) Supunha-se que o *walhall* era um monumento sagrado para o culto da unidade alemã. *Ibidem*, p.35-75-77.

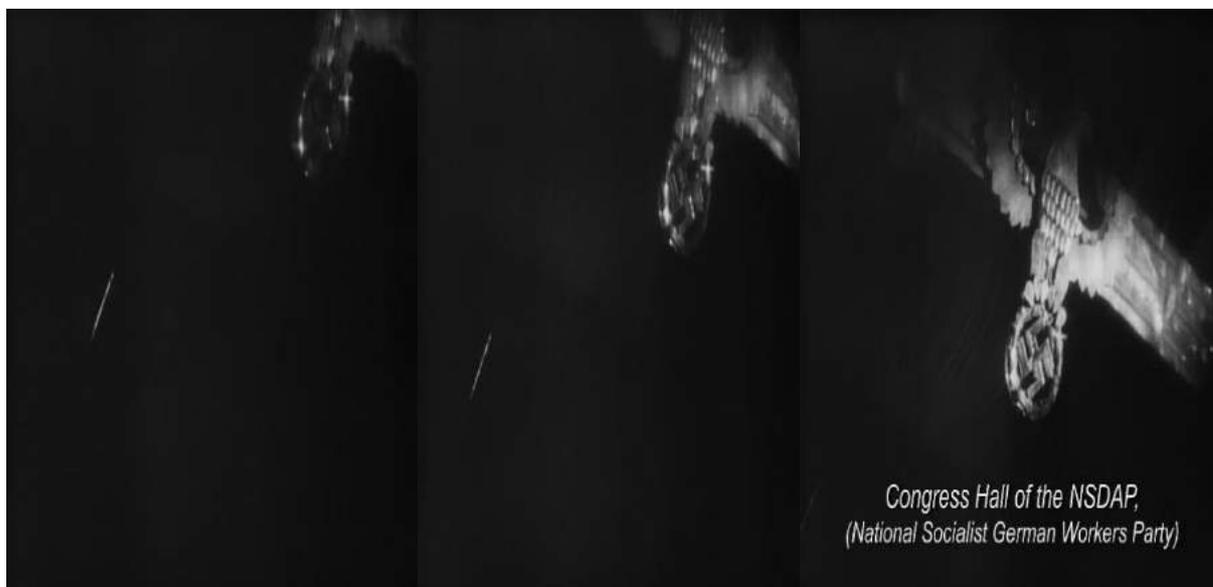
<sup>117</sup> Os monumentos nacionais constituem um eficaz elemento para a liturgia das festas públicas que os nazistas adotaram e estenderam. O desenvolvimento de tais festivais tinha um papel chave na autorrepresentação da nação e no culto daquele que foi objeto. *Ibidem*, p.96.

forma, seu uso como ornamentos vívidos nos festivais políticos, visto que para os nazistas a política era algo que tinha que estar em movimento.<sup>118</sup> Dessa forma, poder-se-ia cumprir sua finalidade de ser uma atração presente no cotidiano para penetrar na mente e coração das pessoas. Formando uma simbiose com a sociedade que os edificam. Com base no exposto, é possível considerar que a maneira como os edifícios se movimentam pelos cenários de *O Triunfo da Vontade* foi se incorporando metaforicamente na simbologia nazista, seja por intermédio das oratórias dos políticos, nos emblemas ou na própria coreografia das massas.

#### 4.4.2 Sequência: Abertura do Congresso do Partido

O primeiro plano da cena, é marcado pelos dois maiores símbolos nazistas, a suástica e a águia. A mais emblemática insígnia nazista aparece no quadro através do movimento de câmera *tilt-up*<sup>119</sup> num plano fechado em *contra-plongée*<sup>120</sup>. Transmitindo um sentido de que uma grande revelação está por vir. Já que no primeiro frame mostra-se apenas a base da insígnia, depois a câmera vai subindo lentamente até mostrar o símbolo completo com a águia, ocupando todo o quadro. O plano seguinte confirma a ideia, já que mostra uma gigantesca plateia do congresso político, como se fossem assistir a um grande espetáculo.

Plano de 24'37" a 24'44": Com o letreiro escrito: “Sala do Congresso do NSDAP – Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães. ”



<sup>118</sup> A organização da vida pública durante a época nazista tinha uma história tão longa quanto a dos monumentos próprios nacionais, de fato, está estritamente vinculada a estética política que representavam estas construções. MOSSE, *ibidem*, p.101.

<sup>119</sup> A câmera grava de baixo para cima.

<sup>120</sup> *Contra-Plongée*, também chamado de Câmera Baixa, neste enquadramento a câmera filma o foco principal da cena de baixo para cima, deixando o espectador abaixo do personagem, ou objeto, e engrandecendo ele na cena. E é exatamente a ideia de engrandecer que o *Contra-Plongée* oferece, gerando uma sensação de grandiosidade e superioridade do que está sendo filmado em relação ao observador.

Pano de 24'45" a 24'49": Câmera parada com plano aberto filmando a plateia em dorsal, com o palco do comício aparecendo ao fundo bem afastado. Aparecem no quadro, diversas pessoas segurando os estandartes com insígnias nazistas em meio a uma multidão aglomerada, dando a ideia de que uma vastidão de pessoas estava aguardando o show começar.



O plano seguinte trata-se da abertura oficial do VI Congresso do Partido Nazista, o responsável por abrir a cerimônia foi o deputado Rudolf Hess. A escolha de Hess como primeiro orador, não pode ser encarada como por acaso. Hess, desde o início do Partido Nazista sempre foi visto por Hitler como alguém leal e capacitado.<sup>121</sup> A confiança que Hitler depositava em Hess, pode ser observada e analisada nos planos seguintes.

Cena de 24'50" a 24'59": Planos, predominantemente, com a câmera parada com o primeiro plano em *contra-plongée* frontal. Sugere a ideia de que Hess é assistido atenciosamente pelo público. Dando destaque a sua pessoa, pois ocupa quase totalmente o quadro. Um objeto importante que a câmera foca é o bracelete com o símbolo nazista no braço de Hess, mostrando que ele era ardoroso devoto a Hitler e ao partido. O plano da oratória de Hess, sempre é cortado para outro plano em que as massas são filmadas assistindo sua fala atentamente.

<sup>121</sup> Rudolf Hess entrou em 1920. (...) Certa noite, um ano mais tarde, foi ouvir Hitler falar, deixou-se levar por sua eloquência e alistou-se no partido, tornando-se logo amigo íntimo, adepto devotado e secretário do líder. (...) Apesar de toda a sua solenidade e de seu amor ao estudo, Hess continuou a ser um homem de inteligência limitada, sempre receptivo a ideias malucas, que podia adotar com grande fanatismo. Quase até o fim, seria um dos adeptos mais leais e dignos da confiança de Hitler —e um dos poucos que não se sentiram amargurados por ver desvanecerem-se as ambições pessoais. SHIRER, p.78-79.



Plano de 24'54" a 24'55": As massas são exibidas, majoritariamente, com a câmera em panorâmica ou grua, com o plano geral em *plongée* frontal. Pois, ao assistir ao pronunciamento do líder nazista, não interessa os rostos. O que importa é que seja transmitido o sentido de que uma multidão estava ali, atenciosamente, contemplando a oratória dos líderes nazistas.



No plano de instante 25'05" é mencionado sobre a morte do presidente Paul von Hindenburg<sup>122</sup>. Para a análise fílmica, é interessante refletir sobre a relação entre Hitler e o presidente que já estava morto quando as filmagens do filme começaram em setembro. Nota-se que o filme busca fazer do presidente falecido, uma figura que foi importante para a ascensão de Hitler e do partido. Entretanto, a realidade foi bem diferente, posto que Hindenburg nunca gostou muito de Hitler,<sup>123</sup> pois tinha o intuito de procurar um substituo distinto –

<sup>122</sup> Não obstante Hitler houvesse aumentado sua votação em dois milhões, e Hindenburg tivesse tido apenas mais um milhão, o presidente obtivera uma maioria clara e absoluta. Mais da metade do povo alemão expressara sua confiança na república democrática, rejeitando decisivamente os extremistas, quer da direita, quer da esquerda. Pelo menos assim julgava. SHIRER, *ibidem*, p.220.

<sup>123</sup> Nesse ínterim, primeiro Brüning e, depois, Hindenburg, tiveram seu primeiro encontro com Hitler. (...) Com Hindenburg, Hitler deu-se muito mal. Tentou impressionar o velho com farto palavrório, mas falhou redondamente. (...) Hindenburg assegurou ao comandante do exército que não tinha intenção de indicar “aquele cabo austríaco”. *Ibidem*, p.213-250.

preferencialmente com perfil aristocrático – para ocupar seu cargo.<sup>124</sup> Tanto que a nomeação de Hitler ao cargo de chanceler ocorre devido às manobras políticas e não por conta de uma profunda estima de Hindenburg com o líder nazista.<sup>125</sup> Contudo, o que chamava a atenção de Hindenburg era a capacidade de Hitler de entusiasmar as massas.<sup>126</sup>

Hindenburg, ex-militar, assistira a derrota da Alemanha na Primeira Guerra e aos infelizes anos subsequentes que marcaram a República de Weimar. Em 1932, tinha 84 anos e estava senil e esgotado, porém, como conservador e nacionalista que era, ainda nutria esperanças de que a Alemanha fosse reconquistar sua grandiosidade. Consegue se reeleger nas eleições de 1932, mas tinha ciência de que devida a idade avançada, não conseguiria terminar seu mandato. Portanto, a escolha de Hitler como chanceler, consequentemente provável sucessor, longe de ser uma excelente escolha, significava apenas que diante do Parlamento da Alemanha (*Reichstag*) em migalhas, Hitler era o que restava como alternativa para tentar restaurar a Alemanha.<sup>127</sup>

---

<sup>124</sup> Consideradas suas origens e os primeiros anos de vida, seria difícil imaginar uma figura que tivesse menos probabilidade de usar o manto de Bismarck, dos imperadores Hohenzollern e do presidente Hindenburg (...). SHIRER, *ibidem*, p.23.

<sup>125</sup> No dia 29 de maio, domingo, Hindenburg convocou Brüning e abruptamente pediu-lhe a renúncia, e no dia seguinte ela lhe foi dada. Schleicher triunfara. Mas não somente Brüning caiu. A república democrática veio abaixo com ele, não obstante sua agonia mortal continuasse por mais oito meses antes do *coup de grâce* final. (...) O poder político na Alemanha já não residia, como fora desde o surgimento da república, no povo e no conjunto que representava a vontade do povo, o Reichstag. Agora ele estava concentrado nas mãos de um presidente senil, de 85 anos, e nas de uns poucos homens frívolos e ambiciosos que o rodeavam e modelavam sua cansada e vacilante vontade. Hitler viu isso claramente, o que se ajustava a seus propósitos. Afigurava-se improvável que ele pudesse conquistar a maioria no Parlamento. A nova orientação de Hindenburg oferecia-lhe a única oportunidade que lhe restava de chegar ao poder. (...) O dia seguinte, domingo, 29 de janeiro, foi crucial, com os conspiradores recorrendo aos últimos e desesperados lances e enchendo a capital de boatos alarmantes e contraditórios, nem todos, absolutamente, sem fundamento. Mais uma vez Schleicher mandou o fiel Hammerstein agitar ainda mais a conturbada situação, tendo o chefe do exército procurado Hitler para avisá-lo novamente de que Papen podia abandoná-lo e de que seria prudente para o chefe nazista aliar-se ao exonerado chanceler e ao exército. Hitler não estava muito interessado. Retornou ao Kaiserhof para tomar café com bolo em companhia de seus ajudantes, e foi durante esse repasto que Göring apareceu com a notícia de que o Führer seria nomeado chanceler no dia seguinte. *Ibidem*, p.225- 226-250.

<sup>126</sup> Hindenburg, acompanhando com a bengala o ritmo das marchas militares, observava o desfile da multidão, aparentemente satisfeito por ter, afinal, escolhido um chanceler capaz de despertar o entusiasmo do povo de um modo tradicionalmente alemão. *Ibidem*, p.21.

<sup>127</sup> O poder político na Alemanha já não residia, como fora desde o surgimento da república, no povo e no conjunto que representava a vontade do povo, o Reichstag. Agora ele estava concentrado nas mãos de um presidente senil, de 85 anos, e nas de uns poucos homens frívolos e ambiciosos que o rodeavam e modelavam sua cansada e vacilante vontade. (...) 29 de maio os nazistas ganharam maioria absoluta na eleição para a dieta local. No dia seguinte ele foi recebido por Hindenburg, que confirmou os itens do acordo que o líder nazista empreendera secretamente com Schleicher, a 8 de maio: a suspensão da proibição das S.A., um gabinete presidencial à escolha do próprio Hindenburg, a dissolução do Reichstag. *Ibidem*, p.226.

Cena de 25'00" a 25'04": Rudolf Hess diz: "...lembrando respeitosamente de nosso Marechal de Campo e do presidente Paul Von Hindenburg...". Câmera parada, com o plano médio em frontal na multidão, para dar destaque principalmente à primeira fileira ocupada pelos militares do exército e pelos políticos nazistas.



Plano de 25'05" a 25'09": Câmera parada, com o plano médio. Os personagens mostrados são Hess e a primeira fileira da plateia. No transcorrer do plano, a plateia fica em pé em sinal de respeito à memória do Paul von Hindenburg.



Nos planos subsequentes, são exibidas imagens de estandartes, soldados da S.S – (*Schutzstaffel*) e outras insígnias nazistas. O objetivo dessa cena é enfatizar que nenhum alemão – “ariano” – está realmente morto, quando este em vida, lutou bravamente pela edificação da Alemanha. Quando a câmera passeia pelos símbolos nazistas, busca-se evidenciar que a memória daqueles que sacrificam sua vida pela vitória, sempre estarão vivos na glória eterna do Terceiro Reich. Durante o governo nazista, sempre houveram homenagens, não apenas para as pessoas, mas também para os eventos de embates decisivos que garantiram a ascensão nazistas.<sup>128</sup> A partir da observação, pode-se considerar que os nazistas pretendiam controlar a

<sup>128</sup> Em 9 de novembro de 1935, Hitler insistiu a comemoração oficial em homenagem às vítimas do *Putsch* de Munique, em 1923. Dois templos de bronze, construídos em praça pública, serviriam para abrigar os restos mortais dos “mártires do movimento”, em sarcófagos de bronze. (...) Na manhã do dia 9 teve início a procissão

morte, eliminando o seu significado de fim para os “arianos”, e decidindo quem deveria viver ou morrer entre os não-arianos.

Plano de 25’10” a 25’16””: Movimento de câmera *tilt-up* com primeiro plano, para focar nos estandartes nazistas, sugerindo a incorporação da memória dos mortos nas insígnias. Demonstrando que cada alemão que sacrifica, ou sacrificou, sua vida pelo triunfo do partido, automaticamente, está atado a ele, não apenas enquanto membro, mas, principalmente como essência. A câmera vai subindo pausadamente até chegar e parar na bandeira nazista em 25’16””, com a câmera estática com o plano fechado em *contra-plongée*, indicando a passagem para algo maior. A voz de Hess, que está fora de campo, ao dizer “eternidade” exatamente nesse instante em 25’16””, confirma essa ideia. Remetendo que as pessoas ao se sacrificarem pelo partido, igualmente se sacrificam pela Alemanha, por conseguinte, pela glória eterna do Terceiro Reich. Portanto, não morrem, mas passam para a eternidade.




---

comemorativa, que repetiu o trajeto do dia do *Putsch*, e manteve a mesma posição das autoridades, vestidas como naquela oportunidade. Esse era um recurso teatral bastante utilizado pelos nazistas “exorcizaram” acontecimentos de forma a corrigi-los “historicamente”, impregnando de significado “puro” e “original” aquilo que se dera fora dos desejos nazistas. LENHARO, *ibidem*, p.43.

A cena iniciada em 25'17" e terminada em 25'33", é uma junção de planos que contém os símbolos nazistas, como o soldado da S.S, o líder Hitler e outros membros do partido e a massa. A mudança dos planos vai ocorrendo durante a fala de Hess, que narra fora de campo: "Lembramos do marechal de campo como o primeiro soldado da Grande Guerra. E, também lembramos de nossos camaradas mortos." Destacam-se na cena, os quadros com o soldado da S.S e com Hitler e membros do partido. O intuito é enfatizar que os nazistas vêm colaborando com a vitória da Alemanha, inclusive o próprio Hitler serviu o exército<sup>129</sup>, desde a Primeira Guerra. E que os soldados da S.S por serem destemidos, leais, disciplinados, além de sanguinários, estavam prontos para travar e vencer uma provável próxima guerra.



---

<sup>129</sup> Foi então que, no verão de 1914, estourou a guerra, agarrando-o, como a milhões de outros, em suas garras. No dia 3 de agosto dirigiu uma petição ao rei Ludwig III, da Baviera, pedindo permissão para entrar, como voluntário, num regime bávaro –permissão essa que lhe foi concedida. SHIRER, p.52-53.

Plano de 25'36" a 25'38": Rudolf Hess diz: “ Dou as boas-vindas aos estimados representantes...”. Corta para a cena iniciada em 25'39" e finaliza em 25'45", mostrando os diplomatas dos países estrangeiros, todos filmados em primeiro plano, que têm uma grande probabilidade de se alinharem à Alemanha para a formação da Aliança do Eixo na Segunda Guerra Mundial, especialmente o Japão. No plano com o diplomata japonês de 25'44" a 25'45", ele levemente acena com a cabeça, mostrando estar de acordo com as palavras de Hess. No transcorrer dessa cena, Hess conclui sua frase com a voz fora de campo: “...dos países estrangeiros que honram o Partido com sua presença. ”



Plano 25'46": Corte para o plano com Hess olhando em direção à plateia, especificamente, para a primeira fileira. Câmera estática, com o primeiro plano em perfil. Sugerindo que Hess está interagindo com os diplomatas na plateia, em especial ao último exibido.



Os próximos planos são protagonizados por militares do Exército Alemão (*Reichswehr*). O discurso de *O Triunfo da Vontade* pretende apaziguar a relação entre Hitler, os nazistas com o Exército. Historicamente, os militares apoiavam os aristocratas, tornando-o a classe militar igualmente soberana a eles dentro do Estado alemão.<sup>130</sup> Entretanto, desde a

<sup>130</sup> Nessa época, e por seus próprios esforços, a Prússia galgou a posição de uma das grandes potências militares da Europa. Não possuía nenhum dos recursos das outras. Sua terra era estéril e desprovida de minerais. A

constituição da fracassada República de Weimar, da derrota da Alemanha na Primeira Guerra e o escárnio imposto pelo Tratado de Versalhes, o brilho e imponência que outrora pairavam sobre a imagem do exército, já não existia mais. A classe dos militares ainda possuía bastante poder político dentro do Estado alemão, porém estavam impedidos de exibir seu poder militarmente para além das exigências do Tratado de Versalhes, o que colocava a Alemanha como subjugada por outras potências mundiais e restringia sua expansão territorial e econômica.<sup>131</sup> Portanto, o Exército (*Reichswehr*) buscava alianças políticas com alguém que pudesse restaurar sua áurea devastada e colocasse a Alemanha novamente no caminho da grandiosidade, é na pessoa de Hitler que eles encontram uma oportunidade para deslanchar esses anseios.

Hitler, após sair da prisão por conta do *Putsch* da cervejaria, repensou quais eram as estratégias que o levaria a se consolidar no poder.<sup>132</sup> Ao perceber que a violência não redaria bons frutos, optou pelas vias legais ao invés de golpes. Então, ganhar a confiança do exército, era um fator decisivo para que os nazistas conseguissem êxito em sua empreitada.<sup>133</sup> Despertava a atenção do exército, a popularidade de Hitler com as massas, na qual, estrategicamente, os nazistas propagam uma ressignificação da instituição militar, transformando-a num verdadeiro patrimônio do povo alemão, propondo torna-la mais acessível para pessoas de classes inferior.<sup>134</sup> Ademais, entre verdades e mentiras divulgadas pelas propagandas políticas nazistas,

---

população, pequena. Não possuía grandes cidades, nenhuma indústria e inexpressiva era sua cultura. Até mesmo a nobreza era pobre, e os camponeses, sem bens, viviam como animais. (...) Dois terços e, às vezes, até cinco sextos da arrecadação anual eram gastos com o exército que, sob o comando do rei, transformou-se no próprio Estado. “A Prússia”, observou Mirabeau, “não é um Estado com um exército, mas um exército com um Estado.” E O exército, até os últimos dias da breve república, não arriscou sua sorte em nenhum movimento político. Mas, sob a chefia do general Hans von Seeckt, o brilhante criador da *Reichswehr* de cem mil homens, o exército, pequeno como era em número, transformou-se num Estado dentro do Estado, exercendo influência cada vez maior sobre a política financeira e exterior do país, até chegar a um ponto em que o prosseguimento da existência da república dependia da vontade dos corpos de oficiais. SHIRER, *ibidem*, p.94-137.

<sup>131</sup> Em 1936, ao expor o Plano Quatrienal, Hitler declarou que o exército e a economia alemã deveriam estar preparados para a guerra em quatro anos (...) O grande capital alegrava-se com a incorporação dos territórios conquistados, pela possibilidade de exploração de matérias-primas e mão-de-obra abundante. LENHARO, *ibidem*, p. 32.

<sup>132</sup> Hitler planejava um *Putsch*, não uma guerra civil. Apesar de sua excitação febril, mantinha suficientemente o autocontrole para perceber que carecia de força para dominar a polícia e o exército. Pretendia realizar uma revolução com as forças armadas, e não contra elas. SHIRER, *op. cit.*, p.110.

<sup>133</sup> Foi uma manobra habilidosa no sentido de conseguir o apoio dos oficiais do exército, os quais, como a maioria deles sabia e como Hitler agora repetia pela centésima vez, haviam sido apunhalados pelas costas e traídos exatamente pela república que apoiavam e que, além disso, não tinha nenhum amor pela casta militar e por tudo quanto ela representava. *Ibidem*, p.194.

<sup>134</sup> Foi uma manobra habilidosa no sentido de conseguir o apoio dos oficiais do exército, os quais, como a maioria deles sabia e como Hitler agora repetia pela centésima vez, haviam sido apunhalados pelas costas e traídos exatamente pela república que apoiavam e que, além disso, não tinha nenhum amor pela casta militar e por tudo quanto ela representava. (...) Mas no início de 1930 tornou-se claro que a propaganda nazista fazia progresso no exército, sobretudo entre os oficiais jovens, muitos deles atraídos pelo fanático nacionalismo de Hitler e pelas

existia uma que beneficiava diretamente o exército, a invenção dos “os criminosos de novembro”<sup>135</sup>, na qual, direcionavam toda a responsabilidade do acordo do Tratado de Versalhes e do estabelecimento da frustrada República de Weimar para o Partido Socialdemocrata, um dos inimigos internos da Alemanha.

Mesmo com a estratégia de Hitler buscar se aproximar do exército para conquistar sua confiança, os militares continuavam a manter suspeitas com relação aos nazistas, o receio era de que eles tomassem o poder para si e subjugasse a classe militar. Mas, após julgamento de Leipzig<sup>136</sup>, o exército sente-se mais seguro para depositar credibilidade nos nazistas.<sup>137</sup> Apesar das divergências entre eles, o exército habitualmente auxiliara Hitler, e outros nazistas e ativistas direitistas, durante sua escalada ao poder. Principalmente no tocante às absolvições e punições leves que eles conseguiam como cumprimento de pena para os nazistas no decurso dos julgamentos dos golpes.<sup>138</sup> O exército por ser conservador, não queria que a Alemanha sofresse uma revolução bolchevista, logo, apoiariam qualquer um que se opusesse aos ideais esquerdistas.<sup>139</sup>

O filme *O Triunfo da Vontade* exhibe a mesma linha de raciocínio da estratégia que os nazistas procuravam ter com o exército, manter a diplomacia. O exército é mostrado como uma tradicional instituição alemã, que merece respeito e admiração por todas as vitórias que ela já proporcionou para Alemanha. Mas, agora, até ela deveria se curvar diante da liderança de

---

perspectivas que ele oferecia de um exército restaurado em sua antiga grandeza, no qual teriam oportunidades, agora impossíveis em tão pequena força militar, de atingir os mais elevados postos. SHIRER, *ibidem*, p.194-195.

<sup>135</sup> Era preciso viver na Alemanha entre as duas guerras para perceber quão difundida era a aceitação, pelo povo alemão, dessa lenda incrível. Os fatos que revelavam essa falsidade eram encontrados em toda parte. Mas os alemães da direita negavam-se a aceitá-los. Os culpados, não cessavam de clamar, eram os “criminosos de novembro” — expressão que Hitler martelou na consciência do povo. Não importava, absolutamente, que o exército alemão, astuta e covardemente, houvesse manobrado o governo republicano, obrigando-o a assinar o armistício, como insistiam os chefes militares, e que, depois, tivesse aconselhado o governo a aceitar o Tratado de Paz de Versalhes. *Ibidem*, p.58.

<sup>136</sup> Cf. nota de rodapé 224.

<sup>137</sup> Agora que o julgamento terminara e Hitler havia falado, os generais sentiram se mais dispostos com relação a um movimento que, antes, viam como ameaça ao Exército. O general Alfred Jodl, chefe de operações do Alto-Comando das forças armadas durante a Segunda Guerra Mundial, disse no tribunal militar de Nuremberg exatamente o que havia significado para o corpo de oficiais a declaração do líder nazista em Leipzig. “Até então”, afirmou, “os oficiais mais antigos julgavam que Hitler procurava minar o exército; depois disso ficaram tranquilizados”. SHIRER, *op. cit.*, p.199.

<sup>138</sup> Hitler foi sempre grato ao exército por tê-lo aceito naquele momento decisivo. Algum tempo depois ele disse numa assembleia do partido: “Se, nos dias de nossa revolução, o exército não tivesse ficado do nosso lado, é certo que hoje não poderíamos estar aqui.” *Ibidem*, p.252.

<sup>139</sup> Podiam não gostar da demagogia e da vulgaridade do partido, mas reconheciam que exaltava velhos sentimentos do nacionalismo e do patriotismo alemão tão duramente abafados nos primeiros dez anos da república. Hitler prometia dirigir o povo alemão sem o comunismo, o socialismo, o sindicalismo e as futilidades da democracia; tinha, pois, de contagiar e de inspirar toda a Alemanha. Foi um êxito. *Ibidem*, p.198.

Hitler.<sup>140</sup> Hitler era o chefe supremo, portanto, nenhum outro membro do Estado deveria estar a sua frente. A partir desse ponto do filme, fica mais nítido e preponderante o conceito de *Führerprinzip*<sup>141</sup>. Talvez, a prepotência e o orgulho ferido do exército, não permitiram que os militares enxergassem o perigo eminente ao apoiarem os nazistas.<sup>142</sup>

Planos de 25'47" a 25'48": Câmera com o movimento panorâmica da esquerda para a direita, em *two-shot*<sup>143</sup> frontal. Dando uma ideia de continuidade no poder do Estado alemão, onde a sucessão da autoridade máxima estatal se deu de maneira tranquila e não abrupta e violenta. Esse sentido é confirmado na voz fora de campo de Hess que fala: “O Partido com amizade sincera dá as boas-vindas, em ...”



Seguido do plano de 25' 49" a 25'50", no qual Hess continua sua frase: “ ...especial aos representantes das forças militares...” Corta-se para os planos de 25'51" a 25'54" e 25'55" – 25'57": No primeiro quadro, têm-se o plano conjunto com vários militares, já no segundo o quadro com o plano fechado com apenas um militar. A voz fora de campo de Hess termina a frase: “...agora sob a liderança de nosso *Führer*. ”



<sup>140</sup> O autoritarismo do exército prussiano deve ser adotado pelo Terceiro Reich: “autoridade de todos os chefes, responsabilidade dos líderes”. SHIRER, *ibidem*, p.133.

<sup>141</sup> Deixou claro que não haveria o “absurdo democrático” e que o Terceiro Reich seria dirigido pelo *Führerprinzip*, isto é, o princípio da liderança: seria uma ditadura. *Ibidem*, p.125.

<sup>142</sup> A cegueira política dos oficiais do exército alemão, que no final das contas provou ser tão fatal para eles, começara a crescer e a manifestar-se. *Ibidem*, p.199.

<sup>143</sup> Two-shot ocorre quando dois personagens são filmados em um único enquadramento, podendo sugerir harmonia ou desarmonia.

Plano de 25'58" a 26'03": Hess é ovacionado pela plateia filmada com a câmera grua em *plongée* frontal. Mostrando uma total aprovação e entusiasmo das massas diante do discurso de Hess.

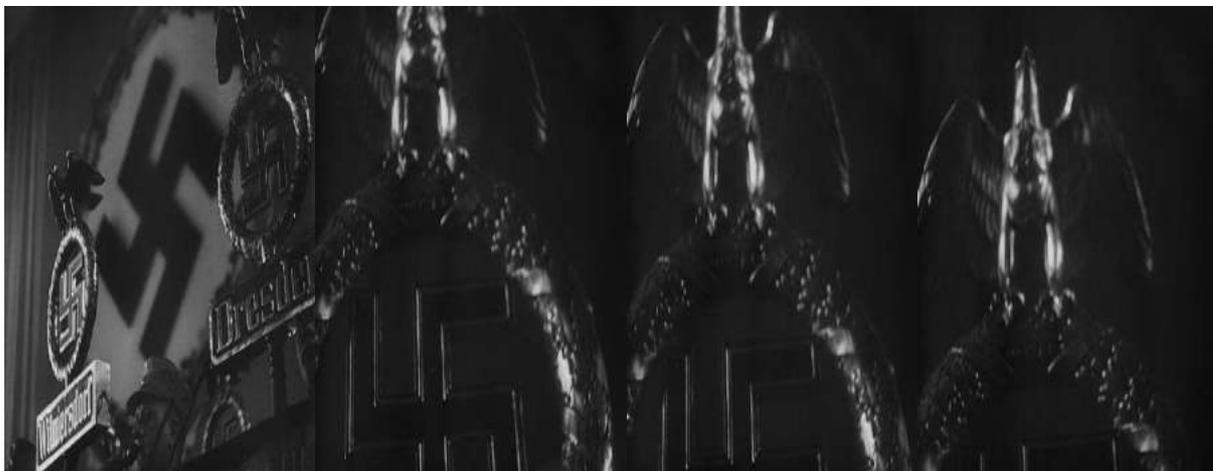


A cena iniciada em 26'06" e terminada em 26'29", contém os planos que corroboram com a ideia de que todos que se sacrificam pelo triunfo do partido, tornam-se grandiosos e sua memória sempre será exaltada. Durante a fala de Hess, ele congrega Hitler na bandeira nazista, exaltando sua importância. Para assim, imortaliza-lo na glória eterna do Terceiro Reich. Hess fala em direção a Hitler: “Meu *Führer*, a sua volta estão reunidas as bandeiras do Nacional Socialismo. Somente quando teu tecido estiver surrado, as pessoas olharam para trás e poderão compreender completamente a grandeza deste período, e perceber o que o meu *Führer* significa para a Alemanha”.

Plano de 26'06" a 26'11": Câmera estática com primeiro plano. Hess vira-se na direção de Hitler, olhando para ele, afirma: “Meu *Führer*, a sua volta estão reunidas as bandeiras...”



Planos de 26'12" a 26'14" e de 26'15" a 26'17": *Tilt-up* nos estandartes, com a voz de Hess, fora de campo, terminando a frase: "...do Nacional Socialismo." Sugerindo que algo maior sempre está à espera daqueles que se sacrificam pela vitória.



Plano 26: 18 – 26:19 : Hess diz: “Somente quando teu tecido ...”



Plano de 26'20" a 26'24": Câmera panorâmica com plano conjunto, mostrando os membros do exército com bracelete nazista. A voz de Hess fora de campo continua a frase: “...estiver surrado, as pessoas olharão para trás...”



Plano de 26’25” a 26’28” : Primeiro plano em um membro do exército, enfatizando o interesse e anuência sobre o que está sendo dito. A voz fora de campo de Hess prossegue: “... e poderão compreender completamente a grandeza deste período, e...”



Plano de 26’29” a 26’34” : Primeiro plano com Hitler, mostrando-se ativo e enérgico, transmitindo a ideia de um bravo soldado pronto e disposto para lutar pela Alemanha. Por isso, seu valor é inestimável. A voz fora de campo de Hess conclui a frase: “..perceber o que o meu *Führer* significa para a Alemanha”.



Nessa cena iniciada em 26’50” e concluída em 27’03”, pretende transmitir o sentido de que não há distinção entre o Estado – politicamente estruturado – e seu povo – população – . Aqui, Hess pretende articular uma nova ideia de “democracia” a partir da perspectiva nazista, contrapondo-se a concepção de democracia dada pela fracassada República de Weimar.<sup>144</sup> Inclusive é feita uma metáfora em relação a figura dos juízes, que na fala de Hess, é substituído

<sup>144</sup> Apesar de a República de Weimar ter sido destruída, a Constituição de Weimar jamais foi derogada formalmente por Hitler. Por ironia, Hitler fundamentava a “legalidade” de seu governo na menosprezada Constituição. Assim, milhares de decretos-lei — não existiam outros no Terceiro Reich — foram explicitamente baseados no decreto presidencial de emergência, de 28 de fevereiro de 1933, para a Proteção do Povo e do Estado, que Hindenburg, fundado no artigo 48 da Carta Magna, havia assinado. Lembraremos que o idoso presidente foi levado a assinar o decreto um dia após o incêndio do Reichstag, quando Hitler lhe assegurou que havia o grave perigo de uma revolução comunista. O decreto, que suspendia todos os direitos civis, permaneceu em vigor durante o Terceiro Reich, possibilitando ao Führer governar por meio de uma série contínua de leis marciais. SHIRER, *ibidem*, p.369-370.

pelo povo. É o povo –raça- que detém o verdadeiro poder para julgar, e não um juiz que julga assentado pela burocracia parlamentar.<sup>145</sup>

Plano de 26’50” a 26’54””: Hess diz, filmado com o primeiro plano: “Vocês são alemães.” A intenção é informar que os verdadeiros alemães, os arianos, possuem o poder legítimo de decidir sobre o Estado alemão, e não os cargos que desfrutam desse poder por questões burocráticas.



Plano de 26’55” a 26’56””: Voz de Hess fora de campo: “Quando vocês agem, a nação age. ”. Com Hitler filmado com o primeiro plano, indicando que Hitler, o líder, é o único princípio a ser seguido e não mais a constituição democrática.



Plano de 26’57” a 27’03””: Hess concluí sua frase: “Quando vocês julgam, a nação julga.” Ratificando o raciocínio dessa cena, no qual, para os nazistas, o único poder que importa é aquele instituído pela raça e não por questões políticas e burocráticas. Então, o juiz seria o povo, sempre tendo Hitler como guia.

---

<sup>145</sup> Desde que um Estado tribal deve alicerçar-se na raça, “o Reich alemão deve abranger todos os alemães”, o que constituía um ponto-chave de seu argumento, e de que jamais se esqueceu ou deixou de pôr em prática quando chegou ao poder. Já que o Estado tribal deve ser alicerçado “na concepção aristocrática da natureza”, depreende-se que a democracia está fora de cogitação, sendo necessário substituí-la pelo *Führerprinzip*. Ibidem, p.132-133.



Plano de 27'04" a 27'06": Hitler é filmado com o primeiro plano, fazendo a saudação nazista. Emitindo a informação de que Hitler está abençoando as palavras proferidas por Hess. Ou seja, atesta que está profundamente de acordo com tudo o que foi dito, portanto, todos devem louvar as falas pronunciadas, fazendo delas seu guia e prática.



Plano de 27'07" a 27'15": É feito um *Travelling* sobre a multidão, enquanto aplaudem o discurso de Hess, dando destaque para pessoas com o bracelete nazista, até a câmera focalizar no lado oposto do palanque onde Hess está discursando. A câmera para e foca na frase “*Alles für deutl chlond*” (Tudo para o alemão). Ratifica o conceito defendido pelos nazistas de que a nação deveria ser ligada pelo sangue – raça –, e não questões políticas/burocráticas impostas pelo sistema parlamentarista.





Os planos seguintes, sintetizam a ideia de toda a cena do discurso de Rudolf Hess, que é a de transmitir uma lealdade inquestionável dos membros do Estado alemão, e sua veneração e idolatria a Hitler. Observa-se que os planos finais confirmam três valores principais difundidos pelos nazistas: a lealdade, o respeito à hierarquia e à liderança suprema de Hitler. Ao finalizar a cena de seu discurso, Rudolf Hess faz um juramento de lealdade a Hitler. Na cena iniciada em 27'16" e terminada em 27'26", declarando: "Nossa gratidão ao senhor será nosso compromisso de ficar ao seu lado, nos bons e maus momentos. Não importa o que venha. "

Cena iniciada de 27'16" a 27'26": No primeiro quadro, Hess olha diretamente na direção de Hitler enquanto discursa. No segundo quadro, Hitler aparenta estar escutando atentamente o que é dito por Hess. No terceiro quadro, a câmera volta para Hess que conclui sua fala.



A partir da construção desse grande império germânico, as limitações geográficas não mais se constituiriam numa barreira que limitava a nacionalidade alemã. Já que "ser alemão", estar-se-ia atrelado à ancestralidade e não mais ao local de nascimento. Esse conceito apresenta-se quando Hess afirma na cena de 27'42" a 27'53": " Graças a sua liderança, a Alemanha

firmará seu objetivo de ser a pátria de todos os alemães do mundo. Para todos os alemães do mundo.”

Cena de 27’42” a 27’53””: Destaques para o quadro em primeiro plano com uma senhora, e para o quadro em plano médio com uma criança. A ideia transmitida é que, ao ampliar os territórios da Alemanha e converter o conceito de nacionalidade a uma questão racial, iria beneficiar todos os alemães, inclusive transmitindo esse benefício para as futuras gerações, herdeiras da glória eterna do Terceiro Reich.



Contudo, essa cena começa a tratar do assunto mais importante para os nazistas, a expansão territorial da Alemanha, através de um conceito forjado pelos nazistas denominado “espaço vital”<sup>146</sup>. A referência a retomada do projeto do Império Germânico nos planos de 28’05” a 28’12””, com a frase dita por Hess: “O senhor garantiu nossa vitória. Agora está

<sup>146</sup> Os pontos centrais da ideologia de Hitler eram poucos, e visionário em vez de específico. Mas eles eram imutáveis e inegociáveis: 'remoção dos judeus' (que significa coisas diferentes para diferentes agências partido e do estado em momentos diferentes); alcançar 'espaço vital' para garantir o futuro da Alemanha (uma vaga noção suficiente para abranger diferentes vertentes do expansionismo); raça como a explicação da história do mundo, e eterna luta como a lei básica da existência humana. KERSHAW, I. **Hitler, the Germans and the Final Solution**. London: Yale University Press New, 2008, p.355.

garantindo nossa paz”. Fica implícito o conceito de que não existe paz sem guerra.<sup>147</sup> Para Hitler, o verdadeiro sentido da vida dava-se através eterna luta pela sobrevivência. A luta pela sobrevivência, segundo os escritos em *Mein Kampf*, deveria ser pautada por uma disputa racial por espaço, onde os mais fortes venceriam os mais fracos, tornando-se os verdadeiros merecedores e dignos de ocuparem tal espaço.

Cena de 28’05” a 28’12””: Os quadros mostram Hess declamando sua frase na direção de Hitler, e que Hitler está atento escutando.



Cena de 28’13” a 28’22””: Hess exclama: “Salve Hitler! Salve Hitler! Salve a Vitória! Salve a Vitória!”. Hess é filmado com o primeiro plano fazendo a saudação nazista. Sugerindo veneração, chegando até a demonstrar uma idolatria apaixonada por Hitler. A câmera nos três últimos quadros, faz um *tilt-up*, com a finalidade de ressaltar a saudação nazista, focalizando no gesto nazista de modo que o braço de Hess ocupe boa parte do quadro. Sua veneração por Hitler é confirmada quando Hess vira-se completamente para a direção de Hitler, ficando de costas para a câmera. Corta-se para o plano com Hitler, que em resposta ao entusiasmo de Hess, retribui a saudação nazista em sinal de aprovação. Dessa forma, Hitler legitima o que foi dito por Hess.

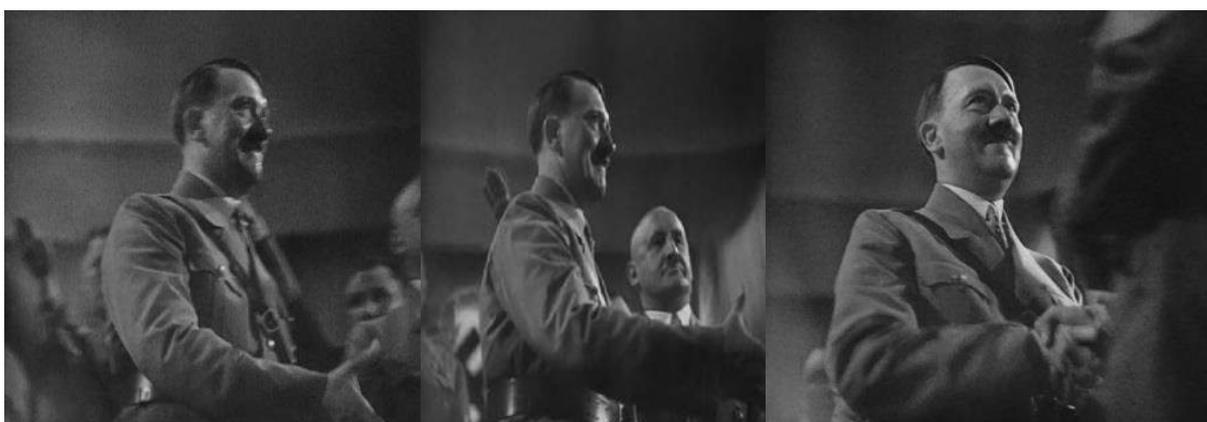


<sup>147</sup> Minha luta está repleta de ideias como esta: “Afinal, apenas o impulso da autopreservação pode conquistar. (...) A humanidade cresceu numa eterna luta, e apenas numa eterna paz perecerá. (...) O mais forte deve dominar, não pode mesclar-se com os fracos, pois isto significaria o sacrifício de sua própria grandeza. Apenas aqueles que nasceram fracos, podem ver crueldade nisto (...).” Para Hitler, a preservação da cultura “está estreitamente ligada à rígida lei da necessidade e do direito da vitória ao melhor e ao mais forte. SHIRER, *ibidem*, p.128.



Os próximos planos validam e reafirmam a devoção e confiança de Hess em Hitler. Hess desce do palco indo em direção a Hitler para apertar sua mão. Esse é um gesto simbólico que representa o compromisso firmado entre as partes, figurando um pacto de lealdade e confiança entre ambos.<sup>148</sup> Aqui, Hess, como um dos líderes do Reich, ratifica sua fidelidade e obediência a Hitler, e conseqüentemente, a Alemanha.

Cena de 28'24" a 28'27": Nos três primeiros planos é usado o *travelling* com o primeiro plano em *contra-plongée* de Hitler se movimentando para encontrar Hess. Nos três últimos quadros, é exibido um plano *two-shot* em *contra-plongée* frontal em Hitler e dorsal em Hess, insinuando a interação entre Hitler e Hess. A câmera não exhibe o rosto de Hess, porque o objetivo é mostrar um desequilíbrio entre os personagens, no qual, Hitler, o líder, está satisfeito ao ver seu discípulo Hess sendo obediente e jurando fidelidade e compromisso com ele e com a Alemanha. Ademais, o gesto íntimo de apertar as mãos humaniza Hitler, tornando-o um pai que abençoa seu filho.



<sup>148</sup> Esta história de “dei minhas mãos os homens” já tinha sido parte de um discurso de Ley em 1 de Maio de 1934, que as entregou numa recepção dada para o corpo diplomático por Alfred Rosenberg. Lá, Ley descreveu o “dar as mãos” como seu “novo método”. Após a fase de desfile das massas... tornou-se uma questão de “ganhar corações dessas pessoas”... “Foi maravilhoso observar como timidez, desânimo, sim, até certo ponto, o ódio de oposição e raiva, foram superados.” O meio deste suposto milagre era um gesto físico (linguagem corporal), uma demonstração de respeito entre iguais: a aperto de mão, ou melhor, um “aperto de mão simples de dois homens.” CREW, *ibidem*, p.70.



Plano de 28'28" a 28'32": Com o plano aberto, focalizando na bandeira nazista que está distante, pretende-se indicar que ela – simbolizando a Alemanha nazificada – é a atração principal, o objetivo a ser seguido. A plateia continua a saudar Hitler com um uníssono: “Salve Hitler! Salve Hitler!” Demonstrando fervor e concordância com a oratória de Hess e, assim como ele, exibindo uma ardente veneração por Hitler. Todos ficam em pé para fazer o gesto nazista.



#### 4.4.3 Sequência: Serviço de revista do Trabalho do Reich

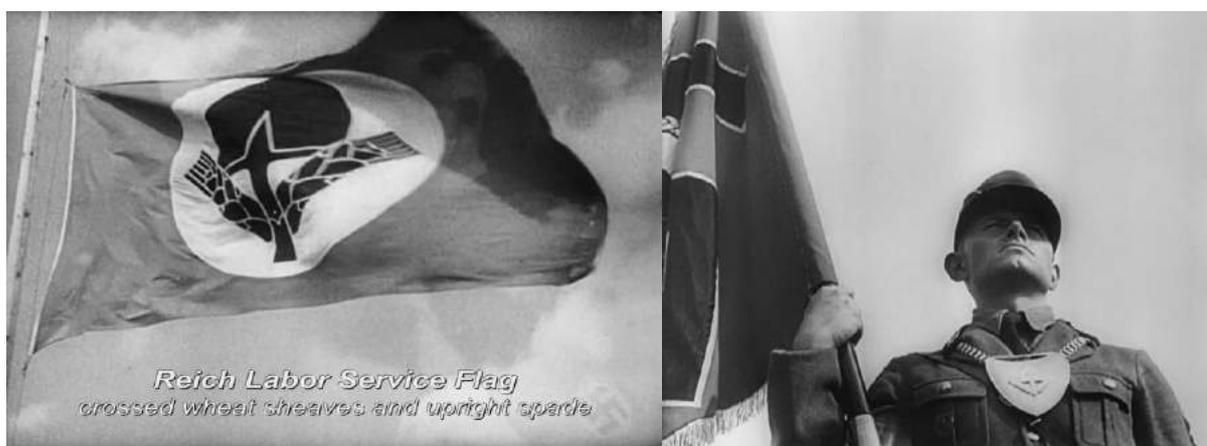
A partir desse ponto do documentário, a relação entre Hitler e os demais personagens vai ganhando cada vez mais um tom sombrio. Pode ser observado que a mesma lógica narrativa aplicada na sequência das cenas rodadas no Comício político, será ratificada nas cenas seguintes. Portanto, continuam sendo explorados nos próximos planos valores como: fidelidade, sacrifício, respeito à hierarquia e obediência. Esses valores estarão contidos nos vários planos através das principais insígnias do Serviço de Revista do Trabalho do Reich – (*Reichsarbeitsdienst* – R.A.D)<sup>149</sup>. Por ser uma instituição ligada às S.A e, simultaneamente contemplar o trabalho manual, seus símbolos são representados por uma simbologia campestre

<sup>149</sup> Da idade de 6 a 18 anos, quando o recrutamento para a Cooperação pelo Trabalho e para o exército começava, os rapazes, tanto quanto as moças, eram organizados em várias formações da Juventude Hitlerista. SHIRER, p. 342.

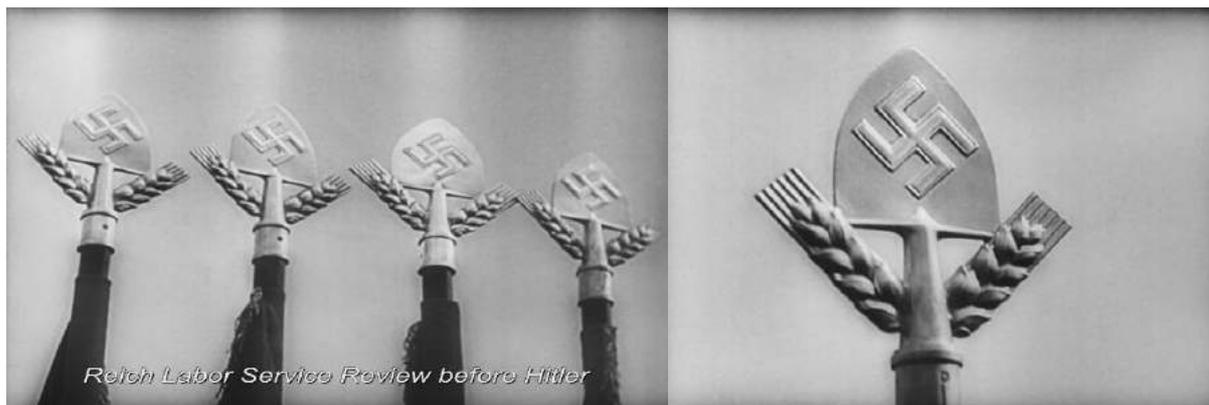
e militar ao mesmo tempo. Dessa forma, remete-se ao trabalho rural que deveria ser resgatado,<sup>150</sup> outrossim enfatizava-se o preparo do jovem para a guerra.

O personagem explorado será a juventude alemã. Se nas cenas anteriores, exibia-se jovens felizes, sorridentes e brincalhões, agora, todo o tom alegre é drasticamente interrompido. Para dar lugar à seriedade, ao sacrifício, à submissão, à disciplina e, por conseguinte, à morte. Exigir-se-ão de rapazes e moças uma precoce responsabilidade de prometer sacrificarem suas próprias vidas para garantir o futuro e a glória eterna do Terceiro Reich. A partir disso, os próximos planos são marcados por insígnias nazistas espalhadas por todos os cantos. São os estandartes, bandeiras, juramentos, brasões e ritos que tomam o espaço no filme. Será exibida cenas com jovens que vão abdicando de sua individualidade, para irromper-se numa coletividade entusiástica, obcecada com o dever de servir a Hitler, por conseguinte a Alemanha.

Cena de 34'10" a 34'34": Câmera estática, com primeiro plano em *contra-plongée*, insinuando uma grandiosidade na bandeira símbolo do Serviço de Revista do Trabalho do Reich. Na bandeira, vê-se uma enxada sobre a espiga do trigo que faz alusão ao trabalho no campo. No quadro seguinte, filmado em primeiro plano em *contra-plongée*, tem-se um jovem com um enorme distintivo cunhado com os mesmos signos da bandeira do R.A.D, segurando a bandeira. A imagem transmite o sentido de altivez, seriedade e compromisso do jovem. No terceiro quadro, mostra-se com o primeiro plano em *contra-plongée*, a seqüência das hastes da bandeira, igualmente com os mesmos signos usados anteriormente. Corta-se para o próximo plano, no qual a insígnia é exibida em primeiríssimo plano, para destacar sua importância e fixar a imagem do emblema, tendo a suástica para indicar a “nazificação” do trabalho rural.

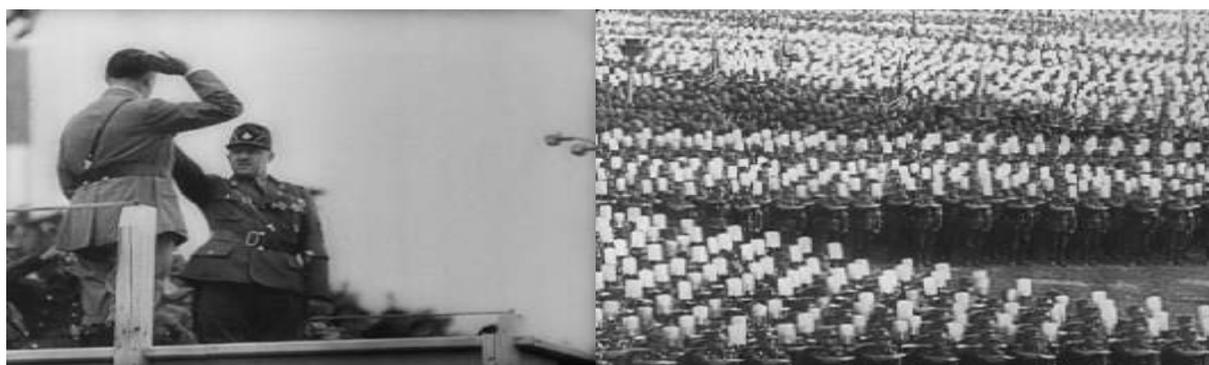


<sup>150</sup> Von Schirach, chefe da Juventude Hitlerista, e Ley, da Frente do Trabalho, defendia a adoção de um estilo mais moderno e funcional. Entretanto, os muitos albergues da juventude e as construções da Frente de Trabalho receberam a marca do “estilo folclórico”, concebido na crença do lema “sangue e terra”, que pregava a regeneração do homem urbano pelo reencontro com suas raízes rurais. LENHARO, *ibidem*, p.51.



Nos próximos planos será enfatizado o encontro físico de Hitler com os jovens trabalhadores do Serviço de Revista do Trabalho do Reich. Diferentemente da primeira parte, na qual foi explorado o cotidiano da Juventude Hitlerista e a confraternidade entre seus membros, agora, será ressaltado a relação entre os jovens e o próprio *Führer*.

Plano de 34'35" a 34'37": O plano, exhibe a chegada de Hitler no palco, no qual Konstantin Hierl já o aguardava. Hierl anuncia para Hitler: "Meu *Führer*!". Em 34'38", aparecem as massas, com a voz de Hierl fora de campo, sua frase é concluída "...52.000 trabalhadores estão esperando por sua ordem.". Nota-se que o plano propõe a ideia de um encontro entre Hitler, o Hierl – chefe do Serviço de Revista do Trabalho do Reich – e as massas. Hierl, como líder, tem o papel de fazer a intermediação entre Hitler e as massas. Primeiramente, dando às boas-vindas a Hitler através do "Meu *Führer*!" e do gesto nazista, depois anunciando que uma multidão de jovens o aguardava.



Plano de 34'45" a 34'46": Hitler exclama: “Salve, trabalhadores! ”. Com o plano médio em perfil, é possível ter a mesma perspectiva de visão de alguém que está na plateia assistindo ao pronunciamento de Hitler. Hitler é filmado dando boas-vindas a massa de jovens, por meio da saudação “Salve, trabalhadores! ”e do gesto nazista. O cumprimento inicial pode ser entendido como um respeitoso “olá”. Porém, com uma carga maior de intimidade e veneração ao mesmo tempo, ou seja, o “salve” é uma forma de saudar aqueles que fazem parte da comunidade “ariana”, seus iguais, contudo, deve-se respeitar a hierarquia suprema do *Führer*. É ele que sempre deverá ser saudado, mas ele tem autoridade para fazer a mesma referência para seu povo/alguém, no intuito de reafirmar o pertencimento da pessoa à comunidade ariana. Por isso, a massa de jovens tem permissão para usar a mesma saudação, respondendo em 34'47": “Salve, meu *Führer*! ”. Onde, sincronicamente, reverencia seu *Führer* e ratifica seu pertencimento.



Após, os cumprimentos iniciais, chega o momento dos jovens trabalhadores e soldados fazerem seu juramento de fidelidade a Hitler e a Alemanha. Conforme a intenção do discurso fílmico, deve-se jurar ser leal até as últimas consequências, mesmo que custe sua vida. Dessa forma, o sacrifício dos rapazes poderia ser usado como combustível necessário para que o governo nazista pudesse executar seus alucinados e perversos desígnios, a luta pelo “espaço vital” – *Lebensraum*<sup>151</sup> – e, conseqüentemente, o extermínio dos judeus através da “Solução Final”. Os jovens, assim como os trabalhadores rurais e urbanos, compõem a parcela essencial para pôr esse projeto absurdo em prática. No tocante aos jovens, mais do que seu trabalho, os nazistas cobiçavam o seu corpo juvenil e sadio, que poderia ser usado para travar as batalhas pela conquista territorial.

<sup>151</sup> Hitler (...). Afirmava ser a guerra “eterna”, “cotidiana”, “vida” – “um estado original” -, e toda sua concepção de política se apoiava sobre a necessidade histórica de assegurar ao povo alemão seu espaço vital. Como espaço vital sempre fora conservado ou conquistado pela luta, não via outra alternativa senão fazer uso “defensivo” da guerra, que seria o “objetivo derradeiro da política”. LENHARO, ibidem, p.75.

Destarte, segundo observado pela da análise filmica, os próximos planos estão articulados para sintetizar e materializar o maior objetivo dos nazistas, pôr em prática sua expansão territorial<sup>152</sup>, ou seja, a luta por seu “espaço vital” – *Lebensraum* – e, conseqüentemente, o genocídio judaico por meio da “Solução Final”. Posteriormente as saudações iniciais, é chegado o momento para os jovens realizarem seu juramento de fidelidade a Hitler, sob um rito militarizado. O que se exhibe na tela é praticamente uma cerimônia de sacramento, na qual, rapazes entregam seus jovens espíritos, e principalmente seus corpos, como sacrifício para que possa ser consolidado um bem maior, a vitória e glória eterna do Terceiro Reich.

A partir dos planos já exibidos, sabe-se que Hitler está no palco assistindo de perto a apresentação dos jovens do Serviço de Revista do Trabalho do Reich. O discurso fílmico de *O Triunfo da Vontade*, pretende exprimir a imagem de Hitler, neste momento, como um pai austero e zeloso, uma figura paterna que o filho deve respeito e lealdade. Pode-se concluir isso, a partir da questão de Hitler com a juventude alemã, visto que o tema da juventude sempre esteve presente nas premissas defendidas pelos nazistas. Hitler queria que ele próprio fosse o responsável pela educação dos mais jovens.<sup>153</sup> Logo em 1936, Hitler proíbe a criação e o funcionamento das organizações juvenis que não sejam as impostas por seu governo, as formações da Juventude Hitlerista.<sup>154</sup> Tornando obrigatório seu alistamento, e penalizando os pais que impedisse o recrutamento dos jovens.<sup>155</sup> Percebe-se que além de mergulhar as mentes jovens diariamente num ambiente militarizado e ideologicamente nazista, Hitler, também, pretendia substituir a figura paterna dos lares alemães.

Cena de 34’52” a 34’58””: A cena é marcada pela figura do líder dos jovens, que conduz a massa durante o rito de seu juramento a Hitler. Nos dois primeiros quadros, têm-se a exibição da massa de jovens levantando e abaixando as pás que são carregadas por ele no decorrer de todo a cerimônia. A aproximação do Serviço de Revista do Trabalho do Reich com os

---

<sup>152</sup> Em 1935, tem início o rearmamento do país – uma violação ao Tratado de Versalhes – (...) Em 1936, a Renânia é ocupada militarmente, é formado o Eixo com a Itália fascista de Mussolini, e Franco recebe apoio militar na guerra civil espanhola. Esses acontecimentos são amostras do que virá pela frente: a anexação da Áustria e da Tchecoslováquia, a invasão da Polônia (...) Fora disso, o país começava a se preparar física e psicologicamente para a guerra. Em 1938-39, 58% do orçamento destinava-se a fins militares. Ibidem, p.31-32.

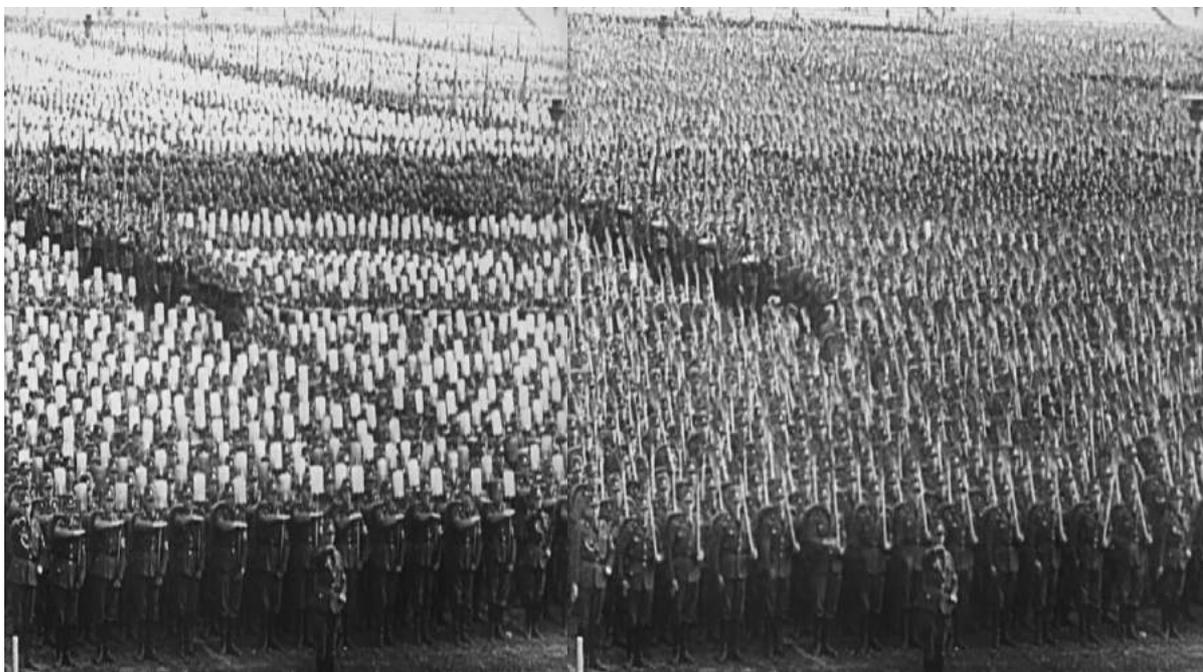
<sup>153</sup> Hitler não contava tanto com as escolas públicas, das quais ele próprio saíra tão precocemente, mas com organizações da Juventude Hitlerista para educar a juventude da Alemanha para as finalidades que tinha em mente. SHIRER, ibidem, p.341.

<sup>154</sup> (...) Toda a juventude alemã do Reich está organizada nos quadros da Juventude Hitlerista. A juventude alemã, além de ser educada na família e nas escolas, será forjada física, intelectual e moralmente no espírito do nacional-socialismo (...) por intermédio da Juventude Hitlerista. HITLER apud SHIRER, ibidem, p.342.

<sup>155</sup> Ibidem, p.324.

paramilitares as S.A e com o próprio exército, pode ser visualizada nos planos subsequentes. Como no caso, da função do líder dos jovens que rege a multidão através dos comandos de sentido do exército. E também na metáfora que pode ser verificada, na representação das pás como armas e na massa de jovens como tropas.

Plano de 34'32" a 34'34": Líder vocifera: "Apresentar, pás! ". Com o plano aberto em *plongée*, as massas de jovens trabalhadores/soldados são exibidas como se fossem infinitas, pois ocupam todo o quadro. É possível observar que o intuito do plano, é fazer com que a pá faça uma metáfora com as armas. Transformando a multidão de jovens "armados" com pás, em um gigantesco e combatente exército.



Cena de 34'35" a 34'58": O líder exclama: "Descansar! ". Com o plano conjunto, para detalhar os movimentos dos jovens que são mostrados enfileirados. Numa posição análoga ao "sentido" do exército com a pá erguida, e outra ao "descanso" com a pá abaixada.



Na cena seguinte os jovens trabalhadores/soldados confirmam seu compromisso de reconstruir a grandiosidade e prosperidade da Alemanha. A enxada, agora, incorpora o significado de trabalho rural. Portanto, a riqueza deverá ser reconquistada a partir do trabalho duro e da reconexão do homem ariano com a terra.<sup>156</sup>

Cena de 35'09" a 35'19": Os trabalhadores anunciam: "Aqui estamos prontos para levar a Alemanha para uma nova era. Alemanha! ". No primeiro quadro, o objeto filmado com o plano detalhe é a enxada em contato com a terra, a intenção é de valorizar o trabalho rural. No segundo quadro, com o plano detalhe a mão de um dos membros do R.A.D é filmada tocando diretamente a enxada, ressaltando o compromisso do homem ariano com sua terra, tanto no sentido de pátria alemã como o de solo. O bracelete nazista também é filmado para enfatizar a distinção do homem ariano, colocando-o como um "nobre da terra".<sup>157</sup> No último quadro, tem-se o plano conjunto dos membros do R.A.D, todos com suas respectivas enxadas,

<sup>156</sup> Parte significativa da literatura nazista ocupa-se do tema da volta à terra e da glorificação do modo de vida do camponês. Os camponeses são glorificados como reserva moral da Alemanha, seu elemento sadio e regenerador. Eles são responsáveis pela manutenção da tradição, da pureza, da raça e dos costumes, graças ao contato permanente com a terra e ao fato de terem vivido alheios às influências estrangeiras. Himmler, chefe das S.S., considerava-os seres superiores, dignos de pertencer à "nobreza de sangue". LENHARO, *ibidem*, p.67.

<sup>157</sup> As ideias da Liga Pangermânica foram, em boa medida, apropriadas e reatualizadas pelo III Reich de Adolf Hitler. O imperialismo, o militarismo e o pangermanismo foram entusiasticamente adotados pelos nazistas, constituindo a base de seus argumentos em favor de uma drástica mudança na ordem mundial vigente. Deve-se destacar, contudo, que o nazismo também enfatizava ainda mais os elementos de ordem racial, ao explicitar seu projeto de poder. Entendiam que os alemães constituíam um grupo racial de características superiores a quaisquer outros, a raça ariana, naturalmente destinada a se tornarem um "povo de senhores" (*Herrenvolk*), cujo destino seria dominar o mundo. OLIVEIRA, D. **Os soldados Alemães de Vargas**. Curitiba: Juruá, 2011, p.19.

transmitindo o sentido de compromisso com coletividade, a comunidade ariana. Haja vista, que a frase é falada no plural indicando que a luta pela Alemanha deve ser conjunta.



A partir da cena em 35'20", ocorre a cerimônia de sacramento dos jovens do R.A.D. No decorrer da cena, os rapazes farão o juramento de fidelidade a Hitler e a Alemanha, colocando seu próprio corpo como uma oferenda, no rito que consagra seu comprometimento com o projeto de expansão territorial dos nazistas.

Plano de 35'21" a 35'22": Em primeiríssimo plano, o líder dos jovens pergunta olhando em direção aos outros membros do R.A.D: "Camarada, de onde você (tu) é? ". O uso do primeiríssimo plano, justifica-se pela finalidade de enfatizar as emoções do jovem filmado, é um modo de destacar suas expressões e sentimentos. O jovem transmite um semblante de seriedade e intenso comprometimento com o que fala. Ademais, o uso do pronome tu<sup>158</sup>, assinala a mudança nos costumes alemães, era a nova geração, a juventude, que estava

<sup>158</sup> Pode-se ver como as coisas mudaram muito neste campo (...). Rituais como dirigir-se a uma Jovem como "*Gnädiges Fräulein*" (generosa senhorita) e mesmo o frio e distante uso de "*Sie*" (o formal "vós") tornaram-se obsoletos nas relações entre os sexos em universidades e não apenas aí, por certo. Homens e mulheres estudantes, como outros membros do mesmo grupo etário, usam "*du*" (o informal "tu") entre eles com a maior naturalidade, mesmo que no começo do convívio acadêmico não existisse qualquer prévio conhecimento mútuo. ELIAS, *ibidem*, p.45-46.

rompendo com as tradições para dar lugar ao novo. Para os nazistas, era interessante manipular esse entusiasmo juvenil por mudanças, para usá-lo como ferramenta para atingir seus desígnios.



A cena seguinte explora a questão da unificação alemã, que de certa forma, também está atrelada à questão da expansão territorial defendida pelos nazistas.<sup>159</sup> Hitler originalmente austríaco que perdera sua cidadania em 1925, só se converteu em cidadão alemão pouco antes das eleições de 1932 para se candidatar.<sup>160</sup> Desdenhava das exigências burocráticas sobre cidadania impostas pelo governo republicano, pois para ele, ser alemão deveria ser uma questão racial/ancestral, e não determinada pelo local de nascimento.<sup>161</sup> Portanto, para Hitler, os limites territoriais da Alemanha se constituíam em um problema para o efetivo estabelecimento de uma unidade alemã e do florescimento de uma identidade nacional. A questão territorial, na visão dos nazistas, sempre estará intrinsicamente relacionada à raça. Em vista disso, entre os “arianos” não devem haver limites geográficos que o impeçam de se intitular alemão. No entanto, para os “não-arianos” a questão territorial deve ser conquistada através da guerra, o vencedor, o mais forte, terá o genuíno direito sobre tal território.

---

<sup>159</sup> O lugar de seu nascimento, junto à fronteira austro-alemã, iria ter grande significação, pois, desde a tenra juventude, Hitler era obcecado pela ideia de que não deveria haver fronteira alguma entre esses dois povos de língua alemã e que ambos pertenciam ao mesmo Reich. Tão fortes e duradouros foram esses seus pensamentos que, aos 35 anos, quando se dispôs a ditar, numa prisão alemã, o livro que constituiria um esquema para o Terceiro Reich, suas primeiras frases diziam respeito ao significado simbólico do lugar de seu nascimento. Minha luta começa com estas palavras: Hoje, parece-me providencial que o destino haja escolhido Braunau am Inn como lugar de meu nascimento. Pois essa pequena localidade se acha situada na fronteira entre os dois Estados alemães que nós, os da geração mais nova, estávamos empenhados, num esforço de toda a vida, a unir, lançando mão de todos os meios à nossa disposição (...) Essa cidadezinha da fronteira me parece o símbolo de uma grande missão. SHIRER, *ibidem*, p.23.

<sup>160</sup> *Ibidem*, p.184-218.

<sup>161</sup> Só poderia ser salvo pela raça superior, a alemã, reafirmando sua antiga e absoluta autoridade. As raças não germânicas, principalmente os eslavos e, sobretudo, os tchecos, eram inferiores. Competia aos alemães governá-los com mão de ferro. Devia abolir-se o Parlamento e pôr-se fim a toda essa tolice “democrática”. *Ibidem*, p.44.

Os devaneios de Hitler sobre a questão territorial, não são de todos sem motivos. É importante ressaltar que o fato da Alemanha se unificar tardiamente em 1871,<sup>162</sup> influenciou seu processo de uma formação e consolidação de uma identidade nacional. Como já foi visto, até boa parte do início do século XX, a aristocracia ainda tinha poder soberano no Estado e na economia alemã. Inviabilizando a formação de uma burguesia politicamente forte e independente.<sup>163</sup> O que resultou em fracas e dispersas oposições políticas que pudessem ascender para desbancar as velhas tradições aristocráticas enraizadas no Estado alemão. Em pleno século XX, a Alemanha ainda era feita a partir das regras dos “nobres da terra”. A questão territorial, tanto no sentido de solo, quanto no de pátria até aquele momento, não tinha uma resolução que contemplasse as pessoas de classe inferior.<sup>164</sup>

Para os nazistas, as questões territoriais da Alemanha deveriam ser resolvidas a partir da crença da superioridade racial ariana. Em função disso, nos próximos planos, são exibidos vários jovens do R.A.D que perguntados sobre sua proveniência, respondem-na. Cada jovem figura um território alemão,<sup>165</sup> é uma forma de representar a fragmentação gerada pela falta do sentimento de unidade nacional. Para logo em seguida, declamarem em uníssono: “Uma nação, um líder, um Reich! ”. Simbolizando a proposta dos nazistas para solucionar o problema da falta de uma unidade nacional, no qual, a nação deveria ser formada a partir da questão de pertencimento racial/ancestral e não pelo local de nascimento; governada por seu líder supremo, figurado por Hitler sendo a simbiose entre pai, imperador e deus; produzindo o reich que representava a grandeza imperial alemã, que fora perdida e dever-se-ia ser reestabelecida.

Cena de 35’23” a 35’35” : Todos os planos são filmados com o primeiríssimo plano, para destacar as expressões e sentimentos dos jovens, que transmitem seriedade e disciplina. Em 35’23”, o jovem trabalhador responde: “ De Friesland”. No quadro seguinte, o jovem líder

<sup>162</sup> A criação do Segundo Reich, culminância dos êxitos de Bismarck, ocorreu a 18 de janeiro de 1871, quando o rei Guilherme I da Prússia, foi proclamado imperador da Alemanha, em cerimônia realizada na Sala dos Espelhos, em Versalhes. A Alemanha fora unificada pela força armada prussiana. SHIRER, *ibidem*, p.140.

<sup>163</sup> As classes médias, que cresciam prosperamente com o surpreendente, mas incerto desenvolvimento da revolução industrial, deslumbradas pelos êxitos da política de força e de guerra de Bismarck, trocaram por bens materiais quaisquer aspirações de liberdade política que pudessem ter tido. Aceitaram a autocracia dos Hohenzollern. Submeteram-se prazerosamente à burocracia dos *junkers* e adotaram, com fervor, o militarismo prussiano. A estrela da Alemanha refulgia nas alturas e quase todo o povo alemão ansiava por executar o que os seus senhores pedissem para conservá-la assim. *Ibidem*, p.141.

<sup>164</sup> Nas preocupações cotidianas dos alemães da República de Weimar, o espaço em que devem viver adquire assim, já que modificado, muita importância. Ele é gerador de amarguras, de rancores, de tensões, que são integradas aos conflitos entre as classes sociais e utilizados nas lutas partidárias. RICHARD, *ibidem*, p.74.

<sup>165</sup> Tendo em vista que a Alemanha era orientada para o oeste na direção do Reno, para o sul na direção do vale do Danúbio, para leste na direção da planície germano-russa, e para o norte em direção ao mar, o problema dos governantes sempre foi escolher um ou outro desses eixos para promover a sua política de expansão territorial. *Ibidem*, p.67.

faz a mesma pergunta em 35'27": "E você (tu), camarada? ". No quadro imediato, o jovem trabalhador sem rosto responde em 35'28": "Da Bavária". Logo depois em 35'30", o líder indaga: "E você? ". Em 35'31", o jovem trabalhador afirma: "De Kaiserstuhl". O jovem líder em mantém a mesma pergunta em 35'35": "E você? ". O jovem trabalhador confirma em 35'36": "De Pomerania". Na cena de 35'37" a 35'52", são exibidos consecutivos planos com outros jovens trabalhadores anunciando sua origem: "De Königsberg". "De Silesia". "De além do mar". "Da Floresta Negra". "De Dresden". "De Danúbio". "Do Reno". "Do Sarre".





Cena de 35'53" a 36'00": Jovens trabalhadores declamam um unissonante: "Uma nação, um líder, um Reich! ". Primeiro quadro em 35'53", com a voz dos jovens fora de campo: "Uma nação...". Com o plano médio, em que são exibidos o jovem soldado/trabalhador na frente com uma multidão de jovens ao fundo, segurando a bandeira nazista. Sugerindo o comprometimento e dever do jovem com sua pátria, sua nação. A massa de jovens filmada ao fundo corrobora com a ideia de que a união de todos constrói uma nação. Segundo quadro em 35'55", com a voz, fora de campo, dos jovens: "...um *Führer*...".

Hitler com o primeiríssimo plano em *contra-plongée*, ressaltando sua importância na constituição da nação, na qual, ele é o líder supremo e o restante a massa. No terceiro quadro em 35'57", com a voz, fora de campo, dos jovens: "...um Reich. ". Com o primeiro plano em *contra-plongée*, aparece a águia nazista, fazendo novamente a metáfora com a águia que por conta de suas qualidades superiores como voar mais alto, ser astuciosa e predadora, além da mitologia por trás de sua utilização.<sup>166</sup> Ademais, a águia olha para seu lado direito, acompanhando a mesma direção da suástica, representando a direção para onde a Alemanha

<sup>166</sup> Seu uso estendeu-se às hostes teutônicas quando os grandes imperadores germânicos consideraram que eram representantes da nova Roma, fazendo com que a águia passasse a fazer parte de seus escudos de armas no século XI. CORES, *ibidem*, p.118-119.

dever-se-ia expandir, ao leste. Já que por conta das cláusulas do Tratado de Versalhes, o leste da Alemanha foi a região mais afetada.<sup>167</sup> No quarto quadro, com a voz, fora de campo, dos jovens: “Alemanha!”. Com o primeiríssimo plano é filmada a bandeira nazista, que virá a ser bandeira nacional a partir de 1935. Simbolizando a “nazificação” completa da Alemanha, que sob a perspectiva dos nazistas, era o mesmo que enfim conseguir unificá-la e “democratizá-la”.



A cena subsequente materializa a valorização do trabalho manual exercido tanto por trabalhadores urbanos, como por trabalhadores rurais. Visto que, para se construir uma nação forte com um exército combatente, era necessário, antes de mais nada, estabilizar a economia do país para prepara-lo para a guerra.<sup>168</sup> A guerra, portanto, seria o mecanismo essencial para garantir o “espaço vital” dos arianos. Entretanto, o sucesso nos campos de batalha, só poderá ser garantido através de um pesado investimento econômico, tanto para ampliar o poder armamentista, como para garantir suprimentos suficientes para a população do país.<sup>169</sup> Para os

<sup>167</sup> Foi na sua parte oriental, na área prussiana, que a Alemanha imperial sofreu as maiores perdas (...) desde o século XII, com os cavaleiros teutônicos, era o Leste que havia tradicionalmente prevalecido na satisfação de seus apetites de conquista. Como escreve o príncipe de Bülow em 1913 na sua *Política alemã*, a Alemanha se sentia investida de uma missão civilizatória no Leste (...) Porque, segundo ele, os alemães eram superiores moral e intelectualmente aos eslavos, especialmente os poloneses. Esse é o princípio simplista e racista que comandou a colonização prussiana no Leste. RICHARD, *ibidem*, p.65-67.

<sup>168</sup> Primeiramente, haveriam de ajustar contas com a França, “o inexorável e mortal inimigo do povo alemão”. O objetivo da França, disse ele, sempre foi o de manter a Alemanha “desmembrada e retalhada (...) pressupondo, naturalmente, que a Alemanha veja de fato a destruição da França apenas como um meio que mais tarde lhe permitirá dar ao nosso povo a expansão que venha a ser possível em qualquer outro lugar” (...) Expansão em outro lugar? Onde? Eis como Hitler nos leva ao âmago de suas ideias sobre a política exterior da Alemanha, ideias que tentará concretizar fielmente depois de guindado à altura de soberano do Reich. A Alemanha, dizia claramente, deve expandir-se para o leste, em grande medida à custa da Rússia. A esse respeito, observa Hitler, o destino foi generoso com a Alemanha. Entregou a Rússia ao bolchevismo, o que na prática era o mesmo que entregá-la aos judeus. “O gigantesco império do Leste”, exultava, “está prestes a ruir. E o fim do domínio judeu na Rússia será também o fim da Rússia como Estado”. Com isto Hitler queria dizer que as imensas estepes do Leste poderiam ser tomadas facilmente, em virtude do desmoraonamento da Rússia, sem exagerado sacrifício de sangue alemão. SHIRER, *ibidem*, p.123-125.

<sup>169</sup> Seus dois principais objetivos eram: obter preços estáveis e lucrativos para o agricultor e tornar a Alemanha autossuficiente em alimentos. Quanto à autossuficiência em alimentos, considerada indispensável pelos dirigentes nazistas, que se preparavam, como veremos, para a guerra, o objetivo jamais foi atingido, o que era impossível, dada a extensão e a qualidade da terra alemã, em relação à população. O melhor que o país faria, apesar de todos os esforços nazistas em sua tão anunciada Batalha da Produção, foi alcançar 83% de autossuficiência. E apenas

nazistas todos os verdadeiros alemães, deveriam cumprir seu dever de servir à Alemanha. Isto posto, cada alemão seria um tipo de soldado, ou seja, sendo disciplinado, leal e obediente, sacrificando sua própria vida em detrimento da construção do Terceiro Reich.

Por conta da crise econômica e da derrota na Primeira Guerra Mundial, os alemães sentiam-se humilhados, diminuídos e impotentes. Precisavam arranjar uma maneira de restabelecer seu orgulho ferido. Os problemas sociais e políticos que surgira no início do século XX, funcionam como estopim para desencadear situações que estavam historicamente sem solução na Alemanha, como a questão da unificação e o estabelecimento do governo democrático. Em meio a essa conjuntura, os nazistas difundem com sua propaganda política, soluções milagrosas e práticas para acabar com essas adversidades que estavam tradicionalmente enraizadas na sociedade alemã. Os nazistas beneficiam-se desse quadro de suplicio e fragilidade que se instalou na Alemanha. O alemão de forma geral estava com raiva, medo, fome, confuso, sem dinheiro, desamparado, inseguro, sem emprego, em suma sem orgulho próprio e de sua nação.

Sob essa conjuntura desastrosa, formular um engodo ideológico que prometia a conquista do mundo ao alemão, que estava quase que totalmente abandonado politicamente, seria um excelente investimento, para que os nazistas obtivessem sucesso em sua escalada ao poder. Uma das premissas mais propagadas pelos nazistas, era de que os alemães eram os verdadeiros “nobres da terra”. Nobreza, aqui, não está relacionada ao seu sentido monárquico de direito divino de governar condicionado pela hereditariedade aristocrática. Portanto, a “nobreza” da terra era uma questão de sangue, de raça, mas, diferentemente de seu sentido original monárquico, para os nazistas, todos os verdadeiros alemães, os arianos, compartilhavam desse “direito” de ser um “nobre da terra”.

Em meio aos sentimentos de rebaixamento, degradação e submissão, ser um “nobre da terra”, para um alemão vulgar seria uma ótima oportunidade para restaurar seu orgulho ferido, reconquistando sua autoestima e confiança, reparando pouco a pouco a credibilidade em si mesmo e em seu país. A altivez garantida pelo adjetivo “nobre”, seria uma tática para vingar-se sobre aqueles responsáveis pelas desgraças lançadas sobre o povo alemão. Em vista disso, pode-se dizer que o sentimento que concede combustível para a guerra expansionista nazista, é a vingança. Para o alemão, era uma questão de honra, vingar-se sobre aqueles que o colocara

---

com a conquista de terras estrangeiras é que os alemães conseguiram bastante alimento para resistir por tanto tempo, como fizeram, durante a Segunda Guerra. *Ibidem*, p.348-349.

naquela situação de miséria deprimente, seja interna ou externamente à Alemanha, não importando tanto quem eram os reais culpados por essa conjuntura deplorável.<sup>170</sup>

A próxima cena, estarão dispostos os valores do trabalho manual associados às virtudes militares. O trabalho manual, será representado sob dois prismas, o trabalho manual urbano e o trabalho manual rural. Para os nazistas, era importante cativar os incipientes trabalhadores dos centros urbanos, tanto das fábricas como dos estabelecimentos comerciais, pois os disputavam com as frentes esquerdistas. Contudo, era no camponês, símbolo do passado glorioso e da Alemanha imaculada, que boa parte da arguição da doutrina nazista se direcionava.

Apesar das tentativas de aproximação com o campesinato, através de promessas de melhorias na produção agrícola, a realidade de uma terra improdutiva e das antigas divergências com a nobreza rural, os *junkers*, sobressaiam-se sobre suas mentiras propagandísticas.<sup>171</sup> Historicamente, a classe trabalhadora urbana sempre esteve mais próxima dos ideais esquerdistas, portanto, dificultava a penetração da doutrina nazista, restando apenas os camponeses como salvaguarda para simbolizar seus ideais. A idealização dos camponeses como “nobres da terra”<sup>172</sup>, aqueles racialmente puros que permaneceram intocáveis pelos estrangeiros e por ideais bolchevistas, judaicos e liberais.

Todavia, era muito mais uma fantasia dos nazistas do que o retrato da realidade vivida pelo campesinato. Os nazistas se norteavam tanto pelo passado que, ironicamente, o governo nazista conseguiu transformar os camponeses em uma representação contemporânea dos

---

<sup>170</sup> Ao pôr em prática suas ideias raciais, é preciso admitir mais uma vez, Hitler cumpriu à risca suas palavras. Na Nova Ordem que começou a impor aos eslavos durante a guerra, no Leste, os tchecos, os poloneses e os russos eram — e seriam sempre, se essa grotesca Nova Ordem tivesse perdurado — os cortadores de lenha e os carregadores de água de seus senhores, os alemães. Para um homem, como Hitler, tão ignorante de história e antropologia, foi fácil transformar os alemães em modernos arianos e, pois, na raça superior. Para Hitler, os alemães eram “os melhores espécimes da humanidade” e assim permaneceriam “se não se ocupassem simplesmente da criação de cães, cavalos e gatos, mas também dos cuidados com a pureza de seu próprio sangue”. SHIRER, *ibidem*, p.130.

<sup>171</sup> Quando Hitler chegou ao poder, em 1933, os agricultores, como em quase todo mundo encontravam-se numa situação desesperadora (...) As dívidas dos agricultores subiam a 12 bilhões, quase todas contraídas nos últimos oito anos. Os juros dessas dívidas tiravam uns 14% de toda a renda agrícola, tendo isto se adicionado uma carga semelhante de impostos e contribuições a serviços sociais. Do mesmo modo que a maioria dos demais pontos do programa, também as promessas aos agricultores não foram cumpridas, à exceção da última, a respeito da especulação com a terra. Em 1938, após cinco anos de governo nazista, a distribuição da terra continuava mais desigual do que em qualquer outro país do Ocidente (...) A ditadura nazista, como os governos burgueses-socialistas da república, não ousara repartir as imensas fazendas feudais dos *junkers* que ficavam a leste do Elba. *Ibidem*, p.346-347.

<sup>172</sup> Entretanto, o regime nazista inaugurou um imponente e novo programa agrícola, acompanhado de muita propaganda sensacionalista a respeito do *Blut und Boden* (Sangue e solo) e do fato de os camponeses serem a alma da terra e a principal esperança do Terceiro Reich. *Ibidem*, p.347.

escravos de terra dos tempos feudais.<sup>173</sup> O direito de possuir eternamente suas terras era dado para aqueles que conseguiam provar sua pureza racial, que poderiam perder esse direito caso quebrasse o código de “honra do camponês”, ou deixasse de trabalhar ativamente na fazenda.<sup>174</sup> Essa era a estratégia dos nazistas para ligar o sangue – raça – ao solo, na qual, criar-se-ia uma nova “nobreza da terra”, racialmente pura e que não tem medo nem vergonha de executar o trabalho duro. Pode-se averiguar que a criação do “*Blut und Boden* (Sangue e solo)”, era uma forma tendenciosa que os nazistas encontraram para solucionar, a problemática histórica da questão da terra entre os pobres camponeses e dos grandes proprietários de terra, os *junkers*.<sup>175</sup>

Contudo, essa falsa tentativa de democratização do direito do uso e lucro sobre a terra, através da transformação dos alemães dito “puros” em “senhores da terra”, serviu apenas para os nazistas conquistar os votos e o apoio dos *junkers*.<sup>176</sup> O fato é que os *junkers* não eram aristocratas<sup>177</sup>, assim como os grandes proprietários industriais, eram considerados a “ralé dos ricos”.<sup>178</sup> Nota-se que o dilema do predomínio de poder dos aristocratas sobre as classes sociais mais baixas, ainda era irresoluto. Isto posto, é natural que existia de modo geral na sociedade alemã, uma tendência a incorporar o status de nobre a todo o custo. Ambicionava-se possuir as qualidades de um nobre como: influência, prestígio e distinção. Mesmo sabendo que de fato não se era nobre, pretendia-se ter a aura de um.

Sob essa conjuntura, observa-se que os nazistas propagavam o ideal de “arianidade” na tentativa de tornar o alemão vulgar em um “nobre”, por isso defendiam o conceito de “nobre

---

<sup>173</sup> Duas leis básicas publicadas naquele mês reorganizaram completamente a estrutura da produção e da venda no mercado, visando assegurar altos preços para os agricultores, e ao mesmo tempo colocando o camponês alemão em uma nova situação. Consumou isto, paradoxalmente, fazendo que o trabalhador rural alemão voltasse a uma situação muito antiga, em que as fazendas, como nos tempos feudais, ficavam vinculadas à família, com o lavrador e seus herdeiros compulsoriamente presos à sua terra (desde que provassem ser arianos) para sempre. SHIRER, *ibidem*, p.374.

<sup>174</sup> Somente um cidadão alemão ariano que estivesse em condição de provar a pureza de seu sangue desde 1800 poderia possuir uma tal fazenda. E somente um homem nessas condições, estipulava a lei, seria portador do “título honroso” de Bauer, ou camponês (...). *Ibidem*, p.348.

<sup>175</sup> Os *junkers*, que representariam papel tão decisivo na moderna Alemanha, foram também um produto único da Prússia. Eram, como eles próprios diziam, uma raça superior. Foram eles que ocuparam a terra conquistada aos eslavos e a cultivaram em grandes propriedades com o trabalho desse povo então reduzido a completa servidão, povo constituído de miseráveis trabalhadores completamente diferentes dos ocidentais. *Ibidem*, p.138.

<sup>176</sup> A Hitler, católico, austríaco, antigo vagabundo, “nacional-socialista”, líder das massas das classes médias inferiores, apoiaram, além de seus próprios seguidores, as classes dirigentes protestantes do norte, os conservadores agrários *junkers* e vários monarquistas, inclusive, no último momento, o próprio ex-príncipe herdeiro. *Ibidem*, p.218.

<sup>177</sup> O *junker* prussiano não era homem dado ao ócio. Trabalhava duramente na direção da grande propriedade, de modo muito semelhante ao gerente de fábrica de hoje. Seus empregados eram escravos virtuais, e como tais eram tratados. O *junker* era senhor absoluto de seus extensos domínios. *Ibidem*, p.138.

<sup>178</sup> Embora entre a mais alta nobreza, em especial, existissem relações entre os grandes proprietários rurais e a indústria, persistia em pleno vigora ideia de que o emprego lucrativo, o trabalho remunerado, não condizia como status de um nobre. E esse estigma permaneceu ligado aos indivíduos da classe burguesa, que eram aqueles que exerciam tais atividades e profissões. ELIAS, *ibidem*, p.61.

da terra” para os camponeses. Sendo assim, se não fosse por uma questão de títulos e ascendência aristocrática, seria através do “sangue puro” – raça – que qualquer um verdadeiramente alemão poderia ser também um “nobre”. A intenção dos nazistas era de ressignificar o sentido de ser nobre, agora, um trabalhador braçal ariano era um nobre igualmente a um aristocrata.

Tanto que uma das exigências da Lei da Fazenda Hereditária, de 29 de setembro de 1933, era de que os proprietários de terra não poderiam deixar de trabalhar ativamente na fazenda, em virtude de incapacidade ou por outro motivo qualquer<sup>179</sup>. Portanto, pode-se interpretar o ideal “*Blut und Boden* (Sangue e solo)” como uma resposta dos nazistas para a questão histórica da hegemonia do poder dos aristocratas.<sup>180</sup> Para o camponês que se sentia menosprezado pelo Estado alemão, o apoio aos nazistas representava esperança de melhorias para as produções agrícolas<sup>181</sup>. Se não conseguisse incentivos e políticas direcionadas para o campesinato, ao menos iria restaurar sua dignidade, para se sentir mais respeitado e inserido na sociedade alemã.

Cena de 36’01” a 36’37: “No primeiro quadro, filmado em primeiríssimo plano, o jovem líder do R.A.D declara em 36:01: “Hoje estamos todos trabalhando juntos...”. No quadro seguinte, em 36’05”, com o plano conjunto para enfatizar a ideia de união e fraternidade, outros trabalhadores continuam a frase: “...no atoleiro. ”. Nota-se que todos os trabalhadores do quadro, estão com suas respectivas pás. É uma forma de fazer alusão ao trabalho em conjunto, sugerindo que a união dos alemães – arianos –, é fundamental para construir uma nação.



<sup>179</sup> SHIRER, *ibidem*, p.348.

<sup>180</sup> Como tal, os membros do *establishment* seguiam suas próprias regras, padrões de comportamento e estratégias de vida; em certos aspectos, sentiam-se justificados ao transgredir as leis do país, as quais existiam para manter na ordem a massa do povo, os súditos do rei. Os membros da alta aristocracia eram especialmente recalcitrantes; enquanto mantivessem suas propriedades herdadas, nunca se definiriam realmente como súditos do príncipe reinante. ELIAS, *ibidem*, p.69.

<sup>181</sup> A princípio, certamente, o agricultor (que por tanto tempo se sentiu desprezado num Estado que parecia viver preocupado unicamente com os interesses da indústria e do operário), iludiu-se ao ser distinguido com tanta atenção e proclamado herói nacional e cidadão honorário. SHIRER, *op. cit.*, p.348.

Os planos subsequentes continuam com a mesma lógica argumentativa, sempre há um líder que gerencia o trabalho, como um maestro. Para que os outros trabalhadores disciplinados e obedientes, estimulados pelo líder, possam se sentir encorajados para realizar seu trabalho com competência.

No primeiro quadro, com o primeiríssimo plano, outro jovem líder declara em 36'08": "Nas pedreiras. ". No quadro subsequente, com o plano conjunto, os trabalhadores repetem em 36'09": "Nas pedreiras. " No próximo quadro, outro jovem líder em 36'11", diz: "No areal. ". No próximo quadro, com o plano conjunto, os trabalhadores em 36'14" reiteram: "No areal. ". No quadro imediato, outro líder em 36'15", também em primeiríssimo plano, afirma: "Nos diques do Mar do Norte. ". No último quadro da cena, com o plano conjunto, os trabalhadores declaram em 36'17": "Nos disques do Mar do Norte. "



Para que os nazistas pudessem pôr seus desígnios em prática, era necessário construir uma economia capaz de sustentar a Alemanha nos tempos de guerra e prepara-la militarmente, a *Wehrwirtschaft*<sup>182</sup>. Portanto, nos tempos de paz, estar-se-ia trabalhando para formar um combatente exército, composto por soldados fortes e obstinados e por um ostensivo arsenal. E nos tempos de guerra, os alemães teriam autossuficiência para sanar suas necessidades básicas. Diante disso, averigua-se que a exaltação do trabalho rural tinha como objetivo fazer a economia crescer, para preparar adequadamente a Alemanha para a guerra. A equiparação entre campo e cidade, para os nazistas, estava mais relacionada à guerra do que com uma utopia bucólica. Então, a valorização do trabalho manual é vista nos trabalhadores rurais e também nos urbanos.

De maneira semelhante ao ocorrido com os trabalhadores rurais, os trabalhadores urbanos também estavam em uma realidade bem adversa daquela mostrada nas propagandas políticas. Antes mesmo dos nazistas subirem ao poder, os trabalhadores se encontravam em uma situação alarmante de desemprego. A propaganda nazista sobre melhorias nas condições de trabalho, prometiam a diminuição da taxa de desemprego e desenvolvimento na carreira do trabalhador através da valorização de seu serviço.

No entanto, do mesmo modo como ocorreu com os camponeses, a maior parte das promessas feitas pelos nazistas para os trabalhadores urbanos e pequenos comerciantes, durante sua campanha, não foram cumpridas. A parcela do empresariado que mais lucrou com a subida de Hitler ao poder foi a dos grandes empresários. Os pequenos comerciantes que, inicialmente, compunham seus grandes apoiadores foram os mais prejudicados.<sup>183</sup> O autoritarismo que os nazistas exerciam sobre os trabalhadores, era o motivo que atraía os grandes empresários, já que se evitaria impasses como as greves e reivindicações trabalhistas.<sup>184</sup>

---

<sup>182</sup> Mas a base real da recuperação da Alemanha foi o rearmamento, para o qual o regime nazista dirigiu as energias da indústria e do trabalho, assim como a dos generais — de 1934 em diante. O conjunto da economia alemã veio a ser conhecido na terminologia nazista como *Wehrwirtschaft*, ou economia de guerra. Ela devia deliberadamente funcionar não apenas no tempo de guerra, mas também no período de paz que antecede a guerra. A finalidade do plano era tornar a Alemanha autossuficiente em quatro anos, de forma que o bloqueio do período da guerra não a sufocasse. SHIRER, *ibidem*, p.349-352.

<sup>183</sup> Os pequenos comerciantes, que foram um dos principais sustentáculos do partido e esperavam grandes coisas do chanceler Hitler, logo se viram, muitos deles, exterminados e forçados a voltar para as fileiras dos assalariados. As leis decretadas em outubro de 1937 dissolviam simplesmente todas as empresas de capital inferior a 40 mil dólares e proibiam o estabelecimento de novas com o capital inferior a 200 mil. Isto liquidou imediatamente um quinto de todas as pequenas firmas. Por outro lado, os grandes cartéis, já favorecidos durante a república, foram continuamente reforçados pelos nazistas. Na realidade, os cartéis se tornaram obrigatórios pela lei de 15 de julho de 1933. *Ibidem*, p.353.

<sup>184</sup> Além de seus bons lucros, o homem de negócios animou-se também com a maneira pela qual os operários haviam sido colocados em seu devido lugar, no regime de Hitler. Não havia mais pedidos de salários absurdos. Na realidade, os salários foram um pouco reduzidos, apesar da elevação do custo de vida em 25%. E, sobretudo, não

A situação da contemporânea escravidão feudal vivida pelos camponeses é análoga à realidade dos trabalhadores urbanos. Se na situação anterior, a terra decretava um vínculo eterno com seu dono, agora, esse vínculo perpétuo era determinado pela carteira de trabalho.<sup>185</sup> Nota-se que para os nazistas, a questão da fidelidade estava atrelada inclusive ao trabalho. O trabalhador deve prometer ser leal e obediente àquele que preza por seu suposto bem-estar.<sup>186</sup> Os nazistas se beneficiaram da situação de calamidade que pairava sobre a Alemanha, pois a miséria, o desemprego e a fome, sem sombras de dúvidas, foram estopim para que o trabalhador trocasse sua liberdade por comida.<sup>187</sup> Com relação aos empresários, apesar da lei ser expressiva quanto ao seu dever de cuidar de seus funcionários, na prática, o que ocorria eram abusos e opressões das mais diversas.<sup>188</sup>

O fato é que ironicamente, as indústrias no período alemão cresceram em seu rendimento produtivo. Hitler foi favorecido por exigir lealdade e comprometimento de um povo que historicamente sempre foi dependente de uma figura central que determinasse o que deveria ser feito.<sup>189</sup> Verifica-se que o autoritarismo e a obediência eram valores que já estavam enraizados na sociedade alemã. O grande mérito dos nazistas, não foram as mentiras que pretendiam lograr os trabalhadores através da propaganda política, e sim por ter conseguido garantir emprego a uma massa de trabalhadores que estava há anos em uma desesperadora situação de vulnerabilidade. Com trabalhadores que enfim conseguiam se alimentar, vestir-se e

---

havia greves custosas. Na verdade, não havia greves. Tais manifestações de rebeldia foram *verboten* no Terceiro Reich. SHIRER, *ibidem*, p.355.

<sup>185</sup> A carteira de trabalho foi introduzida em fevereiro de 1935, e eventualmente nenhum operário seria empregado sem possuí-la. Devia registrar suas aptidões e empregos. A carteira de trabalho não somente permitia ao Estado e ao patrão ficarem a par dos dados de todo simples empregado no país, como servia para amarrar o operário ao seu emprego. Se o operário desejasse abandoná-lo por outro, o patrão poderia reter sua caderneta, o que significava que ele não poderia empregar-se legalmente em outro lugar. Enfim, a 22 de junho de 1938, um decreto especial promulgado pelo Ministério do Plano de Quatro Anos instituiu o recrutamento do trabalho, que obrigava todo alemão a trabalhar onde o Estado designasse. Os operários que se ausentavam de seus empregos sem boa justificativa, estavam sujeitos a multa e a prisão. *Ibidem*, p.357.

<sup>186</sup> E exatamente como nos velhos tempos o senhor era responsável pelo bem-estar de seus súditos, pela lei nazista o empregador era “responsável pela situação dos funcionários e operários”. Em compensação, dizia a lei, “os funcionários e trabalhadores devem-lhe fidelidade”, isto é, tinham de trabalhar dura e longamente e não falar pelas costas ou murmurar, inclusive a respeito de salários. *Ibidem*, p.355.

<sup>187</sup> Seu emprego estava garantido, coisa que raramente conheceu durante a república. Mas o que mais contribuiu para a aceitação de seu papel na Alemanha nazista foi, sem dúvida alguma, o fato de que possuía novamente um emprego e a segurança de que o conservaria. Um observador que houvesse reconhecido algo a respeito de sua situação precária durante a república, compreenderia por que ele parecia não estar desesperado ante a perda da liberdade política e mesmo de seus sindicatos, visto que possuía emprego de tempo integral. *Ibidem*, p.358-361.

<sup>188</sup> Os salários eram fixados pelas juntas de trabalho, nomeadas pela Frente do Trabalho. Na prática, elas adotavam os valores de acordo com os desejos do patrão — os trabalhadores não eram sequer consultados em tais questões — (...). SHIRER, 2008, *loc. cit.*

<sup>189</sup> A grande máquina de guerra alemã que se arremessou contra as fronteiras da Polônia na madrugada de setembro de 1939, jamais teria sido montada sem a enorme contribuição que o trabalhador alemão lhe deu. Disciplinado como era e algumas vezes aterrorizado — como todos, aliás — e séculos de obediência à autoridade o acostumaram, como a todos os alemães, a fazer o que lhe era dito. *Ibidem*, p.360.

morar dignamente, não é difícil imaginar o porquê pouco sentiram sua liberdade ser tolhida. Equivocadamente, os trabalhadores apoiaram Hitler, mas não de modo direto em suas fantasias racistas e crimes bárbaros, mas sim na construção da etapa fundamental para garantir o sucesso nos campos de batalha: “a produção de artigos para à guerra.”<sup>190</sup>

À vista disso, no discurso filmico vêm-se que ambas as formas de trabalhos são valorizadas, sendo no campo ou nas cidades. Se na cena anterior, houve uma valorização do trabalho manual nos campos, nos planos seguintes será enaltecido o trabalho manual nas cidades. Até porque a Alemanha do início do século XX, embora ainda governada predominantemente pela velha aristocracia, era um país de cidades e não de campos.<sup>191</sup>

Tanto que nos planos seguintes, vêm-se uma metáfora com relação a “plantar árvores”, como se fosse um elo que une, isto é, equipara, os trabalhadores rurais aos urbanos. Pois, os trabalhadores urbanos ao plantar arvores, simbolizam a vida, a prosperidade, como se fizessem uma homenagem aos trabalhadores do campo. Já que para a terra gerar uma boa colheita, ela deve ser profícua. Constatado em 34’36” na frase: “Novas extensões de terras para o homem do campo. ”. Contudo, estava em voga entre os alemães urbanos, cansados do ritmo acelerado e desorganização das metrópoles, a busca pelo contato mais próximo com a natureza, ou seja, esse romantismo campestre já existia como tendência.<sup>192</sup>

Ademais, o sentido de valorização do trabalho urbano é corroborado no plano em 38’28” a 36’33”, quando os trabalhadores afirmam: “... Construimos estradas de vila a vila, de cidade em cidade. ”. É fato que a edificação dos grandes centros urbanos estava atrelada aos serviços de infraestrutura. Cidades como Berlim, tornam-se referência na utilização de correios e estradas de ferro. Outro fator que reforça a ideia de trabalho urbano, é que nos planos conjuntos, nos quais, os trabalhadores são filmados, não há enxadas. Os trabalhadores são filmados da cintura para cima, de modo que não aparecem suas enxadas amplamente exibidas na cena anterior. Os trabalhadores permanecem enfileirados, em número expressivo, para ratificar que uma legião de trabalhadores estava pronta para lutar pela Alemanha e por Hitler. Sentido respaldado pela frase: “...terra e pão para a Alemanha. ”. De acordo com o discurso

---

<sup>190</sup>SHIRER, *ibidem*, p.361.

<sup>191</sup> (...) há muito tempo essas elucubrações não correspondiam mais, e ainda menos entre 1919 e 1933, à realidade alemã. Ainda que muito difundida, é falsa a imagem de uma Alemanha de vastas extensões naturais, campos e florestas infinitos (...) De fato a Alemanha é um país de cidades. Sua urbanização data dos séculos XII e XIII. RICHARD, *ibidem*, p.74.

<sup>192</sup> Um movimento de troca de lugar também em sentido contrário, da cidade para o meio rural. Milhares são os cidadãos que partem, nos seus momentos de lazer, para o campo (...) Aliás, como acordo entre o homem das cidades e o homem do campo, muitas aldeias se organizam e fazem, paradoxalmente, concessões aos intrusos: é a invenção dos alojamentos e albergues rurais pitorescos (...). *Ibidem*, p.77.

filmico, para os trabalhadores urbanos, lutar significava ser leal ao seu patrão e competente em seu serviço.

Repete-se a mesma lógica argumentativa da cena anterior do trabalho rural, os jovens líderes possuem a função de comandar a tropa de jovens trabalhadores/soldados. É através da transmissão de seu entusiasmo, que os sentimentos de irmandade e comprometimento com o serviço serão despertados na massa de jovens.

Cena de 36'21" a 36'42": No primeiro quadro, com o primeiríssimo plano, o jovem líder em 36'21", declara: "Plantamos árvores." No quadro seguinte, com o plano conjunto, os trabalhadores confirmam em 36'23": "Plantamos árvores." No quadro subsequente, em primeiro plano, o líder afirma em 36'26": "Florestas farfalham." No quadro imediato, com o plano conjunto, os trabalhadores declaram em 36'28": "Florestas farfalham. Construimos estradas de vila a vila, de cidade em cidade. ". No quadro posterior, com o primeiríssimo plano, o líder em 36'34", diz: "Novas extensões de terras para o homem do campo." No último quadro, com o plano conjunto, em 36'37", os trabalhadores concluem: "Campos e florestas, terra e pão para a Alemanha. "





Plano de 36'43" a 36'45": Plano com o primeiríssimo plano em contra-*plongée*, onde Hitler aparece como se simultaneamente fosse um guru e um pai, protetor e austero, que atentamente assiste aos seus filhos cumprirem seu dever em busca de sua anuência.<sup>193</sup>



É primordial para a composição do discurso fílmico, a construção desse jovem obstinado em servir a Alemanha, por conseguinte a Hitler. Esse jovem que é tão leal, disciplinado e obediente, e confia tanto em Hitler, que entrega a sua própria vida como prova de retribuição a quem sempre zelou<sup>194</sup> e o tratou com respeito e carinho, a nação e seu *Führer*. O juramento de fidelidade a Hitler feito pelo jovem, dava-se ainda na infância, na transição da

<sup>193</sup> Outro filme, documentário, *A Juventude Hitlerista nas montanhas*, mostra como os jovens nazistas vão sendo impregnados das tradições esportivas e naturistas, através de seu dia a dia nas montanhas. É construída toda uma imagem positiva de felicidade, associada a trabalho, esporte e disciplina. A imagem serena de um jovem que dorme é superposta a imagem do rosto impávido do *Führer*, sugerindo proteção e guia para o jovem. LENHARO, *ibidem*, p.67.

<sup>194</sup> O jovem no Terceiro Reich crescia para ter corpo forte e sadio, fé no futuro de sua pátria e em si mesmo e um sentido de solidariedade e camaradagem que destroçasse todas as barreiras sociais e econômicas. Pensei a este respeito, nos dias de maio de 1940, quando ao longo da estrada de Aachen a Bruxelas se verificava o contraste entre os soldados alemães, de pele bronzeada e limpa, de uma juventude que vivia ao sol e com uma alimentação adequada, e os primeiros prisioneiros de guerra britânicos, de peitos encovados, ombros encurvados, a cor pálida e dentes estragados — exemplos trágicos de juventude que a Inglaterra negligenciara tão irresponsavelmente no período entre as duas guerras. SHIRER, *ibidem*, p.346.

organização infantil *Pimpf* para *Jungvolk*.<sup>195</sup> Pelo tom funesto do juramento, nota-se que a educação nazista, tinha como objetivo preparar o jovem para morrer em nome de Hitler e da Alemanha, desde a infância. Tal observação não é surpreendente, já que uma educação militarizada que exalta força física, armas, combates e toda a simbologia belicista, não poderia deixar de tratar do assunto inevitável das batalhas, a morte.<sup>196</sup>

À vista disso, os nazistas procuraram uma forma de tornar a morte mais aceitável, transformando-a em uma prova de bravura, honra e lealdade que somente um verdadeiro herói poderia ter.<sup>197</sup> Ademais, para os nazistas, a morte de um ariano, não significava seu fim, pois ao morrer o ariano iria estar sempre vivo na memória, metaforicamente através de seu legado, da glória eterna do Terceiro Reich. Os planos seguintes demonstram essa intenção dos nazistas.

Plano de 37'30" a 37'56": O plano é filmado em primeiro plano, para dar destaque as expressões do jovem líder que faz seu juramento: "Quem não for para as trincheiras, nem ficar sob o fogo das granadas, não pode ser considerado um soldado". Nota-se que no quadro também são exibidos mais soldados ao fundo, dando uma ideia de que o líder está sendo apoiado no que diz. Em 37'41", um outro jovem trabalhador grita com a voz fora de campo: "Com os nossos martelos, machados, pás e ancinhos...". Os objetos mencionados são respectivamente os utensílios usados pelos trabalhadores urbanos e do campo. A frase do jovem trabalhador com a voz fora de campo, é um complemento da frase pronunciada anteriormente. Pois, além da luta nas trincheiras, os trabalhadores também lutavam nas fábricas e nos campos.

Em 37'47", retorna para a voz do jovem líder: "somos a tropa jovem deste Reich. Como em Langemarck...". Corroborando com a frase anterior, já que o sentido de tropa jovem, o R.A.D, abrange os trabalhadores do campo e da cidade, outrossim os soldados que estão nos campos de batalhas. A frase é exclamada em tom de cólera, indicando que os jovens estavam

---

<sup>195</sup> De 6 a 10 anos, um rapaz fazia uma espécie de aprendizado para a Juventude Hitlerista, como um *Pimpf*. A cada jovem era fornecido um livro de registro, no qual seria anotado seu progresso durante todo o movimento da juventude nazista, inclusive seu desenvolvimento ideológico. Aos 10, depois de passar por testes consecutivos de atletismo, de acampamento e de história nazificada, recebia o grau de *Jungvolk* (Jovem Camarada), quando fazia o seguinte juramento: "-Diante desta bandeira de sangue, que representa nosso *Führer*, juro dedicar todas as minhas energias e forças ao salvador de nossa pátria, Adolf Hitler. Estou disposto e pronto a dar minha vida por ele, com a ajuda de Deus." SHIRER, *ibidem*, p.342.

<sup>196</sup> Assim eram preparados, no Terceiro Reich, os jovens para a vida, para o trabalho e para a morte. *Ibidem*, p. 345.

<sup>197</sup> Jünger, já notório cantador do heroísmo e da guerra, atira sobre a morte o investimento do futuro, ao aludir à necessidade da semente morrer para poder vingar na terra e dar muitos frutos. Mesmo porque, "que há de mais nobre do que marchar para a morte, à frente de uma centena de homens?". LENHARO, *ibidem*, p.86.

prontos para lutar pela Alemanha, por Hitler, isto é, para a construção da glória eterna do Reich, onde quer que fossem ordenados.



Cena de 37'57" a 38'43": O jovem líder conclui sua frase com a voz fora de campo. Enquanto ele fala: "...em Tannenberg, em Liege, em Verdun, em Somme, em Duna, nos Flanders, no Oeste, no Leste, no Sul, na terra, no Mar e no céu. ". No plano em 38'38", o líder diz: "Camaradas enfrentando tudo até a morte". No decorrer da cena, corta-se para os planos subsequentes. A cena sugere a ideia de conclusão da cerimônia de sacramento dos jovens. Agora, que o juramento de lealdade a Hitler e a Alemanha foi feito, o jovem estava formalmente admitido na comunidade ariana. Devendo ser obediente, fiel e corajoso, colocando sempre o bem do Reich, e da comunidade, sobre o seu próprio. Portanto, a morte não seria um fim trágico, e sim um prêmio para aqueles que tem honra e coragem.

Destaque para os quadros abaixo, com o plano aberto, em que aparecem Hitler e outros políticos fazendo a saudação nazista na arquibancada, como sinal de aprovação. Também, evidencia-se o quadro em que é exibido o símbolo da águia ao fundo, com os trabalhadores na frente de costas, sugerindo que o único rumo e direção, na qual, os jovens soldados e trabalhadores devem se guiar é o Reich, ele é o destino.





Cena de 38'46" a 38'53": Todos os jovens soldados/trabalhadores exclamam em uníssono: "Você não está morto! Está vivo na Alemanha." No primeiro quadro, com o primeiro plano, no qual, o jovem líder comanda sua tropa de trabalhadores soldados. No segundo quadro,

com o plano aberto em *plongée*, as massas de jovens trabalhadores são filmadas enfileiradas para transmitir a ideia de um colossal exército “armados”, ainda que sejam com enxadas.



A última cena, é concluída com o discurso de Hitler, sintetizando a lógica argumentativa da sequência com os jovens do R.A.D. Através do pronunciamento de Hitler, fica perceptível que os nazistas pretendiam transmitir com o discurso filmico, uma idealização de uma Alemanha sem classe e distinções sociais. Sendo essas diferenciações destruídas pelo conceito do “homem ariano”, em que o sangue – raça –, seria o único fator capaz de nivelar, e solucionar, as históricas diferenças sociais da sociedade alemã<sup>198</sup>. Forjando um sentimento de unidade por meio do sangue –raça –. Também é enfatizado em seu discurso, a valorização do trabalho duro no trecho: “não mais haverá alguém na Alemanha que olhará, o trabalho do campo menos importante do que qualquer outro. A nação inteira passará pelo treinamento que vocês passaram. Virá o tempo em que nenhum alemão se juntará a comunidade desta nação, a menos que ele tenha sido membro de nossa comunidade antes. ”. Nessa fala, Hitler profetiza a lei que será decretada em 1936, tornando obrigatório ao jovem se alistar no R.A.D<sup>199</sup>.

Outro ponto importante, é a questão da figura paterna que Hitler assume ao falar com a juventude. Pode-se afirmar que esse comportamento é influenciado pela educação repressora que sempre esteve presente na sociedade alemã.<sup>200</sup> Hitler pretendia substituir a autoridade

<sup>198</sup> A economia de guerra compreendia, por sua vez, que os trabalhadores deveriam dar sua contribuição, deixando de lado qualquer atitude “antipatriota”, isto é, qualquer exigência de classe. Mais do que disciplina do trabalho, era dever do trabalhador participar e se sentir gratificado como “soldado do trabalho”. LENHARO, *ibidem*, p.32-33.

<sup>199</sup> (...) aos 18 anos de idade, no trabalho compulsório e, depois, servindo, como conscritos, nas forças armadas. SHIRER, *ibidem*, p.336.

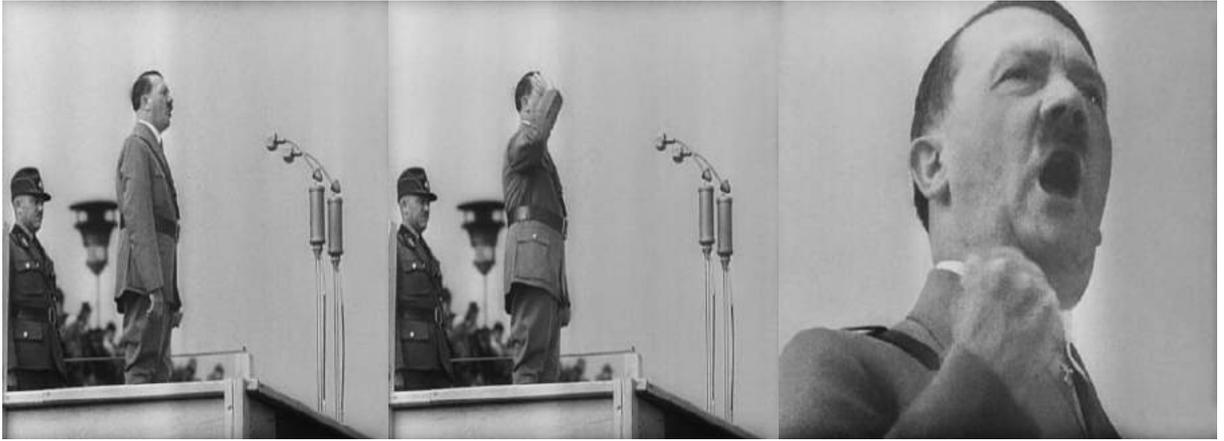
<sup>200</sup> Entre os camponeses, essa região de pequenos negócios familiares assumia a forma de patriarcalismo. O poder era exercido pelo pai, (...) Ele decidia absolutamente tudo, até a partilha de sucessão. Quando um filho rejeitava sua autoridade, era excluído da família. O respeito ao decoro funcionava como uma lei tácita. RICHARD, *ibidem*, p. 79.

paterna nos lares, na esfera íntima. Sequestrando os filhos de seus lares, para serem os filhos da Alemanha, como ele afirma na frase: “Ela vê, com orgulho seus filhos marchando em suas fileiras.” Contudo, observa-se que além do direito sobre a morte, os nazistas pretendiam ter também o direito sobre a vida. Visto que, o jovem alemão era precocemente retirado de seu lar, para ficar cotidianamente expostos às doutrinas nazistas. O jovem não tinha mais o direito de possuir autonomia sobre sua própria vida, era o Estado nazista que decidia sobre o que era bom ou ruim para ele. Esse predomínio sobre o corpo do jovem, começava na infância e finalizava com sua prematura morte na guerra.

A cena finaliza com planos que insinuam que a tropa de jovem estava à espera do comando de seu principal líder, o *Führer*, constatado na frase: “Ela vê, com orgulho seus filhos marchando em suas fileiras.” Agora, depois de ouvir seu discurso e suas ordens, estavam, portanto, autorizados a deixarem a cerimônia, restando aos jovens saírem para o cumprimento de seu dever. Provando ser um bom filho, obediente e leal, marchando em sinal de disciplina e para mostrar-se combatente; tal como fora ensinado nos anos de formação da Juventude Hitlerista. Hitler fica na arquibancada assistindo seus filhos marcharem em direção à guerra, às fábricas e aos campos, assim como um pai orgulhoso e ciente de que está criando seus filhos da maneira correta.

Cena de 39’02” a 40’42” : Inicialmente com o plano médio, e depois em primeiríssimo plano para dar ênfase em suas expressões faciais sempre enérgicas ao falar eloquentemente. Hitler discursa: “Homens trabalhadores, pela primeira vez vocês vem aqui desse modo, para a inspeção diante de mim e diante de toda a nação alemã. Vocês representam o grande ideal, e sabemos disso por milhões de nossos compatriotas, que o conceito de trabalho não mais será um conceito de divisão, mas sim de união, e que não mais haverá alguém, na Alemanha que olhará, o trabalho do campo menos importante do que qualquer outro. A nação inteira passará pelo treinamento que vocês passaram. Virá o tempo em que nenhum alemão se juntará a comunidade desta nação, a menos que ele tenha sido membro de nossa comunidade antes. E vocês sabem que não só milhares em Nuremberg, estão olhando para vocês, mas neste momento toda a Alemanha vê vocês pela primeira vez. E sei que vocês estão servindo a Alemanha com leal devoção. Ela vê, com orgulho seus filhos marchando em suas fileiras.”

Os planos com as massas de jovens são predominantemente com o plano conjunto, alternando para o primeiro plano. A câmera permanece parada enquanto os jovens marcham em direção ao norte passando por ela, transmitindo a ideia de movimento, de que aquela multidão de jovens “armados” com pás, estão caminhando rumo à guerra.



#### 4.4.4 Forças Paramilitares: Tropas de Assalto (*Sturmabteilung* – S.A) e Esquadra de Proteção (*Schutzstaffel* – S.S)

Os fatos históricos mais marcantes que influenciaram os nazistas foi a derrota na Primeira Guerra e a imposição das exigências do Tratado de Versalhes. Ambos os eventos históricos ocasionam na Alemanha um sentimento profundo de humilhação e subjugação perante outras potências mundiais e um sentimento de vergonha até com relação à própria história alemã que outrora fora grandiosa. Esses sentimentos permearam a sociedade alemã como um todo, independentemente do estrato social. Porém, uma parcela da população em especial sentiu-se mais prejudicada, para o exército imperial as cláusulas do Tratado de Versalhes os ridicularizava imensamente.<sup>201</sup> Para o exército, era preciso vingar-se sobre aqueles que um dia subjugaram a Alemanha, e reconquistar o poderio militar que foi forçosamente desarmado.

Antes da ascensão nazistas, algumas organizações paramilitares já funcionavam como *Freikorps*<sup>202</sup>, uma força militar com armamento bem reduzido, porém com a função momentânea de proteger a Alemanha de ataques, principalmente de oposições políticas esquerdistas. Por ter suas forças armadas limitadas, o antigo exército imperial ansiava por uma oportunidade para reintegrar sua soberania militar sem se preocupar com as cláusulas do Tratado de Versalhes. Muitos dos ex- soldados do exército que não se sentiam contemplados nas *Freikorps*, acabavam por recorrer a Hitler e ao nascente Partido Nazista como amparo político realmente agressivo e eficaz, sendo os únicos capazes de reestabelecer as forças armadas alemãs. O apoio dos ex-soldados, possibilitou a criação da S.A<sup>203</sup>, chefiadas por Ernst Röhm<sup>204</sup>.

A S.A pode ser entendida como uma força armada estratégica que garantiu a ascensão dos nazistas ao poder, no entanto, nunca foram moralmente confiáveis de acordo com Hitler.

---

<sup>201</sup> O tratado restringia o exército a cem mil voluntários a longo prazo, proibindo-lhe que possuísse aviões e tanques. O Estado-maior era também proscrito. A marinha foi reduzida a pouco mais do que uma força simbólica, sendo-lhe vedado construir submarinos ou barcos de mais de 10 mil toneladas. SHIRER, *ibidem*, p.92.

<sup>202</sup> Os *Freikorps* (Corpos Voluntários), tropas reconstituídas do antigo exército imperial, usadas pela administração socialdemocrata, massacrando o movimento espartaquista. LENHARO, *ibidem*, p.18.

<sup>203</sup> De início, havia alguns aristocratas no partido, mas a maioria dos militantes era formada por lojistas arruinados pela crise, que anteviam a possibilidade de assaltar grandes lojas de judeus, e por ex-soldados do exército que organizaram agressivos grupos paramilitares de repressão aos comunistas. Em novembro de 1921, esses grupos recebem a designação de S.A, cuja função publicamente justificada era defender os comícios nazistas. Em 22, as S.A contavam com seis mil membros e já no ano seguinte, com quinze mil. *Ibidem*, p.20.

<sup>204</sup> Ernst Röhm, oficial do Exército, calejado por mil batalhas, com profundas cicatrizes de metralhadora no rosto que intensificavam a frieza de seu olhar, perito em táticas militares e homossexual, assistiu às reuniões de Hitler desde o início. (...) Precisavam de um homem duro, que tivesse contatos com as altas esferas da *Reichswehr* e que, por meio deles, pudesse conseguir as armas e o material necessário para equipar um exército político que protegesse as atividades eleitorais do partido. Röhm era esse homem. CORES, *ibidem*, p.44.

Já que boa parte de seus membros eram o que Hitler chamava de “degenerados” como homossexuais, alcoólatras, ex-soldados moribundos e criminosos sórdidos<sup>205</sup>. Porém, eram peritos em transformar os sentimentos de frustração e vingança em combustível de combate. Embora, de início, Hitler estava disposto a ignorar os desvios morais dos membros, contanto que as S.A cumprissem sua missão de espalhar medo e terror pelas ruas das cidades da Alemanha, principalmente na Baviera.<sup>206</sup> A princípio, dois valores nazista descreviam a S.A: a violência e o fanatismo<sup>207</sup>, ambos úteis para aquele início de formação partidária, no qual, os nazistas precisavam demonstrar brutalidade e impetuosidade para seus oponentes políticos e também para atrair adeptos radicais interessados em bruscas mudanças sociais.

Durante a década de 1920, os nazistas, com partido ainda em estágio embrionário sob o processo de formação, deflagraram diversos golpes políticos, entre os mais conhecidos está o *Putsch* da Cervejaria em 9 de novembro de 1923.<sup>208</sup> Resultando no fracasso do golpe e na dissolução do partido. Contudo, a prisão de Hitler projeta seu nome para além dos limites da Baviera, tornando o seu desconhecido partido e suas ideias famosas por toda a Alemanha e também fora dela. Hitler se transforma para alguns alemães, uma espécie de herói e patriota.<sup>209</sup>

No ínterim que passou na prisão, Hitler repensou suas estratégias políticas e as relatou em seu livro *Mein Kampf*. Percebeu que ao invés de tentar subir ao poder através da violência, poderia buscar meios mais eficazes e legais. Decidiu que ao sair da prisão, procuraria unir as forças políticas e econômicas predominantes no Estado alemão, como o exército e os grandes

---

<sup>205</sup> A unidade, estabelecida oficialmente em agosto de 1921, tinha como dever primário proteger os líderes nazistas em seus deslocamentos e atividades políticas. Constituída por antigos membros dos *Freikorps*, da *Reichswehr* e por alcoólatras e criminosos que eram recompensados com a ilusão de pertencer à raça eleita, realizou sua função com uma violência que, em muitos casos, era injustificada. CORES, *ibidem*, p.45-46.

<sup>206</sup> Ainda em 1920, no mês de março, a direita tentou fazer reverter o processo político por meio de um golpe monarquista. (...) Em Munique, entretanto, o movimento golpista colheu seus frutos: o governo local, de coalizão socialdemocrata e burguesia, foi deposto, e von Karr, militar de tendência monarquista, assumiu o poder na Baviera, afirmando a tendência autonomista e o desrespeito ao poder central da República. (...) Munique era então o centro das atividades terroristas da direita. LENHARO, *ibidem*, p.20-21.

<sup>207</sup> Hitler apoiaria publicamente essa atitude agressiva e feroz da S.A, proclamando que “o futuro de um movimento depende do fanatismo, e mesmo da intolerância, com que seus partidários o exaltam, exibindo-o como o único rumo certo e levando-o adiante em oposição a ideias de caráter similar”. CORES, *op. cit.*, p.46.

<sup>208</sup> Hitler procurava agrupar monarquistas, autonomistas, nacionalistas, e buscar apoio das autoridades e do exército a fim de tentar um golpe de Estado. Em 9 de novembro de 1923 as autoridades sequestradas, e Hitler proclama-se juntamente com o herói de guerra Ludendorff, chefe do novo governo. Mas as autoridades de Munique, o exército e a polícia não cedem e o movimento golpista chega ao fim. No início do ano seguinte Hitler, Ludendorff e Röhm são levados a julgamento. Ludendorff é absorvido, Hitler é condenado a cinco anos de prisão com promessa de comutação de pena. SHIRER, *ibidem*, p.113.

<sup>209</sup> Hitler era suficientemente sagaz para compreender que seu julgamento, longe de liquidá-lo, iria proporcionar-lhe, uma nova tribuna (...) Hitler transformara a derrota em triunfo (...) impressionou o povo alemão com a eloquência e o fervor do seu nacionalismo e enalteceu o próprio nome nas primeiras páginas dos jornais de todo o mundo. *Ibidem*, p. 114-118.

industriais para obter êxito em seu intento de ascender ao poder.<sup>210</sup> Tomou como aprendizado, que precisava saber controlar seu ódio contra os socialdemocratas e as frentes políticas operárias<sup>211</sup>, pois eles representavam elementos decisivos para garantir sua vitória nas eleições ou pelo menos uma brecha para conquistar o poder.

Com seu armamento reduzido<sup>212</sup>, o exército não podia agir muito militarmente, entretanto, encontrou nas vias políticas do parlamentarismo alternativas para auxiliar os nazistas em sua empreitada até a conquista do poder do Estado alemão.<sup>213</sup> Principalmente contando com o auxílio dos políticos eleitos que atuavam internamente no *Reichstag* (Parlamento da Alemanha), ajudando os nazistas em suas negociações políticas.<sup>214</sup>

Outro abandono importante que Hitler decide fazer o uso equivocado das frentes pangermânicas, Hitler percebeu que essas frentes eram demasiadamente eruditas e fastidiosas, portanto, jamais conseguiriam cativar as pessoas comuns.<sup>215</sup> Era necessário assumir uma propaganda política mais acessível, apazível e entusiástica. Em vista disso, uma das armas estratégicas projetadas por Hitler foi a de forjar inimigos que prejudicavam historicamente a Alemanha, quer seja internamente como os judeus, bolchevistas e o parlamento, ou externamente os algozes do Tratado de Versalhes. E uma das lendas que ajudaram os nazistas a terem apoio do exército foi a dos “criminosos de novembro de 1918”.<sup>216</sup> Em síntese, Hitler estava disposto a usar todos os mecanismos possíveis, para criar um partido nacionalista com

---

<sup>210</sup> LENHARO, *ibidem*, p. 22.

<sup>211</sup> Ao primeiro contato, adquiriu violento ódio pelo partido dos socialdemocratas. (...) Não obstante, Hitler foi suficientemente inteligente e reprimiu o seu ódio contra esse partido da classe operária, a fim de examinar cuidadosamente as razões de seu êxito popular. SHIRER, *ibidem*, p. 45.

<sup>212</sup> O exército, 100 mil soldados permitidos pelo Tratado de Versalhes, sob o comando de Von Seeckt, assumiu uma postura aparentemente apolítica, convertendo-se numa força política à parte: não só favorecia a atuação dos grupos paramilitares financiados pelas grandes indústrias, mas também pressionava a justiça para não punir os culpados que mantinham a onda de atentados e assassinatos. LENHARO, *ibidem*, p.20.

<sup>213</sup> As leis referentes à traição eram implacavelmente aplicadas contra os que apoiavam a República; mas aqueles da direita que procuraram derrubá-la, como Adolf Hitler iria logo aprender, ou permaneciam em liberdade, ou incorriam em sentenças levíssimas. Mesmo os assassinos, se pertenciam à direita, sendo suas vítimas democratas, eram tratados com indulgência pelos tribunais, ou então, como não raro ocorria, eram ajudados a escapar à custódia das cortes e justiça por oficiais do exército e extremistas da ala da direita. SHIRER, *op. cit.*, p.95.

<sup>214</sup> O fracasso do governo devidamente eleito, no sentido de contribuir um novo exército leal ao seu próprio espírito democrático e subordinado ao Gabinete e ao *Reichstag*, conseguiu um erro fatal para a república, como o tempo demonstrou. Outro fracasso foi deixar de fazer um expurgo no poder judiciário. Os administradores da lei converteram-se num dos centros da contrarrevolução, corrompendo a justiça a favor de fins políticos reacionários. *Ibidem*, p.94.

<sup>215</sup> *Ibidem*, p.47.

<sup>216</sup> Para ele, como para a maioria dos alemães, foi uma coisa “monstruosa” e imerecida. O exército alemão não fora vencido no campo de batalha. Fora apunhalado pelas costas, na própria Alemanha, pelos traidores. Assim, surgiu para Hitler, como para tantos outros alemães, a crença fanática na lenda da “punhalada pelas costas”, que, mais do que qualquer outra coisa, deveria solapar a República de Weimar e preparar o caminho para o triunfo final de Hitler. *Ibidem*, p.57.

uma forte adesão popular.<sup>217</sup> Os anos seguintes são marcados por sangrentas disputas políticas e uma obstinação visceral de Hitler para chegar ao poder.

Após sair da prisão Hitler empenhou-se em reestabelecer o partido e suas forças armadas da S.A, os “camisas marrons” como eram conhecidos, que foram dissolvidas logo após a tentativa do golpe.<sup>218</sup> Se anteriormente, Hitler nunca confiara totalmente nos membros da S.A, agora que estava disposto a tudo para alcançar o poder, não poderia correr o risco de ficar à mercê de um bando de desequilibrados e bárbaros que não conseguiam manter a ordem nem o bom senso entre eles próprios.<sup>219</sup> Para solucionar o problema da confiabilidade, Hitler cria as S.S, vestindo seus membros com um uniforme preto.<sup>220</sup> Inicialmente, a função das S.S era ser uma espécie de guarda particular de Hitler, também cumprir outras demandas, e não do partido como um todo como era o caso das S.A. Com isso, fica implícito o desejo de Hitler de se distinguir do Partido Nazista, para tomar seu posto de líder, e colocar em prática sua forma de governo *Führerprinzip*.

Para análise do filme *O Triunfo da Vontade*, é interessante ressaltar que uma das grandes diferenças entre as duas organizações armadas é o grau de lealdade a Hitler. A lealdade a Hitler é um dos princípios mais vistos durante todo o filme, não apenas nas forças paramilitares como em outras cenas com outros personagens. Entretanto, os valores como disciplina, obediência e lealdade – chegando a ser até uma idolatria doentia – serão a própria definição das S.S.

Para cumprir sua missão de ascender ao poder, Hitler precisava de uma sólida e confiável equipe ao seu redor, para isso, tanto quanto aterrorizar seus oponentes, procurou

---

<sup>217</sup> Como Hitler, odiava ardentemente a república democrática e os “criminosos de novembro”, os quais considerava responsáveis por ela. Seu objetivo recriar na Alemanha um poderoso partido nacionalista e, à semelhança de Hitler, acreditava que isso só poderia ser feito por um partido que se baseasse nas classes inferiores, das quais ele próprio, como a maioria dos oficiais do exército regular, provinha. SHIRER, *ibidem*, p.66.

<sup>218</sup> Reprimindo sua cólera pela proibição, que lhe haviam imposto, de falar em público, passou a trabalhar furiosamente no sentido de reconstruir o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães e transformá-lo numa organização como a Alemanha jamais vira. Pretendia fazê-lo como exército –um Estado dentro do Estado (...). A organização política do Partido Nazista foi dividida em dois grupos: o PO I, como era conhecido, destinado a atacar e minar o governo, e o PO II, para construir um Estado dentro do Estado (...). Após imensas dificuldades foram reorganizadas as S.A, como grupo armado de algumas de milhares de homens, para proteger as *meetings* nazistas, dissolver os dos outros e generalizar o terror entre os que se opusessem a Hitler. *Ibidem*, p.170-171.

<sup>219</sup> Mas os camisas pardas S.A nunca passaram de uma turba heterogênea de assaltantes. Muitos de seus principais líderes, a começar pelo chefe, Röhm eram conhecidos pervertidos homossexuais. O tenente Edmund Heines, que liderava a S.A de Munique, não somente era homossexual, como assassino confesso. Estes dois e dúzias de outros disputavam e brigavam (...). *Ibidem*, p.171-172.

<sup>220</sup> Para ter à mão um bando mais seguro, Hitler criou as S.S – *Schutzstaffel* - vestindo seus membros com uniforme negro semelhante ao usado pelos fascistas italianos e levou-os a prestar um juramento especial de lealdade à sua pessoa. (...) Quando Himmler tomou direção das S.S, elas somavam uns duzentos homens. Ao terminar sua obra, as S.S dominavam a Alemanha e seu nome espalhava o terror através de toda a Europa ocupada. *Ibidem*, p.172.

expurgar os devassos<sup>221</sup>, não se esquecendo também de eliminar os desleais do Partido Nazista. Aproveitando o momento, Hitler justificou muitos dos expurgos cometidos contra membros do partido, com a desculpa de que estava fazendo uma limpeza moral dentro do Partido Nazista. Em sua escalada até o poder, uma das preocupações de Hitler naqueles anos que antecederam sua vitória, era buscar manter coesão entre os membros do partido. Por essa razão, esses anos precedentes ao governo nazista são marcados por assassinatos, negociações políticas<sup>222</sup> e por conflitos internos entre seus membros, principalmente entre Hitler e Röhm.<sup>223</sup>

Já nas eleições de 1930, Hitler consegue êxito em sua empreitada de reunir grandes forças políticas e econômicas da Alemanha para apoiarem e financiarem seu partido.<sup>224</sup> A propaganda dos nazistas durante o período eleitoral, conseguiu agradar dirigentes industriais, pois a parte que mais lhes interessavam eram as promessas dos nazistas referentes à supressão dos sindicatos e das ideias comunistas/socialistas entre o proletariado, substituindo-as por um controle a partir do próprio Estado nazista, no qual seria regido por um princípio vago de identidade nacionalista que ligava o trabalho à raça.

Além dos dirigentes industriais, Hitler também conquistou a admiração e a aprovação do exército, já que os nazistas se mostravam coléricos com relação às cláusulas do Tratado de Versalhes que subjugaram o poderio militar alemão, portanto, desejando o mesmo do que os militares: vingança. Ademais, apresentavam-se cordiais perante à instituição do exército respeitando, aparentemente, sua hierarquia de poder.<sup>225</sup> Por fim, Hitler atingiu seu grande

---

<sup>221</sup> Quando saiu da prisão, verificou não somente que faziam concorrência uns aos outros, mas que havia uma exigência dos mais rígidos e respeitáveis líderes, tais como Rosenberg e Ludendorff, no sentido de que os criminosos e, principalmente, os perversos, fossem expulsos do movimento. SHIRER, *ibidem*, p.173.

<sup>222</sup> Foi na mansão de Bechstein, que Hitler conheceu muitos líderes dos negócios e do exército e foi lá que ocorreram alguns dos encontros secretos decisivos que conduziram, finalmente, à chancelaria. (...) O problema que enfrentou em janeiro de 1932 foi o seguinte: candidatar-se-ia não para presidente? Apenas pouco antes da campanha, Hitler resolveu o problema de sua cidadania. A 25 de fevereiro, anunciou-se que o ministro nazista do Interior do Estado de Brunswick nomeara *Herr* Hitler adido da legação de Brunswick em Berlim. Por meio dessa manobra de ópera-bufo o líder nazista transformou-se automaticamente em cidadão de Brunswick e, em consequência, da Alemanha, ficando, portanto, em condições de eleger-se presidente do Reich alemão. *Ibidem*, p. 202-218.

<sup>223</sup> Ernst Rohm rompeu com Hitler em 1925 e não muito tempo depois deixou a Alemanha para incorporar-se ao exército boliviano como tenente-coronel. Quase no fim de 1930, Hitler apelou para que retornasse e assumisse novamente a liderança das S.A., que principiava a escapar de seu controle. Seus membros, inclusive os chefes, aparentemente, acreditavam que a revolução nazista viria pela violência, e com frequência cada vez maior se punham a maltratar e a matar nas ruas seus adversários políticos. *Ibidem*, p.205.

<sup>224</sup> O mês de setembro de 1930 foi decisivo para a Alemanha que, inexoravelmente, caminhava para a fundação do Terceiro Reich. O surpreendente sucesso do Partido Nazista na eleição nacional convenceu não apenas milhões de homens do povo, como também muitos capitães de indústria e elementos do exército, de que ali estava um movimento que não poderia ser contido. *Ibidem*, p196.

<sup>225</sup> Na primavera de 1930, três jovens tenentes, Ludin, Scheringer e Wendt, da guarnição de Ulm, foram presos por difundir doutrinas nazistas entre as tropas e por tentar induzir os companheiros oficiais a concordar, no caso de uma revolta armada nazista, em não disparar sobre os rebeldes. Isto constituía alta traição. (...). Uma semana depois dos êxitos nacionalistas na eleição de setembro de 1930, os três oficiais foram citados perante a Corte

mérito em torna-se popular entre as massas, graças aos pesados investimento nas propagandas políticas durante o período eleitoral.<sup>226</sup> Seu sucesso com as massas não se dá apenas por conta de sua astúcia e estratégia propagandística, mas também por conta da forte crise que a Alemanha passara desde o início da década de 1930, fator decisivo que garantiu o sucesso dos nazistas. Uma massa composta por famintos, desempregados, pequenos comerciantes falidos, viam-se sem alternativas ao não ser depositar o restante de esperança que lhes sobraram em um messias que poderia resolver todos os problemas da Alemanha de uma só vez. A ocasião perfeita estava dada, bastava apenas Hitler encarnar seu personagem de messias e grande orador para adquirir mais do que credibilidade, a fé das pessoas em um futuro melhor.

Todavia, entender a proximidade entre os nazistas e o antigo exército imperial, é essencial para entender como se deu a ascensão dos nazistas ao poder, e também de que maneira as forças armadas estarão dispostas nas cenas de *O Triunfo da Vontade*. A relação entre o exército e Hitler e os nazistas sempre foi recheada de conturbações, golpes e artimanhas políticas, no discurso fílmico do documentário, é perceptível a atmosfera de intrigas e do jogo de interesse e poder.

Dando continuidade ao tom funesto explorado anteriormente na sequência com os jovens do Serviço de Revista do Trabalho do Reich, os “tons soturnos” de *O Triunfo da Vontade* vão a cada plano se tornando mais sombrios e lúgubres. Os personagens da vez são os paramilitares da S.S, S.A. e o exército. A próxima sequência aborda tanto as divergências internas no Partido Nazistas entre os membros das organizações paramilitares S.A e S.S, como

---

Suprema de Leipzig, acusados de alta traição. (...). Mas nem os advogados nem os acusados ficaram em evidência no julgamento; evidenciou-se Adolf Hitler, chamado, por Frank, como testemunha. (...). Na realidade, porém, o *Führer* tinha objetivo muito mais importante. Visava, como líder de um movimento que tinha de alcançar um estrondoso triunfo popular no pleito eleitoral, assegurar ao exército, e principalmente a seus oficiais superiores, que o nacional-socialismo, longe de ameaçar o Reichswehr, como o caso dos oficiais sugeria, constituída, na verdade, sua salvação e a redenção da Alemanha. (...) Delicadamente, Hitler garantiu ao tribunal (e aos oficiais do exército) que nem as S.A nem o partido se encontrava em luta com o exército. (...) E reiterou ao tribunal (e aos generais) que o Partido Nazista buscava conquistar o poder apenas por meios constitucionais, e que os jovens oficiais estavam errados se anteviam uma revolta armada. (...). Por causa disso, e das públicas promessas de Hitler ao exército no julgamento de Leipzig, alguns generais começaram a ponderar que o nacional-socialismo talvez pudesse ser exatamente aquilo de que necessitavam para unificar do povo, para a restauração da velha Alemanha, para tornar novamente grande o exército e para possibilitar à nação a libertação dos grilhões do humilhante Tratado de Versalhes. SHIRER, 2008, p.195 et. seq..

<sup>226</sup> O povo, fortemente oprimido, exigia soluções para sua aflita situação. Milhares de desempregados queriam empregos. Os pequenos negociantes desejavam ajuda. Uns quatro milhões de jovens, que vinham de alcançar a idade do voto desde a última eleição, ansiavam por alguma perspectiva de futuro quem lhes permitisse pelo menos viver. A todos os milhões de descontentes, Hitler numa campanha triunfante, oferecia aquilo que se lhes afigurava, em sua miséria, alguma esperança. Tornaria a Alemanha novamente poderosa; não pagaria as reparações; repudiaria o Tratado de Versalhes; eliminaria a corrupção; arrancaria o dinheiro dos magnatas (especialmente se fossem judeus); e faria com que todo alemão tivesse trabalho e pão. Ibidem, p.193.

as conturbações na relação do Partido Nazista com o exército. Os conflitos políticos, bem como as sugestões de resolução, podem ser observáveis no discurso fílmico.

#### 4.4.5 Sequência: O culto dos membros do partido e as reuniões noturnas

Grande parte dos símbolos que compõe a heráldica nazista foram elaborados para despertar sentimentos alusivos à violência, altivez e superioridade. Em vista disso, a noite por remeter ao fúnebre e ao mistério, será um perfeito cenário natural para a realização das cenas noturnas<sup>227</sup>. O tom de culto que os nazistas tanto priorizavam para atizar as massas, será criado pelo uso de tochas, fogueira e fogos de artifícios, que ao entrarem em contato com a escuridão da noite, formam um belo contraste. Provocando o fascínio de quem assiste ao comício político que, em meio ao brilho e fervor das massas<sup>228</sup>, converte-se para rito.

Cena de 41'20" a 42'04": Composta de planos soturnos que exploram o contraste de luz direcionado aos objetos filmados, com a escuridão ao seu redor. A cena sugere uma atmosfera intimidante, fazendo alusão ao ocultismo que influenciou a doutrina nazista. O uso do tom ritualístico que a cena transmite, pode ser interpretado como um clima estimulante, no qual, os soldados depositam sua fidelidade, no caso pode ser entendida como fé, na figura sobre-humana de Hitler.



<sup>227</sup> Archotes, fogueira, círculos de chamas, desfiles, sequencias sombrias de música de Wagner, compunham o cenário da exaltação dos feitos grandiosos do teatro do regime, canalizador dos imperativos da política. LENHARO, *ibidem*, p.43.

<sup>228</sup> Aquilo de que as massas necessitavam, pensou ele, não eram apenas ideias — algumas ideias simples com que ele pudesse martelar-lhes a cabeça — mas símbolos que conquistassem a sua fé, pompa e colorido que as despertassem, e atos de violência e terror que, se bem-sucedidos, atrairiam adeptos (acaso a maioria dos alemães não se sentia atraída para os fortes?) e lhes dariam uma sensação de poder sobre os fracos. SHIRER, *ibidem*, p. 71.



Cena de 42'06" a 43'08": Viktor Lutze declama: “ Salve a vitória! Salve a vitória! Salve a vitória! Camaradas, muitos de vocês estão aqui hoje, conhece-me do início do nosso movimento, quando marchei com vocês em suas fileiras. Como um homem da S.A, sou mais que um homem da S.A hoje, do que era então! Nós homens da S.A, só conhecemos uma coisa a fidelidade de luta pelo nosso Führer. ”



Traição é uma atitude imperdoável para Hitler, muito mais do que a dúbia moralidade dos membros do partido. A homossexualidade de Röhm, apesar de Hitler achar um comportamento depravado, fora ignorada por anos<sup>229</sup>. Mas, a partir do momento que Röhm pretende ambicionar mais poder dentro do partido, tornando as S.A um novo exército<sup>230</sup>, Hitler passa a enxergar seu ex-amigo dos tempos do *putsch* como uma ameaça. Uma vez que, desde que Hitler saiu da prisão, procurou manter uma conduta amigável com o exército. Isto posto, a proposta de Röhm de expandir as S.A colocaria seu plano de ascender o poder em risco.

Hitler se aproveitou que há anos vivenciava impasses na relação com Röhm, para assassiná-lo durante os expurgos de 1934. Não só Röhm, mas outras centenas de pessoas morreram durante os expurgos, incluindo generais do exército<sup>231</sup>. Muitos desses assassinatos foram motivados por sentimentos passionais, como vinganças pessoais, mas a justificativa oficial dada por Hitler, era de que ele estava fazendo uma limpeza moral no partido, eliminando os membros exageradamente depravados, além de, claro, os traidores<sup>232</sup>. Na ânsia pela consolidação do poder, Hitler usou do moralismo oportunista para aniquilar seus companheiros membros do partido, que tanto o ajudara durante sua ascensão<sup>233</sup>, transformando-os em inimigos internos da Alemanha, os traidores.

Para Hitler, que ambicionava um governo baseado na *Führerprinzip* com ele na suprema liderança e o restante do povo apenas obedecendo suas coordenadas, manter a coesão

---

<sup>229</sup> Apesar disso, Hitler sabia de longa data, desde os primórdios do partido, que grande número de seus mais íntimos e importantes adeptos eram pervertidos sexuais e assassinos condenados. SHIRER, *ibidem*, p.306.

<sup>230</sup> Mesmo nessa fase do jogo, é evidente que, com relação às S.A., Rohm e Schleicher estavam conspirando nas costas de Hitler. Ambos desejavam que as S.A. se incorporassem ao exército como uma milícia, ao que o Führer se opunha firmemente. Este foi um assunto sobre o qual Hitler discutiu muitas vezes com o chefe do Estado-maior das S.A., que via as tropas de assalto como força militar em potencial para fortalecer o país, enquanto Hitler as considerava apenas uma força política, uma organização para espalhar o terror nas ruas contra os adversários políticos e para manter o entusiasmo político nas fileiras nazistas. *Ibidem*, p.223.

<sup>231</sup> Quantos foram assassinados no expurgo jamais foi definitivamente estabelecido. No seu discurso de 13 de julho, Hitler declarou que 61 elementos foram mortos, incluindo 19 “altos dirigentes das S.A”, outros 13 morreram por “resistirem à prisão” e 3 “se suicidaram” — num total de 77. O Livro branco do expurgo, publicado por emigrados em Paris, afirmou que foram mortos 401, mas apenas identificava 116. No julgamento de Munique, em 1957, a cifra “de mais de mil” foi apresentada. Muitos foram assassinados unicamente por vingança, em consequência de oposição a Hitler no passado, outros aparentemente porque sabiam demais, e pelo menos um por engano (...)Entre outros que “sabiam demais” estavam três elementos das S.A. que se acreditava terem sido cúmplices de Ernst no incêndio do Reichstag. Foram eliminados com Ernst. *Ibidem*, p.303-304.

<sup>232</sup> De início, Hitler acusou Röhm e Schleicher de terem procurado o apoio de uma “potência estrangeira” — evidentemente a França — e afirmou que o general von Bredow fora o intermediário em “política externa”. Esta foi parte da denúncia deles como “traidores”. *Ibidem*, p.305.

<sup>233</sup> Hitler não somente tolerara essas coisas, mas as defendera. Por mais de uma vez aconselhara os camaradas de partido a não serem demasiado escrupulosos a respeito da moral pessoal de um homem, se fosse um lutador fanático do movimento. Agora, a 30 de junho de 1934, confessava-se chocado com a degenerescência moral de alguns de seus mais antigos lugares-tenentes (...) Na segunda-feira, o presidente Hindenburg agradeceu a Hitler por “sua ação decisiva e brilhante intervenção pessoal, que liquidara a traição no nascedouro e salvara o povo alemão de um grande perigo”. *Ibidem*, p.306.

interna do Partido Nazista, era fundamental para que seu plano de se consolidar no poder obtivesse êxito. Logo, entregar algumas cabeças como prova de lealdade ao exército<sup>234</sup>, e para eliminar as desconfianças que os políticos tinham sobre os nazistas na autoria do incêndio do *Reichstag*<sup>235</sup>, não lhe custaria nada. E ainda, de brinde eliminaria alguns supostos traidores e gananciosos que disputavam poder interno no Partido Nazista. Jurar lealdade a Hitler, é jurar ser absolutamente fiel aos seus comandos, no qual, jamais deve ser desafiado sua autoridade. No Estado administrado sob a *Führerprinzip*, a liderança de Hitler é hegemônica, sendo assim, traidores representam uma ameaça. Portanto, devem ser aniquilados. Ademais, a partir da *Führerprinzip*, Hitler substituiria a figura de juiz, ou seja, é Hitler que tem o poder para julgar e decretar punições<sup>236</sup>.

Os próximos planos transmitem um sentimento de camaradagem e união entre os membros da S.A.<sup>237</sup> Nos planos seguintes, aparecem homens sorrindo e confraternizando bons momentos ao ar livre, enquanto assistem à queima de fogos de artifício e espetáculos com fogo, após o pronunciamento do líder Viktor Lutze. A intenção é transmitir um merecido ínterim com momentos de prazer e relaxamento, após um longo dia de trabalho duro, por isso os soldados aparecem em clima de comemoração.

---

<sup>234</sup> Violentas cenas verificaram-se no ministério entre Rohm e o general von Blomberg e, em março, o ministro da Defesa asseverou a Hitler que as S.A. estavam clandestinamente armando um grande contingente especial com metralhadoras pesadas — o que constituía não só uma ameaça ao exército, mas, acrescentou o general von Blomberg, um ato praticado tão abertamente que punha em perigo o rearmamento sigiloso da Alemanha por parte do Reichswehr (...) Em troca do apoio militar, Hitler ofereceu a supressão das ambições de Röhm, a redução drástica das S.A. e a garantia de que o exército e a marinha continuariam a ser as únicas forças armadas do Terceiro Reich. SHIRER, *ibidem*, p.292-293.

<sup>235</sup> A verdade completa sobre o incêndio do Reichstag provavelmente nunca virá a ser conhecida. Quase todos que a conheciam estão agora mortos, a maioria chacinada por Hitler nos meses que se seguiram. Mesmo em Nuremberg o mistério não pôde ser inteiramente desenredado, embora haja bastante evidência para que se estabeleça, além de qualquer dúvida razoável, que os nazistas é que planejaram o premeditado incêndio e o utilizaram para seus próprios fins políticos. *Ibidem*, p.263.

<sup>236</sup> Pois o exército apoiava a afirmação de Hitler de que ele se convertera na lei ou, como disse no discurso do Reichstag, a 13 de julho: “Se alguém me reprova e pergunta por que não recorri aos tribunais de justiça regulares, o que posso responder é que neste instante tornei-me responsável pelo destino do povo alemão e, conseqüentemente, converti-me no juiz supremo (*oberster Gerichtsherr*) do povo alemão.” E Hitler aduziu, de modo definitivo: “Saibam todos que daqui por diante aquele que se levantar contra o Estado encontrará a morte.” Esta advertência iria atar as mãos dos generais durante quase dez anos, até que, finalmente, os mais desesperados ousaram levantar-se para deitar por terra seu “supremo juiz”. *Ibidem*, p.307.

<sup>237</sup> “Servindo nas S.A, aprendeis camaradagem, tenacidade e força”. Nascida com o próprio nazismo, as S.A sempre se constituíram no modelo de sacrifício, de heroísmo, mas também de agressividade — a conjugação do “espírito com força bruta”, como queria Hitler. Sua origem militar selou a permanência do “calor humano entre soldados”, assim como o sentido de sua disciplina. Os soldados da S.A estavam sempre prontos a executar ordens, dissimular o nihilismo, a inquietude e a necessidade de subordinação. Sua ideologia diz Fest, repousava no “desejo de desenvolver sua atividade a qualquer preço, dentro dum quadro de fé e obediência.” “Estamos prontos a qualquer sacrifício” dizia um lema S.A, “a morrer e a matar pelo *Führer* e pela Alemanha. LENHARO, *ibidem*, p.64.

Aproveitando que a filmagem ocorreu no cenário escuro, usa-se estrategicamente o fogo. Que para a construção do discurso fílmico de *O Triunfo da Vontade* tem o sentido de purificação e renovação<sup>238</sup>. Assim, ao queimar o espúrio é possível eliminá-lo em sua totalidade, para abrir caminho para a renovação. O fogo na sequência das S.A, representa a queima daqueles que traíram o *Führer*. Ao contrário dos fiéis que, apesar de mortos, continuam vivos na glória eterna do Terceiro Reich. Os traidores merecem que qualquer resquício de sua existência seja eliminado.

Cena de 43'30" a 45'00": Após o término da sua oratória, Viktor Lutze é ovacionado pela plateia. Os três primeiros quadros mostram Lutze descendo do palanque para encontrar a multidão que o aguardava em frenesi. Os três quadros subsequentes, mostram a plateia saudando-o calorosamente, envolvendo-o no meio da multidão. É uma demonstração de reciprocidade com as palavras que foram ditas durante seu discurso. A multidão quer que Lutze faça parte dela, abraçando-o como forma de demonstrar gratidão e prestígio. Os últimos quadros da cena, são marcados pela presença do show pirotécnico, dando luz à escuridão da noite. Servindo de iluminação para a confraternização dos homens da S.A que assistem sorridentes ao espetáculo de luz e fogo. Sugerindo que apesar dos contratempos, existe um sentimento de parceria e companheirismo entre os membros da S.A. A comemoração é uma forma de reestabelecer laços de camaradagem, além de festejar a destruição dos traidores que colocavam em risco a harmonia dentro do partido.

Um fato interessante que pode ser notado, é que Hitler não aparece no encontro com as S.A. Embora, todas as outras sequências que têm como personagem principal alguma organização nazista, desfrutem da presença do *Führer*. Fica implícito que, apesar dos expurgos, ainda haviam ressentimentos com relação a confiança creditada nas S.A<sup>239</sup>. Ao que sugere, a ausência de Hitler nas cenas, pode ser um indicativo dos planos futuros que Hitler tinha com

---

<sup>238</sup> Nesses termos, sobretudo nas sequências seguintes, o caráter purificador do fogo pode ser traduzido à baila justamente por ter sido filmado enquanto labaredas, tochas e fumaças, ou seja, suas imagens dinâmicas (em movimento). (...) Em relação à fumaça, normalmente associada ao resultado da consumação ela e a prova (o produto imediato) de que houve a destruição do impuro. Essa simbologia, no caso alemão, poderia levar a uma interpretação do filme de Leni Riefenstahl que percebesse os cenários sintomáticos (repetição) do espetáculo nazista, seja a queima de livros, seja a de seres humanos, nos fornos de cremação preparados para a produção da morte em larga escala (...) Na tela, então, os ritos iniciativos noturnos, com a presença de fogo, parecem propiciar uma grande cerimônia em que o abandono de si coincide com a entrega do corpo e da alma ao grupo. ROVAI, *ibidem*, p.166-167.

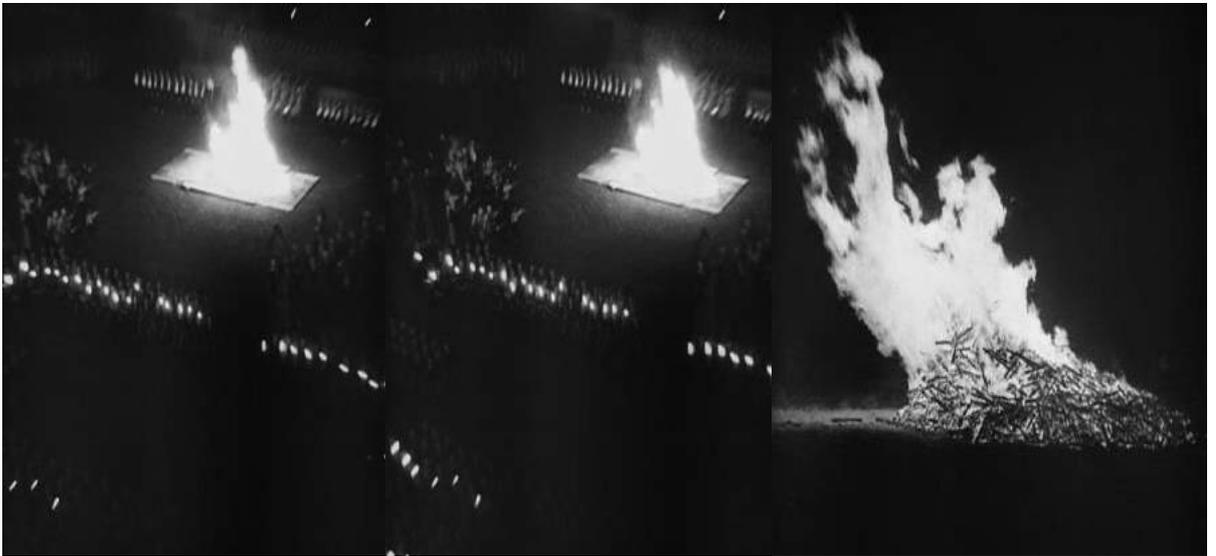
<sup>239</sup> Foi grande a desilusão entre os nazistas das fileiras inferiores, especialmente entre as tropas de assalto S.A., que constituíam a alma do movimento popular de Hitler (...) A antiga rixa entre Hitler e Rohm a respeito da posição e dos objetivos das S.A. veio à tona novamente. Desde os primórdios do movimento, Hitler insistira em que as tropas de assalto não eram força militar, mas política (..) As S.A. não passavam de uma turba, bastante boa para a luta de rua, mas de pouco valor como exército moderno; servira à sua finalidade, mas agora devia ser tirada da cena, com muito tato. SHIRER, *ibidem*, p.282.

relação às S.A.<sup>240</sup> Hitler ambicionava uma expansão territorial para a Alemanha, e para obter sucesso em seu intento, seu compromisso deveria ser, sobretudo, com o exército. Em vista disso, para a estruturação do discurso de *O Triunfo da Vontade*, o não-comparecimento de Hitler pode ser interpretado como uma mensagem para o exército de que seu acordo era com eles, e não com as S.A.



---

<sup>240</sup> A eliminação de Röhm e a desmobilização da S.A não significavam somente a destruição de uma forma cega dentro do nazismo; atendiam também a um ritual moralizador de exorcismo e repulsa com relação a um comportamento e um modo de vida (marcados por licenciosidade, homossexualidade e corrupção entre a oficialidade) (...) Parte da S.A foi sendo incorporada ao exército, parte dedicou-se à filantropia nazista, e outra parte, bem controlada, prestou ainda “bons serviços” na destruição física dos inimigos; o conjunto de tropas foi sendo aos poucos desativados. Facilitando essa tendência o aproveitamento dos desempregados das S.A, face à reativação da indústria, regulamentada pela política de rearmamento, imprimida a toda economia alemã. LENHARO, ibidem, p.30-31.



#### 4.4.6 O Exército Alemão (*Reichswehr*)

O exército, desde a derrota na Primeira Guerra e a humilhação por conta das cláusulas impostas pelo Tratado de Versalhes, ambicionava reconquistar seu brilho e suntuosidade militar. Hitler, durante sua escalada ao poder, principalmente depois de sair da prisão, procurou manter a diplomacia com o exército. E o exército, por medo de uma revolta bolchevista, retribuía o apoio aos nazistas.<sup>241</sup> Na construção do discurso fílmico, nota-se essa política de boa-vizinhança entre o exército e os nazistas. Apesar, do filme deixar claro que Hitler era o líder supremo, e que, portanto, o exército estaria subordinado a ele, inclusive sob juramento<sup>242</sup>.

Contudo, para o discurso fílmico, o que mais interessa sobre o exército é sua exibição com um grandioso poderio militar. Simbolizando o desejo dos nazistas de efetivar seu projeto expansionista. A aliança entre Hitler e o exército, possibilitaria que fosse posto em prática seu plano de rearmamento<sup>243</sup>. Para Hitler, o exército representava a garantia da vitória em sua empreitada expansionista, diferentemente das S.A que correspondia a garantia do êxito interno, em sua subida ao poder do Estado alemão. No filme, quase não são mostradas armas do exército, exceto pelo seu tanque de guerra. A construção da potência bélica é feita a partir da exibição da marcha militar e da massa de soldados.

---

<sup>241</sup>As classes conservadoras julgaram ter encontrado no antigo vagabundo austríaco o homem que, enquanto permanecesse seu prisioneiro, as ajudaria a alcançar suas metas. A destruição da república era apenas o primeiro passo. Desejavam então uma Alemanha autoritária que, em casa, pusesse termo à “insensatez” democrática e ao poder dos sindicatos e, na política exterior, liquidasse o veredicto de 1918, arrancasse as algemas de Versalhes, reconstruísse um grande exército e com sua competência militar reconquistasse para o país seu lugar ao sol. SHIRER, *ibidem*, p.256.

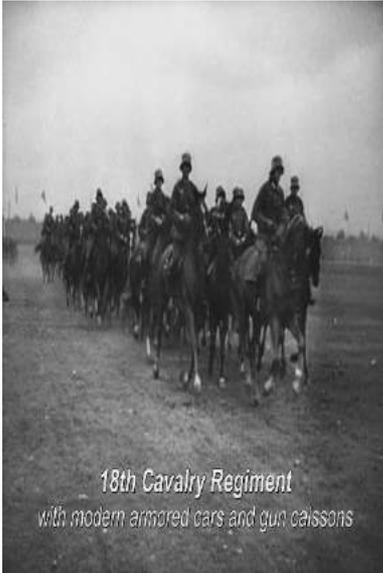
<sup>242</sup>(...) anunciou-se que, de acordo com uma lei emanada do ministério no dia anterior os cargos de chanceler e presidente tinham sido unificados e que Adolf Hitler assumira poderes de chefe de Estado e de comandante supremo das forças armadas. O título de presidente foi abolido: Hitler ficaria conhecido como Führer e chanceler do Reich. Sua ditadura era completa. Para evitar brechas, Hitler exigiu de todos os oficiais e membros das forças armadas um juramento de fidelidade, não para com a Alemanha, nem para com a Constituição, que havia violado ao não convocar eleição para a sucessão de Hindenburg, mas para com ele próprio (...) De agosto de 1934 em diante, os generais, que até então poderiam, se desejassem, derrubar o regime nazista com a maior facilidade, ligaram-se assim à pessoa de Adolf Hitler, reconhecendo-o como a mais legítima autoridade do país e unindo-se a ele por um juramento de fidelidade que se sentiam extremamente honrados em obedecer em todas as circunstâncias, sem se importarem se era degradante para eles e para a pátria. *Ibidem*, p.308.

<sup>243</sup>Pouco antes disso, Hitler dera secretamente às forças armadas garantias que atraíram muitos oficiais superiores para seu lado. A 2 de fevereiro de 1933, três dias depois de assumir o cargo, pronunciara um discurso de duas horas para os generais e almirantes mais importantes, na residência do general von Hammerstein, o comandante-em-chefe do exército. O almirante Erich Räder revelou em Nuremberg o conteúdo do primeiro encontro do chanceler nazista com o corpo de oficiais.<sup>22</sup> Hitler, disse ele, afastou a elite militar dos seus receios de que as forças armadas pudessem se empenhar numa guerra civil e prometeu que o exército e a marinha podiam devotar-se, sem empecilhos, à tarefa principal de rearmar rapidamente a nova Alemanha (...) Com a finalidade de elevar o entusiasmo dos líderes militares, Hitler criou, logo no dia 4 de abril, o Conselho de Defesa do Reich, para estimular um novo e secreto programa de rearmamento. Três meses mais tarde, a 20 de julho, o chanceler promulgou uma nova lei do exército, abolindo a jurisdição dos tribunais civis sobre os militares, e pondo termo à representação eleita dos soldados, restituindo dessa forma ao corpo de oficiais suas antigas prerrogativas. Inúmeros generais e almirantes passaram a olhar a revolução nazista por um prisma mais favorável e diferente. *Ibidem*, p.283-284.

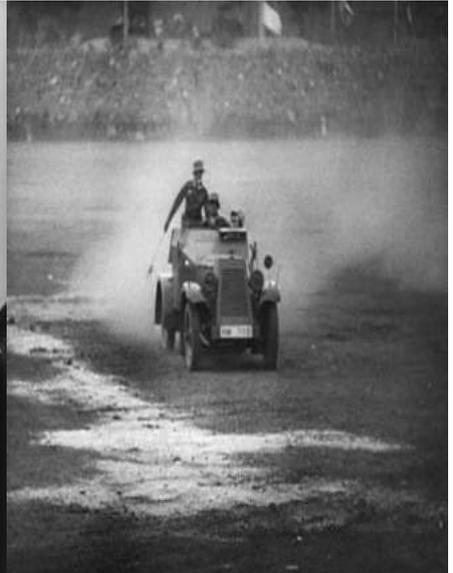
Cena de 55'17" a 56'46": Durante a cena de exibição da marcha do Ar, os planos se subdividem entre os quais aparecem Hitler acompanhado do militar Hermann Wilhelm Göering, e do ministro de guerra, o general Werner Von Blomberg. Dos quais são exibidas a cavalaria, os tanques e tropas do exército (*Reichswehr*). Nos quadros que Hitler aparece acompanhado são, majoritariamente, com o plano conjunto, sugerindo uma boa interação entre Hitler e o exército, em alguns planos os personagens aparecem sorridentes, demonstrando satisfação ao ver a exibição do poderio da marcha militar.

Dessarte, na cena é mostrado o desfile da marcha militar, a preferência é de exibi-lo com o plano médio, para ressaltar a grandiosidade do “armamento” que está sendo exibido. Observa-se que o arsenal está figurado na própria subdivisão das forças armadas: a cavalaria, a artilharia e a infantaria. Cada subdivisão terá seu próprio plano, sempre mostrado em movimento, sinalizando que as forças armadas estavam preparadas para o ataque e indo em direção à guerra. Justifica-se essa conclusão pelo uso do plano com a “câmera na mão”, principalmente, nos planos da cavalaria, que ao se movimentar causa maior impacto no solo. Por isso, o plano é exibido com instabilidade, transmitindo a sensação de agitação e movimentos intensos.





*18th Cavalry Regiment  
with modern armored cars and gun caissons*



#### 4.4.7 A Esquadra de Proteção (*Schutzstaffel* – S.S)

A força paramilitar das S.S surgem com a intenção de substituir as antigas S.A. Diferentemente das S.A, as S.S surgiram, inicialmente, para manter a segurança de Hitler, baseando-se numa relação de extrema lealdade e dedicação. A função das S.A era, basicamente, espalhar medo e violência, como forma de garantir a ascensão do Partido Nazista ao poder. Já no caso das S.S seu vínculo era estritamente com a pessoa de Hitler, para garantir sua segurança. Logo, justifica-se sua doutrinação ideológica ser mais intensiva<sup>244</sup>, como forma de treinar os soldados para servir fielmente ao *Führer*<sup>245</sup>. Inclusive, oferecendo sua própria vida para assegurar a proteção de Hitler. Ademais, as S.S foram concebidas para serem a encarnação do ideal nazista, simbolizando seus principais valores como: arianidade<sup>246</sup>, autoritarismo<sup>247</sup>, lealdade a Hitler<sup>248</sup>, princípio da liderança e altivez<sup>249</sup>. A escolha dos membros da S.S era muito mais criteriosa do que das S.A, visto que a S.S formava uma elite das forças paramilitares, no qual, era considerado fundamental para o soldado ter pureza racial e fidelidade absoluta a Hitler.<sup>250</sup>

As S.S também foram usadas no projeto expansionista dos nazistas, para espalhar terror e violência nas terras ocupadas. Antes mesmo de se consolidar no poder, Hitler havia conseguido financiamento o suficiente de apoiadores do partido para a manutenção de seu exército privado, torando maior do que o próprio exército alemão (*Reichswehr*).<sup>251</sup> O

<sup>244</sup> O motivo era simples: já que os combatentes das S.S deviam ser os protetores da raça e do sangue alemães, tinham se estar especialmente convencidos da “verdade nazista” para que sua motivação bélica na luta contra todos aqueles que colocasse em perigo a utopia do nacional-socialismo fosse indestrutível. CORES, *ibidem*, p.128.

<sup>245</sup> Já as imagens dos soldados S.S guardarão muitas dessas atribuições, mas ganharão a especificidade de um soldado ligado a uma mística especial (...) As S.S cultivam uma mística de uma liga secreta, de uma organização muito mais hierarquizada e disciplinada. O soldado S.S passava inicialmente por testes físicos para ser aprovado e recebia treinamento militar à parte, assim como formação ideológica. LENHARO, *ibidem*, p.65.

<sup>246</sup> (...) o estudante nórdico devia aprender os fundamentos raciais defendidos pelas S.S, sendo lembrado constantemente ao soldado que ele pertencia à “raça dos senhores” e que devia defender seu direito – e o da Alemanha – de governar a “raça dos escravos”. CORES, *ibidem*, p.128-129.

<sup>247</sup> O homem submetido a tal formação do intelecto ia se transformando cada vez mais em um soldado de Hitler que sabia muito claramente o motivo por que era mandado, ou à linha de frente russa para lutar contra os comunistas, ou no campo de concentração para “refrear” os judeus e os “desviados políticos”. *Ibidem*, p.129.

<sup>248</sup> Toda essa educação era vital para criar um exército que estivesse disposto a obedecer a qualquer ordem de seus superiores, por mais absurda e temerária que fosse (...). *Idem*.

<sup>249</sup> O aspecto acadêmico de todos aqueles que haviam superado as exigências iniciais para fazer parte da família S.S ia desde o estudo do “manual de etiqueta” – que buscava fazer com que os S.S preservassem os modos tradicionais da aristocracia militar germânica por meio de lições sobre como se deve comer à mesa e como terminar corretamente uma carta –. *Ibidem*, p.128.

<sup>250</sup> Seus membros, escolhidos por sua pureza racial e seus dotes guerreiros, personificavam o que haveria de ser a nação alemã em um prazo não superior a 120 ano (...) A nova ordem devia ser o exemplo a ser seguido pelo povo alemão; a raça, a honra, a lealdade permanente para com Hitler, a temeridade, a educação aristocrática nazista, a efetividade na linha de frente e o desejo de morrer pelo regime passariam a fazer parte do espírito das S.S. *Ibidem*, p.121-122.

<sup>251</sup> Quando Himmler tomou a direção das S.S., elas somavam uns duzentos homens. Ao terminar sua obra, as S.S. dominavam a Alemanha e seu nome espalhava o terror através de toda a Europa ocupada (...)O partido necessitava

crescimento das S.S. dentro do Estado nazista, pode ser interpretado como uma etapa para que os nazistas conseguissem transformar completamente o Estado de Direito em um Estado intrinsecamente policial<sup>252</sup>, feito para funcionar baseado no autoritarismo e na violência visceral. Em vista disso, para a composição do discurso fílmico as S.S sempre são mostradas como símbolo de altivez, obstinação, obediência e autoritarismo, em seus emblemáticos uniformes e capacetes pretos<sup>253</sup>.

Plano de 1:04'14" a 1:04'23": O plano é feito com o movimento *tilt-down*, com o primeiríssimo plano. É interessante notar que diferente de quando a câmera filma os estandartes durante nas reuniões do congresso, agora, a câmera faz o movimento contrário. Ao invés de simbolizar a grandeza, a passagem para algo maior, ela pretende indicar uma ideia de diminuição, que algo estava no auge e declinou. No caso do discurso fílmico de *O Triunfo da Vontade*, o plano pode ser interpretado como uma transmissão de poder, saindo do antigo e ineficiente parlamentarismo para dar lugar ao novo, ao “movimento” nazista. Ideia confirmada pela suástica focalizada no quadro.



Outro fato interessante, é que apenas o presidente Paul von Hindenburg, que falecera em 2 de agosto de 1934, foi lembrado para ser homenageado e teve seu nome grafado nos

---

de grandes somas para financiar as campanhas eleitorais, pagar as contas de sua propaganda intensa e ampla, cobrir as folhas de pagamento de centenas de funcionários em tempo integral, sustentar os exércitos privados das S.A. e S.S., que no final de 1930 atingiam a mais de cem mil homens, força maior que o Reichswehr. SHIRER, *ibidem*, p.172-200.

<sup>252</sup> A 16 de junho de 1936, pela primeira vez na história da Alemanha, foi constituída uma polícia unificada para todo o Reich — anteriormente a polícia havia sido organizada separadamente, por Estado — e Himmler colocado no cargo de chefe da polícia alemã. Isto equivalia a depositar a polícia nas mãos das S.S. que, desde o esmagamento da “revolta” de Rohm, em 1934, aumentaram cada vez mais rapidamente seu poder. *Ibidem*, p.369.

<sup>253</sup> Como os guarda-costas e cavalaria dos Reis e imperadores Prussianos (*Leibhusaren*) usaram Uniformes pretos com insígnias de caveiras e ossos, então os guarda costas do *Führer* deveriam usar. Como eram uniformes militares e formais, foram feitos para mostrar autoridade e gerar medo e respeito. Como Himmler disse, "Eu sei que muitas pessoas irão cair quando verem esse uniforme negro; e nós sabemos que não vamos ser amados por muitos". HOFFMANN, *ibidem*, p.192.

letreiros do filme. Sua homenagem não é tanto por uma questão de simpatia entre Hitler e Hindenburg e vice-versa, muito pelo contrário. Em vida, o presidente falecido sempre manifestou despreço por Hitler, nacionalista e defensor da monarquia como era, ver um austríaco filho de um camponês subir ao poder, nunca o agradou muito. Mas, diante de um *Reichstag* em migalhas, havendo poucas frentes com potencial para reerguer a economia e a política alemã, Hindenburg não tinha muitas alternativas além de apoiar a Hitler, tornando-o enfim chanceler a um passo de ser *Führer*, principalmente após sentir-se inseguro por conta do incêndio do Reichstag. Hitler oportunizou o ocorrido para atribuir a culpa do incêndio a uma suposta ameaça comunista<sup>254</sup>.

O boato falso de ameaça comunista, torna-se uma estratégia na propaganda política nazista, e por conta do financiamento que recebeu dos grandes industriais, a propaganda eleitoral<sup>255</sup> do Partido Nazista foi estrondosa, conseguindo popularizar seu partido e garantir algumas cadeiras no *Reichstag* aos políticos nazistas nas eleições federais em 5 de março de 1933. Os nazistas ambicionavam um número mais expressivo de políticos eleitos, porém a grande parte da população alemã, ainda era resistente as ideias extremistas. A maior parte da população não apoiou os nazistas mesmo sob o terror nas ruas provocadas pelas S.A. Sendo a quantidade de políticos atuando no *Reichstag* insuficiente para Hitler colocar em prática seu plano de implementar uma ditadura com a autorização do Reichstag<sup>256</sup>, Hitler decide tomar outra medida para efetivar seu plano<sup>257</sup>, que envolve o até então vivo presidente Hindenburg.

A intenção de Hitler é comover Hindenburg para conquistar seu apoio, assim conseguir que o *Reichstag* promulgasse o ato de autorização, no qual Hitler teria pleno poder legislativo.

---

<sup>254</sup> No dia posterior ao incêndio, 28 de fevereiro de 1933, Hitler persuadiu o presidente Hindenburg a assinar um decreto “pela proteção do povo e do Estado”, suspendendo as sete seções da Constituição que garantiam as liberdades individuais e civis. Apresentado como “medida defensiva contra os atos de violência dos comunistas que punham em perigo o Estado”, (...) Adicionalmente, o decreto autorizava o governo do Reich a assumir o controle total dos Estados da federação, quando necessário, e impunha a sentença de morte para certo número de crimes, incluindo “graves perturbações da paz” por pessoas armadas. Dessa forma, de um golpe, Hitler foi capaz não apenas de arrolhar legalmente os adversários, mas prendê-los à vontade, ao tornar “oficial” a ameaça comunista, levando milhões de elementos da classe média e do campo a um frenesi de medo; medo de que, se não votassem nos nacional-socialistas na eleição da semana seguinte, os bolchevistas assumissem o poder. SHIRER, *ibidem*, p.265-266.

<sup>255</sup> Pela primeira vez a cadeia de rádio emissoras do Estado transmitiu as vozes de Hitler, Göring e Goebbels para todos os cantos da terra. As ruas, ornadas com bandeiras suásticas, ecoavam os passos das tropas de assalto. Havia comícios populares, paradas de archotes, o ruído dos alto-falantes nas praças. Os espaços a isso destinados ficavam cobertos de brilhantes cartazes nazistas, e à noite fogueiras iluminavam as montanhas. Por sua vez, o eleitorado era iludido com promessas de um paraíso germânico, intimidado pelo terror pardo nas ruas e atemorizado pelas “revelações” a respeito da “revolução” comunista. *Ibidem*, p.266-267.

<sup>256</sup> *Ibidem*, p.267-268.

<sup>257</sup> O plano era aparentemente simples e possuía a vantagem de disfarçar a tomada do poder absoluto dentro da legalidade. Solicitar-se-ia ao Reichstag que promulgasse um “ato de autorização”, conferindo ao Ministério de Hitler poderes legislativos exclusivos por quatro anos. *Ibidem*, p.268.

E com a ajuda de Goebbels, Hitler consegue seu intento.<sup>258</sup> Graças a habilidade de Hitler, e Goebbels, em manipular os fatos e a verdade, conseguiram conquistar o apoio do irreduzível presidente. Colocando fim de uma vez por todas na democracia parlamentar.<sup>259</sup> Finalmente, Hitler tinha legalidade que precisava para executar sua ditadura.

Como pode ser observado, Hindenburg foi fundamental no processo de consolidação do poder dos nazistas, portanto, merece ser mencionado no filme. A partir da análise do discurso fílmico, entende-se que a homenagem ao presidente falecido não é sobre sua pessoa, mas sim sobre seus feitos que auxiliaram os nazistas a chegarem ao poder. Já que para os nazistas, o indivíduo não deve se sobrepor ao coletivo. Isto posto, trata-se mais de uma intenção de contar quais foram os eventos que levaram os nazistas ao poder, do que uma real demonstração de respeito ao presidente morto.

No entanto, o ano de 1934 marca também a morte do ex-chefe das S.A, Ernst Röhm. Porém, ele não é citado na sequência que ocorrem as homenagens e nem em nenhuma parte do filme. Explica-se essa medida, pelo fato dos nazistas considerarem dignos de ser lembrados apenas aqueles que em vida foram fiéis ao partido, portanto, merecem fazer parte da comunidade “ariana”. Esses deveriam sempre ser homenageados para que sua memória permaneça viva, “em movimento”. Além disso, os verdadeiros alemães que servem lealmente a Hitler, e a Alemanha, nunca morrem, sempre permanecem vivos na glória eterna do Terceiro Reich. Ademais, as pessoas que os nazistas consideravam uma “moléstia social que deveria ser

---

<sup>258</sup> Mas Hitler desejava, nessa fase, homenagear o idoso marechal-de-campo e o exército, e os conservadores nacionalistas, ligando seu turbulento e revolucionário regime ao venerando nome de Hindenburg e a todas as glórias militares da Prússia. Para realizar o plano, ele e Goebbels, que a 13 de março se convertera em ministro da Propaganda, conceberam um golpe de mestre. Hitler abriria o novo Reichstag, que ele mesmo estava prestes a destruir, (...)nela Hindenburg fora pela primeira vez, em 1866, numa peregrinação, quando regressava como jovem oficial de guarda da guerra austro-prussiana, guerra que dera à Alemanha sua primeira unificação (...)Hindenburg estava visivelmente comovido e, a certa altura, Goebbels, que dirigia a cerimônia e a sua difusão para a nação, observou — e anotou em seu diário — que o velho marechal tinha lágrimas nos olhos. SHIRER, *ibidem*, p.269-270.

<sup>259</sup> A resposta de Hitler destinou-se habilmente a ganhar as simpatias e a confiança da velha ordem tão brilhantemente representada (...)A democracia parlamentar foi, assim, enterrada na Alemanha (...)tudo foi feito de forma completamente legal, se bem que acompanhado pelo terror. O Parlamento entregara sua autoridade constitucional a Hitler e, assim, suicidara-se, embora sobrevivesse, como uma recordação, até o fim do Terceiro Reich, servindo esporadicamente como caixa de ressonância para alguns dos estrondosos pronunciamentos de Hitler; seus membros, daí em diante, foram escolhidos pelo Partido Nazista, pois não houve mais eleições de verdade. Foi esse Ato de Autorização, e nada mais, que constituiu a base legal da ditadura de Hitler. A partir de 23 de março de 1933, Hitler tornou-se o ditador do Reich, liberto de qualquer restrição do Parlamento ou, para todos os fins práticos, do idoso e exausto presidente. *Ibidem*, p.270;273.

erradicada”, não eram, e não deveriam ser, mencionadas em nenhum monumento ou produção artística<sup>260</sup>.

Dessarte, esse comportamento pode ser compreendido pelo fato de que os nazistas consideravam os arianos úteis a Alemanha, desde que fossem concomitantemente fieis a Hitler, nunca morreriam. Pois, mesmo quando seu corpo físico padecer, seu legado construído ao servir a Alemanha, faz com que sua memória permaneça viva, “em movimento”, na glória eterna do Terceiro Reich. O significado de morte transforma-se de fim para continuidade. Para os nazistas, a morte só existe para os não-arianos, especialmente os judeus, e para os traidores. Para esses a morte possui o significado de fim. Os nazistas, ao contrário do que é bastante divulgado, não cultuam a morte, e sim, convertem seu significado. Eles cultuam o movimento, por isso, ignoram a definição de fim da morte, para dar a ela um sentido de imortalidade, a glória eterna do Terceiro Reich.

Essa transmutação do significado de morte abre brechas para os nazistas instrumentalizarem a vida das pessoas. Seja um alemão que deve ser útil a Alemanha, ou um judeu que deve ser aniquilado por ser considerado “inútil”, em ambos os casos, é o Estado nazista quem decidirá como a vida em questão deve ser vivida e finalizada. Levando-se em conta as massivas propagandas políticas divulgadas por todos os meios culturais e educacionais, transformar a morte em imortalidade para aqueles que cumprirem seu papel em servir bem a Alemanha, é uma estratégia nefasta em uma época marcada pelo desemprego, miséria, caos político, medos e incertezas. Uma liturgia pautada na altivez para quem está frustrado, e que oferece um prospero paraíso eterno do Terceiro Reich, tornam-se atrativos plausíveis, principalmente para uma juventude<sup>261</sup> que ansiava por oportunidade de melhorias de vida e buscava ter fé no futuro.

---

<sup>260</sup> Seu maniqueísmo se centrava na oposição entre arianos e judeus, ainda que, sem embargo, não penetrou na liturgia salvo no culto ao estereótipo ariano e nos ataques aos judeus durante os discursos. O estereótipo sempre esteve presente, nas esculturas e quadros, assim como na utilização de luz para eliminar as barrigas dos líderes que participavam dos comícios e procissões. Formava parte do comportamento positivo que tinha que ser enfatizado nos ritos litúrgicos e em qualquer auto representação. O negativo, o estereótipo do judeu, nunca se representou no cerimonial nem nos símbolos, porém era algo muito difundido fora do culto, em periódicos e panfletos. Não se podia permitir que o estereótipo do judeu, que se pensava tipificava a fealdade, obstruísse a beleza na qual se baseava o culto nacional. MOSSE, *ibidem*, p.252-253.

<sup>261</sup> A maior parte dos contingentes das S.S era composta de diplomados sem empregos. O nível intelectual era superior ao dos soldados da S.A, tinham consciência de elite, cultivavam a coesão de um grupo de fiéis, drasticamente da autoridade superior mais próxima: “S.S, tua honra significa fidelidade”. LENHARO, *ibidem*, p.66.

#### 4.4.8 Sequência: Homenagem a Hindenburg

Cena de 1:04'26" a 1:06'36": O primeiro plano inicia-se com o movimento de grua, com o plano aberto de costas, onde os três personagens (Hitler, Lutze e Himmler), caminham em direção ao memorial de Hindenburg. O memorial foi instalado em *Luitpold Arena*, sendo um dos monumentos da área de desfile do Partido Nazistas, onde ocorriam os espetáculos das reuniões do partido. O plano aberto sugere grandiosidade, a intenção é expressar o quanto os indivíduos são pequenos em relação ao projeto nazista, a edificação do Terceiro Reich. As massas também aparecem no quadro, para validar o sentido de suntuosidade e vastidão.

Os próximos dois quadros compõem o plano no qual a câmera se movimenta em panorâmica, da direita para esquerda, com o plano médio em dorsal sobre os membros da S.S. A intenção é descrever tranquilamente a cena. Corroborando com a ideia de que o memorial é um local onde se pode encontrar a paz e harmonia.

Nos três quadros subsequentes, aparecem os três personagens condecorando o presidente morto com a saudação nazista. Dessa forma, o presidente morto é apresentado como parte da comunidade ariana, em detrimento de suas realizações que ajudaram o partido a ascender ao poder. Nota-se que no memorial está disposto a bandeira nazista, é uma maneira de enterrar o passado do velho regime parlamentar, para dar lugar ao novo, ao nazismo. Sentido verificado no plano seguinte, com a suástica filmada com o primeiríssimo plano.

Logo após esse plano, nos próximos quadros são exibidos os três personagens se distanciando do memorial, caminham até o momento que chegam novamente na pista onde estão as massas. A câmera encerra o plano com o plano aberto, no qual, os três personagens desaparecem em meio as massas. Ao longe são mostradas as bandeiras nazistas sobre a multidão de soldados da S.A e S.S. O sentido transmitido é de que Hitler, Himmler e Lutze caminham em direção ao novo, para governar o nascente Estado nazista. A inclusão das forças paramilitares ao lado de Hitler, é para ressaltar a ideia de que Hitler conseguiu apaziguar os conflitos internos existentes dentro do partido, e também do Partido Nazista com relação ao exército. Informando que, agora com as frentes de colisão pacificadas, a Alemanha estava em paz e unificada como Hindenburg sempre sonhou.



*Heinrich Himmler, Reichsführer-SS,  
Hitler and Viktor Lutze, Stabchef-SA*



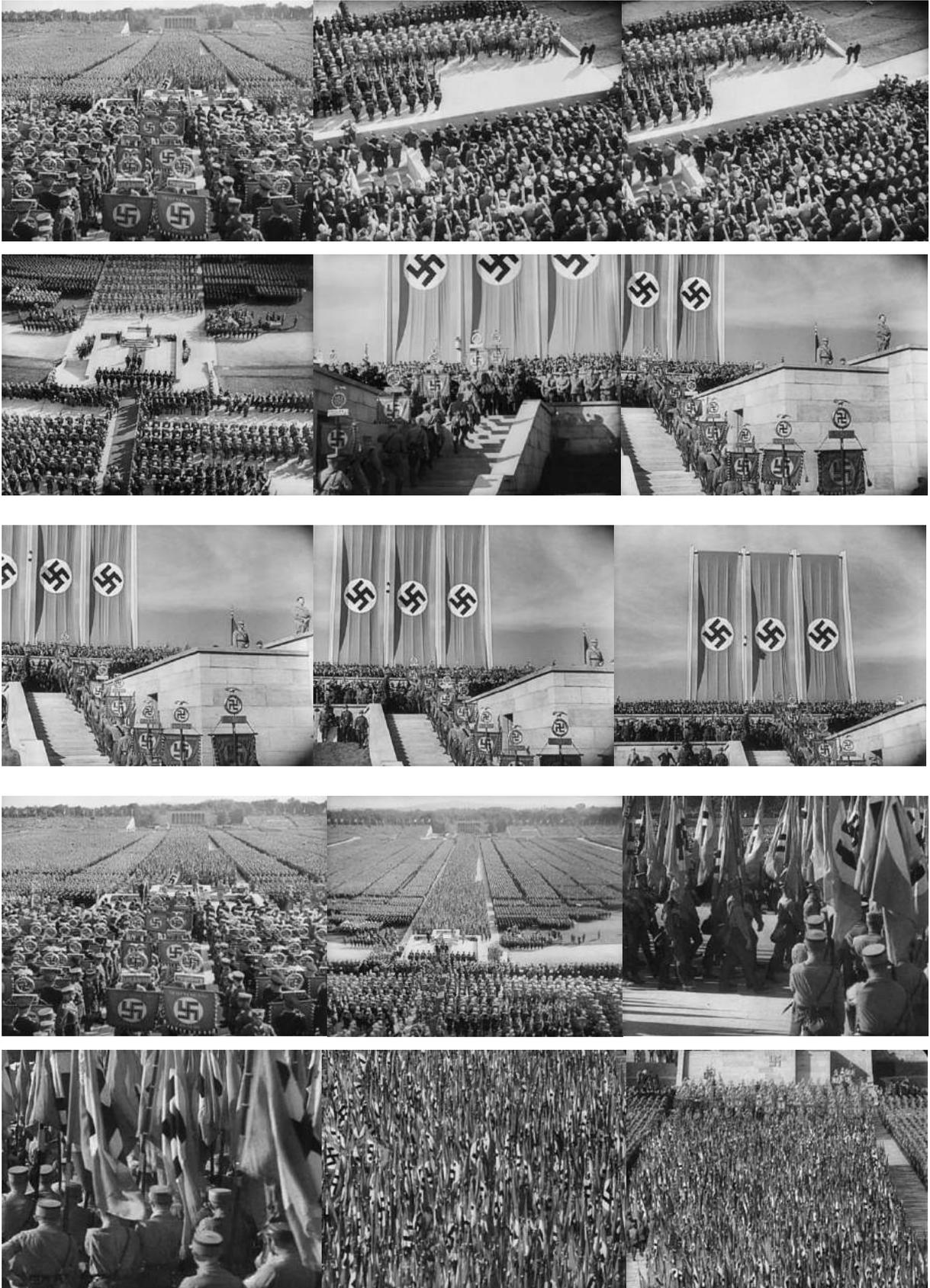
Cena de 1:06'37" a 1:09'32": Durante essa longa cena, são exibidos vários planos com a massa de soldados da S.A. A cena trata do juramento de fidelidade deles a Hitler. É interessante notar que é a única vez que Hitler aparece em um plano conjunto com a massa de soldados da S.A, no sentido de demonstrar interação exclusiva entre esses personagens na cena. Ao analisar o discurso fílmico, é perceptível que a intenção é de que para os nazistas, a coisa mais importante que esperavam em relação às S.A é sua fidelidade. Para assim, Hitler ter a liberdade de manipulá-los como bem quiser, e como depois ele mesmo fez ao dismantelar as S.A, que chegara a ter mais de 400 mil homens<sup>262</sup>.

No decorrer da cena, são exibidos diversos planos, majoritariamente, com o plano aberto, com o movimento de grua, sobre as massas de soldados da S.A., em dorsal. O objetivo é mostrar o sentido de que uma vastidão de soldados, sem rostos em seu absoluto sentido coletivo, está ali para jurar fidelidade a Hitler, ou seja, a maior parte das S.A está ao lado e para servir Hitler. É uma tentativa de afirmar que as S.A devem sempre estar sobre a autoridade de Hitler, e apenas dele. Não cabendo qualquer disputa interna por poder ou qualquer atitude que não esteja em concordância e não seja autorizada por Hitler. Caso contrarie essas recomendações, resta apenas como punição: a morte, como Hitler afirmará em seu discurso nos próximos planos.

Nos planos alternados com os planos abertos, aparecem os planos médios com os soldados da S.A segurando o estandarte ou a bandeira nazista. Sugerindo que suas armas são sua paixão pela Alemanha nazificada, ou seja, pelo Terceiro Reich. É esse amor fulminante que os move, que o faz ter coragem e belicosidade para enfrentar a guerra e morrer pela Alemanha, e pelo *Führer*, se for preciso.

---

<sup>262</sup> (...) diante do gigante das S.A que, naqueles dias, contava com cerca de cem mil soldados, em 1932 –um ano antes de que Hitler tomasse o poder –, acolheria entre seus muros mais de 400 mil adeptos. CORES, ibidem, p. 122.



Nessa curta cena são exibidos os planos com o desfile das S.S, ao contrário dos planos com as S.A, agora, são exibidos os rostos dos soldados da S.S. Observa-se que os soldados da S.S, nesse momento, não carregam estandartes ou bandeiras, sugerindo que os princípios nazistas já estão personificados no próprio corpo de um soldado da S.S<sup>263</sup>. Portanto, se os soldados da S.A precisavam externar seu amor pelo Terceiro Reich carregando bandeiras nazistas, no caso dos soldados da S.S isso será desnecessário. Posto que, são motivados por si mesmos, devido a intensa carga doutrinária que recebem<sup>264</sup>, encarnando o significado do nazismo em seus próprios corpos. Então, seu corpo, também sua mente e seu espírito, são suas principais armas. Os soldados da S.S são os valores nazistas corporificados que estão “em movimento” para a guerra.

Cena de 1:09’33” a 1:09’55””: Essa curta cena da exibição do desfile dos soldados da S.S, mostram os planos com os soldados da S.S com o plano médio em frontal e dorsal. A escolha do plano médio, tem como objetivo destacar a importância que as S.S tem para o partido e para a Alemanha. Ademais, ao contrário das S.A que são exibidos diversos planos com a massa de soldados, nos planos com as S.S são exibidos grupos de poucos soldados. Indicando que só os melhores poderiam pertencer às S.S, a elite paramilitar.

Nos planos os soldados aparecem marchando em um ritmo concêntrico, demonstrando uma ideia de união, coesão e disciplina. Esses princípios estão de acordo com os quais eram ensinados para os soldados da S.S em sua formação. A formação ideológica dos soldados das S.S foi determinante, para que eles se tornassem os mais brutais, facinorosos e cruéis operantes do nazismo. Sua roupa preta, prenunciando um sentido lúgubre e macabro, outrossim simbolizam força e altivez<sup>265</sup>.

---

<sup>263</sup> A seleção dos S.S era muito mais restrita que a realizada nas S.A, (...) Em apenas quatro anos, as S.S deixaram de ser uma força sem capacidade de “choque” por seus limitados recursos humanos para se estar formada por mais de 52 mil soldados (...) Pelo que se disse, estabeleceram-se os requisitos para fazer parte da Guarda Negra: os aspirantes deviam ser de pura raça ariana e, preferivelmente, loiros e de olhos claros –as medidas de seleção foram se abrandando à medida que a guerra foi piorando e era prioritário obter soldados onde quer que fosse, e s soldados mais nórdicos passaram a ser treinados ao lado da antítese do ideal racial nazistas (muçulmanos, ucranianos e indivíduos que diferiam amplamente do ideal ariano) –, devendo demonstrar que não tinham nenhum tipo de “impureza” genealógica judaica ao menos desde o ano de 1750. CORES, ibidem, p.123-124.

<sup>264</sup> Para que seus subordinados realizassem esse trabalho “sagrado” com eficácia, doutrinou-os na violência e no perigo representado pela compaixão, que podia comprometer o pessoal era castigado com uma severidade inusitada pelo mau cumprimento do trabalho militar, por mais insignificante que fosse o erro cometido. A infração das normas não era uma possibilidade, e o treinamento diário devia basear-se na dureza, na eficácia e na camaradagem ao extremo. CORES, ibidem, p.126.

<sup>265</sup> Foi essa formação acadêmica que desumanizou muitos soldados das S.S, que fez com que perdessem o respeito por sua vida e, em consequência, pela vida dos demais, obtendo êxito no campo de batalha sem comparação com os das outras unidades do exército alemão –e aliado –, mas efetuando algumas ações que eram a própria personificação da loucura. Um exemplo dessa perda de moral humana se encontra na pessoa de Josef Kramwe, *SS-Hauptsturmführer* –capitão S.S – das S.S *Totenkopfverbände*, o qual, ao ser indagado pelos tribunais aliados



Cena de 1:10'13": Aparece o líder das S.A, Lutze fazendo seu juramento de fidelidade a Hitler. Nota-se que durante a cena, somente o líder das S.A jura lealdade a Hitler. Corroborando a ideia de que Hitler tinha desconfiança sobre, isto é dificuldade de controlar, apenas as S.A. Visto que Himmler não precisa realizar seu juramento, pois sua fidelidade, ou seja, das S.S, a Hitler e a Alemanha, já estava inserida na própria definição e existência das S.S. Sendo assim, seria redundante Himmler jurar fidelidade a Hitler.

Cena de 1:10'13" a 1:10'29": Com o primeiro plano, o líder da S.A, Lutze, faz seu juramento a Hitler: “ Meu *Führer*, como cumprimos nosso dever no passado, também iremos fazê-lo no futuro. Aguardamos apenas a sua ordem. ” O plano sugere que o líder das S.A ratifica sua lealdade a Hitler, afirmando que ele, diferentemente dos traidores, nunca falhou com sua fidelidade. E assim como sempre esteve ao seu lado no passado, estará no futuro. Ainda, informa a Hitler, que suas tropas estão prontas para o combate, aguardando sua ordem para começar a marchar em direção à guerra. No plano subsequente, com o primeiro plano, Hitler é exibido com sua expressão austera.

---

depois da guerra sobre o que sentiu quando mandou executar 80 prisioneiros de Auschwitz, respondeu: “Não tenho sentimentos. Essa é a preparação que recebi”. Contudo, aqueles que realmente se encarregou de tornar realidade os sonhos dos “guerreiros da raça” de Himmler, de materializar as palavras de Hitler que reclamavam a necessidade de que as S.S tivessem “uma vontade feroz, uma força invencível, o sentimento de superioridade personificado” e de levar à prática a teoria de Eicke de que a dureza com os soldados, e o emprego da mesma pelos S.S, “economiza muito sangue”. CORES, *ibidem*, p.126-127.



Cena de 1:10'30" a 1:10'59": Lutze continua seu pronunciamento, agora, direcionado para as massas de soldados da S.A: "E nós camaradas só sabemos uma coisa, seguir a ordem do nosso *Führer*, e provar que somos os mesmos de sempre. Nosso *Führer*, Adolf Hitler. Salve! Vitória! Salve! Vitória! ". Nos próximos planos são mostradas as massas de soldados, no primeiro quadro, elas aparecem escutando atentamente o discurso de Lutze. No quadro seguinte, fazem o gesto nazista que simboliza o total apoio as palavras de Lutze e reafirma sua fidelidade a Hitler.



A última cena da sequência é marcada pelos planos da oratória de Hitler. Seu discurso é a síntese da argumentação que foi apresentada no decorrer de toda a sequência. Em sua oratória, Hitler afirma que não existem divergências dentro do partido nem nas S.A, fazendo uma alusão aos expurgos de 1934 incluindo o assassinato de Ernst Röhm. É uma tentativa de manipular a verdade dos fatos, isentando-se da responsabilidade da morte de Röhm. Hitler aproveita para apaziguar os conflitos existentes nas S.A, reiterando que não existe, e não deverá existir, nenhuma divisão no movimento. Isto é, ela sempre foi coesa e deverá permanecer assim. Da mesma maneira, não deve existir divisões na Alemanha como um todo. Entretanto, o que coloca em risco a unidade são os traidores, aqueles que são desobedientes e desrespeitam o

princípio de coesão do partido. Esses, Hitler já ameaça, ao se colocarem entre ele e suas S.A, estarão anunciando a própria morte.

Cena de 1:11'00" a 1:13'55": Pronunciamento de Hitler: "Homens da S.A e da S.S. Há poucos meses uma sombra negra espalhou-se pelo movimento. Nem a S.A ou outra instituição do partido tem ligação com essa sombra. São perdedores aqueles que acreditam que uma divisão ocorreu no movimento. Em nosso movimento unido. Ele permanece firme como está formação hoje, como nós na Alemanha permanecemos intactos. E se alguém se colocar contra a minha S.A, seu desejo não romperá a S.A. Apenas destruirá a si mesmo. Só um lunático ou mentiroso deliberado! Pode pensar que eu ou qualquer outra pessoa tentará dissolver o que nós mesmos construímos ao longo destes anos. Não camaradas estamos firmes pela nossa Alemanha, e assim permaneceremos. Agora lhes dou as novas bandeiras convencido de que estou entregando-as às mãos mais leais da Alemanha. No passado vocês provaram sua lealdade milhares de vezes. E assim é no presente e não será diferente no futuro. Assim eu os saúdo como meus fiéis homens da S.A e da S.S. Salve a Vitória! Salve! Salve! Salve! "



Como prêmio por manter sua lealdade a Hitler, Hitler concede aos soldados da S.A e da S.S a honra de carregar os novos estandartes. Simbolizando a renovação das forças paramilitares, na qual, as S.A que serão desmanteladas em breve, e o crescimento das S.S. A desarticulação das S.A era necessária para que os nazistas pudessem colocar em prática seus desígnios. Visto que, precisavam contar com forças bélicas que além de potentes, fossem ideologicamente compromissadas com seus objetivos. Para simbolizar o compromisso de fidelidade a Hitler das S.A e S.S, os nazistas modificam o modelo de estandarte. O estandarte antigo, pertencente à época da chefia de Ernst Röhm, é substituído por um novo. Esse novo

estandarte<sup>266</sup> representa a renovação das forças paramilitares e sua total fidelidade e submissão a Hitler.

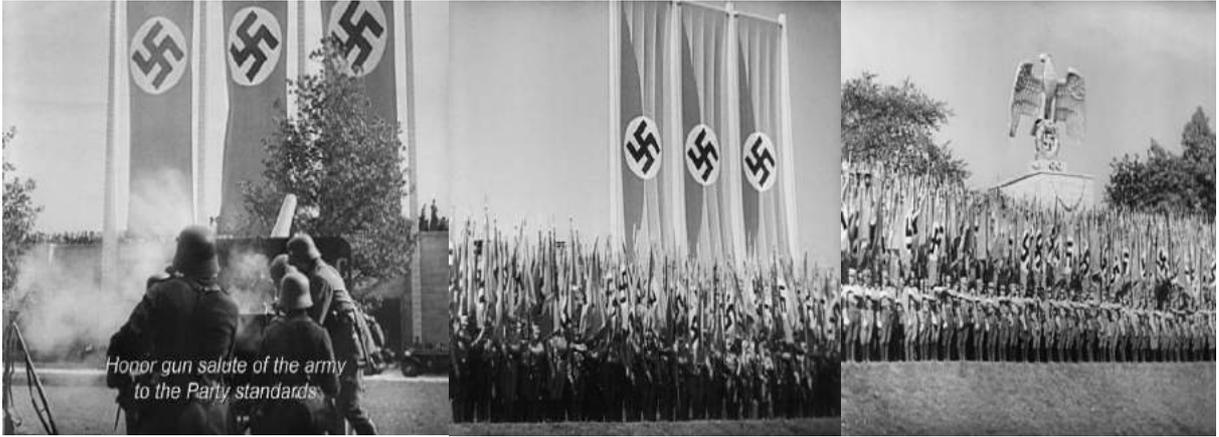
Ao analisar a lenda que inspira a criação do estandarte, percebe-se que o estandarte representa lealdade e sacrifício. Segundo a lenda nazista, o sangue derramado do porta-bandeira, que morreu lutando durante o *putsch* de Munique, infiltrou-se na estrutura do estandarte, ou seja, metaforicamente, o estandarte é a própria memória viva do fiel combatente morto. Portanto, Hitler ao conceder a honrar para os soldados da S.A e S.S de carregarem os estandartes, está validando o compromisso de fidelidade e sacrifício firmado pelos soldados.

Cena de 1:13:58 a 1:15:47: Durante a cena, são exibidos planos em que aparecem os soldados da S.A e S.S recebendo pelo próprio Hitler o novo estandarte. No primeiro quadro, está escrito no letreiro: “Armas de honra para os estandartes do Partido”. Os letreiros dos planos seguintes grafam: “Hitler apresenta as novas cores para reunir a formação do Partido, tocando cada nova bandeira do *Blutfahne*, o “Estandarte de sangue”. Carregado por SS-*Standartenführer* Jakob Grimminger, o mesmo homem que carregou esta bandeira durante o movimento de Munique de 1923 que foi abortado. ”

Ao analisar a ideia que a cena pretende transmitir, observa-se que, novamente, o discurso filmico volta a sincronizar os tempos do passado, presente e futuro. Onde o passado, representado pela luta dos nazistas para ascender ao poder através *Putsch* da Cervejaria, que tornou o estandarte um símbolo dessa luta, deve servir de inspiração e também para vingar-se sobre aqueles que interromperam o golpe. O presente é beligerante, pois no momento é preciso unir todos os esforços para a guerra. Esse sentido é corroborado pelo uso do tanque de guerra nos planos. Só a vitória na guerra trará as terras roubadas e restaurará o orgulho ferido do povo alemão. Para que assim, garantir-se-ia um futuro próspero e glorioso, no qual, as terras roubadas e as novas conquistadas formarão o “espaço vital”, em suma, consumir-se-ia o magnânimo Império do Terceiro Reich.

---

<sup>266</sup> Segundo essa legenda, o porta-bandeira Andreas Banrield caíra mortalmente atingido quando do *putsch* de Munique, e seu sangue escorrera sobre o estandarte que carregava. Conservando como relíquia, o estandarte passou então a ser utilizado para batizar as bandeiras das novas unidades das S.S e S.A. Segundo a descrição de um bom observador, Hitler tomava em uma de suas mãos a bandeira-relíquia, e na outra as novas bandeiras a consagrar. Com sua intermediação circulava um fluido desconhecido e a bênção dos “mártires” se estendia daquele momento em diante aos novos símbolos da pátria alemã. Para esse observador, aquilo não era pura simbologia. O ritual se referia uma “transfusão mística”, semelhante à da benção da água e à transformação eucarística do catolicismo. “Quem não vê na consagração das bandeiras o análogo da consagração do pão, uma espécie de sacramento alemão, corre o risco de não compreender nada do hitlerismo”. GUYOT/RESTELLINI, 1983, p. 45 apud LENHARO, p. 44.



#### 4.4.9 Sequência: Encerramento do VI Congresso do Partido Nazista

As cenas finais de *O Triunfo da Vontade* são a síntese das principais ideias levantadas nas cenas anteriormente. Dentre todas as cenas exibidas no final do filme, a que resume, não apenas os valores exaltados pelos nazistas, mas, sobretudo, seu próprio modo de governar: *Führerprinzip*.

A partir da fala de Hess, que traduz o conceito de *Führerprinzip*, pode se averiguar que as sequências do filme são construídas tomando como orientação o conceito de *Führerprinzip*, que em resumo é a governança suprema de Hitler, sem as estruturas de poder do Estado parlamentarista e as oposições partidárias. Por esse motivo, o valor mais explorado em *O Triunfo da Vontade* são obediência e lealdade, todos devem obedecer cegamente às ordens de Hitler. Sua liderança nunca deve ser questionada, apenas cumprida. Sendo Hitler a Alemanha, as pessoas ao obedecerem a Hitler, estariam contribuindo para a construção de uma nação melhor. Inclusive, com o sacrifício da própria vida. Como já foi analisado, a obediência é um traço marcante do comportamento do povo alemão, os nazistas pretendiam manipular esse comportamento para seus desígnios, e o principal deles era a guerra.

Entre as características constantes que merecem ser mencionadas a esse respeito — e que são compreensíveis à luz da história alemã — está a tendência das pessoas, em tempos de emergência nacional, a submeterem-se, pelo menos por algum tempo, a uma disciplina e regras extremamente rigorosas, quando impostas em nome da Alemanha. Uma obediência absoluta e indiscutível era considerada, em tais situações, um dever nacional de todo e qualquer indivíduo. Se este tinha que destruir outros, eles tinham que ser destruídos. Se era exigido o sacrifício da própria vida, a pessoa tinha que morrer.<sup>267</sup>

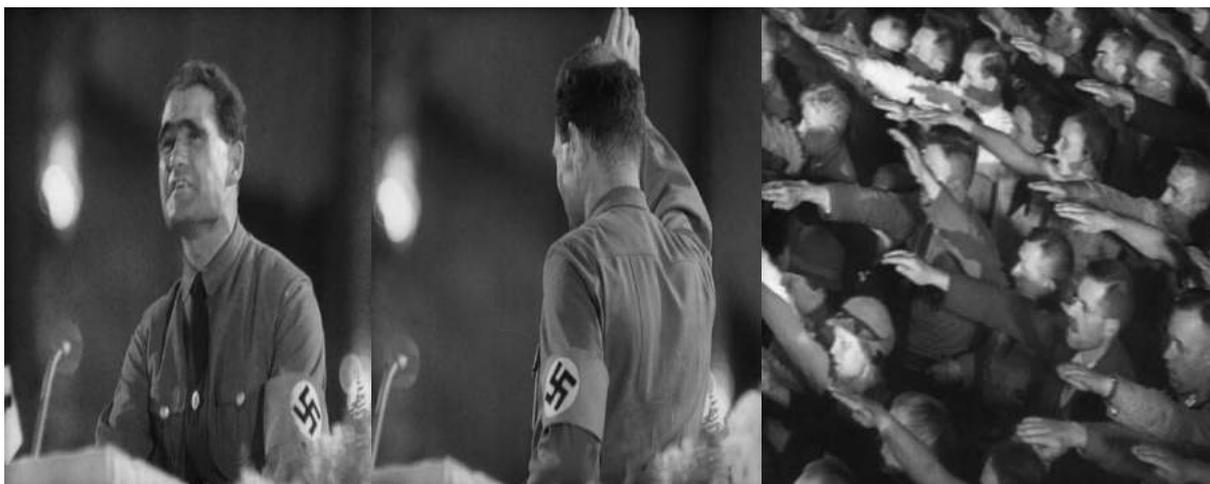
Somente a guerra seria capaz de garantir a conquista do “espaço vital”, para que assim fosse restaurado o império alemão tão desejado por seu povo. Para os nazistas, significava a edificação do Terceiro Reich glorioso, majestoso e colossal. Tal qual, o penúltimo plano mostrado focalizando na bandeira nazista. Capaz de restituir toda dor, miséria e sofrimento que o povo alemão passara.

O filme termina com o seu começo com a canção “*Horst Wessel Lied*”<sup>268</sup>, a partir da análise do discurso fílmico, averigua-se que seu sentido no filme é de representar um comando militar, ou seja, o documentário *O Triunfo da Vontade* está dando o sinal de que vai atacar. A Segunda Guerra estava praticamente declarada.

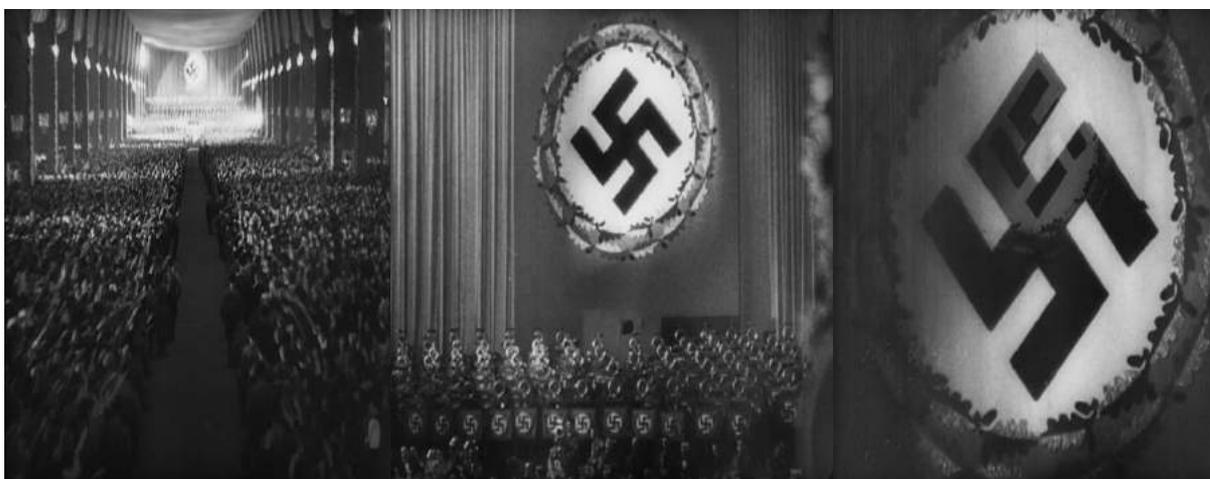
<sup>267</sup> ELIAS, ibidem, p.294-295.

<sup>268</sup> Cf. Ver em: A música no filme *O Triunfo da Vontade*.

Cena de 1:48'06" a 1:50'00" : Hess diz em 1:48'06": “ O Partido é Hitler! Mas Hitler é a Alemanha, como a Alemanha é Hitler! Hitler: Salve a Vitória! Salve a Vitória! ” No plano com Hess, filmado com o primeiro plano, mostra Hess virando-se na direção de Hitler, que estava na plateia assistindo ao seu pronunciamento. O plano sugere que Hess faz um apelo para Hitler, pedindo a vitória, já que durante sua fala ele pronuncia o nome de Hitler. Nos planos subsequentes, são mostrados planos com a massa em êxtase, fazendo a saudação nazista, simbolizando seu apoio a oratória de Hess.



Nos próximos planos, a câmera se movimentava pelo espaço do saguão do comício, até focalizar na bandeira nazista, filmando-a com o plano detalhe. Ao cortar o plano para outro plano, a imagem anterior vai desaparecendo aos poucos, até que o plano seguinte apareça quase completamente. Os soldados não chegam a ser exibidos no plano, apenas com a mescla das duas imagens da bandeira nazista e dos soldados marchando, insinuando que os soldados estão marchando em direção à guerra.





#### 4.5 A MÚSICA EM *O TRIUNFO DA VONTADE*

Durante a exibição de *O Triunfo da Vontade* em boa parte das cenas aparece um elemento cinematográfico essencial para a construção do discurso fílmico: a música. O ritmo musical marca os planos do documentário, principalmente em relação às cenas nas quais são exibidos os soldados. Fica perceptível durante a exibição do filme que o uso da música sempre está atrelado aos valores bélicos e militares. Para compreender os significados de seu uso no filme, é necessário compreender como o povo alemão se relacionava com a música, e também seu uso histórico pelas forças armadas.

Como já foi analisado anteriormente, a sociedade alemã, de modo geral, era bastante influenciada por valores heroicos e bélicos como a bravura, a honra, coragem e violência. No que tange à sua relação com a música, não poderia ser diferente. A música para a sociedade alemã, deveria expressar os valores heroicos que eram necessários ao travar batalhas. Um fato interessante para se ressaltar, é que ao enaltecer os valores heroicos, inevitavelmente, as músicas também exprimiam valores mórbidos como a morte e violência.

Poucos dos outros povos tinham em sua mística nacional, em sua poesia e em suas canções, tantas alusões à morte e à abnegação quanto os alemães. "*Guten Kamaraden*" ("Bons camaradas"), de Schiller, em que um soldado é descrito marchando e combatendo lado a lado com seu melhor amigo, até que uma bala o feriu mortalmente, era uma canção favorita dos soldados alemães e do povo alemão em geral. Outros

exemplos são a canção de Heine da "*Lorelei*", que encantou o pescador, para que ele esquecesse os perigos à sua volta e se afogasse, ou as canções "*Soldaten: Morgenlied*", nas quais o alvorecer vermelho ilumina o caminho do cantor para uma morte prematura, ou a "*Reiterlied*", acerca dos homens que cavalgam através da noite escura "para a sua morte, para a sua morte."<sup>269</sup>

Ao analisar o conteúdo verbal das canções, fica implícito o quanto os valores bélicos estavam entranhados no comportamento e pensamento dos alemães. As canções fazem alusão às batalhas que foram travadas para a construção do império alemão. De forma geral, o povo alemão acreditava ser possuir da grandeza de um império majestoso, porém, conforme os estudos já realizados, essa grandeza estava perdida há tempos. Fato que não impossibilitava os alemães de manterem a crença de que um dia, a Alemanha voltaria a ser tão grandiosa como fora em outros tempos. Para o espírito guerreiro não padecer, era necessário sempre manter a chama acesa do desejo de ter novamente a grandeza do império, através das canções que exaltavam valores heroicos e belicistas.

A morte, como não poderia faltar nas batalhas, é um elemento intrínseco nas canções que exaltam o heroísmo, dever-se-ia morrer pelo pátria caso fosse necessário, pois o prêmio mais do que provar sua coragem e bravura, era a garantia de que você estava ajudando a construir a grandeza do império da Alemanha.

As tristes canções alemãs sobre pessoas que iam encontrar a morte como se impelidas por um sortilégio de autoimolação — *morituri te salutamus!* ("os que vão morrer te saúdam!") — deram expressão a esses estados de espírito. Elas refletiam um padrão de história e sociedade, assim como um padrão de ideais e consciência. Cite-se também a balada popular, reimpressa em muitos compêndios escolares, de Alarico, rei dos godos, que, derrotado e morto em batalha, foi sepultado por seus leais cavaleiros no leito de um rio cujas águas tinham sido desviadas e depois devolvidas ao seu leito normal após o sepultamento, para que nenhum inimigo pudesse profanar seu cadáver:

*Und essang ein Chor von Männern:*

*Schlaf in deinen Heldenehren!*

*Reines RSmers schnode Habsucht*

*Soll dir je das Grab verseheren!*

[E um coro de homens cantou:

Repousa em tua honra de herói!

Nenhuma torpe cobiça romana

Tua sepultura a viltará jamais! ]

---

<sup>269</sup> Essas canções eram repetidamente entoadas com fervor; tinham um estranho fascínio sobre os alemães. (...) Tinham aprendido que era dever de um alemão sustentar essa grandeza, recuperá-la se a ocasião surgisse e, sem mais delongas, marchar para a vitória, quaisquer que fossem, as consequências para si próprios ou para outros. ELIAS, *ibidem*, p.295.

Outro fator marcante que influenciou os nazistas sobre sua concepção de música, foi Richard Wagner, para Wagner o mundo era edificado a partir do mito, a eterna verdade germânica.

O mito implica que a imagem do mundo tem que ser treinada através da instituição e isto é definido como o esforço que a alma faz para se elevar além do mundo atual, até alcançar uma unidade superior através das memórias primitivas. Consequentemente, o mito é expresso através do simbolismo e da arte. O movimento romântico tentou descobrir a memória dos antepassados através de baladas, contos de fadas e lendas.<sup>270</sup>

À vista disso, os valores belicistas exaltados pelos nazistas já faziam parte do cotidiano alemão muito antes de sua chegada ao poder. Entretanto, os nazistas se apropriam desse costume, nazificando-o, transformando as canções populares em uma das suas insígnias. Já que Hitler se dizia ser uma espécie de “artista governante”<sup>271</sup> A canção mais famosa e que se tornou hino dos nazistas: *Horst Wessel Lied*, é na realidade, mais uma das mentiras propagandísticas dos nazistas, pois o Horst Wessel chefe das S.S em Berlim, que concede seu nome à música, é transformado em um mártir, um herói que morreu lutando bravamente pelo Partido Nazista durante sua escalada ao poder.<sup>272</sup> Entretanto, na realidade Wessel foi morto por alguns comunistas em fevereiro de 1930, alguns autores defendem que o motivo da morte não foi político e sim devido à disputa por uma prostituta.<sup>273</sup>

*Horst Wessel Lied*  
*Die Fahne hoch! Die Reihen fest geschlossen!*  
*SA marschirt mit mutig-festem Schritt.*  
*Kameraden, die Rotfront und Reaktion erschossen,*  
*Marschieren im Geist in unseren Reihen mit.*  
*Die Straße frei den braunen Bataillonnen.*  
*Die Straße frei dem Sturmabteilungsmann!*  
*Es schaun aufs Hakenkreuz voll Hoffnung schon Millionen.*  
*Der Tag für Freiheit und für Brot bricht an!*  
*Zum letzten Mal wird nun Appell geblasen!*  
*Zum Kampfe steh'n wir alle schon bereit!*  
*Bald flattern Hitlerfahnen über alles Straßen.*  
*Die Knechtschaft dauert nur noch kurze Zeit!*

<sup>270</sup> GEORGE, ibidem, p.135.

<sup>271</sup> Desde *Mein Kampf*, Hitler costumava dizer ser a arte o produto da grandeza política nacional. Arte e política eram por ele concebidas como uma única e mesma coisa e elas fazia constante referências, como termos quase intercambiáveis. (...) as formas do Estado e as formas artísticas. Hitler sentia-se lisonjeado ao ser considerado tanto chefe artístico, quanto político. LENHARO, ibidem, p.36-37.

<sup>272</sup> Gobbles enalteceu a figura de Wessel como a de um “cavaleiro dos tempos modernos, defensor da viúva e do órfão”, um jovem estudante que abandonara os confortos da vida burguesa para lutar contra a injustiça social, “um socialista de Cristo”, vítima dos comunistas. Ibidem, p.39

<sup>273</sup> Um dos líderes distritais das S.S {há confronto de fontes, pois Shirer afirma ser S.S e outros S.A} em Berlim foi Horst Wessel (...) Possuía, efetivamente, relações com rufiões e prostitutas. Foi morto por alguns comunistas em fevereiro de 1930, e teria ficado no esquecimento, juntamente com centenas de outras vítimas de ambos os lados nas lutas de rua, não fora o fato de haver deixado, ao morrer, uma canção, cuja letra e melodia eram de sua autoria. Era a canção Horst Wessel, que imediatamente se tornou a canção oficial do Partido Nazista e mais tarde o segundo hino oficial — depois do *Deutschland über Alles* — do Terceiro Reich. O próprio Horst Wessel, graças à hábil propaganda do dr. Goebbels, tornou-se uma das lendas heróicas do movimento, aclamado como idealista puro que sacrificara a vida pela causa. SHIRER, ibidem, p.205, grifo meu.

*Die Fahne hoch! Die Reihen fest geschlossen!  
SA marschirt mit ruhig-festem Schritt.  
Kameraden, die Rotfront und Reaktion erschossen,  
Marschieren im Geist in unseren Reihen mit.*

Canção de Horst Wessel  
A bandeira ao alto! As fileiras cerradas!  
As SA marcham em firme e corajoso passo.  
Camaradas fuzilados pela Frente Vermelha e os Reacionários,  
Marcham em espírito nas nossas fileiras.  
As ruas livres para os batalhões marrons.  
As ruas livres para os homens das *Sturmabteilung!*  
Milhões olham já para a suástica, cheios de esperança.  
O dia da Liberdade e do Pão desponta!  
A chamada foi feita pela última vez!  
Estamos preparados para a luta!  
Em breve a bandeira de Hitler flutuará sobre todas as ruas.  
A nossa servidão não irá durar muito mais!  
A bandeira ao alto! As fileiras cerradas!  
As SA marcham em firme e corajoso passo.  
Camaradas fuzilados pela Frente Vermelha e os Reacionários,  
Marcham em espírito nas nossas fileiras.

Contudo, a construção do discurso filmico de *O Triunfo da Vontade* a partir dos elementos sonoros, não é feita apenas dos hinos dos nazistas, ela também utiliza outros tipos de música, como as canções inspiradas na prática feita pelos militares. De forma geral, o uso da música para fins militares está relacionada com a comunicação no campo de batalha e também seu efeito de estimular os soldados e inspirar medo nos inimigos. A fim de expor exemplos dos usos da música pelos militares, Carvalho cita o autor Nicolau Maquiavel:

Em seu *Libro della arte della guerra*, Nicolau Maquiavel orienta que os oficiais deveriam emitir seus comandos através dos sons dos trompetes, pois com seu som penetrante e de grande volume poderia ser ouvido no pandemônio das batalhas. Maquiavel sugeria inclusive que o trompete da cavalaria tivesse um timbre diferente dos da infantaria, para não se confundir os combatentes (praticada até hoje, com o uso da corneta pela infantaria e do clarim pela cavalaria). Os trompetes e as flautas, especialmente os pífanos, eram mais empregados para dar disciplina às marchas e deslocamento da infantaria no campo de batalha. O uso da música era de vital importância, pois dela dependia a vida de muitos soldados e mesmo o sucesso das atalhas. Como comandava ordens, se não fosse ouvida, ou pior, mal-entendida poderia ser mais perigosa que o inimigo mesmo. A música transmitia sinais que deveriam ser ouvidos em meio ao fulgor da batalha.<sup>274</sup>

Dessarte, nota-se que o uso da música pelos militares estava atrelado tanto à questão de organização das tropas, já que cada som, os ritmos, representava sua respectiva força armada, como também como um código de comando usado transmitir informações entre os soldados e disciplinar às marchas. Ao assistir as cenas que exibem pessoas tocando instrumentos em *O Triunfo da Vontade*, percebe-se uma analogia desses mesmos usos pelas massas de Hitler e seus

<sup>274</sup> CARVALHO, V. **História e a tradição da música militar**. Disponível em: <<http://ecsbdefesa.com.br/fts/MUSICAMILITAR.pdf>> Acesso em: 10 mai. 2018.

soldados das S.A e S.S. Portanto, ao utilizar a música militar o discurso fílmico pretende inspirar os valores como obediência e disciplina, organizando ritmicamente as massas e os soldados de forma uníssona.

Vê-se nos quadros abaixo, exemplos de como os elementos musicais como ritmo, cadência e harmonia foram aplicados nas cenas de *O Triunfo da Vontade*. Os dois primeiros quadros retratam como a música foi utilizada com a personagem massa, no caso, representada pela Juventude Hitlerista e seus respectivos instrumentos musicais. Já no segundo quadro, contém a imagem de uma tropa de soldados da S.A, também com seus característicos instrumentos musicais.



## CONCLUSÃO

Ao tomar como objeto de investigação o documentário *O Triunfo da Vontade*, a pesquisa teve como intuito, averiguar os possíveis caminhos metodológicos para compreender, como ocorreu a montagem de seus elementos cinematográficos, isto é sua escrita fílmica, assim sendo, torna-se possível formular hipóteses de interpretação sobre seu discurso.

Contudo, por ser um trabalho dentro da área de história, a presente pesquisa se propôs a relacionar a análise fílmica e os elementos extracinematográficos, com o contexto político-social e aos fatos históricos mais marcantes da sociedade alemã. Tratando o filme *O Triunfo da Vontade* como documento histórico e produtor de conhecimento estético.

Ao indagar a fonte audiovisual, verificou-se que para interpretar as representações das práticas e dinâmicas sociais, contidas na materialidade do filme, suas imagens e sons, é necessário considerar que a natureza linguística do cinema exige uma metodologia diferente da utilizada para se analisar as narrativas que utilizam apenas a linguagem verbal. Desse modo, cada linguagem deve ser examinada conforme sua natureza. Uma vez que cada uma das linguagens, sonora, verbal e imagética, possui sua agência específica, atingindo o espectador através de seu sentido correspondente. Fato que mereceu ser levado em consideração, para construir os caminhos metodológicos no momento das investigações.

Com relação à análise fílmica, ao examinar a montagem dos elementos dos elementos cinematográficos de *O Triunfo da Vontade*, observou-se que as escolhas da construção do (a) s significados/ideias/discurso presentes na narrativa do filme, estavam intimamente relacionadas aos aspectos extracinematográficos. Com relação às condições de sua produção, a investigação identificou que o filme recebeu do governo nazista um financiamento suntuoso para sua realização. Esse fato não está explícito no enredo, porém, é possível verificar os vestígios das práticas fascistas, através da análise da montagem de seus elementos cinematográficos. Pois, ao escolher o gênero de documentário para narrar o “triumfo” de Hitler e do Partido Nazista, houve a intencionalidade de manipular os fatos históricos. Para forjar um discurso histórico em *O Triunfo da Vontade* que representava, sobretudo, seus próprios desígnios políticos e cânones de sua ideologia.

Contudo, os elementos cinematográficos não se referem apenas às intenções de seus produtores, é possível explorar na análise fílmica, questões relacionadas à conjuntura da sociedade alemã. Para isso, foi preciso levantar dados históricos sobre a história e o contexto político-social da sociedade alemã durante a ascensão nazistas, também nos anos iniciais de seu

governo. Ao conhecer como se estruturou historicamente o imaginário e as estruturas, dinâmicas e práticas sociais, é possível entender os comportamentos, as emoções, os valores e os ressentimentos que estão diretamente relacionados à conjuntura na qual facilitou a chegada dos nazistas ao poder. Principalmente com relação aos sentimentos de medo e insegurança, gerados pelo caos, desemprego e calamidade generalizada.

Entretanto, a pesquisa verificou que não eram apenas os sentimentos recentes que motivavam os alemães. Através da análise fílmica, que formula possíveis hipóteses de interpretação, foi exequível estudar o modo como os fatos históricos remotos mais marcantes da sociedade alemã, exerciam influência nos comportamentos, memória coletiva e ressentimentos. Mediante aos estudos dos elementos cinematográficos de *O Triunfo da Vontade*, pode-se elaborar hipóteses em relação aos objetivos do discurso fílmico, que ao se construir, utilizou dos ressentimentos existentes na sociedade alemã, principalmente, o sentimento de vergonha gerado pela derrota na Primeira Guerra Mundial, e de humilhação devido às diretrizes estabelecidas pelo Tratado de Versalhes. Ademais, existiam comportamentos latentes na sociedade alemã como obediência, disciplina e repressão, que também foram considerados nos estudos para justificar as escolhas dos elementos cinematográficos feitas para construir a narrativa do documentário.

Todavia, ao estudar o discurso fílmico de *O Triunfo da Vontade*, verifica-se a complexa inter-relação entre o discurso fílmico e sociedade na qual o filme foi produzido. Pois, são suas imagens e sons que traduzem os (res) sentimentos, o imaginário, a memória coletiva que estão entrelaçados aos fatos políticos e sociais, como a guerra, miséria, fome, desemprego e o caos. Como foi visto na investigação da sociedade alemã e suas conexões com o discurso emitido pelo documentário.

Ao conectar o singular, a memória e as emoções, às estruturas político-sociais, os filmes tornam-se um potente emissor de conhecimento. Portanto, não se pode menosprezar seu poder e influência sobre a sociedade. Especialmente, quando o filme possui temática histórica, quer seja de documentário ou ficcional, já que os acontecimentos narrados serão organizados cronologicamente, conforme as convicções de seus produtores. Fazendo com que o filme produza um conhecimento histórico, que reflete muito mais os ideais e práticas de seus realizadores, do que os próprios fatos reais narrados.

Portanto, não se deve subestimar e ser indiferente em relação às manifestações e produções da sociedade. Sendo assim, um filme mostra mais do que seu discurso, ele também

apresenta aspectos dos conflitos e das particularidades do corpo social, que deve ser visto em suas pluralidades e dinâmicas. Ademais, os filmes também produzem conhecimento estético, por meio da experiência sensível, servindo de catalisadores de ações. Sendo assim, pode ser empregado para dominar o pensamento, através do controle do discurso.

Cabe aos historiadores saber interpretar os discursos, independentemente da mídia que o emite. Pois, os nazistas conseguiram êxitos em seu governo, em grande medida, devido ao fato de saberem manipular as percepções e emoções, para então conseguirem doutrinar o pensamento.

## REFERÊNCIAS

- ABRANS, Nathan. *et al.* **Studying film**. New York: Arnold, 2001.
- ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.
- AUMONT, Jacques. **A imagem**. 7ª edição. Campinas: Papirus, 2002.
- \_\_\_\_\_. *et al.* **A estética do filme**. 5ª edição. Campinas: Papirus, 2007.
- \_\_\_\_\_. MARIE, Michel. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. Campinas: Papirus, 2003.
- BARROS, José D'Assunção; NÓVOA, Jorge (org.). **Cinema - História: Teoria e representações sociais no cinema**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.
- BARSAN, Richard M. **Triumph of the will**. London: Indian University press, 1975.
- BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: Zouk, 2012.
- BLANCO, Desiderio. **Semiótica del texto fílmico**. Lima: Universidad de Lima, 2003.
- BORDWELL, David. **A arte do cinema: uma introdução**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Sobre a história do estilo cinematográfico**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.
- BURGSdorff, Elias Kühn von. **Cinema, Nazism and Solidarity: How and why did the notion of unity contribute to the appeal of Leni Riefenstahl's film "Triumph of the Will" within Nazi Germany**. Institution name/journal where submitted: McGill University, Março, 12, 2012.
- BRANDT, Cleri Aparecida. **Vasculhando baús de memórias do nazismo por imagens: olhares e possibilidades diversos**. Dissertação de mestrado UNESP: Rio Claro, 2014.
- BURSZTEIN, Jean-Gérard. **Hitler, a tirania e a psicanálise: ensaio sobre a destruição da civilização**. São Paulo: Companhia de Freud, 1998.
- CAMARGO, Marcos H. **Formas diabólicas: ensaios sobre cognição estética**. Londrina: Syntagma Editores, 2017.
- \_\_\_\_\_. **Cognição estética: o complexo de Dante**. São Paulo: Annablume, 2013.
- CAMPBELL, Drew. **Technical film and tv for nontechnical people**. New York: Allworth Press, 2002.

- CANETTI, Elias. **Massa e Poder**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.
- CARVALHO, Vinícius M. **História e a tradição da música militar**. Disponível em: <<http://ecsbdefesa.com.br/fts/MUSICAMILITAR.pdf>> Acesso em: 10 mai. 2018.
- CASETTI, Francesco; CHIO, Federico Di. **Cómo analizar un film**. Barcelona: Paidós, 1991.
- CASTRO, Nilo André Piana de. **Cinema e Segunda Guerra**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.
- CHAIA, Miguel. **Cinema e política**. Rio de Janeiro: Azougue, 2015.
- CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R.(orgs). **O cinema e a invenção da vida moderna**. 2ª edição, São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- COELHO, Sandra Straccialano. **Perspectivas da análise narrativa no cinema: por uma abordagem da narrativa no filme documentário**. In: Doc On-line, n. 11, dezembro de 2011, [www.doc.ubi.pt](http://www.doc.ubi.pt), p. 25-55.
- CORES, Pablo Jiménez. **A estratégia de Hitler: as raízes ocultas do nacional-socialismo**. São Paulo: Madras, 2009.
- CORSEUIL, Anelise Reich; LISBOA, Fátima S. Gomes. *et al.* **Cinema: lanterna mágica da história e da mitologia**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010.
- COSTA, Jean Henrique. **Stuart Hall e o modelo “encoding and decoding”**: por uma compreensão plural da recepção. Revista Espaço Acadêmico, nº 136, setembro de 2012.
- CREW, David F. **Nazism and German Society: 1933-1945**. New York: Routledge, 2002.
- CUNHA, Adriana de Barros Ferreira. **A Imagem como Arma: o uso ideológico das imagens de guerra**. Dissertação de mestrado UFMG: Belo Horizonte, 2008.
- DELAP, Sean. **Case Study: The Nuremberg Rallies**. History Notes, 2016. Disponível em:<<https://www.instituteofeducation.ie/studynotes/wpcontent/uploads/2016/09/HistoryFINA L.pdf>> Acesso em: 11 jan. 2018.
- DELEUZE, Gilles. **Cinema II: a imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- DEVEREAUX, Mary. **Beauty and evil: the case of Leni Riefenstahl's Triumph of the Will**. In *Aesthetics and ethics*. New York: Cambridge university press, 2001.

- DIAS, Rodrigo Francisco. **Natalie Zemon Davis, Robert A. Rosenstone e a “escritura fílmica da história”**. Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais – UEG/Câmpus de Iporá, v.3, n. 2, p.95-114 – jul./dez. 2014 – ISSN 2238- 3565.
- DIEHL, Paula. **Propaganda e persuasão na Alemanha Nazista**. São Paulo: Annablume, 1996.
- DOHETY, Thomas. **Hollywood and Hitler 1933-1939**. New York: Columbia University Press, 2013.
- DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. 4ª edição São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- EICHLER, Juliane Lassarotte. **O Triunfo da Vontade e a Estética Nazista: o Nacional-Socialismo como Modernidade Alternativa**. Dissertação de mestrado UERJ: Rio de Janeiro, 2007.
- EISENSTEIN, Sergei. **Notas para uma história geral do cinema**. Rio de Janeiro: Azougue, 2014.
- ELIAS, Norbert. **Os alemães: a luta pelo poder e a evolução dos hábitos nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- FERRO, Marc. **Cinema e história**. São Paulo: Paz e Terra, 2010
- FRIGERI, Renata Aparecida. **Albert Speer e Leni Riefenstahl: a identidade nazista por meio das autobiografias dos artistas de Hitler**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro: 4 a 7/9/2015.
- GALISI, José. **A simbologia da culpa**. In: Revista Bravo. Ano 4, n.44. Maio de 2001, p.35-37.
- GAUTHIER, Guy. **O Documentário: um outro cinema**. Campinas: Papirus, 2011.
- GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.
- GRAUDREULT, André; JOST, François. **A narrativa cinematográfica**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.
- GUIMARAES, César. **Imagens da memória: entre o legível e o visível**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

- GUYNN, William. **Writing History in film**. Nova Iorque: Routledge, 2006.
- HAGEMEYER, Rafael Rosa. **História e audiovisual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução de Adelaide La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HITLER, Adolf. **Mein Kampf**. [S.l.: s.n.].
- HOFFMANN, Hilmar. **The triumph of propadanda: film and National Socialism**. Oxford: Berghahn Books, 1997.
- KERSHAW, Ian. **Hitler, the Germans and the Final Solution**. London: Yale University Press New, 2008.
- LEONE, Eduardo; MOURÃO, Maria Dora. **Cinema e montagem**. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- LENHARO, Alcir. **O triunfo da vontade**. 7ª edição. São Paulo: Ática, 2007.
- LEVINSON, Jerrold (org.) **Aesthetics and ethics**. New York: Cambridge university press, 2001.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A Tela Global: Mídias Culturais e Cinema na Era Hipermoderna**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- LYOTARD, Jean- François. **A condição pós-moderna**. 12ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio Ltda., 2009.
- MARCUSE, Herbert. **A dimensão estética**. São Paulo: Edições 70, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Tecnologia, guerra e fascismo**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- MENEZES, Paulo. **Cinema: imagem e interpretação**. Tempo Social; Ver. Sociol. USP, S. Paulo, 8(2): 83-104, outubro de 1996.
- \_\_\_\_\_. **Representificação: as relações (im) possíveis entre cinema documental e conhecimento**. Revista brasileira de ciências sociais, Vol. 18. Nº 51, fevereiro de 2003.
- \_\_\_\_\_. **Questões epistemológicas da relação entre cinema documental e produção do conhecimento**. Revista brasileira de ciências sociais, Vol. 22. Nº 63, fevereiro de 2007.

- MOSSE, George L. **La nacionalización de las masas: simbolismo político y movimientos de masas em Alemanha desde las guerras napoleónicas al tercer reich.** Bueno Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2007.
- NAXARA, Márcia; BRESCIANI, Stella. **Memória e (Res) sentimentos: indagação sobre uma questão sensível.** Campinas: Editora UNICAMP, 2001.
- NAZARIO, Luiz. **Autos-de-fé como espetáculos de massa.** São Paulo: Editorial Humanitas: FAPESP, 2005.
- \_\_\_\_\_. **A cidade imaginária.** São Paulo: Perspectiva, 2005.
- \_\_\_\_\_. **De Caligari a Lili Marlene - Cinema Alemão.** São Paulo: Graal, 1983.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário.** Campinas: Papirus, 2005.
- NIEMEYER, Lucy; PONTE, Raquel. **Matrizes de Linguagem e Pensamento como Análise da Identidade Televisiva.** Disponível em: <<https://triades.emnuvens.com.br/triades/article/view/3> > Acesso em: 20 abr. 2018.
- OLIVEIRA, Dennison. **Os soldados Alemães de Vargas.** Curitiba: Juruá, 2011.
- OLIVEIRA, Dennison. **Os soldados brasileiros de Hitler.** Curitiba: Juruá, 2011.
- PARIS, Robert. **As origens do fascismo.** São Paulo: Perspectiva, 1972.
- PAUBEL, Emerson. F.C. (2010) **O nacional-socialismo alemão: origem e fim.** [S.l.: s.n.].
- PEREIRA, Wagner Pinheiro. **O poder das imagens: cinema e política nos governos de Adolf Hitler e de Franklin D. Roosevelt (1933-1945).** São Paulo: Almeida, 2012.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- PUCCINI, Sérgio. **Documentário e roteiro: da Pré-produção à Pós-produção.** Campinas: [s.n], 2007.
- QUINSANI, Rafael Hansen. **A revolução em película: a relação cinema-história e a transformação do paradigma historiográfico.** Tese de doutorado UFRGS: Porto Alegre, 2015.
- RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... O que é mesmo documentário?** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.
- REES, Laurence. **Vende-se política.** Rio de Janeiro: Revan, 1995.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de teoria da narrativa.** São Paulo: Editora Ática, 1988.
- RICHARD, Lionel. **A República de Weimar: 1919-1933.** São Paulo: Companhia das letras, 1988.

- RENOV, Michael. **Theorizing documentary**. Nova Iorque: Routledge, 1993.
- ROMONET, Ignácio. **Propagandas Silenciosas: massas, televisão e cinema**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- ROSENSTONE, Robert. A. **A história nos filmes: os filmes na história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- ROVAI, Mauro L. **Imagem, tempo e movimento: os afetos “alegres” no filme *O Triunfo da Vontade* de Leni Riefenstahl**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: FAPESP, 2005.
- SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Imagem: Cognição, Semiótica, Mídia**. 1 ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia**. São Paulo: Iluminuras e FAPESP, 2005.
- SANTOS, Marcelo M. **Cinema e semiótica: a construção sógnica do discurso cinematográfico**. Revista Fronteiras – estudos midiáticos 13(1): 11-19, janeiro/abril 2011, Unisinos – doi: 10.4013/fem.2011.131.02.
- SENNETT, Alan. **Film Propaganda: Triumph of the Will as a Case Study**. Wayne State University Press: The Journal of Cinema and Media, Vol. 55, No. 1 (2014), p.45-65, acessado em 14/08/17.
- SHIRER, William L. **Ascensão e queda do Terceiro Reich: volume I- triunfo e consolidação (1933-1939)**. Tradução de Pedro Pomar. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- SIJLL, Jennifer V. **Narrativa cinematográfica**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- SONTAG, Susan. **Sob o signo de saturno**. Porto Alegre: L&PM editores Ltda, 1986.
- SOUZA, Maria Luiza Rodrigues. **Modos de ver e viver o cinema: etnografia da recepção fílmica e seus desafios**. Rebeca- Revista brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual – Ano 3, Ed. 5, jan./jun.2014, p.1-16.
- STAM, Robert. **Introdução à teoria do cinema**. 2ª edição. Campinas: Papirus, 2006.
- TCHAKHOTINE, Serge. **A Mistificação das Massas pela Propaganda Política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- TEDESCO, João Carlos. **Ruminantes de memórias: sentimentos, experiências e silêncios deliberados**. História: Debates e Tendências – v. 13, n. 2, jul./dez. 2013, p. 343-353.
- TEIXEIRA, Karoline Viana. **A orgia dos sentidos: a construção do corpo nas imagens de Olympia, de Leni Riefenstahl**. Dissertação de mestrado UFC: Fortaleza, 2008.
- TRAVERSO, Enzo. **The Origins of Nazi Violence**. Nova Iorque: The New Press, 2003.
- TURNER, Graeme. **Cinema como prática social**. São Paulo: Summus, 1997.

- VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. 2ª edição. Campinas: Papirus, 2002.
- VIGÁRIO, Jacqueline Sirqueira. **História e Imaginário**. II Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em História UFG/UCG. Goiânia: 14 a 16 setembro de 2009.
- VIRILIO, Paul. **Guerra e cinema**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico: a opacidade e transparência**. 3ª edição. São Paulo: Paz e terra, 2005.
- WELCH, David. **Propaganda and german cinema 1933-1945**. New York: I.B Tauris, 2001.
- WILHELM, Reich. **Psicologia de massa do fascismo**. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- WHITE, Hayden. **Meta-história: a imaginação histórica do século XIX** São Paulo: EDUSP, 1992.
- WYKES, Alan. **As reuniões de Nuremberg**. Rio de Janeiro: Renes Ltda., 1978.

#### **FONTES**

TRIUNFO da Vontade, O. Direção: Leni Riefenstahl. Produção: Leni Riefenstahl. Berlim: Ufa-Palast-Am-Zoo; Studio Films, 1935. 1 DVD (124 min), sonoro, legendado, 35 mm, preto-e-branco. Alemão/Português. Título original: Triumph des Willens.